

ADRIANO CALSONE

Madame Tardes

A história que o
tempo quase apagou

VIVALUZ EDITORA

Madame KARDEC

A história que o tempo quase apagou

Adriano Calsone



Amélie-Gabrielle Boudet aos 79 anos de idade. Fotos tiradas no estúdio de Buguet. Janeiro e maio de 1874.



“Madame Allan Kardec foi – verdadeiramente –
a mulher forte seguindo o Evangelho.”

Trecho do discurso de Gabriel Delanne
no funeral de Amélie-Gabrielle Boudet.

**Agradeço, do fundo do meu coração, a estas mulheres que iluminam
a minha vida:**

minha esposa Vanessa Lima, pela paciência, sugestões, carinho infinito e
apoio incondicional. *Obrigado, amor!*

minha avó octogenária Eneyda Milan Calsone, exemplo vivo de força
feminina em nossa família. *Admiramos a sua fé, vó! Obrigado por tudo!*

Dona Wilma de Assis, pelos ensinamentos, bom humor de sempre,
conversas construtivas e, principalmente, pelos textos traduzidos do francês.
Merci mille fois, merci infiniment!

a escritora e médium Sandra Carneiro, pelas recorrentes palavras de
incentivo ao nosso trabalho; pela atenção e sensibilidade de sempre.
Obrigado!

Espírito Berthe Frope, por sua coragem, ousadia e audácia na defesa da
Filosofia Espírita; por ter revelado também as virtudes de Madame Kardec e
as verdades sobre o Espiritismo francês. *Merci, beaucoup de lumière!*

Espírito Amélie-Gabrielle Boudet, pelas infinitas intuições recebidas ao
longo da realização desta sua biografia. *Querida Amélie, minha mais sincera
gratidão!*

Sumário

Prefácio

Parte 1 – De menina Amélie a Madame Kardec (1795-1869)

Amar Amélie

Julien e Julie

Estudar, estudar e estudar

Prazer, A.-G. Boudet

Mulher balzaquiana

Dinheiro ao *beau-frère*

O despejo dos Rivail

Mais um golpe

Bric-à-bracs

1857 – o ano do Espiritismo

Protetora das Artes Mediúnicas

Secretária Gaby?

Parte 2 – Viúva Kardec (1869-1883)

L'au-delà

Uma artista na *Sociedade*

O garoto de Kardec

Fotografias dos espíritos

Retratos de Amélie

Quando se têm cabelos brancos

Fora de Leymarie não há salvação

Absolutamente antipático

Je suis Berthe Froppo

Doutrina adormecida

Vamos esmagá-los!

Suspeitas de corrupção

“Au revoir, viúva Kardec! Au revoir”

Parte 3 – Depois dos Kardec...

Auto-de-fé nos Kardec

Os ouros da viúva

Muita luz

O processo de sucessão

E o Espiritismo continua...

Bibliografia

Prefácio

Amélie-Gabrielle Boudet, discreta e reservada, me concedeu o privilégio de apresentar sua própria história, contada aqui com detalhes inéditos e em suas mais belas nuances. Como sua amiga na Terra e continuando nossa ação no mundo espiritual, sou testemunha de sua luta e de seu empenho constante em favor da Doutrina dos Espíritos.

Como esposa do mestre Allan Kardec, trabalhou ao seu lado na concretização da missão do codificador. Contudo, se Kardec codificou o Espiritismo, a preservação e divulgação de seu legado devem-se em grande parte a essa extraordinária mulher, que enfrentou preconceitos, conspirações desprezíveis, traições e inúmeras decepções para que o Espiritismo permanecesse vivo.

Apesar de todos os desatinos cometidos pelos que tinham interesse em que os registros de sua verdadeira história fossem destruídos e sua atuação no movimento espírita fosse reduzida ao papel de uma senhora meiga e dócil, placidamente acomodada ao lado do marido atuante, vemos aqui que a verdade é bem outra.

Pelas páginas deste livro, de leitura agradável e leve, apresenta-se a verdadeira Madame Kardec, em toda a sua força e individualidade. Uma mulher que não permitiu que as vozes da cultura e da sociedade da época abafassem sua essência, fortalecendo-se em suas convicções doutrinárias para levar avante os ensinamentos dos Espíritos.

A vida desse casal é inspiradora para o mundo contemporâneo, onde os valores morais e espirituais são desprezados, em que o materialismo prevalece, inclusive nas fileiras espíritas - sorrateira ou ostensivamente -, convencendo inúmeros adeptos de que esse é o estado natural e de que seu domínio é quase intransponível.

Queridos Allan Kardec e Madame Kardec, somos profundamente gratos pelos exemplos maravilhosos que nos deixaram.

Acompanhei de perto a elaboração desta obra, satisfeita com cada descoberta e constatação apreendida pelo autor e médium Adriano Calsone, esse irmão tão querido. Devo admitir que, ponderando o passado, livre dos entraves materiais, muitas vezes considerei meu combate em favor da verdade exaagerado. Entretanto, constatando o caminhar lento e dúbio da humanidade, em especial dos espíritas no que tange a seu próprio desenvolvimento espiritual, concluo que levantar a bandeira pela verdade foi e ainda é fundamental. Jesus foi o seu maior defensor ao afirmar: "E, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

É imprescindível que a doutrina libertadora que os espíritos nos legaram pelas mãos dos Kardec, prossiga firme e inabalável em sua missão de despertar consciências, enfraquecendo o materialismo e aproximando o homem de Deus.

Deixo aqui registrado meu grande respeito e carinho a todos aqueles que abraçam a tarefa de disseminar o Espiritismo. Força, irmãos! Estamos unidos nos dois planos da vida com o propósito de fazer brilhar a luz divina em nós mesmos e em todos os corações.

Muita luz!

Berthe Frope

P.arte 1:

**De menina Amélie a
Madame Kardec
(1795-1869)**

Amar Amélie

Era um domingo frio de outono, dia 1º do Frimário do ano IV, segundo o calendário republicano francês, o que correspondia a 22 de novembro de 1795, pelo calendário gregoriano. Nesse mês de geadas, nascia Amélie-Gabrielle Boudet.

Enquanto o choro do bebê Amélie preenchia a casa dos Boudet de alegria, lá fora se ouvia um pranto coletivo muito mais alto e triste. Apesar de uma trégua de paz naquele ano, ainda eram tempos muito difíceis.

A menina nascera em Thiais, comuna do departamento do Val-de-Marne, 19 quilômetros ao sul de Paris. Encravado em uma encosta que domina o vale do Sena, o vilarejo tinha pouco mais de mil habitantes quando ela veio ao mundo, e foi, por um longo período, uma apagada aldeia da Ilha-de-França.

Pouco mais de seis anos antes de a pequena Amélie nascer, em abril de 1789, os modestos habitantes de Thiais sentiram a necessidade de escrever um registo de queixas por meio de 39 artigos, e foram expor suas reclamações ao primeiro prefeito da comuna, senhor Pierre Menon.

Os moradores estavam inquietos. Saíam às ruas para demonstrar grande descontentamento. O preço do pão não parava de subir, muitos já não tinham mais o que comer. O povo ficava, pela manhã, plantado sob as janelas da prefeitura para exigir das autoridades menor tributação da farinha e que o preço do pão fosse definitivamente fixado. Outras comunidades da região faziam o mesmo – protestavam –, já que o pão era o principal item da mesa daqueles franceses.

Os pais de Amélie tinham 21 anos de idade quando essas manifestações populares começaram a pipocar, em meados de 1789, primeiro nas comunas, para depois atingir o país todo.

Nunca foram imaginadas agitações populares daquele porte em Thiais, muito menos por qualquer outro canto de Val-de-Marne. O jovem casal Boudet estava preocupadíssimo, inclusive com o futuro deles próprios. Suas vidas corriam risco a partir daquele momento, já que boa parte da França mergulhava numa inesperada revolta armada sem volta. Muitas pessoas pegaram em armas e perderam a cabeça.

Mas na pacata Thiais, ninguém havia visto ou pegado numa arma. Armas, por ali, só as do brasão de armas da comuna: uma simpática bandeira azul, com três lírios brancos ao centro, adornados de folhas verdes... Tudo muito simples e ingênuo, como seus cidadãos católicos.

Em Paris, a antiga bandeira branca da nação francesa era abruptamente substituída por uma tricolor, que derramou por uma década, sem cessar, o sangue e as lágrimas de seu povo com um proposital distanciamento da paz. Todos pagaram um preço muito alto por tamanha liberdade.

Thiais dava acesso à estrada que levava ao pomposo Palácio de Versalhes, ou *Château de Versailles*. Era a morada do rei da França, o jovem herdeiro Luís XVI, e de sua extravagante esposa, Maria Antonieta da Áustria, com quem se casou quando tinha 15 anos de idade. Aquela incrível vereda, com suas belas ruas, passeios laterais e quatro linhas de árvores, fora inaugurada em grande estilo, em 1748, pelo antecessor e avô de Luís XVI, o “Bem-Amado” rei Luís XV.

Mas os pais da menina Amélie notavam que o tal caminho real era utilizado agora não mais para transporte de cargas e passeios diários, e, sim, por famintos armados que faziam questão de caminhar por horas rumo à porta do famoso palácio. Desesperados, reivindicavam comida ao rei:

– Vocês sabem por que há tanta gente necessitada? Porque a faustuosa existência de vocês devora, em um dia, a substância de mil homens.

O autor dessa acusação verbal era o mesmo rapaz que declamara poesias ao rei e à rainha após a coroação. Falamos do “Incorruptível” Maximilien Robespierre, advogado e político francês, uma das personalidades que se tornou protagonista dessa época de grandes transformações.

Em 20 de junho de 1789, deputados declararam o nascimento da nova Assembleia Nacional. Passariam a ser os verdadeiros representantes da nação francesa. Desafiaram o comando do rei numa posição revolucionária: a da comunhão de vozes de todo o país. Formaram um parlamento cumpridor da vontade do povo. Mas tomar o poder do rei não foi tão fácil como assinar uma proclamação. Foram vitórias no papel, sem o respaldo de armas.

Eis que, em 14 de julho daquele mesmo ano, aconteceu uma tomada popular histórica. Tropas reais com 30 mil soldados posicionaram-se ao redor de Paris. Para se defender, o povo formou uma nova guarda nacional.

Agitadores invadiram os arsenais da cidade e apoderaram-se de 28 mil mosquetes. E quando faltou pólvora, o povo soube onde consegui-la. No centro de Paris, uma antiga fortaleza medieval utilizada como prisão e reservatório de pólvora, conhecida por Bastilha, foi completamente saqueada. Símbolo do despotismo real de um governo feudal do passado, antro de torturas e mortes, essa maciça masmorra era odiada pelo povo da França. Governador e guardas da Bastilha foram brutalmente assassinados pelo povo ensandecido, e a cabeça decapitada do primeiro fora erguida numa lança, gesto cruel que assinalava uma tradição, dita revolucionária. Dava-se a tomada da Bastilha. O povo desafiara seu rei e vencera.

Uma nova constituição francesa fora redigida: a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Esse novo e ousado documento abolia arcaicas distinções de classe, considerando todos os homens iguais. A Assembleia Nacional tomava o poder para si. A estrutura política e social francesa fora alterada para sempre. A exigência de uma monarquia institucional, os direitos iguais para todos, a justiça sob leis razoáveis e, principalmente, a liberdade de expressão por meio da imprensa, também reivindicada pelo jovem Robespierre, se tornavam realidades palpáveis. Contudo, a violência popular tomava rumos assustadores em nome da liberdade.

Na noite de 31 de agosto, uma multidão com 1.500 pessoas partiu, com lanças e armas, do Palais-Royal, no coração de Paris, rumo a Versalhes, com o objetivo de trazer o rei de volta à capital e levar a rainha para o convento de Saint-Cyr, mesmo contra sua vontade. Fora uma estratégia bem-sucedida para dominá-los.

E, em 5 de outubro, 7 mil mulheres guiadas por Maillard – oficial da Guarda Nacional e herói da Bastilha – saíram também de Paris para levar suas queixas ao rei. A turba das *poissardes* – composta por destemidas peixeiras dos mercados centrais – era composta por damas musculosas, pois costumavam carregar caixotes em seus bairros pobres, e estavam ali acompanhadas de seus enormes facões, machados e foices. Assim como os habitantes de Thiais, as peixeiras parisienses também foram afetadas pela alta do pão e escassez de comida. Ficava claro para qualquer um que era perigoso irritá-las. Figuraram como heroínas diante daquele processo histórico.

O povaréu aproximava-se cada vez mais em grandes e ruidosas passeatas. Em 24 horas, 20 mil pessoas já estavam acampadas em frente aos

portões do Palácio Real. Horas depois, eram 60 mil almas enfurecidas. As mulheres peixeiras tomaram a frente e invadiram a mansão exuberante do rei, exigindo o sangue da rainha. Em verdade, elas só queriam um pouco de pão e atenção.

Alguém empunhando uma lança, cuja ponta erguida sustentava a cabeça decepada e maquiada de um guarda real, ousou berrar: *Liberté, égalité, fraternité, ou la mort!* Viva a Revolução Francesa!

Como visto, a tranquila Amélie-Gabrielle Boudet encarnava numa época bastante tumultuada. E seus pais, protegidos na residência de Thiais, a 19 quilômetros do olho do furacão de Paris, pediam a Deus que não perdessem a cabeça, já que agora tinham um forte motivo para continuarem vivendo: *amar Amélie*.

Julien e Julie

Julien Louis Boudet tinha 27 anos de idade e já era um escrivão público em Thiais quando sua filha Amélie-Gabrielle nasceu. Havia se tornado um proprietário de terras, pois acabara de herdar esse e outros bens de seu pai, que provinha de uma família de renomados intelectuais pertencentes à média burguesia.

Como um homem de lei, sr. Boudet acolhia a delegação da autoridade local, sendo o responsável pelos documentos oficiais de sua comuna. Como um funcionário público vitalício, seu cargo era passado de pai para filho, e ele tinha como obrigação profissional residir em qualquer cidade determinada pelo governo francês. Além de ter competência para dar forma à vontade das partes, lavrava atos, cuidava do registro de escrituras, contratos e do reconhecimento de assinaturas de todos os cidadãos de Thiais.

“Boudet” veio do termo *boot*, que em alemão significa “mensageiro”, origem de um bastardo de Catarina de Médici. Entretanto, os Boudet franceses surgiram no século 17, por meio de um longínquo parente chamado Guillaume Boudet.

O jovem sr. Boudet, assim como seus pais, nasceu em Château du Loir, na província francesa de [Sarthe](#), a 240 quilômetros de Paris. Provindo de uma família católica de renomados intelectuais, sua ata de nascimento, datada de 10 de março de 1768, foi lavrada pela igreja local de St. Guingalois. E, por exigência das autoridades, ele teve que sair de casa cedo para ocupar o cargo de notário em Thiais, a 231 quilômetros de sua terra natal.

Rapidamente, em 2 do Frimário do ano IV, um dia após o nascimento da pequena Amélie, portanto, em 23 de novembro de 1795, às cinco horas da tarde, ele foi ao cartório de Thiais registrar sua filha. Contou com a presença de testemunhas e de sua mãe, a viúva Louise Jeanne Petit, à época com 57 anos, que saíra de [Château du Loir](#) especialmente para participar daquele registro, como também para conhecer sua netinha recém-nascida. O

avô paterno de Amélie, o sr. Loise Pierre Boudet, havia desencarnado recentemente, com pouco mais de 50 anos de idade.

O novo pai e tabelião Julien Louis Boudet teve apenas um irmão, chamado [Jean Baptiste Michel Boudet](#), que não o conheceu, pois desencarnou com apenas 4 anos de idade.

Dezessete dias antes de Amélie vir ao mundo, o jovem Boudet tomou conhecimento de que a Assembleia Nacional de seu país havia reconhecido a pena de morte como um “flagelo social que ainda pesava sobre a humanidade” e que devia ser definitivamente abolida em toda a República Francesa, estabelecendo a proclamação da paz geral. Contudo, tal discurso amolecera. Alegava-se que, com o crescente número de desertores, tornava-se difícil controlá-los pelos meios convencionais. Assim, o fórum dos revolucionários decidiu estender esse eterno debate com o seguinte questionamento, oco de sentido: “Se no céu tais desertores terão um castigo supremo, a morte não seria uma punição justa?”.

Julien, como um homem entendido das leis vigentes, sabia que a Revolução Francesa vinha com a intenção de promover a abolição e a substituição da [monarquia](#), da [aristocracia](#) e da [Igreja](#), em troca de uma república [democrática](#) radical, que, por sua vez, se tornaria autoritária, militarista e baseada na propriedade. Reconhecia, ainda, como autoridade local, que ocorria uma importante mudança política e social em sua época, baseada no [nacionalismo](#), na democracia e em princípios [iluministas](#) de cidadania e [direitos inalienáveis](#). Como um novo cidadão, era preciso reger bem suas atitudes na compreensão exata de sua geração. Na dúvida sobre como o sr. Boudet deveria se comportar em 1795, bastava ler o periódico com o sanguinário título *Le Journal Guillotinés*.

Muitos sentiam algum tipo de medo ou pavor nessa época macabra em que heróis revolucionários se transformavam em vilões da noite para o dia. Se não andasse na linha como um homem público, pagaria pela liberdade conquistada alimentando o moinho voraz daquela Revolução com sua cabeça num cesto de guilhotina. Ele provavelmente sabia que, só em Paris, oitocentas pessoas estavam sendo executadas por mês. Consequentemente, essas ameaças constantes o deixavam com a sensação de estar encarnado num corpo envelhecido, tamanhas as pressões psicológicas e preocupações constantes pela sobrevivência de cada dia. Sentia-se um jovem-velho.

A dona de casa Julie Louise Saignes de Lacombe – mãe de Amélie – nasceu na Thiais de 1768. Portanto, tinha 27 anos de idade, a mesma do

marido Boudet, quando teve Amélie.

Senhora Julie viveu sua juventude no vilarejo como filha única. Seu pai, Elie François Saignes de Lacombe, desencarnou naquela mesma comuna no dia 8 de dezembro de 1783, quando Julie ainda era uma mocinha com suas 15 primaveras. Sua mãe, Adèle Louise Villain de Quincy, descendia dos de Quincy – família de artistas –, cujo parente expoente foi Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy, maçom, arqueólogo, arquiteto, historiador e influente escritor de arte. Senhor Antoine de Quincy teve alguma experiência na arte da escultura, realizando uma viagem a Nápoles na companhia do célebre pintor [Jacques-Louis David](#). Ambos estiveram muito envolvidos com as artes de seu tempo, vivenciando intensamente a Revolução Francesa.

Assim, descendendo de uma família de artistas, a jovem Amélie-Gabrielle Boudet teve contato com as línguas universais. Conheceu bem a música, a pintura, o artesanato, a escultura, o teatro e a dança, além da literatura francesa de sua época, como a poesia, a prosa, o conto, a crônica, a ficção, o romance, além da literatura de outros países. Tudo por influência direta de sua mãe e de sua avó materna.

A inclinação pela cultura em geral, o prazer pela leitura, além de um refinado gosto para ensinar e aprender, despertaram na mocinha Gabrielle uma grande paixão pelo método pedagógico de um educador suíço chamado Johann Heinrich Pestalozzi, que considerava, entre outras sensibilidades educacionais, a observação ou percepção sensorial (intuição) como a base da instrução.

Mas enquanto esse futuro envolto pelas artes não chegava, a Amélie criança seguiu crescendo e descobrindo o admirável mundo novo francês ao seu redor.

Estudar, estudar e estudar

O calendário revolucionário francês marcava 9 de novembro de 1799. Nessa data histórica, um jovem general chamado Napoleão Bonaparte oficialmente declarava: “A Revolução acabou”.

Em plena crise, Bonaparte deu um sorrateiro Golpe de Estado que ficou conhecido por 18 do Brumário, e que ocorreu no ano IV – a mesma época das geadas em que Amélie nascera. O novo regime napoleônico herdava um país bastante machucado, com feridas abertas nos braços político, econômico, científico e cultural da França. Por conseguinte, foi criado um Código Napoleônico, que resguardava direitos dos homens, suprimindo os direitos das mulheres – para o triste porvir da infante Gabrielle, que anos mais tarde sentirá na pele os efeitos da exclusão de sua cidadania.

Nessa época de uma França ainda rural, metade da população de mulheres se ocupava de trabalhos agrícolas quase subumanos. A mulher era considerada uma propriedade adquirida por contrato; um anexo do homem. Pouco tempo depois, o divórcio tornou-se proibido em todo o território francês.

Mas o complicado calendário republicano persistia em existir. Sete anos já haviam se passado após o sorrateiro golpe. A pré-adolescente Amélie-Gabrielle estava prestes a terminar a preparação para sua primeira comunhão. Corria o ano de 1806, e ela já aparentava ser uma mocinha perspicaz, com seus 11 anos de idade.

Julien Louis Boudet, o pai de Gabrielle, se mudou com a família para a charmosa *Ville de Château du Loir*, possivelmente por exigência de seu trabalho como notário. Os Boudet partiram para o vilarejo natal de Julien, e a menina Gabrielle cresceu nessa pequena comunidade com seus 2.873 habitantes, a maioria deles católica.

Pelos registros históricos franceses, nessa época, o vilarejo se recuperava da perda de metade de sua população, que havia morrido em decorrência dos rescaldos da Revolução Francesa, o que exigiu uma força-

tarefa regional de cidadãos e funcionários públicos para a sua reconstituição.

Nesse período, firmava-se o papel das mães educadoras, em que a genitora Julie cumpriria o que aprendeu com sua mãe: tornar sua filha apta a educar seus futuros filhos; ensiná-la a ser uma futura mãe, esposa e dona de casa eficiente. Mas a mãe da mocinha Gabrielle, pelo que observaremos, não concordava com algumas imposições femininas cruciais, muito em voga na época, como a de suprimir de sua filha o acesso ao conhecimento ou resguardá-la do aprimoramento intelectual.

Por meio de nossas análises, concluímos que a mãe de Gabrielle pensava completamente diferente, por exemplo, de Jean-Jacques Rousseau – o principal filósofo de sua geração. Ele afirmava preferir cem vezes uma moça simples, educada rudemente, a uma moça erudita e intelectual, que viesse estabelecer em sua casa um tribunal de literatura do qual se fizesse “presidenta”. Rousseau acreditava, ainda, que uma mulher intelectual era o verdadeiro flagelo de seu marido, de seus filhos, de seus amigos, de seus empregados. Pensava ele que as damas que conseguiam expressar o seu gênio acabavam desdenhando dos deveres de uma mulher. Dizia ele, em público, que era preciso, sim, educar as meninas, mas não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que fosse necessário para torná-las agradáveis e úteis, formando-as para assumirem papéis futuros de mulher, ou seja, de donas de casa, esposas e mães. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício etc. Para Rousseau, todas essas qualidades teciam a “coroa das virtudes femininas”.

A educação da filha Gabrielle seguiu, naturalmente, ao avesso desses pensamentos machistas de Rousseau. Não era mais possível educá-la na residência dos Boudet. A menina mostrava uma inteligência que não cabia naquele apagado vilarejo. Ela havia passado rapidamente da infância para a adolescência e completava agora suas 15 primaveras. A minúscula Château du Loir não oferecia recursos educacionais que reafirmassem a classe social da família, já que o senhor Boudet, além de respeitável escrivão local, figurava como herdeiro rico naquela comuna. Sua filha merecia o melhor que a capital francesa podia dar em termos de cultura e educação. Estava mais do que na hora de a família Boudet se mudar para a badalada Paris.

Em meados de 1810, Gabrielle foi matriculada num colégio interno da elite parisiense. Os internatos para meninas entre 15 e 18 anos estavam

crescendo muito no país. Nesses locais eram ministradas aulas de educação moral e social, religião, idioma francês, história e artes recreativas, como o piano, o desenho, o bordado, incluindo ainda uma formação voltada à economia doméstica, noções de como cuidar de uma cozinha, além de princípios básicos de higiene, puericultura etc. Os internatos femininos para adolescentes burgueses de Paris se preocupavam, essencialmente, em formar mulheres para o lar, para educar os filhos, dar ordens aos empregados, obedecendo sempre às opiniões do futuro marido.

Nessa época de inquietações parisienses, nossa Gabrielle, prestes a entrar na adolescência, lembrou-se dos ensinamentos amorosos de sua mãe e de sua avó materna, das leituras dos contos fantásticos, dos recitais de poesia romântica ao lado de seu querido pai, rememorando, principalmente, os estudos sobre os antigos mestres da pintura universal, aqueles mesmos que ela revia pelas paredes do Museu do Louvre. E como jovem pintora e poetiza, seguia aprendendo a amá-los e admirá-los.

Mas a jovem, enquanto estudante de um internato parisiense regido por um sistema de ensino rígido e fechado, notava que vivia num tempo em que imperava o espírito da imitação, principalmente no aprendizado das Belas-Artes. Observava que, para as primeiras lições de desenho, os professores recomendavam, por exemplo, que o grafite de um lápis não deveria ser nem muito duro, nem muito mole. Devia-se desenhar somente numa folha de papel acetinado, não totalmente branco. E o melhor papel era o mais comumente usado para desenhos, conhecido no comércio como papel *Ingres*. As linhas para compor um retrato humano deveriam ser iniciadas, impreterivelmente, pelo olhar. Em seguida, compunha-se o nariz, as orelhas, a boca, e, finalmente, completava-se a figura e ponto-final. Linhas e sombras deveriam ser capazes de reproduzir exatamente qualquer objeto.

Essa educação artística extremamente cartesiana, baseada em caracteres racionais, extremamente rigorosos e metódicos, começava a se distanciar das concepções artísticas que a adolescente Gabrielle via no Museu do Louvre. Ela estava formando seu próprio repertório e adquirindo personalidade de artista. Começava a dispor de ideias e conceitos avançados quando o assunto era Arte.

O Estado estava muito preocupado com a capacitação de profissionais educadores que atuariam nas escolas de todo o país. Surgem, então, as *Escolas Normais* como instituições, com a finalidade de formar professores leigos para o ensino primário, criando um corpo profissional para a

educação das massas. E a educação artística, embora ainda metódica, não ficou de fora.

O modelo de professor francês continuava muito próximo do sacerdócio, baseado no apostolado, em que esses profissionais do Governo devotavam dever extremo à obediência. A atividade da instrução pública – tradicionalmente reservada ao clero – aos poucos era compartilhada com os leigos, que compunham a classe dos institutores e a dos professores.

Gabrielle muito admirava as iniciativas pedagógicas de sua época, como a do católico Jean Baptiste de La Salle, um dos precursores da formação docente na França, pioneiro também em programas de treinamento para professores leigos. O institutor La Salle acreditava que o ensino em geral deveria responder às necessidades dos alunos, transmitindo-lhes conhecimentos e formando seus hábitos morais e intelectuais. Como pensador pedagógico, suas inovações educacionais incluíam cursos aos domingos para jovens que trabalhavam. Ele criou uma das primeiras instituições francesas para o cuidado de delinquentes e instituiu escolas técnicas e secundárias para o estudo de línguas modernas, artes e ciências.

A ideia de aprender um ofício em poucos anos, ou mesmo tornar-se professora de Letras e Belas-Artes, despertava na jovem Gabrielle mil desejos de prosseguir com seus estudos pedagógicos voltados à arte, mas não apenas. Ela amava os idiomas, assim como a gramática, com seus fonemas, morfemas, palavras, frases, além da formação, construção, flexão e expressão, que constituem e caracterizam o sistema de uma língua.

O aprendizado do latim era obrigatório no colégio interno em que estudou. Talvez conhecesse bem o grego, além de dominar sua língua pátria. E os valores estéticos, literários e humanísticos, contidos na história e na filosofia universais, também a inspiravam. As Belas-Letras abriam um caminho promissor à educação, já que nessa época o universo das artes era dominado pelos artistas. A escritora George Sand a encantava sobremaneira, principalmente com seus romances sentimentais e idealistas, em que os personagens se preocupam exclusivamente com o amor.

Há anos a Escola Nacional de Belas-Artes de Paris vinha formando professores de desenho e emitindo certificados de proficiência no ensino das artes, especialmente para quem quisesse lecionar nas escolas da capital francesa. Mas Gabrielle gostava do teatro francês e de seus cenários extravagantes. O período romântico da arte dramática estava no auge,

representado pelo poeta, novelista e dramaturgo Alfred Louis Charles de Musset. Assim, interessava a ela a dramaturgia na criação de textos e suas histórias dramáticas.

A *École Boulle*, no nº 57 da *rue de Reuilly*, emitia diplomas de graduação em pintura e escultura, e Gabrielle achava pertinente também estudar a música romântica, com suas óperas e canções para piano e canto.

A *École Estienne*, no nº 18 da *boulevard Auguste Blanqui*, graduava jovens artistas para o desenho e a gravura. Gabrielle gostava muito da literatura realista de Honoré de Balzac e, anos depois, se apaixonará pela estética literária do jovem poeta Victor Hugo, que foi premiado pela Academia Francesa.

Na Escola de Artes Aplicadas da Indústria, nº 11 da *rue Dupetit-Thouars*, diplomava-se em desenho e artes aplicadas à indústria. Mas o balé romântico do italiano Carlos Blasis e o seu *Tratado sobre Arte e Dança* fascinavam a moça Gabrielle de tal forma, que considerava importante estudá-los.

Todas essas escolas nacionais de formação de professores em desenho e arte aplicada disputavam alunos, diante de uma sociedade francesa que necessitava formar professores com urgência, já que havia uma enorme carência desses profissionais na educação pública. Muitas opções ao aprendizado artístico estavam à disposição desses futuros mestres, embora poucas delas dispusessem de métodos pedagógicos que não tivessem relação direta com a Igreja Católica.

Diante de um leque de possibilidades, a madura Gabrielle decidiu estudar na primeira Escola Normal Leiga de Paris, localizada no subúrbio Saint-Germain – uma das principais avenidas dedicadas ao ensino dos cidadãos parisienses –, endereço já conhecido por ela nos tempos de internato. Essa escolha específica aconteceu porque tal instituição de ensino mantinha a orientação pedagógica de Johann Heinrich Pestalozzi, que levava em conta as relações entre professor e aluno, sempre baseadas e reguladas pelo amor.

Em 6 de abril de 1814, Napoleão Bonaparte renuncia, desencadeando a queda do Primeiro Império Francês. Luís XVIII manifesta disposição em restaurar o trono a fim de adotar uma [Constituição](#). Eis que em [maio](#) do mesmo ano, o rei Luís entrou triunfalmente em [Paris](#). Em março de 1815, Napoleão reassumiu o poder, o que ficou conhecido como o governo

napoleônico dos Cem Dias. Em julho, o rei Luís XVIII retomou definitivamente o poder.

Oito anos antes, a exigência de cálculos astronômicos forçou o general Napoleão a substituir aquele complicado calendário revolucionário e republicano pelo gregoriano, um de seus legados mais úteis e práticos à vida do povo francês. Apesar disso, nada pôde evitar a expulsão dele de Paris. E a França passou então a ser governada por monarcas constitucionalistas, ou seja, por nobres que buscavam reinstaurar valores do passado em busca de privilégios para si mesmos. A [dinastia Bourbon](#) foi recolocada no trono francês, e se verificou o restabelecimento da [Igreja Católica](#) como um dos pilares do poder político.

O controle da educação francesa mostrava sinais de que seria reivindicado também por padres e sacerdotes.

A adulta Gabrielle, então com 19 anos de idade, vivia numa época de ebulições políticas, econômicas, sociais e culturais. Paralelo a isso, se graduava professora com diploma de primeira classe. Tornar-se-ia conhecida no meio acadêmico como institutora Boudet.

Para a rígida sociedade francesa, essa mulher pedagoga – agora funcionária do Estado – estava na idade ideal para fazer três escolhas importantíssimas que determinariam os rumos de sua vida: se casar, fazer votos religiosos ou permanecer solteira. Se optasse em permanecer solteira, acabaria retornando à *Ville de Château du Loir*, a fim de viver com a família para cuidar dos pais. Caso se inclinasse pela Igreja, se envolveria com seus dogmas e também com trabalhos caritativos, que eram uma forma de devoção secular. Casar-se ainda não estava em seus planos. Talvez não precisasse de um marido.

Mas, se optasse por uma quarta possibilidade, a de trilhar o obscuro caminho de artista profissional, naturalmente seria estigmatizada, já que a classe artística da época era constituída predominantemente por homens, muitos deles machistas, orgulhosos e autoritários. Para se ter uma ideia da exclusão do sexo feminino das academias de arte, até a metade do século 20, existiam apenas 30 mil artistas em Paris, sendo 3 mil deles mulheres, o que representa a ínfima parcela de 10%. Uma vergonha artística!

Ser institutora de Letras e Belas-Artes, legitimada pelo Estado, talvez a redimisse desses fardos sociais tão pesados. Mesmo assim, continuou carregando a cobrança social por permanecer solteira.

Propositalmente, a família Boudet decidiu se estabelecer num prédio à *rue de la Planche*, nº 10, próximo à avenida *boulevard Saint-Germain*, local parisiense do primeiro emprego da filha como educadora. Foi um belo presente reservado à continuidade de sua educação artística: estavam morando agora a vinte minutos a pé do Museu do Louvre, bastando cruzar uma das pontes do rio Sena.

E de uma vida pacata e interiorana que Gabrielle levava na mansão térrea da agradável Château du Loir, embelezada de campos verdejantes, silêncio pleno e ar puro, a professorinha teve que se ajeitar no novo apartamento dos Boudet no subúrbio de Paris; conviver com paisagens cinzentas, agitação constante e o barulho de suas ruas, além da típica sujeira e mendicância da capital, que se encontrava acelerada pelo motor de outra revolução: a industrial.

Prazer, [A.-G. Boudet](#)

Em 1816, professora Boudet mantinha seu estado civil de solteirona aos 21 anos de idade, numa época em que muitas mulheres francesas já estavam casadas na adolescência. Ao certo, se tornaria herdeira direta dos bens e propriedades de seu pai. No futuro, rica e independente, não mais prestará contas de sua vida a ninguém, muito menos dependerá de um marido para lhe sustentar. Mas ela ainda necessitava da autorização dos genitores para decisões cotidianas muito simples. Se quisesse se casar com essa idade, só com a assinatura dos pais. Perante as leis, deveria se submeter.

Por enquanto, o único casamento previsto estava marcado com o método de ensino pestalozziano, ao qual Boudet se entregava com paixão e comprometimento singulares. Para o método de Pestalozzi, a época de aprender não é a do julgamento ou da crítica. O ensino deve ter por objetivo o desenvolvimento, não a exposição dogmática, e o mestre deve respeitar a individualidade do aluno. Esses foram alguns princípios metodológicos propostos por Pestalozzi que influenciaram profundamente a educação francesa, concebendo-a como um processo de desenvolvimento harmonioso do ser humano, no plano físico, moral e intelectual.

A maioria das escolas públicas da França não dispunha de cursos de educação básica para as jovens, que estudavam separadas dos rapazes. Como visto, os direitos civis não eram iguais para ambos os sexos. Em fevereiro, o Governo baixou a *ordonnance*, que foi taxativa em proibir escolas mistas. Mas desde 1815, de tudo vinha se fazendo para tentar reordenar a instrução primária. O ministro do Interior, sr. Carnot, organizou um seleto grupo de filantropos e educadores com o objetivo de estudar uma maneira de se adotar o método pedagógico de Pestalozzi no país. Em 17 de junho, véspera da derrota de Napoleão em Waterloo, criou-se a célebre *Société pour l'instruction élémentaire*, em que uma das primeiras ações de sua comissão foi nomear Pestalozzi como membro correspondente.

A institutora Boudet conheceu também as inovações pedagógicas de um professor de literatura e história de Paris, o sr. David Lévi Alvarès, que

se tornou parceiro pedagógico de outro institutor de sobrenome Rivail. Mestre Alvarès tomou a iniciativa de fundar, por conta própria, no *Hôtel-de-Ville*, um curso de educação feminina para parisienses de 6 a 20 anos de idade. As matérias versavam, essencialmente, sobre as ciências e as artes. Rapidamente, inaugurou outro curso normal para professores, gerando grande procura e repercussão na cidade. Senhor Lévi Alvarès obteve reconhecimento imediato das autoridades francesas, principalmente por suas inúmeras investidas educacionais, recebendo, por isso, algumas condecorações, como a de Cavaleiro da Legião de Honra, concebida pelo então Ministro da Instrução Pública de Gramáticas, sr. Guizot.

Mademoiselle Boudet teve contato direto com o educador Alvarès, e também com os ideais do ministro Guizot, já que este, antes de assumir o Ministério da Educação, realizou diversas atividades educacionais no campo das artes. Guizot tornou-se um aclamado crítico de arte, escrevendo importantes obras, artigos e ensaios sobre as Belas-Artes, numa época em que pouco ou quase nada se estudava sobre o assunto.

A inteligente e poliglota mulher Boudet já completava suas 25 primaveras. Unindo agora o método pedagógico de Pestalozzi – que também dava expressa importância ao desenho – ao desses nobres educadores, ela sabia muito bem como renovar e reprogramar aquele arcaico modelo de ensino das artes de 1820. Poderia ir além do que os metódicos professores de educação artística e letras ensinavam por meio de suas cartilhas cartesianas, presos ainda aos métodos de ensino dos séculos anteriores.

Para a endurecida educação artística da época, a composição de um desenho deveria respeitar rigorosamente a conceituação renascentista. A cabeça humana de um adulto teria que corresponder a um quarto da altura de uma criança de 3 anos, enquanto essa mesma cabeça deveria ter a sétima parte e meia da altura de um homem de 25 anos.

Ela sabia que os tempos eram outros. A sociedade francesa clamava por mestres inovadores e criativos. Havia uma legião de meninas e meninos sedentos por aprendizados modernos e transcendentais. A pedagoga Boudet projetava muito mais. E foi longe.

De qualquer forma, é natural pensar que a educadora Boudet, com sua baixa estatura, proporções harmoniosas, extremamente gentil, inteligente e vivaz, chamou a atenção no meio acadêmico por conta de sua beleza jovial,

sobretudo, de olhares que insistiam em apreciar suas formas – delicadas e graciosas.

Professora Boudet ainda permanecia solteira aos 28 anos. Ela vivia o ano de 1823 morando com seus pais à *rue de la Planche*, nº 10 – o mesmo endereço de quando a família chegara à capital do país. Nessa época ela estava empenhadíssima nos estudos literários. Dedicava especial atenção ao universo dos contos. Não por acaso: a literatura fantástica encontrava-se restabelecida na França. E como uma resposta à crise política e ao marasmo no qual a ficção francesa estava mergulhada, alguns autores românticos tentavam reerguer o gênero do conto por meio de uma literatura mais hegemônica. Faltava ainda um método pedagógico específico para esse estilo de narrativa, algo mais breve e conciso, direcionado ao meio educacional, aos estudantes.

Para buscar uma referência contemporânea, *mademoiselle* Boudet se inspirou num jovem talentoso que começava a se destacar nesse estilo. O artista precoce era Honoré de Balzac. Nascia, com ele, o Realismo e o talento notável em retratar, por meio de narrativas psicológicas, a sociedade francesa de sua época.

Em 1825, aos 30 anos de idade, ela viu no virtuoso escritor grande motivação para compor seu primeiro livro: *Contos primaveris*. Em cada parágrafo de sua narrativa, devia resplandecer os ensinamentos de Pestalozzi. Era questão de honra ressaltar o método de seu mestre.

Empolgada com a reforma governamental da educação artística na França, diante da adoção de novas maneiras de enxergar o ensino do desenho, e vislumbrada pelos seus valores no desenvolvimento da percepção, aquela madura mulher Boudet concluiu que a arte do desenho, além de ser a alma da pintura, tinha também uma espécie de linguagem universal. Ela recordou que Pestalozzi dava ao desenho, em sentido amplo, um lugar muito importante em seu sistema educacional. Em seu instituto suíço, por exemplo, o mestre teve um excelente professor de perspectiva e de desenho linear, o sr. Ramsauer. Ela sabia muito bem que o desenho, como disciplina importantíssima, principalmente pelo seu aspecto intuitivo na educação das crianças, seria incorporado, num futuro bem próximo, ao ensino das escolas primárias de seu país.

Assim, em 1826, senhorita Boudet publicou mais uma obra artístico-pedagógica: *Noções de desenho*. Foi sua singela contribuição à educação artística vigente, ainda muito desestruturada nos círculos escolares. Tão

precária, que o meio acadêmico tradicional costumava dar atenção plena aos métodos de ensino voltados às artes mecânicas e ao desenho linear industrial, sendo reservado o ofício do desenho artístico somente aos artistas, em sua maioria do sexo masculino.

Um dos precursores do ensino primário do desenho artístico e da arquitetura, à época, foi o institutor Auguste Bourgois, colega da institutora Boudet. Como profissional competente, desenvolveu um método prático voltado à educação artística, especialmente para jovens trabalhadores parisienses, fundando, assim, em seu ousado projeto educacional, uma escola com 50 alunos.

Passados dois anos, agora com 33 anos de idade, professora Boudet decide completar seu ciclo de estudos artísticos e literários com a publicação de um novo trabalho pedagógico que pretendia fazer um balanço rápido e prático sobre o universo das Belas-Artes.

Dominado pelas figuras políticas e panfletárias do pintor francês Eugène Delacroix, o Romantismo reafirmava-se como o estilo da época. No desenho e na gravura destacava-se o artista Gustave Doré, realizando trabalhos minuciosos como *O inferno* e *O purgatório* – obras estas que foram descritas na *Divina comédia*, de Dante, consideradas obras-primas da ilustração até os dias de hoje.

Primeiramente, a professora foi buscar o significado do termo Belas-Artes: *manifestações artísticas de natureza visual e plástica, como desenho, pintura, escultura, arquitetura, etc., que buscam produzir o belo através da elaboração da forma e do espaço*. Ela pesquisou a fundo o universo das artes plásticas, que, depois do século 18, passou a assumir um caráter público e explicitamente contemplativo. Porém, a arte dos museus estava ainda hermética em si, muito distante das camadas mais pobres da sociedade daquela década de 1820. De fato, era preciso aproximar a classe operária do conhecimento artístico, ensinar aos excluídos como interpretar os ícones visuais, apresentar e explicar a vida e a obra dos principais mestres do visual e da plástica de todos os tempos. Havia muito trabalho pela frente.

Existia na França daquela época um abismo profundo entre o acesso e o entendimento da arte universal. Um analfabetismo artístico fora instaurado pela ditadura napoleônica, já em frangalhos. Muitos parisienses não sabiam diferenciar, por exemplo, a arte dos mestres antigos daquela de seus contemporâneos. Frequentemente, a própria burguesia letrada

confundia Michelangelo com Delacroix. E somente depois de mais de vinte anos, por iniciativa de um senhor chamado Nieuverkerke, diretor dos Museus Imperiais, organizou-se um programa educacional específico para os museus parisienses. Duas vezes por mês, nos corredores do Museu do Louvre, a população pobre do país podia estudar as obras-primas da escultura e da pintura, além de se inteirar da história da arte universal. Essa iniciativa, embora tardia, facilitou o acesso dos públicos excluídos desde então, principalmente mães operárias e jovens mulheres que nunca tinham visto uma arte plástica à sua frente.

Desta maneira, a instituidora Boudet publicou, em 1828, agora com forte apoio das autoridades educacionais, mais um livro: *O essencial em Belas-Artes*.

O que *mademoiselle* não esperava é que seus três volumes pedagógicos, publicados num período de quatro anos empenhados em estudos, análises e conclusões sobre as artes de seu tempo, fossem repercutir tão positivamente em toda a França, especialmente entre os novos e os velhos professores de Arte e Literatura. Esses trabalhos foram amplamente recomendados pelo político do magistério, o sr. Guizot, que ainda ocupava o cargo de ministro da Instrução Pública de Gramáticas.

Sem dúvidas, a carreira acadêmica da professora decolava. Como autora pedagógica, despontou com o devido merecimento, já que a maioria das escritoras de sua época foi covardemente excluída do universo literário, predominantemente masculino.

A imagem da mulher passiva figurava, obrigatoriamente, nas temáticas dos romances, novelas, poemas, ou mesmo em pinturas, como ícone intocável de beleza. Mulheres que publicavam livros e, ao mesmo tempo, se destacavam com respeito na sociedade eram a minoria. Amélie-Gabrielle Boudet estava entre elas.

Mas o que ela ainda não sabia é que as notícias sobre seu sucesso editorial como escritora de obras educacionais naquele final da década de 1820 corriam muitíssimo rápido. Um certo *chef d'institution* chamado Hipolyte Léon Denizard Rivail – que também era autor pedagógico com diversas obras publicadas – desejou conhecer a professora Boudet, a mestre da arte de ensinar arte.

Em meados de 1825, o jovem Rivail, o empenhado professor de 21 anos de idade, já havia fundado, por conta própria, seu primeiro *pensionnats de jeunes gens* (pensionato de jovens) voltado ao ensino laico:

a Escola de Primeiro Grau, à *rue Richer*, nº 9. Porém, as escolas congreganistas, como as dos Irmãos das Escolas Cristãs, contribuíram para a breve extinção dessa iniciativa educacional do insistente institutor Rivail. Sem perder tempo, em 1826, ele inaugurou uma segunda escola nos moldes pestalozzianos, mas com modificações: a *Institution Rivail*.

Os institutores Boudet e Rivail se conheceram por meio de algumas possibilidades: flertaram pelos saraus artísticos e literários parisienses; foram apresentados por algum amigo institutor em comum; professor Rivail foi ao encontro da pedagoga e linguista, por admiração ao seu trabalho; ou os dois se descobriram discípulos do mesmo mestre Pestalozzi.

No entanto, acreditamos que o encontro desses dois especialíssimos profissionais da educação francesa tenha ocorrido por meio da ajuda dos amigos espirituais, possibilidade essa muito mais sublime.

– Prazer, [H.L.D. Rivail](#).

– Prazer, [A.-G. Boudet](#).

Mulher balzaquiana

Théâtre Français, fevereiro de 1830. A *Batalha de Hernani*, espetáculo teatral concebido pelo conceituado escritor Victor Hugo, estava prestes a começar.

Professora Boudet presenciava uma histórica discussão entre românticos e classicistas. Como esses últimos atrapalhavam o início da peça, sr. Hugo colocou seus partidários romancistas em pontos estratégicos do teatro, permitindo que reagissem a qualquer voz discordante. Por mais que os defensores da velha guarda vaiassem, os partidários do Romantismo aplaudiam. Brigas tiveram início e tomaram conta do teatro estatal. Todavia, a peça estreou sem pausas. Os românticos garantiam que aquelas manifestações de aprovação ao espetáculo afogariam as vaias, entregando a vitória popular para Victor Hugo. Nesses tempos, o célebre escritor integrava o movimento literário que ficou conhecido como Romantismo, transformando-se em seu verdadeiro porta-voz.

Professor Rivail lá estava, próximo a Hugo, e mais perto ainda da querida professora. E graças à localização de algumas cartas familiares desta época, nos foi possível confirmar que o namoro do casal Boudet-Rivail rapidamente evoluiu para algo mais sério. Numa rara correspondência escrita em agosto de 1831, observamos o tamanho da alegria do remetente Rivail, frente ao consentimento de matrimônio dado pelo “*Monsieur Boudet*”, como ele se refere ao futuro sogro. Assim escreveu o pretendente:

[...] *Mademoiselle*,

Minha mãe recebeu, neste instante, a resposta do Senhor vosso pai, sobre a solicitação que dirigi a ele; apresso-me a tirar proveito da permissão que ele gentilmente me concedeu para expressar diretamente toda a alegria que o seu consentimento me causou e o quanto estou feliz que a sua determinação pessoal respondeu às minhas expectativas. Confesso que só depois da carta do Senhor vosso pai, e do que me foi dito sobre ele pelas senhoras Musset e Boisset, que esta esperança, senhorita, fez acelerar ainda mais os meus desejos, na medida em que expressei verbalmente outras esperanças de felicidade

que eu nutri pela nossa união. Embora eu tenha tido o prazer de vê-lo somente uma vez, este único encontro me convenceu de que essas senhoras não exageraram ao pintá-lo com as cores de uma pessoa amável; eu também desejo vivamente que nenhum obstáculo atrase o cumprimento dos meus desejos. [...]

Um mês antes dessa sorridente correspondência, o institutor Rivail havia se mudado com a família da *rue de Vauguirard*, nº 65, para um grande salão à *rue de Sèvres*, nº 35, em Paris. Por meio de outra carta que ele escreveu para a institutora Boudet, em 6 de setembro do mesmo ano, foi possível descobrirmos pormenores sobre a agitada mudança, realizada ao lado de sua mãe, Jeanne Duhamel, e de seu tio, François Duhamel.

Bastante animado, professor Rivail explica para sua Boudet os detalhes da nova morada em que passarão a viver após o casamento, dividindo o espaçoso lar com os parentes Duhamel e a *Institution Rivail*. Tratando sua amada por *Mademoiselle* (Senhorita), eis alguns trechos da incrível correspondência de Rivail, cujo texto foi gentilmente cedido pelo amigo francês Charles Kempf:

[...] O embaraço de nossa instalação, em nossa nova casa, articulou a indisposição de minha mãe e de meu tio, à qual me restabeleço dia a dia. [...] Durante seis semanas que estou em minha nova casa, já me dei conta que esta mudança será muito favorável ao meu estabelecimento, presumindo que você irá aprender com prazer. O local é, também, tão bonito e agradável que seduz a todos, e eu espero que você aproveite tudo do melhor, que você terá a satisfação de estar perto de seus amigos.

Interessante observar que as novas instalações da Instituição Rivail, à *rue de Sèvres*, ficava a incríveis 450 metros de distância da *rue de la Planche*, nº 10, o endereço parisiense da família Boudet. Entretanto, na menção sobre o destinatário da carta, observamos que a senhorita Boudet encontrava-se em sua terra de criação, a comuna Château du Loir, como se pode observar também neste pequeno trecho escrito por ele: “[...] Os seus assuntos pessoais te obrigaram a permanecer com a família.”

Longe das correspondências, os noivos Amélie-Gabrielle e Hypolite Léon tinham muitas coisas em comum: eram professores pedagogos,

políglotas, lexicógrafos, escritores e autores reconhecidos pelo governo, gostavam das mesmas manifestações artísticas vigentes, compartilhavam predileções literárias pelo mesmo poeta Nicolas Boileau, além de terem no pedagogo Pestalozzi o mestre maior. E mais “coincidências” seguiam alinhadas: ambos provinham de famílias burguesas de juizes, militares, magistrados e notários; os dois tiveram antepassados guilhotinados pela Revolução Francesa; a institutora e artista Boudet destacava-se como desenhista, pintora minimalista e autodidata, além de adorar o teatro francês e a dramaturgia romântica, e o jovem Rivail, por sua vez, aspirava à arte dramática como escritor de tramas, mas também se divertia com desenhos e gravuras, que aprendera no Instituto de Pestalozzi.

Boudet e Rivail descendiam de famílias tradicionalmente católicas, porém, tanto um quanto o outro mostravam-se abertos às novas descobertas e experiências no campo da ciência, da educação, da filosofia, da espiritualidade ou mesmo da religião.

Rivail tinha por volta de 1,65m, era sardento e possuía muitas verrugas pelo rosto, disfarçadas por costeletas que começavam a se formar. Indiscutivelmente, ele se parecia com um alemão, apesar de ser francês de olhos castanho-claros.

Mademoiselle Boudet, ao seu lado, era um pouquinho mais baixa. Nove anos mais velha que ele, dispunha de uma jovial aparência, sem nada que precisasse disfarçar. Sempre gentil e graciosa, encantava com seu sorriso terno e bondoso. De olhos pardos e serenos, Rivail enxergou através deles uma mulher de alma nobre e vivaz. Já Gabrielle reconhecera nele, de imediato, um homem verdadeiramente superior.

E, como notamos, a filiação burguesa da institutora Boudet amenizou os prejulgamentos que ocorriam em relação a ela: os de uma mulher madura ainda permanecer solteira aos 35 anos de idade. Professora Boudet sabia ainda que o celibatário era sempre o homem, e a mulher solteira era considerada um ser improdutivo, até mesmo para Balzac, um dos escritores que ela tanto admirava. Ao certo, dispunham de diferenças que a vida e o amor se encarregariam de equalizar.

Eis que havia chegado o dia 9 de fevereiro de 1832. Casamento à vista!

Como consta na certidão de união do casal, Hipolyte Léon Denizard Rivail era soldado nessa época, mas estava de licença por um ano. E para que ele pudesse se casar com sua Boudet, necessitou de uma permissão

especial do 61º Regimento de Infantaria, lotado em Rouen, departamento do Sena inferior.

Jeanne-Louise Duhamel, a mãe de Rivail, compareceu desacompanhada à cerimônia do filho e da nora, que aconteceu longe dos altares católicos de Paris. Quatro meses antes do casamento, em 27 de setembro de 1831, ela enviou uma simpática cartinha à senhorita Boudet, cujos trechos reproduzimos aqui graças à simpatia do pesquisador espírita Charles Kempf:

Senhorita, recebi, com grande prazer, a sua amável carta e a garantia de todas as suas boas intenções por mim. Tenho certeza de que será muito doce compartilhar, entre você e o meu filho, todos os meus afetos, e que você me encontrará, em todas as ocasiões, disposta a apoiá-la em tudo o que possa depender de minha boa vontade e de minha amizade por você. Estou muito contente de encontrar aqui a ocasião para expressar toda a minha satisfação e o quanto eu desejo recebê-la por aceitar, tão gentilmente, o meu filho como o seu marido, e que você venha para aumentar a nossa família com a sua amável pessoa.

E a sogra Duhamel seguirá amável em seu texto, cortejando a nora Boudet sem deixar de cumprir seu papel de mãe zelosa ao reproduzir as qualidades do noivo Rivail, como se vê a seguir:

[...] Não recebo, Senhorita, com menos satisfação, todas as garantias que você possa dar ao meu filho, que está convencido a pagar-lhe todos os cuidados de um justo retorno. Seus gostos e suas atitudes, que são sempre utilizados com sabedoria e trabalho, asseguram-lhe, de antemão, a felicidade – a de qualquer mulher que valoriza seus deveres e tem os seus direitos; e que você os merece, eu não tenho dúvidas. [...] Receba, Senhorita, a segurança dos sentimentos distintos com os quais eu tenho a honra de ser a sua humilde servidora.

Não obstante, o pai de Rivail, o militar Jean-Baptiste Antoine Rivail, não participou da cerimônia civil. Curioso observar que na certidão do casal há a triste menção de Jean-Baptiste como “antigo advogado, ausente e sem notícias por mais de 25 anos, presumidamente, morto na Espanha”, o que leva a acreditar que o genitor de Rivail desapareceu em meados de 1807,

quando seu filho tinha apenas 3 anos de idade. Certamente, à época, existiam marcas profundas da Revolução Francesa na família Rivail, principalmente na alma da viúva Jeanne-Louise Duhamel.

Ainda na mesma certidão de casamento de Boudet e Rivail, que em virtude de um grande incêndio nos arquivos da cidade foi parcialmente reconstruída pelas autoridades de 1871, consta que a mãe de Amélie Boudet, a dona de casa Julie, já havia desencarnado antes da data da união civil. Entrementes, o documento refeito confirma que seu pai, o rico proprietário Boudet, estava com 64 anos de idade e compareceu à cerimônia civil da filha e do genro. E de acordo com um depoimento futuro, o mesmo senhor Boudet, ex-tabelião, deixou ainda um dote de 80 mil francos à filha, para que ela o repassasse ao seu novo marido. O casamento dos Rivail começaria bem... abonado!

Recentemente, pesquisadores espíritas brasileiros, sob coordenação do dr. Alexander Moreira de Almeida, da Universidade Federal de Juiz de Fora, descobriram na França um *contrat de mariage*, ou melhor, uma certidão de casamento inédita de Rivail e Boudet. Curioso observar, num trecho dessa certidão, especialmente no artigo 5º das *condições civis do casamento*, que “em consideração à ocasião do casamento, sr. Duhamel institui sr. Rivail, seu sobrinho, como único herdeiro de todos os seus bens materiais e imateriais que ele deixará no dia de sua morte”. E nas linhas seguintes lê-se, ainda, que, com o desencarne do marido Rivail, a sua esposa passará a herdar os bens originários do sr. François Duhamel – esse tio de Rivail por parte de mãe –, que era proprietário de terras e, coincidentemente, vivia na mesma rua de Sèvres, em Paris.

Era só felicidade que reinava sobre Rivail. Ele vivia um acontecimento sublime em sua vida: havia se casado com a doce Amélie-Gabrielle Boudet. A pedagoga linguista, distinta gramática, poetisa, escritora e autora, instituidora de Letras e Belas-Artes, artista plástica – desenhista, aquarelista, gravurista, miniaturista e pintora autodidata –, muito reconhecida pelos seus feitos em favor da educação francesa, se despedia do estigma maior de solteirona, com o qual a sociedade lhe marcava com o ferro do preconceito em brasa. Agora ela seria a respeitável Senhora Rivail, humilde e fiel companheira desse nobre homem que se comprometia a honrá-la diante da oportunidade divina de estar ao lado de uma Mulher de Verdade.

Dinheiro ao beau-frère

O ano de 1834 trazia uma triste notícia aos parisienses: a *Institution Rivail* estava fechando suas portas. Após oito frutíferos anos de atividades pedagógicas, obtendo certo renome educacional, a instituição não suportaria sua condição modesta decair para miserável. Professor Rivail a mantinha em sociedade com um tio, irmão de sua mãe, o mesmo senhor François Duhamel, aquele proprietário que deixará sua herança aos Rivail.

Mas, por enquanto, o velho Duhamel só deixava mesmo prejuízos. Ele tinha paixão pelo jogo e, a cada ano, perdia o ralo dinheiro que a instituição lucrava, seja por meio da contribuição escolar ou dos repasses públicos fixados pelo município.

Certo dia, senhora Rivail havia encontrado, nos documentos do marido, uma notícia recortada, guardada com muito carinho por ele. Provinda do *Journal des Débats Politiques et Littéraires*, edição de fevereiro de 1828. Trazia um inusitado título de matéria: *Institution de M. Rivail*. O jornalista conta que o educador Rivail, como aluno de Pestalozzi e autor de um tratado de aritmética, método adotado por instituições na França e no exterior, educava jovens com “hábitos viciosos”. E o precioso texto segue preciso, revelando:

[...] Os hábitos viciosos a que os jovens se entregam muitas vezes despertam com razão a preocupação dos pais. Como é que nós não vemos em nossas crianças, que deram as mais belas esperanças, a possibilidade de perecerem miseravelmente na flor da idade, ou logo perderem as poucas faculdades que a natureza havia dotado de fato!

Senhor Rivail, com uma experiência de dez anos na carreira da educação, no ensino e estudo constantes da infância, colocou a sua experiência diante dessas muitas causas que dão origem aos vícios, organizando, assim, um conjunto de métodos educacionais para prevenir esses hábitos e destruí-los, claro, se isso for possível. Tais métodos, até agora, nós ainda não vimos em qualquer lugar. Ele garante sucesso se devidamente apoiado pelos pais. Para atingir este objetivo com mais segurança, senhor Rivail não recebe as crianças senão depois dos doze ou treze anos. Elas poderão completar

totalmente a sua educação nesta Instituição, recebendo uma instrução variada e profunda para ambos os sexos. As línguas vivas são parte da instrução e não são pagas à parte. O seu plano de estudo é bem amplo para atingir tais objetivos [...]

Assim, fica evidente que o casal Rivail tinha vocação para lidar (também) com jovens problemáticos, e a *Institution de M. Rivail* dispunha de métodos pedagógicos específicos para esse público. As expressões “perecerem miseravelmente” e “perderem as poucas faculdades” podem indicar algum desvio de comportamento desses jovens, talvez na direção de vícios nocivos.

Senhora Rivail viu, com grande pesar, o fechamento gradativo dessa importante instituição de ensino fundada pelo seu amado esposo. A *Institution Rivail*, que seguia o arrojado método de ensino do mestre Pestalozzi, representava um grande holofote aceso à restauração de jovens franceses, fossem eles problemáticos ou não.

Mas não havia outro meio, a luz da *Institution de M. Rivail* seria apagada para sempre para que o estabelecimento pudesse ser liquidado. Professor Rivail receberia a sua parte de direito na sociedade, em torno de 45 mil francos. Meses depois, o casal confiou essa soma a um amigo íntimo, negociante, que acabou fazendo maus negócios e faliu, nada deixando aos credores. A bondade e o desprendimento do casal de educadores eram infinitos. Eles jamais deixavam de socorrer amigos ou parentes em situações de dificuldade.

Os Rivail seguiam morando no mesmo endereço desde o casamento, à *rue de Sèvres*, nº 35. Nas paredes da casa alugada, observaríamos uma grande quantidade de títulos e diplomas do casal, disputando espaço com desenhos, gravuras e pinturas de Amélie, tudo caprichosamente emoldurado.

Depois de várias experiências enriquecedoras no campo da educação, os dois fundaram, a partir de 1835, naquele mesmo salão anexado à própria residência, um segundo pensionato para jovens com o nome de *Lycée polymathique*. Entende-se por liceu um estabelecimento de ensino médio, e por polimático, a cultura pessoal, extensa e variada de um indivíduo. Assim, esses vários *liceus* parisienses, como instituições de educação particular, eram muito comuns à época. Numa distância de 500 metros da morada dos Rivail, por exemplo, havia outra instituição com propósito semelhante,

chamada de *Lycée des langues vivants*, cujo diretor, sr. d'Esquiron Levard, era um colega de profissão do casal. E onde há concorrências há inseguranças financeiras.

Mesmo com receios relativos à manutenção e sobrevivência dessa obra filantrópica no lar, eles seguiam juntos, fortalecidos por laços de amizade e companheirismo.

Enquanto Rivail lecionava (gratuitamente) história da literatura francesa antiga e moderna, geografia, física, química, aplicava exercícios de gramática e de estilo, com projetos futuros de introduzir anatomia e fisiologia, a senhora Rivail, por sua vez, o ajudava com as aulas de educação artística. Criativa que era, expandia seus métodos pedagógicos com o tempo, integrando, de maneira original, o universo das artes plásticas em suas aulas. E os dois continuaram aplicando nas aulas, ininterruptamente, os pensamentos do mestre Pestalozzi, sob a égide de sua cartilha sublime: “O amor é o eterno fundamento da educação”.

Professor Rivail, com a ajuda de sua esposa, ainda mantinha algumas economias, sem dever para ninguém. Além das aulas do *Lycée polymathique*, ele empregou-se como contabilista de três casas comerciais, trabalhos esses que lhe rendiam, segundo o seu primeiro biógrafo Henri Sausse, em torno de 7 mil francos anuais.

Mas aquela década de dificuldades financeiras em torno do casal trouxe também uma inusitada revelação familiar. No dia 23 de abril de 1837, senhora Rivail pediu para o marido socorrer financeiramente um parente deles, um tabelião que vivia na cidade de Gisors, localizada a uma hora de Thiais – a cidade natal da professora. O homem, que passava por quebras financeiras, dispunha de dívidas e precisava quitá-las, prometendo devolver o empréstimo corrigido aos Rivail assim que vendesse seu escritório, um tabelionato.

Para acudir o parente, professor Rivail separou 6 mil francos de suas economias – quase a soma inteira de um ano de seu árduo trabalho. A esposa reforçava ao marido a necessidade da urgência no empréstimo, já que o parente se envolvia em sérios problemas diante da insistente cobrança de agiotas locais.

Para finalizar o tramite com segurança e respeito às leis francesas, Rivail contratou um tal senhor Morin, ex-tabelião parisiense, pois a lei exigia um mediador credenciado para que se oficializasse o trânsito da quantia entre municípios franceses. Assim, três cheques na ordem de 2 mil

francos cada foram remetidos ao parente dos Rivail, em Gisors, pagos pelo professor e aprovados por Morin. Este último, por escritura em cartório, deu garantias de que o escritório do solicitante do empréstimo seria vendido imediatamente e a dívida quitada o quanto antes, sem qualquer prejuízo aos Rivail.

Acontece que os 6 mil francos corrigidos, vindos de Gisors, estacionou nas mãos do mediador, o senhor Morin, que, por algum motivo desconhecido, não quis repassar o combinado.

O caso foi parar no Tribunal do Comércio do Sena, e o julgamento se arrastou por dois longos anos. Em primeira instância, senhor Morin foi condenado a restituir o valor corrigido ao professor Rivail e sua esposa, sob a pena de ser preso, caso não cumprisse a decisão judicial. Morin apelou, justificando que não recebera o dinheiro de Gisors, pois essa comuna proibiu o repasse da quantia à cidade de Paris. Negando-se a cumprir tal decisão judicial, sua prisão civil foi formalizada pelas autoridades, mas o professor Rivail, com seu espírito humanitário, colocou-se contra a detenção. Todo esse impasse foi acompanhado de perto pelo *Journal Du Palais, Jurisprudence Française*, de Paris, que lançou extensa matéria sobre o caso em 1839.

Mas, afinal, quem era esse parente dos Rivail que tanto necessitou de um empréstimo familiar às pressas? Era o irmão da professora Boudet, o sr. Julien François Boudet.

Acreditamos que ele tenha nascido na Paris do início do século 19, alguns anos depois da irmã. Por meio de nossas pesquisas primárias, descobrimos dois dados biográficos sobre esse homem da lei. O primeiro é que ele viveu em Gisors, de 1834 a 1838, exercendo integralmente a profissão de tabelião – fato esse confirmado pelo *Journal Du Palais*. O segundo dado, não menos interessante, é que Julien Boudet firmou algumas amizades parisienses importantes, principalmente com o escritor e dramaturgo Victorien Sardou, além do astrônomo Camille Flammarion, o que deixa evidente que ele viveu bastante para se relacionar com as artes e as ciências de seu tempo. Por conta dessas aproximações, certamente ele se envolveu com os grandes acontecimentos espíritas que em breve tomarão conta da vida de seus parentes parisienses, os Rivail.

Portanto, a matéria do referido jornal indiscutivelmente deixa claro que o professor Rivail era *beau-frère*, ou seja, cunhado de [Julien François Boudet](#). Este pequeno trecho, extraído do mesmo *Journal Du Palais*,

encerra qualquer dúvida: “O senhor B..., tabelião em Gisors, que passa por dificuldades financeiras, endereçou, para vir em seu auxílio, o senhor Rivail, seu cunhado, institutor em Paris”.

Assim, concluímos que a artista Amélie-Gabrielle Boudet não era filha única, como se acreditou até hoje no meio espírita. O espólio de seu pai indicava terras e imóveis nas regiões de Thiais, de Château du Loir e de Paris. E na partilha constarão os irmãos Boudet como legatários, reafirmando que a professora não era a herdeira exclusiva desses bens, como se pensava até hoje.

O despejo dos Rivail

A França entrava no ano da graça de 1841... A saudosa *Institution Rivail* já não existia mais há sete anos.

Em sua casa alugada, Rivail ainda organizava e ministrava, por meio de seu *Lycée polymathique*, cursos gratuitos de química, física, astronomia, fisiologia e anatomia comparada, contando sempre com a ajuda incondicional de sua amada esposa Amélie.

Senhora Rivail foi a primeira a colocar seu marido a par das últimas notícias internacionais que apontavam para o sobrenatural. Na pequena aldeia de Hydesville, estado de Nova Iorque, manifestações de efeitos físicos, ditos invisíveis, tomavam conta da humilde residência das adolescentes Margaret, Kate e Leah, moças que ficaram conhecidas no mundo todo por Irmãs Fox. Esse grande ruído invisível, eclodido inicialmente em terras nova-iorquinas, misteriosamente se disseminou, como um vírus, para outras localidades norte-americanas, como Alabama, Boston, Cincinnati, St. Louis, Buffalo, além da Philadelphia. E dos Estados Unidos, rapidamente o evento misterioso se reproduziu na Alemanha, Inglaterra, Espanha, Itália, Turquia e em outros países, invadindo, por meio de diferentes golpes ou batidas (*raps*), todas as classes sociais, da choupana miserável ao palácio pomposo.

Os jornais parisienses apontaram uma nova revolução no ar, só que agora no campo das leis físicas. *Rappings* de origem desconhecida repentinamente pareciam ter adquirido movimentos autônomos, se espalhando em sincronia pelas mais diferentes partes do mundo, como se obedecessem às ordens de um ser supremo.

Enquanto isso, em Paris, o casal Rivail passava novamente por apuros financeiros no decorrer do ano de 1844. Num livro chamado *A companhia de Jesus na França*, publicado em 1919, encontramos um curioso relato afirmando que, antes de o casal Rivail ir morar na residência alugada, à *rue de Sèvres*, nº 33 e 35, esse imóvel (respectivamente salão e apartamento) estava ocupado por uma das congregações religiosas de jesuítas franceses, provinda da montanha *Sainte-Genève* – uma das muitas colinas de Paris.

Como consta nessa obra católica, publicada pelo padre Joseph Burnichon, os proprietários do imóvel, impacientes com a falta de acertos

dos aluguéis atrasados, acabaram rescindindo o contrato de locação, o que ocasionou, segundo esse religioso, o despejo do casal Rivail no segundo semestre do mesmo ano. O que se sabe, por esse livro, é que o imóvel da *rue de Sèvres* voltou a ser ocupado por religiosos (quatorze padres e sete irmãos leigos), que transformaram o grande espaço no principal centro das obras jesuíticas da capital.

Por sua vez, o *Annuaire général du commerce* de 1844 – um robusto almanaque que traz 500 mil endereços de Paris – revela exatamente onde os Rivail foram morar na sequência desse suposto despejo: *Rue Taranne*, nº 12 – endereço que hoje não existe mais –, integrado ao *boulevard Saint-Germain*, a mesma localidade onde Rivail ministrava suas aulas ao lado do professor Lévi-Alvarès. Ao certo, o casal não quis se distanciar dessa região parisiense, que era conhecida por abrigar muitos institutos educativos.

Mas esse golpe financeiro na família Rivail, somado ao suposto despejo residencial, podem ser explicados. Acredita-se que Rivail confiou a um certo amigo, diretor do *Théâtre des Folies-Dramatiques*, a parte de seus recursos financeiros restantes, em torno de 50 mil francos. Algum tempo depois, o *Théâtre* entrou em total prejuízo, deixando o nobre professor e sua esposa numa difícil situação, tudo por conta do excesso de confiança depositado no amigo. Mas este, vendo o casal penar por falta de dinheiro e excesso de dívidas, oferecerá a Rivail um “bico” como guarda-livros naquele mesmo local quase já falido.

A situação financeira do casal Rivail só piorou com passar dos anos. Para ajudar, uma crise política e econômica assolava a França por conta da escassez de alimentos. Salários eram cortados, e fábricas, fechadas.

E outro acontecimento marcou profundamente o coração de Amélie-Gabrielle Boudet e de seu irmão Julien François Boudet. Seu pai, Julien Louis Boudet, ex-tabelião e proprietário de terras, desencarnava em 7 de julho de 1847, aos 79 anos de idade, em sua terra natal, a Château du Loir.

Por fim, os Rivail torciam para que o ano-novo de 1848, aquele que se aproximava, não fosse tão fantasmagórico quanto aquele que terminava. Sim, que fosse um ano próspero, sem ser áspero... Será?

Mais um golpe

Uma nova revolução foi declarada na Paris de 1848.

Rebeldes se organizavam em torno de uma revolta popular. Uma petição com cinco milhões de assinaturas havia sido preparada. Milhares de franceses insatisfeitos com as altas taxas de desemprego estavam prestes a derrubar o atual governo do rei Luís Filipe. A Guarda Nacional fuzilou mais de quinhentos insurgentes, e seus cadáveres foram colocados em carruagens iluminadas por tochas, que desfilaram pelo centro da cidade. Como mártires, inflaram uma insurreição, dando início a uma luta popular. Os soldados do rei, enviados para reprimir os manifestantes, uniram-se a eles. Em junho, a monarquia já estava completamente destronada. Nasce a Segunda República Francesa.

Em dezembro, uma constituição foi promulgada, estabelecendo a república presidencialista. Foi eleito presidente da França um “aventureiro” chamado Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho do general Napoleão Bonaparte. Por lei, o mandato de presidente ficou estipulado em quatro anos. No entanto, em 1852, Luís Napoleão articulou um Golpe de Estado para se tornar imperador vitalício. Essa farsa ficou eternamente batizada pelo socialista Karl Marx como o golpe do “18 Brumário”, em homenagem irônica ao tio, que acabou com a Primeira República Francesa para criar o Império Napoleônico exatamente nessa data.

O imperador Napoleão III, como será chamado, tentou a qualquer custo agradar aos católicos franceses, instituindo o conde Falloux para cuidar da Instrução Pública e de Cultos. Assim, ele ordenou comissões para preparar novo projeto de lei sobre o ensino francês, desencadeando a Lei Falloux, que serviu (apenas) para beneficiar as escolas eclesiásticas.

Essas mudanças ditatoriais afetaram diretamente a profissão do casal Rivail. O ensino laico foi sumariamente substituído pelo clerical. O pároco, como ministro do culto, passou a ter o poder da fiscalização e da direção moral sobre as escolas francesas, podendo modificar os métodos de ensino da noite para o dia, a seu bel-prazer. Universidades foram espionadas, e professores e institutores foram tratados como suspeitos. Em menos de dez anos, mais de oitocentos educadores laicos foram demitidos em todo o país. Com a vigência de uma política de mordação, explicitamente clerical, tendo

a liberdade de imprensa e outras liberdades públicas abolidas, o novo presidente dava outro golpe, também na educação francesa.

Em virtude da Lei Falloux, os Rivail, assim como seus amigos institutores e *chefs d'institution*, foram obrigados a se afastar do magistério. Por força do Golpe de Estado, a dupla teve que abrir mão da instrução pública após terem dedicado mais de trinta anos de suas vidas à educação.

O *Annuaire général du commerce* de 1849 indica que, nessa época agressiva, tumultuada, o casal estava morando à *rue des Grands-Augustins*, nº 7. Um ano depois, segundo o Anuário, a família Rivail mudou-se para a *rue Mauconseil*, nº 18. Interessante observar que o mesmo Anuário traz outro dado curioso sobre esse último endereço: a menção de que os Rivail mantinham, no local, uma *école de commerce* (escola de comércio), além de uma *pension de demoiselles*, ou seja, um pensionato de meninas.

E mesmo diante de época tão obscura, a senhora Rivail conseguiu manter um estilo de vida mais tranquilo: aulas por prazer; arte por lazer. Tudo porque a renda das casas de aluguel, que o falecido Boudet havia deixado como herança para ela e seu irmão Julien François, além dos parcos recursos das obras pedagógicas do casal, somados ainda ao trabalho do marido como professor e contabilista, eram o suficiente para a família Rivail manter uma vida modesta e sem luxos. Porém, aquele ardiloso passado do suposto despejo e da falência financeira ainda permanecia na memória do casal.

Os Rivail não chegaram a ter filhos. Ele já estava com 48, e ela, 57, e a comemoração dos vinte anos de casamento abrilhantava a vida desses educadores.

Em fins de 1854, um magnetizador chamado Fortier, com quem Rivail mantinha relações, trouxe uma estranhíssima notícia. Seria mais um golpe? As mesas de acaju dos salões de Paris estavam “falando”. Se interrogadas, respondiam como seres inteligentes pelos seus pés, que ditavam magníficas composições literárias e musicais. Com sua lógica científica e senso crítico apurado, o discípulo de Pestalozzi ouviu tudo o que o amigo lhe contou, devolvendo sua fala assim:

– Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto da carochinha.

Professor Rivail sabia que era necessária muita cautela: estudar mais nunca era de menos; criticar muito sempre era demais. Ele lembrou a esses entusiastas do sobrenatural as recomendações do velho mestre Pestalozzi: “Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui”.

Assim, em maio de 1855, na casa de Madame De Plainemaison, à *rue Grange-Batelière*, nº 18, às 20 horas de uma terça-feira, professor Rivail e a esposa, ao lado do sr. Fortier e de outros amigos, assistiram pela primeira vez aos fenômenos das mesas. Sob a influência da sonâmbula e clarividente Madame Roger, todos constataram que as tais mesas de acaju, de fato, “giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida”. Essas aspas e a fala seguinte são do próprio Rivail:

– Entrevi, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim investigar a fundo. Havia um fato que necessariamente decorria de uma causa. [...] Há ou não uma força inteligente? Eis a questão. Se essa força existe, o que é? Qual será sua natureza e sua origem? Está além da humanidade? [...]

Entretanto, o espiritualista sr. Carlotti, um velho amigo de Rivail há 25 anos, notando que ele ainda reagia com dúvidas sobre o que via diante das tais mesas rotativas, arriscou interpelá-lo, dizendo com bom humor:

– Um dia você será um dos nossos.

Ao que o professor Rivail respondeu com simplicidade:

– Não digo que não. Veremos isso mais tarde.

E enquanto Paris se reunia em torno das mesas girantes (de pau-brasil), em que burgueses fúteis espalmavam suas mãos em cima delas a fim de formarem uma corrente pelo contato de todos os dedos mínimos, a senhora Rivail ocupava suas delicadas mãos de artista com algo muito mais útil e urgente: a grande mudança que estava prestes a acontecer na vida do casal.

Bric-à-bracs

A tal mudança havia se concretizado havia alguns dias. Desde 15 de julho de 1855, em caráter provisório, os Rivail estavam morando nos fundos do segundo andar de um prédio de quatro andares, à *rue des Martyrs*, nº 8. Ainda por meio das informações contidas no incrível almanaque do *Annuaire général du commerce* do mesmo ano, o casal tinha vizinhos nada comuns: sr. Surbled – dono de um pensionato; sr. Duprat – um comissário de polícia; Madame Serruau – professora de harpa e de piano; vizinhos de uma escola lírica e dramática; sr. Frédérie Monod – pastor da Igreja Reformada Evangélica; sr. Emile Lassatle – litógrafo; e, por fim, Chevandier de Valdrome – um artista pintor.

Eles viveram ali em meio a essas pessoas tão diferentes até a casa própria terminar de ser construída num terreno nos arredores de Paris que era conhecido por *la villa de Ségur*. Interessante observar que o mesmo *Annuaire général du commerce*, edições de 1839 e 1940, registra que, antes de os Rivail comprarem o imóvel, seu proprietário era um artista desenhista de sobrenome Huard. Talvez seja por isso que, em 1892, Jules-Adolphe Chauvet, outro desenhista e cartunista francês, fez questão de ir até *villa de Ségur*, a fim de retratar a simpática propriedade do casal, que antes era de um artista. Chauvet incluiu em seu desenho o singelo portal retangular de alvenaria na entrada do terreno, que vinha ainda com uma antiga inscrição em seu frontão: *Villa 39 Ségur*.

No futuro, *avenue de Ségur*, nº 39, será um dos endereços mais importantes do Espiritismo: a residência oficial dos Rivail – morada das artes e dos artistas –, repleta de arbustos frutíferos e flores multicolores, onde a senhora Rivail, como artista, passará a viver, até o seu desencarne.

Assim como *villa de Ségur*, o modesto apartamento alugado à *rue des Martyrs* foi incrivelmente descrito pelo insigne pesquisador dr. Silvino Canuto Abreu, em sua singular obra *O livro dos espíritos e sua tradição histórica e lendária*. Vejamos este belo trecho cunhado por ele:

[...] Pagavam de aluguel 1.345 francos por ano, com arrendamento a vencer-se em igual data de 1858. [...] A única novidade do apartamento era a iluminação “a gás”, instalada havia pouco e que,

ainda não dispensava o concurso de velas altas e grossas, em castiçais de metal amarelo, agrupados em lustres ao centro das salas ou isolados, às paredes, ou sobre móveis. [...] Além de muitos quadros com desenhos e debuxos, uns a bico de pena, outros a creiom, feitos por Gabi, notavam-se alguns diplomas de sociedades culturais, outorgados a Rivail. [...]

Graças a essas narrativas minuciosas de Canuto Abreu, podemos hoje conhecer um pouco mais sobre o universo caseiro dos Rivail, principalmente as obras pedagógicas e predileções artísticas de nossa querida Amélie-Gabrielle Boudet. E segue o nobre espiritista narrando as artes que habitavam a residência do casal:

[...] Nas paredes empapeladas penduravam-se numerosos quadros de tamanhos, feitios e molduras diferentes. No maior, de sessenta por quarenta centímetros, o retrato a creiom de Pestalozzi, desenhado, especialmente, para o salão nobre do referido “Instituto”. Destacava-se, depois, pela novidade, uma daguerreotipia, em metal prateado, estampando Rivail de meio-perfil, com sua vasta cabeleira a cobrir-lhe a metade da orelha e seus abundantes “*favoris*”. [...] Na saleta de visitas, mobiliada com simplicidade e bom gosto, havia à parede alguns quadros a óleo pintados por Amélie Boudet. [...] Noutra fila, em lombada vermelha, com alto relevo e letras de ouro, três livros in-4 de Amélie Boudet: “Contos Primavera”, 1825; “Noções de Desenho”, 1826; “O essencial em Belas-Artes”, 1828. E diversas obras de autores clássicos e contemporâneos. Na sala de jantar, guarnecida de móveis de carvalho em verniz marrom, viam-se dois quadros de pesca e caça, alguns pratos com pinturas a óleo, um dos quais, em oval, contendo a cópia da “Ceia” de Da Vinci, com assinatura dum pintor. [...]

E depois que terminou de organizar os últimos *bric-à-bracs* (bricabraques), suas últimas mesclas de peças de arte, quadros, diplomas, bibelôs e os vários móveis de sua nova residência, senhora Rivail soltou uma expressão de espanto ao ler um artigo saído da badalada coleção de livros *Histoire Intime du Second Empire*. Tratava-se de um fato inusitado, que nunca havia acontecido na face da Terra, e que servia de alerta

definitivo para qualquer pessoa que mantinha um relacionamento amoroso “morno”:

[...] As experiências das mesas girantes, as quais mãos se unem, permitiram a algumas garotas parisienses descobrirem notícias muito comprometedoras de seus vizinhos de meia idade. A esposa de um funcionário do alto escalão fugiu com outro homem... Para ser mais exato: ela debandou depois de ter sido sequestrada pelo seu colega de trabalho, um corretor de seguros. Acontece que se soube depois que todos os detalhes relativos à fuga e traição inesperadas foram transmitidos, antecipadamente, durante uma sessão de evocação, ou melhor, de interrogação a uma mesa.

Inesperadamente, as mesas inteligentes extrapolavam a moral e os bons costumes. Além de tagarelas, atiravam-se como fofoqueiras, mexeriqueiras. Senhora Rivail, diante de tantos acontecimentos inusitados, provindos dessas mesas palavrosas, ainda seguia bastante desconfiada, reflexiva, diante do sobrenatural. Suas origens católicas, provindas de sua terra de criação – a religiosa *Ville de Château du Loir* –, contrastavam sobremaneira com as manifestações extrafísicas que averiguou junto ao marido, principalmente na residência de Madame De Plainemaison, à *rue Grange Batelière*, nº 18.

Tornou-se comum os Rivail saírem impressionados com o que constataavam ali, já que as mensagens fornecidas pelas mesas surgiam com linguagem muito diferente da que os médiuns usavam no dia a dia, além de um grau de conhecimento da vida privada dos visitantes que não tinham como adivinhar. Professor Rivail logo lançou a seguinte hipótese: *a realidade visível não era a única a existir. Os espíritos eram tão reais quanto o mundo microscópico e as forças físicas invisíveis, como a lei da gravidade.*

Para Rivail e esposa, tratava-se de caminho sem volta em direção da luz: a Doutrina dos espíritos entrava em sua fase de gestação.

1857 – o ano do Espiritismo

Paris, 18 de abril de 1857. Com a ajuda financeira da esposa, Rivail-Kardec publicou uma obra literária cujo título causaria espanto geral: *O livro dos espíritos*.

Três dias após esse histórico lançamento – que inaugurou o Espiritismo e a Literatura Espírita no mundo –, o casal espírita ofereceu um modesto jantar no apartamento alugado da *rue des Martyrs*, nº 8, a fim de comemorar também outro inesquecível feito: o ano dos espíritos espíritas.

De acordo com a incrível narrativa do dr. Canuto Abreu, em sua obra *O livro dos espíritos e sua tradição histórica e lendária*, notemos como o confrade espírita descreveu, nesse jantar, nossa biografada Madame Kardec, que também celebrava, naquela ocasião, os 25 anos de união matrimonial ao lado do marido:

[...] Estava, naquele sarau, com seu vestido azul celeste de seda lionesa, que fizera para as bodas de prata, decotado discretamente, de mangas largas e pregueadas, presas acima dos cotovelos. Trazia colar de pérolas, bracelete de ouro trançado, com diamantes no fecho, anel de brilhante solitário, aliança de ouro orlada de prata e um broche. Este era a sua joia mais recente, doada pelo marido no dia das Bodas de Prata. De ouro lavrado, no feitio dum livro com dobradiças, via-se numa folha, quando aberto, a miniatura a óleo de Rivail ao tempo de noivo, com longa cabeleira loura, encaracolada nas pontas; noutra, de Gabi, com seus abundantes cabelos castanhos e crespos, caprichosamente penteados. [...]

Oito meses após o lançamento de *O livro dos espíritos*, mais exatamente em 1º de janeiro de 1858, novamente com a ajuda da esposa, ele lançou a *Revista Espírita*, cujo subtítulo trazia a expressão “Jornal de Estudos Psicológicos”. E por sugestão dos espíritos, professor Rivail passou a adotar o pseudônimo druida Allan Kardec. Criou-se, ainda, o *Cercle Parisienne des Études Spirites* (Círculo Parisiense de Estudos Espíritas), nome provisório para batizar os encontros de evocação espiritual que aconteciam todas as terças-feiras na morada do casal, círculo que seria

extinto assim que a nova sociedade espírita fosse instituída. A cada semana de reuniões mediúnicas na residência dos Kardec, na *rue des Martyrs*, todos se convenciam de que aquele espaço familiar, restrito a vinte pessoas, não era mais suficiente para acomodar tantas testemunhas da existência dos espíritos.

E, além disso, depois das sessões de evocação, durante um ligeiro bate-papo de despedida, vinha se tornando uma rotina o apartamento do casal se transformar em uma galeria de arte, já que alguns amigos, afeitos às artes plásticas, sentiam-se atraídos como ímãs para os quadros da artista Madame Kardec. Dezenas de desenhos, pinturas, gravuras e esculturas, entre outros objetos de arte e de decoração, realizados por mais de 25 anos por Amélie, atraíam tanto a atenção dos visitantes a ponto de perguntarem se algum trabalho ali era mediúnico. Estava mais do que na hora de o marido Kardec sugerir o aluguel de um espaço próprio para o encontro semanal do grupo.

No dia 1º de abril de 1858, praticamente um ano após o lançamento de *O livro dos espíritos*, ao lado da esposa e de diversos confrades, Allan Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos – que ficou popularmente conhecida, entre os parisienses, pela sigla SPEE. Um estatuto, regido por 29 artigos que tratavam dos objetivos e fins, da constituição, dos sócios, da administração, das sessões de evocação, configuraram a tal sociedade como o primeiro centro espírita regulamentado do mundo.

O salão da SPEE, alugado por um ano, ficava na galeria *Valois* do *Palais-Royal*, e as sessões de evocação aconteceriam sempre às terças-feiras. E a história francesa do fim do século 18 denunciava que, de frente à ala norte do Museu do Louvre, o *Palais-Royal*, ostentando seu belo jardim, serviu no passado como ponto de encontro para milhares de parisienses revoltosos, aqueles mesmos que se reuniram ali para marchar até o Palácio de Versailles com o objetivo de protestar ao rei as misérias que assolavam o país e ajudaram a deflagrar a tão falada Revolução Francesa. Centro histórico da propagação política e social, o *Palais-Royal* fora estrategicamente escolhido pelos espíritos para servir como palco central à continuação de um importante feito: a revolução dos espíritos.

Como presidente espiritual da SPEE, apresentou-se espontaneamente o venerável espírito São Luís – o mesmo que causou grande surpresa ao surgir, altivo, pela psicografia da jovem Ermance Dufaux. Além do casal

Kardec, havia outros membros fundadores. Tratavam-se dos espíritas ou spiritistas, os médiuns Rose, Alfred Didier, D'Ambel, as senhoritas Eugénie, Hue e Stephanie, além da senhora Costel. Todos permaneceram vigilantes às seguintes recomendações dos bons amigos espirituais: “Tudo pesar e amadurecer; submeter ao controle da mais severa razão todas as comunicações que receberdes; não deixar de pedir, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, os esclarecimentos necessários para vos convencer”.

Outro membro fundador também mostrou seu empenho, precaução e dedicação à nova SPEE. O nome dele, Alexandre Delanne, amigo íntimo do mestre Kardec. Sua esposa, Alexandrina, médium ostensiva do grupo, trazia ao colo o filhinho do casal, primogênito que havia curiosamente nascido em 23 de março de 1857, um mês antes do lançamento de *O livro dos espíritos*. A criança, espírita de berço – François-Marie Gabriel Delanne –, ficará conhecida como Gabriel Delanne, tornando-se um dos mais importantes pesquisadores experimentais do Espiritismo Científico. Quando adulto, Delanne será lembrado por dois episódios que marcaram sua vida na infância e velhice: o dia em que substituiu seu pai Alexandre numa reunião espírita, com apenas 8 anos de idade, explicando aos presentes o que era necessário saber sobre o Espiritismo; e pelo triste fato de ficar cego de um olho em decorrência de um abscesso. Somado a isso, Delanne passará também a andar de muletas.

Por último, um médium alfaiate de 31 anos de idade, conhecido por Pierre-Gaëtan Leymarie (também membro fundador da SPEE), que se juntou ao casal Kardec e aos demais confrades espíritas naquela grandiosa missão que exigiria, sobretudo, confiança aos preceitos espíritas, unidade e respeito à coerência doutrinária – qualidades inquebrantáveis, defendidas por Allan Kardec e por sua esposa Amélie.

Por ocasião do Golpe de Estado de 1851, Leymarie, como seguidor fiel das ideias republicanas francesas, foi considerado inimigo do regime, sendo exilado do país. Ao lado de mais de duzentos socialistas utópicos, Leymarie veio tentar a vida na América do Sul. Talvez, pelo pouco que se sabe, pode ainda ter desembarcado no Brasil. Em 1859, anistiado e de retorno a Paris, M.P.-G. Leymarie (como ficará conhecida sua assinatura na *Revista Espírita*) casou-se aos 32 anos com a jovem Marina Duclos – dez anos mais nova que ele –, assumindo a gestão familiar de uma casa de comércio no ramo da alfaiataria. Certo dia, ao ouvir falar das mesas girantes, foi ao

encontro de uma. Entusiasmado com o que viu, começou a participar de algumas sessões com a esposa Marina. Assim, o socialista tornou-se espiritista convicto e amigo dos Kardec. Abraçando a Doutrina dos Espíritos como um ardente republicano, na SPEE ele dará exemplos iniciais de dedicação como seguidor dos ensinamentos espíritas confiados ao mestre Allan Kardec.

Sempre revelando em público seu perfil empreendedor, ao lado da esposa, de Jean Macé e de Emmanuel Vauchês, o alfaiate Leymarie fundou, em sua própria residência, a Liga do Ensino, com o objetivo de instruir e formar novos adeptos à Doutrina. Mas não era só isso. Permanentemente incomodado com as injustiças que sentiu na pele, principalmente por ter sido forçado a sair de seu amado país, Leymarie não se contentará (apenas) com os ideais espíritas. No fundo, a Liga era uma tentativa experimental de fundir o Espiritismo ao Socialismo utópico, com a pretensão de embutir as duas filosofias nos currículos escolares franceses – projeto ousado que acabou por não vingar. E mesmo sob as ameaças de autoridades, filosofias ou governos de qualquer época, depois desse arbiloso exílio seria questão de honra para ele defender as reformas políticas e sociais de que sua pátria tanto necessitava. Na visão do idealista Leymarie, que esteve filiado à elite do partido republicano burguês na França, o Espiritismo poderia servir como um meio para legitimar valores sociais na defesa de um mundo mais justo e igual.

Por sugestão dos espíritos, os membros fundadores da SPEE fizeram três juramentos necessários entre eles, tendo a consciência como eterno juiz:

- 1º: Jamais trair ou desrespeitar os Kardec.
- 2º: Jamais se considerar “chefe do Espiritismo”.
- 3º: Jamais corromper a nova Filosofia Espírita.

Será que conseguirão?

Protetora das Artes Mediúnicas

Madame Allan Kardec, com a ajuda de alguns confrades, decorou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas com sua coleção de desenhos, pinturas e esculturas – trabalhos espirituais de origem mediúnica. Pelas paredes ela pendurou, à vista de todos, uma pequena estatueta do presidente espiritual da Sociedade, o respeitável São Luís, peça adornada com típicas roupas de rei. Afixou também um curioso quadro mediúnico em que se podiam ver os traços soturnos de um caixão, sobre o qual estava escrito: “Aqui jazem dezoito séculos de luzes”. Tratava-se de uma pintura alegórica que deixava subentendido, por meio de “dezoitos séculos de luzes”, do advento do Cristo até o século 19, que a humanidade daquela época encontrava-se melhor e mais esclarecida. Para não haver confusão diante dessa inscrição, ela colocou a seguinte legenda: “Pintura mediúnica – quadro alegórico do advento e do triunfo do Espiritismo, pintado pelo médium lionês, sr. Émile V., sem nenhum conhecimento da pintura nem do desenho...”

Em outros espaços da SPEE notava-se o capricho que Madame Kardec teve em afixar itens preciosos intitulados (em itálico): uma *Cabeça de Cristo* – vinda do México; outra escultura de *Cristo coroado de espinhos* – modelada magistralmente em argila e provinda da Sociedade Espírita de Madrid; duas soberbas *Cabeças de mulher de perfil grego* – desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; e uma paisagem desenhada pela pluma do sr. Jaubert – vice-presidente do Tribunal de Carcassonne, um médium artista consumado. E a famosa gravura *A casa de Mozart*, mediada por Victorien Sardou, também foi especialmente exposta em uma das paredes. Com o patrocínio dos espíritas, Madame Kardec mandou imprimir um álbum com as principais gravuras por ele mediadas. O próprio Kardec avisava, por meio da *Revista Espírita* de abril de 1859, que apenas aquela gravura *A casa de Mozart* estava à venda na loja do senhor Ledoyen. Todas as demais, reproduções da coletânea do médium Sardou, já haviam sido vendidas, portanto, estavam esgotadas.

Os espaços fluidificados da Sociedade – repletos de obras da Arte Mediúnica – agora estavam prontos para receber espíritas e espíritos, artistas ou não. Um dos primeiros artistas a comparecer foi o suposto

espírito Wolfgang Amadeus Mozart, que veio direto de Júpiter para pousar na SPEE. O feito da visita tão ilustre desse espírito maçom, compositor da ópera *A flauta mágica*, logo foi relatado por Allan Kardec na *Revista Espírita*, edição de maio do mesmo ano:

[...] O espírito Mozart veio ditar ao excelente médium, senhor Bryon-Dorgeval, um fragmento de sonata. Como meio de controle, esse último fê-la ouvir por vários artistas, sem indicar-lhes a fonte, pedindo simplesmente que localizassem as notas no trecho; cada um nele reconheceu, sem hesitação, a marca de Mozart. Foi executado na sessão da *Sociedade*, a do dia 8 de abril último, em presença de numerosos conhecedores, pela senhora de Davans, aluna de Chopin e pianista distinta, que consentiu em prestar seu concurso. Como ponto de comparação, a senhorita de Davans, preliminarmente, fez ouvir uma sonata composta por Mozart quando vivo. Não houve senão uma voz, não só sobre a perfeita identidade do gênero, mas ainda sobre a superioridade da composição espírita. Um trecho de Chopin foi em seguida executado pela senhorita de Davans, com seu talento habitual. [...]

Em seguida, Chopin foi evocado, e sua situação como espírito justificava seu comportamento tímido:

– Ainda errando; não sou feliz.

E quando Kardec o interpelou:

– Mozart disse que estais sombrio e triste, por que isso?

A resposta viria rapidamente, mais sincera, impossível:

– Mozart disse a verdade. Eu me entristeço, porque empreendi uma prova que não conduzi bem, e não tenho mais a coragem para recomeçá-la.

Madame Kardec – a protetora das Artes Mediúnicas – vinha observando, junto ao esposo, que a *Revista Espírita* poderia ser um veículo de comunicação mais que ideal para que se propagassem os relatos dessas visitas de artistas do espaço, que traziam seus depoimentos estritamente espirituais, isentos de materialidade, e distantes das ideias preconcebidas daqueles artistas encarnados do século 19. O preço disso: publicações polêmicas à vista!

Na sessão de evocação da SPEE, a de 23 de novembro de 1860, a médium senhorita Eugénie notou que um espírito artista queria se

comunicar espontaneamente. Para a surpresa de todos, apresentou-se nominalmente por Alfred de Musset – poeta, romancista e dramaturgo do período artístico que ficaria conhecido como adepto ao Romantismo. Senhorita Eugénie, sob coordenação de Allan Kardec, teceu duas perguntas ao suposto espírito que dedicou toda a sua vida às artes. A primeira:

– Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

O que Musset espírito prontamente respondeu:

– A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as feridas; a poesia foi dada ao homem como um maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou sobre a Terra para regenerar um pouco o seu povo e não deixá-lo embrutecer inteiramente; porque, o que há de mais belo? O que fala mais à alma do que a poesia?

A médium emendou rapidamente a segunda pergunta:

– A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram alternativamente influenciadas pelas ideias pagas e cristãs; quereis nos dizer se, depois da Arte Pagã e da Arte Cristã, haverá um dia a Arte Espírita?

O espírito poeta redarguiu por meio de belas comparações simbólicas:

– Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! A Arte Pagã é o verme; a Arte Cristã é a crisálida; a Arte Espírita será a borboleta.

Mergulhado nesse universo da arte transcendental, Allan Kardec deixou registrado em seus escritos que “o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado; e quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações”. O mestre também compreendia que “as artes não sairão do torpor em que jazem, senão por meio de uma reação no sentido das ideias espiritualistas”. Para Kardec, e sua esposa artista, não havia pretensão alguma em afirmar que o futuro da arte perpassaria (necessariamente) pelos ideais espíritas.

– Da mesma forma que a Arte Cristã sucedeu a Arte Pagã, transformando-a, a Arte Espírita dará o complemento e a transformação à Arte Cristã. O Espiritismo revela-nos um novo porvir sob uma nova luz mais acessível a nossa realidade. Com ele, desfrutamos a felicidade mais de perto, bem ao nosso redor, pressentimos os espíritos que nos cercam e que nunca deixaram de estar em contato conosco. Infinitas fontes de inspiração para a Arte! Novas ideias suscitarão obras-primas de todos os gêneros, seja pela reprodução das cenas diversas e já multiplicadas da vida espírita!

Anos mais tarde, o mestre continuará corroborando os espíritos quando disser que a Arte Espírita complementarà a Arte Cristã. A prova disso virá em abril de 1866, quando dois médiuns da SPEE, em estado sonambúlico, deixaram a seguinte mensagem automática:

– Foi vos dito que haveria um dia a Arte Espírita, como houve a Arte Pagã e a Arte Cristã, e isso é mesmo uma grande verdade, porque os maiores gênios nela se inspirarão. Logo disto vereis os primeiros esboços, e, mais tarde, tomará o lugar que deve ter...

Por intermédio do médium sr. Alfred Didier, agora seria a vez de o espírito Lamennais baixar. Influente escritor, filósofo e padre quando encarnado, o suposto espírito deixou psicografado pelas mãos do médium *A pintura e a música*, mensagem pela qual tentou gentilmente significar essas artes, em uma especial predileção à música:

– A Arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da Arte, está inteiramente no domínio da sensação. [...] A música, segundo eu, é a Arte que vai mais direta ao coração. A sensação, vós me compreendeis, está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem bem mais a sensação cerebral; em uma palavra, a música vai do coração ao espírito, a pintura do pensamento ao coração. A exaltação religiosa criou o órgão: quando a poesia, sobre a Terra, toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem; assim a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos: a música leviana faz vibrar os nervos, nada mais.

Esse trecho de psicografia, ditado por Lamennais, fora assim publicado pelo casal Kardec na *Revista Espírita* de maio de 1861. Cinco anos depois, outro médium da SPEE, o sr. Bertrand, receberá uma comunicação do espírito Alfred de Musset dizendo que “a poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão as mãos. A primeira, para abrandar o coração; a segunda, para abrandar os costumes; e a última, para abrir a alma. E todas as três para vos elevar ao Criador”.

Em 3 de fevereiro de 1865, viúva Foulon, artista minimalista e amiga dos Kardec, desencarnou em Paris. Chateada pela maneira como sua amiga havia morrido, três dias após seu decesso, Madame Allan Kardec decidiu evocá-la pessoalmente na SPEE. Mais tarde, o relato do espírito da viúva artista foi publicado, com entusiasmo, por Allan Kardec no livro *O céu e o inferno*, na categoria de “Espíritos felizes”. Este incrível depoimento da feliz Foulon revela que ela ainda se sentia artista no astral:

— Não há mais de três dias que desencarnei e sinto que sou artista: as minhas aspirações, atinentes ao ideal do belo artístico, mais não eram que a intuição de faculdades adquiridas em anteriores existências e na última encarnação desenvolvidas. Mas, quanto trabalho para reproduzir uma obra-prima e digna da grandiosa cena que se antolha ao espírito chegado às regiões da luz! Pincéis! Pincéis e eu provarei ao mundo que a Arte Espírita é o complemento da Arte Pagã, e da Arte Cristã que periclita, cabendo somente ao Espiritismo a glória de revivê-la com todo o esplendor sobre vosso mundo deserdado.

Depois de transferirem, em abril de 1859, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas para um dos salões do Restaurante Donix, localizado à galeria *Montpensier*, no histórico *Palais-Royal*, o casal Kardec já estava ciente de que ficaria ali apenas por um ano, período esse de vigência do contrato de aluguel.

Com 55 anos de idade, Kardec estava afastado há anos do magistério francês. Já havia esquecido também a injusta demissão de seus dois empregos (católicos) como profissional contabilista, assim que publicou *O livro dos espíritos*. Ele se dedicava integralmente à Filosofia Espírita; era um dos sonhos já realizados.

Mas o ardiloso episódio da demissão ficaria registrado para sempre no Jornal *Le Gaulois*, edição de abril de 1869, que soltou uma matéria com trechos dizendo que os dois chefes católicos de Rivail, os religiosos ultramontanistas, sr. Pélagaud e sr. Louis Veuillot (o primeiro da livraria eclesiástica *J.-B. Pélagaud et Cie*, e o segundo do jornal *L'Univers*) ficaram possessos com as investidas editoriais de Rivail-Kardec – o seu contador de confiança.

Tudo porque, no decorrer do dia 18 de abril de 1857, um funcionário da Livraria Dentu, sob gargalhadas, havia mostrado ao sr. Pélagaud a capa d'*O livro dos Espíritos*. O religioso logo descobrira que aquele Allan Kardec estampado na capa da obra era, em verdade, o pseudônimo do seu amigo de infância, o assalariado contador Rivail. Segundo o periódico *Le Gaulois*, o católico Pélagaud ao se encontrar com o então (espírita) Kardec, teria reagido energicamente:

— Oh, então seu nome é Allan-Kardec, o fundador de religiões?; Você publica novas letras; você evoca espíritos e participa dessas reuniões de mesas-girantes?

Seu impertinente! Você domina mesmo esses truques, nos fazendo competir para a vida eterna? Espere só, SEU CANALHA!..

A indignação de Pélagaud só foi igualada a do agitador Veuillot. Imediatamente, os patrões católicos, intransigentes e desrespeitosos, demitiram o seu contador Rivail, que se convertia em espírita sob um novo (e definitivo) tratamento: Allan Kardec.

Secretária Gaby?

Sim! Havia certo conforto financeiro na família Kardec. Senhor François Duhamel, o velho tio de Rivail por parte de mãe, aquele que era proprietário e morava em Paris, desencarnou em fins de 1850, e, como consta na certidão de casamento dos Rivail, o parente deixava sua herança aos dois. Portanto, o tempo de “vacas magras” pertencia ao passado.

A protetora Madame Kardec, que não aparentava 64 anos, já havia se aposentado do magistério havia, pelo menos, quatro anos. Seguia ministrando cursos livres em casa, além de administrar, com plena lucidez e independência, seus imóveis alugados em Paris, bens esses decorrentes da herança deixada pelo seu pai, que geravam uma boa renda extra ao casal Kardec.

Como pintora miniaturista, considerava tal atividade artística mais que um passatempo. Para ela, pintar ia muito além de pegar num pincel, estender uma tela e deixar a razão transpirar o conhecimento artístico adquirido. Pintar envolvia outras pinceladas muito mais sutis, como a oração, a ligação crística, o agradecimento, além da consciência de que o artista encarnado nada faz sozinho. Esse, quase sempre, acaba compartilhando suas experiências com outros artistas – os espirituais. A arte transcendental tornava-se, cada vez mais, objeto de estudo em sua vida, principalmente depois que os espíritos passaram a revelá-la em sua plenitude. Comumente, a SPEE se transformava em um verdadeiro ateliê, que permitia o pouso de diversos artistas astrais.

É importante que fique aqui registrado que Madame Kardec nunca foi a “secretária” de um “chefe Kardec” – como alguns espíritistas brasileiros ainda acreditam. Ela ficou encarregada, naturalmente, de servir o cafezinho às visitas, de redigir cartas para o marido, de tomar notas, classificar e despachar documentos ou correspondências dele. No entanto, se assim o fez, foi por amor e dedicação ao esposo e à Doutrina, jamais por imposição ou obrigação de alguém. Pela sua personalidade marcante e formação acadêmica de pedagoga, artista e linguista, é sabido que Amélie-Gabrielle Boudet colaborou ativamente com o esposo em suas atividades literárias, seja na revisão, compilação ou transcrição dos originais de seus livros

espíritas. Tudo isso sem falarmos na questão dos financiamentos das primeiras obras kardequianas, que ficaram sob sua responsabilidade.

É interessante notar, ainda, que Madame Kardec passou a substituir o marido, e até a responder por ele, cada vez mais em várias ocasiões, já que os novos e bem mais árduos compromissos espíritas do mestre não parariam de chegar, tomando quase todo seu tempo, principalmente na agitada década de 1860.

Acreditamos que esse rótulo de secretária (sem desmerecer essa bela profissão e seus profissionais) tenha se fixado em Madame Kardec por um descuido de interpretação. A partir de dezembro de 1913, a *Revista Espírita*, sob o comando de Leymarie filho, iniciará a publicação de dezenas de correspondências póstumas e inéditas de Allan Kardec. E a prova de que a esposa Amélie não ficou encarregada pelo marido de executar funções de secretária está no título de uma das dezenas de cartas publicadas na *Revista*, como esta: “Resposta de Allan Kardec por intermédio de um secretário”.

O mestre, por não conseguir dar conta das demandas administrativas do escritório da *Revista*, o que incluía também responder às inúmeras correspondências e documentos os quais recebia, naturalmente teve que contratar secretários para auxiliá-lo no dia a dia. A prova disso está numa correspondência datada de 13 de março de 1869 – dezoito dias antes do desencarne do fundador da Doutrina. Como se observa, esse profissional ficou responsável por escrever, em nome de Kardec, uma carta-resposta ao Monsenhor Jaubert. Assim, nas últimas linhas de seu texto, fica claro que não é a esposa quem a redige. O secretário do mestre assim escreveu:

– Madame Allan Kardec é muito sensível à sua boa memória. Ela me pede para escrever ao senhor, em nome de seu esposo Allan Kardec, e que aceite a nova confiança de seus melhores sentimentos.

É natural acreditar hoje que Kardec chamava a esposa de “Gaby”, apelido carinhoso supostamente descoberto pelo dr. Silvino Canuto Abreu, que teve contato com documentos do casal no início do século 20, antes da pilhagem dos nazistas. Esse mártir da pesquisa espírita foi um dos primeiros biógrafos brasileiros de Amélie-Gabrielle Boudet. Entretanto, questionamos a existência desse apelido carinhoso (Gaby ou Gabi), por não encontrarmos, em nossas longas pesquisas, referência alguma sobre esse tratamento singular. Em correspondências direcionadas à esposa, o mestre a tratava como “Minha querida Amélie” ou “Minha boa Amélie” (cartas de

novembro de 1843 e outubro de 1862). Acreditamos que o insigne Canuto Abreu cunhou tal apelido para reforçar positivamente, no movimento espírita mundial, a existência e importância de nossa biografada. Uma excelente estratégia para reacender a memória e a imagem da mulher mais importante do Espiritismo.

Mas em 1º de abril de 1860, o casal juntou todas as mobílias – incluindo a preciosa coleção de Arte Mediúnica da esposa – para transferirem novamente a sede da SPEE, agora para um amplo apartamento com salão, localizado na passagem Saint-Anne, à *rue Saint-Anne*, nº 59. Essa mudança fora incentivada, muito provavelmente, por conta do recebimento de uma doação de 10 mil francos. Um rico inglês chamado Guilbert de Rouen, pela vontade de seu testamento, e que preferiu o anonimato, deixava escrito que essa “singela fortuna” poderia ser utilizada de qualquer forma no interesse do Espiritismo.

Assim, os Kardec julgaram conveniente aplicar toda aquela quantia no pagamento de seis anos de aluguel, tudo para uma sustentação mais segura da SPEE, que, além de não conseguir permanecer por mais de um ano nos imóveis onde se instalava, nunca teve uma sede própria.

A anterior residência dos Kardec, que antes recebia uma média de 1.500 visitantes por ano, daria lugar à nova sede, localizada num dos bairros mais valorizados de Paris, instalações questionadas por alguns associados. Rapidamente, Kardec se justificou dizendo que aquele aluguel de 2.530 francos sustentava a escolha do imóvel porque “esse apartamento reúne as vantagens desejáveis por suas disposições internas e sua situação central”. Ao longo de seis anos de locação, foram gastos 9.168 francos, isso sem contar 900 francos empenhados na compra do mobiliário, além das demais despesas que foram surgindo. Na *Revista Espírita* de 1860, Kardec fez questão de informar o seguinte, antes que mais alguém apontasse defeitos:

– O donativo formará o primeiro fundo de uma caixa especial, que nada de comum terá com meus negócios particulares, e que será objeto de uma contabilidade distinta, com o nome de Caixa do Espiritismo.

Com recursos próprios acumulados durante a década de 1850, o casal havia decidido comprar um terreno de 2.666 metros quadrados, localizado na charmosa *La villa de Ségur*, como alguns parisienses carinhosamente chamavam o antigo imóvel. A construção da residência própria dos Kardec, em *villa Ségur*, estava em curso já havia alguns anos, tudo para que pudessem sair definitivamente do aluguel. Contudo, ela não seria uma

simples morada apenas do casal. Allan Kardec ambicionava construir, naquela simpática vilinha (ainda com aspecto rural, repleta de flores e arbustos), um projeto que eles batizariam de Comunidade Espírita, que seria mantido em segredo ainda por um bom tempo.

P.arte 2:

Viúva Kardec

(1869-1883)

L'au-delà

O ano de 1869 foi iniciado por Allan Kardec na tentativa de estabelecer, por meio de estatísticas, um número aproximado de espíritas espalhados pelo mundo. Os Estados Unidos, segundo ele, teriam cerca de quatro milhões de adeptos. A Europa, um milhão de espíritas, sendo que 600 mil desses residiam na França. Estimava ainda que, no planeta, os espíritistas poderiam chegar a seis ou a sete milhões. Na SPEE, ele comemorou essa estimativa dizendo que “mesmo que fosse só a metade, a história não oferece nenhum exemplo de uma Doutrina que, em menos de 15 anos, reuniu tal número de adeptos, disseminados pela superfície inteira do globo”.

Na *Revista Espírita* foi publicado um “Aviso muito importante” naquele início de ano. O escritório de assinaturas e de expedição desse importante periódico, localizado desde 1860 à *rue Sainte-Anne*, nº 59, teria agora um novo endereço: *rue de Lille*, nº 7. Esse novo escritório, sede também da SPEE, ficava a 600 metros de uma estação ferroviária chamada *Gare de Orsay*, local que, em 1898, se converteu no famoso Museu D’Orsay. A nova sede abrigava ainda a *Livraria Espírita*, entidade sem fins lucrativos que foi administrada por confrades de confiança da *Sociedade*, sendo sua renda revertida integralmente à Caixa Geral do Espiritismo.

Chegara então o fatídico dia 31 de março de 1869. Era véspera da mudança do casal Kardec para a tão sonhada casa própria à *villa Ségur*, nº 39, cujo terreno deveria abrigar, no futuro, a Comunidade Espírita, a Biblioteca e o Museu do Espiritismo.

Kardec estava agitadoíssimo, ansioso, com o coração batendo a mil. Ele não quis deixar para a esposa o trabalho braçal de empacotar os vários livros de sua biblioteca particular, ou mesmo permitir que ela organizasse seus diversos documentos, recolhesse os diplomas do casal, além dos desenhos, pinturas e esculturas espalhados pela casa alugada.

Em meio a tapetes enrolados, coleções de arte cuidadosamente embrulhadas e as mobílias fora do lugar, já passava das 11 horas da manhã quando um caixeiro da livraria bateu à porta do apartamento desarrumado da *rue Sainte-Anne*, nº 59. O rapaz vinha buscar exemplares da última edição da *Revista Espírita*. Atendido pelo próprio mestre, o jovem notou a

palidez acentuada na face do fatigado professor, como se ele estivesse passando mal por tanto “trabalho na vida”. À medida que repassava os pesados pacotes ao visitante, subitamente seu corpo curvou-se sobre si mesmo, despencando ao chão. Não houve pronunciamento de palavra alguma por parte de Kardec, apenas o som grave de sua queda e um pedido de ajuda emitido pelo caixeiro aos criados da casa.

Esse relato sobre as circunstâncias da morte do mestre está oficializado no meio espírita até os dias de hoje. Todavia, por meio de nossas pesquisas, descobrimos uma valiosa nota biográfica publicada pelo jornal *Le Gaulois*, afirmando que Kardec “ao sair de casa, caiu na escada e fora golpeado pela apoplexia”, atualmente chamado de Acidente Vascular Cerebral (AVC), popularmente conhecido por derrame. Joé Trézel, o jornalista que a redigiu, apurou *in loco* as circunstâncias do desencarne de Allan Kardec.

Acreditamos que esse pequeno trecho biográfico passa a ser relevante como registro histórico, principalmente por ter sido publicado em 4 de abril de 1869, ou seja, quatro dias após o desencarne do mestre. Assim, uma queda na escada do edifício em que vivia pode ter sido o real motivo do desencarne do fundador da Filosofia Espírita. Um tombo que desencadeou o AVC, talvez por conta de uma forte batida de crânio?

O velho amigo da família, o espírita Alexandre Delanne, foi o primeiro a chegar. Pressões em seu peito e passes magnéticos aplicados por ele não reanimaram o mestre. Seu corpo foi colocado, com a ajuda dos criados, sobre um colchão na sala de visitas e coberto com uma colcha de lã branca. Chinelos, *robe de chambre* e as meias do mestre, tudo, absolutamente tudo estava desalinhado e fora do lugar.

Madame Kardec chegou da rua na sequência do ocorrido. Com aquela simpática aparência de vovó, esbanjando muita saúde aos 73 anos de idade, subiu rapidamente as escadas até o apartamento alugado do casal – agora vazio de Allan Kardec. Seu eterno companheiro druida, aquele que vivera ao longo de 37 anos ao seu lado, dava agora seu próprio testemunho sobre a passagem do espírito eterno: partiria para *l’au-delà* (para o lado de lá), para o misterioso além-túmulo.

Inegavelmente, seu súbito desencarne tinha consequências num passado e presente de ocupações infinitas. Desde 1865, o espírito homeopata Demeure vinha alertando Kardec sobre um tema espinhoso para ele: excesso de trabalho. Um ano antes, o fundador da Filosofia Espírita havia sofrido um acidente cardiovascular bastante grave, deixando-o

prostrado na cama por longos dias. Assim, a lei da ação e reação não falharia.

No *Primer Congreso Internacional Espiritista de Barcelona*, realizado em 1888, o médium Leymarie explicou, diante de uma atenta plateia de espanhóis, como era exatamente a rotina de trabalho do mestre na militância espírita:

— Allan Kardec esteve em contato com pensadores do mundo todo; teve que dar conta de uma enorme correspondência; ele tinha visitas contínuas, sessões semanais, obras por preparar, além das múltiplas ocupações que enfrentava ao escrever de 16 a 18 horas por dia.

A espiritualidade havia previsto o ano de 1869 como o último do missionário Allan Kardec sobre a famigerada Terra. Só que nenhum médium profeta foi capaz de prever o desenlace do mestre por meio de uma queda de escada, justamente num momento tão agitado de transição, em que o casal feliz, enfim, desfrutaria a conquista da residência própria à *villa Ségur*.

Ao meio-dia de 2 de abril de 1869, um humilde coche funerário saiu da nova casa dos Kardec rumo ao cemitério de Montmartre. O cortejo foi acompanhado por uma multidão estimada em 1.200 pessoas. Confrades da antiga *Sociedade* que há onze anos se encontravam religiosamente com o mestre e a esposa, todas as sextas-feiras nas sessões de estudo da Doutrina, não se continham em lágrimas. A partir de agora, as homenagens ao fundador da Doutrina dos Espíritos se dariam todos os anos, só que no cemitério.

Segundo relatos da época, um republicano maçom chamado Charles Fauvety, entusiasta do Espiritismo, imaginou ser muito apropriado se um manto mortuário de veludo azul estivesse estirado em cima do caixão do mestre. Um pano camurça ostentando bordados simbólicos (maçons), com fundo em azul cravado de estrelas prateadas, sóis dourados e um arco-íris encantador, em que se podia ler, logo acima, uma frase que entraria para a história da Filosofia Espírita: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar. Tal é a lei”. Fauvety entreviu, ainda, na parte de baixo desse manto mortuário, uma grande inscrição que deveria ser notada por qualquer um dos presentes na triste cerimônia: “Solidariedade universal – Esta é a religião, e não uma religião – Fora da caridade não há salvação”.

Esse estudante da filosofia clássica, que os espíritas conheciam por Charles Fauvety, não parou por aí. Ao passar dos anos, ele vislumbrou mais

e mais alto. Desejou produzir uma “atualização” na imagem de Kardec e de sua amada Filosofia Espírita. E, como observado em nossas pesquisas, a Literatura Espírita também deveria ser “reformada” após a morte do mestre, segundo as pretensões sincréticas de Fauvety, voltadas à introdução, no Espiritismo nascente, de sua enigmática criação: a Religião Secular. Para seu ousado intento, passou a ostentar, entre os espíritistas franceses, um manto simbólico representado por uma nova “sociedade espírita”, círculo esse que ofertava solidariedade e assistência nos atos das cerimônias fúnebres e dos enterros laicos parisienses, espíritas ou não.

Todas as tentativas de alterar a configuração original da Doutrina-Luz, concebida pelos espíritos por intermédio de Kardec, infelizmente ganhariam forças nocivas e obscuras nas próximas décadas. E será por meio das ações perniciosas de um pequeno grupo de espíritas ocultistas que as tais “modernizações” vexatórias serão introjetadas na Filosofia Espírita, indo contra as diretrizes da viúva Kardec – a nova herdeira dos destinos do Espiritismo –, que lutará até o fim de seus dias pela coesão e coerência doutrinárias em prol da permanência e do crescimento do Espiritismo no mundo.

Uma artista na Sociedade

A viúva Allan Kardec terminava de arrumar, com a ajuda de alguns confrades da SPEE, a residência dos Kardec à *avenue Ségur*, nº 39. Sem o marido, o novo lar parecia envelhecido. A presença do companheiro de jornada, que sempre enchia os ambientes de paz e equilíbrio, dava lugar à saudade e a ausências infinitas.

Ela herdou diversos bens materiais do esposo, inclusive, como constava na certidão de casamento deles, passou a ficar com o que fora deixado pelo sr. François Duhamel – aquele tio de Kardec por parte de mãe. Assim, a septuagenária viúva estava muito bem amparada por meio de três expressivas heranças: de seu pai, do marido e do tio dele; além de sua aposentadoria do magistério francês, dos aluguéis de suas casas e dos inesgotáveis lucros provenientes das vendas dos livros espíritas deixados por Allan Kardec.

A ata da sessão espírita da SPEE, realizada em 7 de maio de 1869, foi publicada na *Revista Espírita* anunciando que o mestre pretendia tirar do papel o Museu do Espiritismo. No entanto, em função de seu desencarne, o novo redator da matéria anunciou, com pesar, o veto considerado necessário ao primeiro projeto de cultura espírita de que se ouviu falar.

A viúva havia pedido para anunciar na *Revista* que, das oito obras de temática espiritista pintadas pelo artista francês Raymond Monvoisin, seis delas estavam em seu poder. Como não havia um local mais adequado para os confrades apreciá-las, os admiradores da pintura espírita deveriam, por enquanto, se contentar com uma sessão mais enxuta.

Até aqui, os múltiplos embaraços de uma mudança de domicílio, nas condições dolorosas que conheceis, não deixaram a oportunidade para visitas aos quadros. De agora em diante, todo espírita poderá, se tal for o seu desejo, examiná-los e apreciá-los na residência particular de Madame Allan Kardec, às quartas-feiras, das duas às quatro horas. Os dois outros quadros ainda estão em mãos do autor.

Os confrades que lá compareceram em *villa Ségur*, focaram suas atenções muito mais no oferecimento de condolências e de conforto

espiritual à viúva Kardec do que em comentários sobre a meia dúzia de quadros espíritas ali expostos, sem muito capricho e às pressas, numa casa fria e vazia. Assim, o primeiro Museu do Espiritismo a ser constituído no mundo, pelas mãos de Allan Kardec, teve seu projeto definitivamente cancelado por sua esposa Amélie, já que outras demandas muito mais importantes pipocavam entre os sócios da SPEE.

As semanas que se sucederam ao desencarne do mestre foram bastante agitadas e barulhentas. Para conduzir a SPEE, que representava a Doutrina, viúva Kardec começou por eleger (de acordo com a Constituição Transitória do Espiritismo, elaborada pelo mestre e publicada na *Revista Espírita* de dezembro de 1868) uma Comissão Central com sete representantes. Foram eles os senhores Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e TAILLEUR. A principal pauta da reunião: a divisão das múltiplas tarefas das quais Allan Kardec vinha dando conta sozinho e por mais de uma década. Outra pauta: o anúncio da destinação dos bens gerados para uma Caixa Geral e Central do Espiritismo – criação nova e já espinhosa da viúva –, que contrariou as ideias da maioria dos associados presentes na reunião. Tudo porque essa caixa tornou-se uma instituição separada, mas intimamente ligada à (não comercial e puramente científica) Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Como “única proprietária legal das obras e da *Revista*”, o texto da ata da Caixa Geral ainda estabeleceu:

1º - fazer doação, cada ano, à *Caixa geral do Espiritismo*, do excedente dos benefícios provenientes, seja da venda dos livros espíritas e das assinaturas da *Revista*, seja das operações da *Livraria Espírita*; mas com a condição expressa de que ninguém, a título de membro da Comissão central ou de outro, tenha o direito de se imiscuir nesse negócio comercial, e que as entregas, quaisquer que sejam, serão acolhidas sem observação, tendo em vista que ela entende tudo gerir pessoalmente, prever as impressões de obras, as publicações novas, regular à sua conveniência os proveitos de seus empregados, o aluguel, as despesas futuras, em uma palavra, todas as despesas gerais;

O segundo parágrafo deixou alguns societários acabrunhados, principalmente os que imaginavam, depois do desencarne do mestre, a abertura editorial da *Revista Espírita* para outros assuntos ou temas que não se restringissem apenas ao universo da Doutrina:

2º - *A Revista* está aberta à publicação dos artigos que a Comissão central julgar úteis à causa do Espiritismo, *mas com a condição expressa de serem primeiro sancionados pela proprietária e a Comissão de redação*, assim como isto terá lugar para todas as publicações, quaisquer que elas sejam;

O texto encerra dizendo: “estas decisões comunicadas à *Société de Paris*, na sessão de 16 de abril de 1869, foram para a Senhora Allan Kardec objeto de felicitações unânimes”. Mas os cumprimentos não eram tão “unânimes” assim. Nem todos os membros estavam interessados em estabelecer uma base fiscal mais sólida, a fim de gerir o Espiritismo com mais segurança financeira. E pouquíssimos outros, enfim, concordaram com o novo sistema de avaliação dos artigos, muito mais rígido, que os enquadrava a uma proposta editorial genuinamente espírita. Alguns sócios acreditavam que essas novas medidas bloqueariam à *Revista Espírita* a publicação de temas transversais, ou mesmo que obstruiriam as publicidades de literaturas não espíritas na *Revue*, já que tudo ficaria agora sob a minuciosa observação dos lúcidos olhos da viúva Kardec – que estavam atentos para ler, escrever, compilar e revisar qualquer massa de texto sem a necessidade de óculos.

Para acentuar ainda mais as polêmicas vigentes, em 3 de julho, a viúva assinou em cartório uma escritura para a fundação de uma *Société Anonyme* (Sociedade Anônima) de capital variável para compartilhar interesses, sob o extenso nome de “Sociedade da Caixa geral e central do Espiritismo por todos os meios que a lei permite, e principalmente pela publicação de um jornal espírita e de todas as obras do Espiritismo”, conforme registrou o notário, sr. Vassal. Essa nova representação jurídica devia organizar a publicação e distribuição das obras do marido, além da *Revista Espírita* e de uma variedade de outros livros, brochuras e panfletos espiritistas.

Em verdade, todos sabiam que a viúva Kardec era uma hábil empreendedora com visão para os negócios. Tratava-se de um talento conquistado com trabalho e dedicação, já que vinha administrando, há décadas, os vários imóveis deixados como herança pelo seu finado pai. E para definir exatamente sua ocupação na sociedade, a prefeitura de Paris a considerou uma *rentière* (capitalista), o que significava, à época, uma “pessoa que tem rendas, que vive de suas rendas”. Não há dúvidas de que Amélie sabia lidar com problemas, pessoas, rendas e negócios.

Como se nota, ela estava decidida a profissionalizar os precários meios de comercialização e de divulgação praticados no Espiritismo da época, a fim de melhor distribuir as obras de seu marido dentro e fora da França. Tudo em nome da coerência doutrinária. Pode-se afirmar, sem receios, que Amélie-Gabrielle Boudet foi pioneira na organização e valorização do que hoje conhecemos por Comunicação Social Espírita.

Em total oposição a essas iniciativas inovadoras e ao perfil empreendedor da respeitável senhora de 74 anos de idade, membros dissidentes chegaram a levar uma queixa às autoridades judiciárias de Paris, acusando a viúva Kardec de “ter acentuado um caráter comercial que a levaria, mais cedo ou mais tarde, a fazer uso da SPEE como um instrumento subordinado aos interesses da nova *Sociedade Anônima*”. Mas essas oposições e provocações faziam pouco sentido quando se constatava, de fato, a necessidade de mais estrutura de planejamento nos orçamentos da Sociedade, diante da procura crescente pelas obras espíritas. Um bom exemplo disso estava na renda da *Revista Espírita*, que, só no ano de 1868, já havia chegado a 660 assinantes, que pagavam 10 francos por ano, gerando à Sociedade um lucro bruto de 6.600 francos anuais. E nos anos seguintes, passaria de 1.100 o número de seus assinantes. Tudo ainda com a vantagem de não se pagar pelo papel de impressão e, muito menos, remunerar qualquer artigo de seus colaboradores, como vinha acontecendo há alguns anos, a pedido do mestre.

Outros opositores se queixavam que a viúva Allan Kardec, de uma hora para outra, havia modificado algumas decisões importantes sobre a mesma Constituição Transitória do Espiritismo. Em verdade, o que ela desejava combater era a eleição de um “chefe do Espiritismo” o que facilmente poderia ocorrer no pós-Kardec. Tentando combater qualquer tipo de golpe, ela demonstrou um espírito de trabalho fora do comum para sua idade, também no cuidado de assuntos diversos e delicados à formação imediata da Comissão Central, que deveria gerir (coletivamente) a Doutrina. E, em nome de uma transição descentralizada, ela passou a incorporar aquela mesma postura de trabalho frenético do marido, se sobrecarregando, centralizando tarefas e comprometendo sua saúde.

Tudo indica que, ao assumir o patrimônio espírita deixado pelo esposo, a viúva “passou a chave” no comando do Espiritismo francês. Em lugar de um chefe único, ela estava ciente de que a direção da Doutrina deveria ser entregue a uma comissão ou conselho superior permanente, cuja

organização e atributos seriam definidos de maneira a nada deixar ao arbítrio, exatamente como rezava o texto da Constituição Transitória do Espiritismo.

Naturalmente, o resguardo do comando, diante do aparecimento sorrateiro de um “chefe espírita”, se justificava pela constatação de um passado repleto de discórdias e desunião, que fez Allan Kardec se afastar da Sociedade nos últimos anos de sua vida. Vale lembrar os amargos episódios de 1867 – aquela angústia que viveu o mestre quando declarou a traição da qual fora vítima, provinda dos próprios membros da Sociedade nos quais ele sempre depositou toda sua confiança. Ao atarraxar o comando, ela pode ter rememorado as cenas de seu amado companheiro, inquieto, à frente das ingratidões sofridas, das contínuas intrigas urdidas contra ele, dos que se declaravam a seu favor mas que, pelas costas, o golpearam traiçoeiramente. Portanto, aquela rigidez inicial da *femme forte*, a que plainava no ar da recente Sociedade Anônima, tinha uma explicação justificável.

E além de comparecer às reuniões de praxe todos os anos, sempre em 1º de novembro, Amélie presidia também a belíssima sessão de comemoração do Dia dos Mortos. Nessas ocasiões, vários oradores davam provas, em suas preleções, sobre o significado da morte à luz do Espiritismo. Na segunda parte, o encontro anual se transformava em uma sessão mediúnica, e a viúva fazia questão de estar ao lado dos medianeiros, que retribuía seu carinho com expressivas comunicações espirituais.

Mas havia, nitidamente, um racha de opiniões entre os adeptos da nova Sociedade Anônima, criada pela viúva, e os da Sociedade Parisiense, idealizada por Kardec. Muitos sócios estavam acostumados a enxergar, por meio das balizas do mestre, um Espiritismo sempre fundamentado pelo estudo desinteressado, como vinham defendendo até então. E como a viúva Kardec passou a estabelecer um caráter comercial à Sociedade, todos protestavam contra o que passaram a chamar de “incongruência descabida”.

Agora o herdeiro do patrimônio espírita mais importante do mundo era uma mulher, ainda por cima inteligentíssima, que enxergava muito diferente daquelas dezenas de homens. Em verdade, nunca surgira, até então, uma mulher – respeitosa e ousada – entre eles. A SPEE sempre fora gerida pelo sexo masculino.

É certo dizer que a viúva Allan Kardec não teve a devida consideração por parte desses confrades, principalmente num momento de contrariedades entre membros sincretistas. Como uma ativa mulher do século 19, ainda

carregado de atavismos machistas, ela merecia maior respeito, frente à sua personalidade empreendedora que se destacava naquela sociedade burguesa.

De fato, os tempos eram outros após a morte de Kardec. Os jornais parisienses alardeavam a iminência de uma guerra em Paris. E se a procura pelo conhecimento espírita aumentava consideravelmente, as estratégias de ação deveriam mudar. Era a opinião da *femme forte* do Espiritismo.

No último ano de sua vida, mestre Kardec pediu uma *brevet de libraire* (autorização de livreiro), que tornou possível fiscalizar a publicação e a distribuição de seus escritos pessoalmente. A viúva recebeu, então, no lugar do marido, essa mesma autorização para o controle operacional e comercial dos livros herdados – que se revelaram extraordinariamente populares a partir de 1869.

Senhor Malet acabou sendo eleito o presidente da *Sociedade Anônima*. No entanto, na prática, o comando era da viúva, como muitos apontaram à época. E a manutenção da autenticidade doutrinária, defendida pelo marido Kardec, não afinava mais com os novos planos arquitetados para o futuro do Espiritismo. Choques ideológicos se formavam à surdina! De um lado: um grupo forte de homens idealistas, republicanos, livres-pensadores e sincretistas que disputavam poder e palanque. Do outro, só, uma mulher artista.

Para acalmar os ânimos, o jornal *Le Progrès Spirite*, da Federação Espírita Universal, publicou a primeira declaração do espírito Allan Kardec aos seus discípulos fiéis na Terra. A data do surgimento da mensagem, que já era aguardada: 31 de março de 1870 – no primeiro aniversário de desencarne do mestre, coincidentemente a mesma data da inauguração do novo monumento imperecível em sua homenagem. Ecoará, do astral o suposto mestre:

Meus amigos [...] Eu vi o Zoroastro, o Manu, o Krishina passarem diante dos meus olhos deslumbrados, e cada um deles me mostrou a pedra simbólica no registro característico, prova irrefutável de sua existência e de seu trabalho. [...] Sim, eu disse, e repito aqui porque é minha convicção sob a lápide, não há nada que paira pela decomposição da matéria, o espírito não está lá! Ele continua seu trabalho no espaço, e quase nunca é tocado pelas honras terrenas, caso seja alto na hierarquia de inteligências.

Essa “pedra simbólica” traz uma relação direta com o fato de ele ter sido, numa encarnação passada, o sacerdote celta (druida) Allan Kardec, que viveu na região da Armórica, na Gália.

A viúva, ainda em março, decidiu transferir os despojos mortais do marido para o *Père-Lachaise* – o famoso cemitério em que estão sepultados Chopin, Balzac e outras personalidades famosas de Paris. A simplicidade do túmulo anterior se perdeu, dando lugar a um megamausoléu, um *dólmen* druida – com essa “pedra simbólica” citada pelo espírito Kardec.

E para homenagear o companheiro de longa data, a viúva Amélie convidou o premiado artista Charles-Romain Capellaro para que esculpisse o busto de bronze do marido, que foi fixado no interior da construção composta por grossos blocos de granito empilhados. Na face dianteira do pedestal que sustentava esse busto foi talhada uma das frases que o professor Rivail costumava citar a seus alunos e que depois passou a estampar algumas capas de seus livros espíritas: “Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa corresponde à grandeza de seu efeito”. No alto da pedra horizontal, na borda frontal do granito, a inscrição simbólica já conhecida: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar. Tal é a lei”.

Não foi a primeira, nem a última vez, que a viúva Kardec contrataria um artista renomado para cuidar da imagem póstuma de Allan Kardec. A *Revista Espírita* publicará uma nota intitulada “Retratos de Allan Kardec”, explicando que a Sociedade Anônima havia contratado um artista, o sr. Saint-Edme, para realizar a pintura do mestre a partir de uma fotografia sua, já que os negativos das antigas fotos que a SPEE guardava haviam se desgastado. Senhor Edme, além de pintor, era retratista famoso, ostentando trabalhos caros de fotografia artística. Dono de vários ateliês fotográficos em Paris, Edme atendia à *rue de Flange*, nº 123.

O retrato a óleo de Kardec, depois de pronto, foi convertido numa fotografia no ateliê desse cogitado artista. Em seguida, viúva Kardec a revendeu, por meio de centenas de cópias, com valores e formatos específicos, que foram anunciados na *Revista*. Eis os três primeiros *souvenirs* kardecistas de que se tem notícia no Espiritismo francês:

- *Retrato-cartão*: 1 franco; com fundo dégradé: 1,25 franco - tamanho: 8 cm;

- *Retrato-álbum*: 2 francos; com fundo dégradé: 2 francos - tamanho: 14 cm;
- *Retrato grande* de 25 cm: 5 francos.

Mas as cópias dessa fotografia matriz de Kardec e a popularidade do recém-inaugurado túmulo do fundador da Doutrina dos Espíritos, no famoso cemitério do padre Lachaise, foram deixadas de lado por um bom tempo, tudo porque uma nova “revolução” estava vindo à tona.

O garoto de Kardec

Em 1871, eclodia a Comuna de Paris – uma insurreição popular contra a Segunda República Francesa –, grupo de rebeldes que formou o primeiro governo [operário](#) da história do mundo. Adotando uma política reacionária e de caráter socialista, a Comuna instituiu várias reformas importantes: extinção dos descontos em salários, derrubada do alistamento militar obrigatório, legalização dos sindicatos, igualdade entre os sexos, casamento gratuito e simplificado, a volta do complicado calendário revolucionário, abolição da pena de morte, separação entre Estado e Igreja, educação gratuita, secular e compulsória, duplicação dos salários dos professores, direito aos artistas de passarem a gerir teatros e editoras, entre outras reformas necessárias à pátria francesa, como projetavam os insurgentes.

A reação do Governo foi rápida, mas uma estratégia desastrosa trouxe grande derramamento de sangue. Estima-se que 20 mil *communards* foram esmagados pelas forças do militar Thiers – o político elevado à chefia do Gabinete Conservador. Ao todo, incluindo as baixas militares, 80 mil parisienses foram massacrados, sendo 40 mil destes presos, torturados e mortos sem qualquer comprovação de que foram, de fato, membros da Comuna de Paris. Em verdade, tais assassinatos só pararam por receio da parte dos governantes de que a quantidade imensa de cadáveres pudesse causar uma [epidemia](#) de doenças em toda a França, atingindo a classe burguesa.

De fato, a Guerra Franco-prussiana, que desencadeou a Comuna, trouxe ruína ao Segundo Império Francês de Napoleão III. Derrotado e capturado pelo exército dos prussianos, o famoso imperador, de família nepotista, foi deposto do país, levado para uma prisão na Alemanha, para depois morrer, em 9 de janeiro de 1873, no exílio da Inglaterra. Assim, debaixo de muito sangue e violência gratuita, proclamou-se a Terceira República Francesa.

Enquanto isso, o médium Pierre-Gaëtan Leymarie – fiel discípulo dos Kardec havia décadas – enfrentava grandes dificuldades financeiras em decorrência do quebra-quebra ocasionado pela Revolução de 1871. De acordo com o livro *La fin du monde des esprits – le spiritisme devant la raison et la science*, escrito pelo dr. Philip Davis, Leymarie, “como alfaiate

afeito às tesouras e agulhas, manteve suas alfaiatarias a duras penas em Paris, primeiro à rue de Provence, nº 9, depois à *rue Vivienne*, nº 53”.

E com o cerco da Comuna, o alfaiate republicano teve que se refugiar com a família em Oise, na aldeia de Pimprez, a 137 quilômetros de Paris, local em que se manteve protegido por amigos republicanos. Mais tarde, o espírita Paul Puvis declarou na *Revista Espírita* de 1901, que o envolvimento de Leymarie com a Revolução de 1871 foi muito maior do que se pensava à época, e que as atividades espiritistas da Sociedade Anônima foram, de fato, interrompidas durante todo o período de duração da guerra. E o republicano Puvis reportará o seguinte:

Durante o terrível ano, Leymarie havia interrompido suas ocupações espíritas na *Sociedade*. Mas depois ele regressou a Paris, vindo do departamento de l’Oise, onde lá tomou parte ativa e ardente na luta em favor da República. Foi que, neste momento, nós lhe pedimos que retomasse os trabalhos realizados por Allan Kardec.

Casado há décadas com Madame Marina Leymarie, ele teve quatro filhos, sendo que dois desses desencarnaram. Com seus pais muito idosos e doentes numa época tumultuada pela Comuna, o velho discípulo de Kardec, chacoteado pelo dr. Davis, em seu livro, como um “comerciante deplorável, incapaz de suportar o seu negócio”, fora declarado falido por um passivo de mais de 35 mil francos. Posteriormente, um acordo foi feito com seus credores para que essa grande dívida fosse quitada em vinte vezes, durante longos anos.

Ao constatar que sua antiga casa de comércio no ramo da alfaiataria havia fechado as portas de vez, a viúva Kardec – sensível à situação difícil da família Leymarie no pós-guerra – cedeu um de seus imóveis para ele, esposa e filhos morarem de graça, depois de seu retorno a Paris. O elegeu, ainda, como mandatário (representante) e administrador de seus negócios, fazendo com que ele assumisse a posição tão almejada de redator-chefe e diretor da *Revista Espírita*, além de lhe outorgar poderes para gerir a Livraria Espírita.

Viúva Amélie deixou bem claro que ser mandatário ou redator-chefe não significava ser “chefe do Espiritismo”, e que sua boa ação ao acolhê-lo não se tratava de trabalho voluntário ou caritativo. Sua remuneração foi de 3 mil francos por ano, 250 francos ao mês. No entanto, como um

comerciante nato, Leymarie solicitou pagamento de um adicional de 10% sobre as publicações espíritas que conseguisse vender e popularizar. Eram votos de confiança pelo apoio que o médium, que foi amicíssimo de Allan Kardec, vinha demonstrando à viúva, principalmente devido ao seu poder de convencer os dissidentes, membros da Sociedade Anônima, a desistirem de suas investidas contra as ideias da esposa do mestre.

Todos sabiam, à época, que Leymarie fora um dos medianeiros mais influentes da antiga SPEE. Em 1858, ao ter contato com *O livro dos espíritos*, modificou-se para sempre. De repente, aquela vida republicana, materialista, que levava como alfaiate parisiense pareceu-lhe repulsiva e estúpida. Tornou-se espírita! E como frequentador assíduo da Sociedade, lá pousando todas as sextas-feiras, ultrapassou a mera figura de membro societário para se transformar num verdadeiro confidente da família Kardec. Teve publicado, na *Revista*, sob a confiança do casal, diversas “Conversas de além-túmulo”, como ficaram intituladas as comunicações que mediou na SPEE como médium experiente.

Em 1864, Leymarie recebeu uma comunicação mediúnica inusitada, a de um espírito que fora em vida célebre inventor, gravador e gráfico alemão e que deixava de presente ao medianeiro extensa mensagem que começava assim: “Foi no décimo-quinto século que se deu a invenção da imprensa...”. Ao término da psicografia, o espírito assinou Johannes Gutenberg. O médium Leymarie declarava, em público, ser aquele o espírito inventor dos tipos móveis para impressão – o homem que revolucionou a imprensa com a descoberta mais importante do período moderno. Por meio do medianeiro alfaiate, o suposto espírito Gutenberg tituló a mensagem como *Imprensa*, deixando sua estilosa assinatura no fim da psicografia.

Em 20 de outubro de 1865, Leymarie recebeu, também na SPEE., outra comunicação, dessa vez do suposto espírito Étienne Baluze – aquele que fora editor e historiador no século 18. A inesperada mensagem, publicada com respeito na *Revista Espírita* daquele ano, trazia a audaciosa designação “O estado social da mulher” e se iniciava relatando as vivências de Baluze com o universo feminino:

Na época em que eu vivia entre vós, meus amigos, me era frequente chegar a fazer sérias reflexões sobre a sorte das mulheres. Cada noite, antes do sono, eu orava por essas pobres irmãs tão infelizes e

menosprezadas, implorando a Deus por dias melhores, e pedindo às ideias um meio qualquer de fazer progredir “essas desclassificadas”.

Para o republicano Pierre-Gaëtan Leymarie, uma coisa era receber psicografias com temáticas sobre “essas desclassificadas”, outra era ser comandado por uma de verdade, diariamente, como vinha acontecendo com a viúva Kardec à frente da Sociedade Anônima. Apesar de estar casado com uma grande mulher e companheira e ter preservado suas ideias de libertação e igualdade sociais em favor do sexo feminino, Leymarie foi criado como todos os outros homens de sua geração, por meio da velha cartilha masculina que ensinava que o homem devia ser sempre o provedor, e a mulher, a servidora, a dona de casa predestinada eternamente a cuidar dos filhos e do marido.

Tendo uma artista – viúva Allan Kardec – à frente do legado espírita deixado pelo marido, Leymarie enfrentava o grande desafio de ter de responder, executar ordens e concordar com os comandos diários de uma lúcida senhora de 76 anos de idade que, na opinião machista da época, devia estar em casa fazendo brioques, ou num asilo ao redor de uma lareira apagada tomando sopa com um babador, a fim de se preparar para a morte que se aproximava.

Em 1871, por influência persuasiva de Leymarie, alguns divergentes espíritas da Sociedade Anônima concordaram com uma trégua, o que fez com que ele obtivesse uma confiança adicional da parte da viúva, a ponto de ela passar a vê-lo como um possível “sucessor do marido”. Exageros à parte, de fato, sua capacidade magnética de liderança, frente às conciliações entre grupos de oposição, mostrou-se muito eficiente, o que passou a moldar sua visão sobre o futuro do Espiritismo. Mas seu perfil de chefia quase sempre vinha acompanhado de alguns dissabores. Para termos uma ideia dos desentendimentos acalorados que ocorriam entre Leymarie, a viúva e o *Comitê*, vejamos o que escreveram em sua nota de falecimento, publicada pela então *Revue des Études Psychiques*, em maio de 1901:

Em 10 de abril passado morreu, em Paris, Pierre-Gaëtan Leymarie, um dos homens mais importantes do Espiritismo Kardecista. Pode-se mesmo dizer que, em alguns aspectos, ele foi o garoto de Allan Kardec, depois o seu sucessor e chefe do Espiritismo.

[...] Senhor Leymarie, não se manteve inerte aos inconvenientes para a manutenção das boas relações entre os seguidores de Allan Kardec. Ele foi a fonte de muita discórdia interna e, finalmente, de cismas retumbantes que ocorreram no seio da *Sociedade Espírita* fundada por Allan Kardec.

Nos anos de chumbo da Comuna, alguns espíritas parisienses – os que se envolveram em movimentos republicanos ou socialistas – continuavam defendendo as reformas sociais e políticas de seu país, a fim de regenerar a sociedade como um todo. Não tardou para que a *Revista Espírita* também fizesse sua parte, assumindo um perfil editorial mais eclético, com a publicação de artigos que defendiam temas genuinamente sociais, transitando, por exemplo, desde a *Liga dos Direitos das Mulheres* a uma associação sem fins lucrativos para ajudar prisioneiras.

A reforma social francesa, aquela sonhada no início da década de 1870, esteve intimamente ligada ao conceito de reencarnação e ao pensamento religioso. E o que poucos enxergavam à época é que Leymarie vinha compreendendo a Doutrina da reencarnação como um meio para defender um mundo mais justo e melhor. Todavia, seu ideal pelo social desencadeou uma busca megalomaniaca pela fraternidade universal – monoideia que abriu precedentes à aproximação de sincretismos religiosos, ou seja, à fusão de diferentes cultos místicos ou secretos na Filosofia Espírita.

O velho preceito da coerência doutrinária, que visava à preservação da autenticidade espírita e que era defendido bravamente pelos Kardec, se tornava bastante enfraquecido em fins de 1871. Em quase todos os países em que o Espiritismo sobrevivia, os espíritas passaram a utilizar suas reuniões mediúnicas como meio para discutir não só o progresso da alma, mas também o progresso social de suas nações.

Eis que em 18 de outubro de 1873, a Assembleia Geral Anual concordou com a decisão de substituir o polêmico nome Sociedade Anônima – criação da viúva Kardec – pelo extenso *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, anônima e capital variável*. Com a nova recriação, sugerida novamente por Amélie, a ela própria deixava claro que tudo deveria convergir para a “divulgação, propagação e continuação” das obras espíritas do marido.

Todas as sextas-feiras, a viúva Kardec encontrava-se na sede dessa nova Sociedade para opinar e participar das reuniões, a fim de defender também, entre as várias propostas, dois principais objetivos aos quais ela imaginava que se devia propor a associação comercial:

1º – difundir a instrução moral e intelectual da Filosofia Espírita em todas as partes do mundo, mas preferencialmente entre os adeptos de baixa renda ou as pessoas de condição social miserável;

2º – popularizar as cinco obras fundamentais de Allan Kardec, por meio de um compromisso assumido entre os societários, no sentido da promoção de preços mais acessíveis e módicos, em que até um morador de rua conseguisse comprar os livros espíritas de seu amado marido.

Eram duas projeções iniciais bastante ousadas para uma época de pós-guerra, em que o Espiritismo era relegado a último plano. Tais objetivos foram considerados um tanto quanto utópicos na visão de alguns membros (mais pessimistas) daquela Sociedade reconfigurada. De fato, colocar os cinco livros de Kardec “ao alcance de todos os bolsos” era um antigo projeto do casal Kardec. Seria possível a realização desse sonho? Veremos.

E algum sócio, partidário da viúva Kardec, talvez empolgado ao constatar sua força de liderança e inteligência femininas, havia incrivelmente sugerido, em plena assembleia, que a Sociedade fosse rebatizada com o audacioso título Madame Allan Kardec, o que imediatamente causou protestos, inclusive da própria Amélie.

Apesar dessas turbulências, que patinavam entre transformações e revoluções, parcerias e dissidências, revoltas e calmarias, submissões e generosidades, sexo masculino contra sexo feminino, os comandos da viúva e artista Allan Kardec seguiram respeitados por alguns anos, até o fim da complacência do chefe do Espiritismo, ou melhor, do garoto de Kardec.

Fotografias dos espíritos

A Doutrina dos Espíritos não era mais a mesma depois do desencarne de Allan Kardec, muito menos após a desastrosa Comuna de Paris de 1871. O exemplo mais prático disso tudo podia ser constatado pelo atual número de assinantes da *Revista Espírita*. Antes desse brutal massacre, eram cerca de 1.100 assinantes; após o triste jorrar de sangue pelas ruas parisienses, boa parte do trabalho de manutenção dessas assinaturas, e do envio regular dos periódicos espiritistas, decaiu significativamente, causando o desligamento maciço dos assinantes da *Revue Spirite*. Se não havia dinheiro para se alimentar no dia a dia, pagar a assinatura de um periódico espírita, mesmo que fosse de baixo valor, seria uma ostentação descabida. Comprar um livro espírita então, um luxo burguês fora de cogitação.

Diante da grande crise social, que não dava espaço para se pensar em Espiritismo, o velho republicano Pierre-Gaëtan Leymarie elaborou um plano emergencial para reerguer as contas financeiras da Sociedade, a fim de colocá-la em evidência como nos anos anteriores. Concluiu que a melhor maneira de propagar os ensinamentos espíritas pós-revolução era desviar as atenções do aspecto filosófico da Doutrina, aspecto esse que vinha sendo preservado por Allan Kardec há décadas, desde a publicação de *O livro dos espíritos*. Em vez de se continuar reverenciando a Filosofia Espírita como consequência moral entre vivos e mortos, o foco deveria se deslocar, segundo Leymarie, às aplicações científicas dos fenômenos espetaculares de efeitos físicos, que já ocorriam desenfreados pelas diversas sessões espíritas do país, como também fora dele. A configuração original do Espiritismo como Filosofia Espírita – lameada agora pela miséria urbana que clamava por reformas políticas e sociais – não tinha mais seu espaço garantido naquela sociedade parisiense transfigurada, principalmente por conta de um pós-guerra que deixava, como herança geral, uma França falida e faminta.

Em janeiro de 1870, a *Revista Espírita*, pelas mãos de seu editor-chefe Leymarie, anunciou que não bastava mais provar, por teorias, a autenticidade dos fenômenos nas sessões espíritas. A tarefa agora, segundo a fala dele, era a de “estabelecer a realidade objetiva da intervenção dos espíritos”, ou melhor, resgatar os fenômenos espirituais na prática. Como

visto, essa postura na direção dos efeitos físicos sobrenaturais ia em sentido contrário aos antigos ideais de Allan Kardec, que chegou a comunicar seu desligamento da SPEE caso tal linha de pensamento prevalecesse entre os membros. Para o mestre, a sessão espírita devia ser uma autêntica assembleia de estudos, de orientação moral e de discussão da Filosofia Espírita, e jamais um plenário para a propaganda de efeitos físicos provindos dos fenômenos espirituais. Ainda encarnado, Kardec dizia que o período da especulação fenomenológica estava ultrapassado desde a década de 1850, principalmente depois do advento das mesas girantes como exemplificação da realidade espiritual. Retomá-lo, no futuro, seria um retrocesso inadmissível.

Ainda em 1870, Leymarie constatou que a fotografia espírita podia ser uma vitrine ideal para colocar em prática seu novo projeto fenomenológico. Acreditava que a divulgação da Doutrina Espírita seguiria de maneira direta e muito mais expansiva, como nunca antes havia acontecido ao se falar em publicidade espírita. E as fotografias dos espíritos, ao lado das pessoas retratadas, ofereciam uma resposta irrefutável às questões de prova e de método científicos que os pesquisadores psíquicos sempre levantavam ao criticar a possível existência dos espíritos, como também a suposta realidade de um plano extrafísico. Afinal, nada parecia mais autêntico para Leymarie do que uma imagem espiritual captada através da lente de uma câmera. A escrita automática, a telecinesia, a levitação, tudo isso poderia ser atribuído aos poderes mentais e magnéticos dos próprios médiuns, sempre num contexto anímico. Contudo, pensou ele, mais do que ninguém, que aquelas supostas fotografias de fantasmas, em que muitas vezes os fotografados identificavam seus entes queridos falecidos, eram provas incontestáveis da sobrevivência após a morte daqueles que habitaram a Terra.

Em contrapartida, desde o surgimento das fotografias de espíritos nos Estados Unidos e na Inglaterra, Allan Kardec já vinha alertando, seja por meio da *Revista Espírita* de 1863, seja pessoalmente aos confrades mais íntimos, para que todos os espíritas franceses acolhessem o assunto com “prudente reserva”. Disse o mestre, ainda, ora vislumbrado, ora consciencioso: “Semelhante descoberta, se for real, terá, seguramente, imensas consequências, e seria um dos fatos de manifestação mais notáveis”. Kardec bem se expressou: “se for real”. No entanto, serem reais

foi justamente no que Leymarie acreditou no decorrer da década de 1870 sobre as tais fotografias dos espíritos.

Mas, afinal, como distinguir, com coerência, a fotografia dos mortos da realidade dos vivos? Como controlar a ansiedade e acertar a dose do bom senso diante de uma prova dessa magnitude? As respostas para essas perguntas tiveram um preço tão amargo e dolorido quanto carregar uma bola de ferro presa em um dos calcanhares dentro de uma prisão celular. Foi preciso pagar (atrás das grades) para ver esse resultado desastroso.

Para alimentar tal idealização, Leymarie passou, inicialmente, a importar as fotografias dos espíritos dos Estados Unidos, a fim de atender às inúmeras solicitações dos assinantes da *Revue*, sedentos por curiosidades transcendentais. Obtidas pelo americano William Mumler, tais originais passaram a ser vendidos em Paris ao preço de 1 franco e 25 centimos. Considerando caros demais, Leymarie teve então a ideia de reproduzi-los no próprio país, procurando, assim, um fotógrafo chamado Saint-Edme, que as copiava sem intenção alguma de ocultar suas origens, já que imprimia em seus versos a expressão *Reproduction de photographies américaines*. Essas cópias passaram a ser vendidas a 75 centimos, e esse arranjo comercial entre importação americana e distribuição francesa perdurou até novembro de 1873.

Certa ocasião, um senhor de sobrenome Véron disse a Leymarie que existia, em terras parisienses, um fotógrafo de 34 anos chamado Édouard Buguet que estava conseguindo maravilhosos resultados com sua poderosa mediunidade. Rapidamente, em dezembro, os dois foram investigá-lo, tendo ao lado Camille Flammarion, um dos maiores e mais respeitados técnicos em fotografia de Paris, que nada encontrou de fraudulento que pudesse desqualificar o fotógrafo e médium Buguet.

Depois de muita conversa persuasiva, Leymarie convenceu a viúva Kardec e os membros do Comitê de Leitura de que a *Revista Espírita* poderia ser um ótimo veículo à divulgação de uma série de artigos sobre as fotografias de espíritos. E a publicação dessas matérias na *Revue Spirite* seria potencializada, de acordo com o “plano de marketing” de Leymarie, por um acompanhamento surpresa: as fotos dos mortos ao lado dos vivos foram coladas manualmente dentro de retângulos verticais, especialmente assinaladas nesses artigos. Assim, 1.500 exemplares da *Revista*, o estimado periódico lançado por Allan Kardec em 1858, receberam, em seu interior, pela primeira vez na história da Doutrina, fotografias encartadas.

Todavia, Leymarie, ao lado da viúva convencida, só enxergava naquele gesto vigoroso uma inédita fórmula fotográfica, sucesso editorial certo à divulgação do Espiritismo, que deveria tomar novos rumos a partir daquela empreitada em prol dos fenômenos espirituais.

Convencido, Leymarie publicou na edição de janeiro de 1874, sob o título “*La Photographie Spirite à Paris*”, um artigo com trechos elogiosos ao novo amigo e fotógrafo Buguet. Num desses, assim o enaltecia: “um artista sem pretensões, ameno, e que aprecia muito bem sua faculdade pelo que ela é, ou seja, um ato puro e simples de mediunidade”.

Anos antes, esse mesmo fotógrafo, ao lado de um magnetizador americano chamado Alfred Firman, à época seu jovem assistente de estúdio, foi persuadido por Scipio, um ator comediante que se apresentava, com seu grande nariz de palhaço, no *Théâtre de la Gaîté* (Teatro da Alegria), em Paris. Frequentemente fotografado por Buguet com trajes dos diferentes papéis que encenava, o artista Scipio havia mostrado para a dupla algumas fotografias americanas de silhuetas espectrais, supostamente de espíritos. Encorajado pelo amigo comediante, e pelo sucesso dos fotógrafos espiritualistas americanos, Buguet decidiu mover seu negócio para o campo extrafísico. Inicialmente, teve seu estúdio instalado na apagada *rue Saint-André-des-Artes*. Como as notícias de seus feitos espectrais correram Paris, ele rapidamente remontou novo estúdio num endereço mais caro, no nº 5 da *boulevard Montmartre* – uma das quatro avenidas mais importantes da cidade, reduto badalado dos artistas da década de 1870.

Leymarie, como um verdadeiro parceiro, comparecia regularmente ao estúdio de Buguet, passando a inspecionar de perto todos os experimentos espectrais. Centenas de familiares saudosos e enlutados, todos ansiosos para obter uma nova chance ao lado de seus entes queridos desencarnados, passaram a recorrer à câmera mágica de Buguet, aos fluidos magnéticos de Firman e à retaguarda do espírita Leymarie, o respeitável diretor da *Revista*. Como a fama crescia, a dupla Buguet-Firman passou a cobrar 20 francos por cada chapa que revelasse um parente morto.

Leymarie, ao contrário do que projetou no início da parceria, concordou com esse robusto tarifário. Seguiu escrevendo seus artigos sobre o mais novo e autêntico fenômeno transcendental francês: a fotografia dos espíritos. Essas matérias foram publicadas na *Revista Espírita* quase sempre sob o pretencioso título “*Une photographie spirite*”.

Tudo corria na direção do sucesso. O Espiritismo à maneira leymarista, agora sob o pretexto científico de fotografia dos espíritos, levantava a bandeira de Buguet, assim como a de Firman, por meio de publicações reveladoras na *Revista*. E a dupla de fotógrafos, por sua vez, “popularizava” a Doutrina-Luz com a produção do chamariz fenomenológico que, conseqüentemente, ajudava a trazer para o estúdio mais e mais clientes esperançosos e endinheirados, na maioria das vezes burgueses esclarecidos e respeitados da sociedade parisiense, como coronéis, capitães, médicos, químicos, condessas, condes, príncipes, duques e até artistas como Gaillard – um importante cantor de ópera à época.

Tema central da *Revista Espírita* de maio de 1874, Leymarie escreveu novo artigo caloroso sobre a foto espectral de Gaillard, afirmando que após três sessões já haviam assimilado, ao seu lado, a presença do suposto espírito Gourdin, que fora artista de *l’Opéra-comique*, fundada pelo Teatro Nacional da Ópera Cômica, uma tradicional casa de óperas em Paris.

Não obstante, já no início do mesmo ano, a popularidade da suposta aparição de espíritos em fotografias vinha prejudicando a dupla. Buguet e seu auxiliar Firman se declaravam médiuns, sensitivos e espiritualistas, mas não espíritas. Ao que se sabe hoje, eles pouco se interessaram pelo correto ensinamento do Espiritismo. É certo pensar que a dupla focou as lentes de suas câmeras nos altos ganhos comerciais, disparados por cliques capitalistas que revelavam ovos de ouro em formato de espíritos.

Na época, corria o boato de que, antes de fotografar qualquer cliente, eles aplicavam um questionário com várias perguntas, muitas delas suspeitíssimas, como a altura, a idade e a cor dos olhos e dos cabelos do desencarnado quando vivo. Muita gente dizia reconhecer os entes desencarnados ao seu lado após a revelação dos filmes, mas nem sempre isso acontecia. Para se prevenir, Buguet fez questão de divulgar, em seu folheto de propaganda, que não garantia semelhanças físicas entre mortos e vivos retratados, atitude esperta que fez com que a maioria dos clientes não tivesse argumento para reclamar de algo posteriormente.

Além de exigir de seus clientes que não fizessem questionamento algum, obrigando-os a permanecer num silêncio religioso durante as sessões, “para que o fluido molecular usado na materialização dos espíritos não fosse corrompido”, como dizia o ríspido Buguet, ele também esclarecia que qualquer explicação espiritual necessária seria fornecida pelo escritório da *Revista Espírita*, em nome de Leymarie, à *rue de Lille*, nº7. Essa

estratégia de Buguet acionou uma verdadeira bomba-relógio em cima da confiabilidade da Sociedade e, conseqüentemente, do Espiritismo mundial.

No final das contas, a explosão do baixo caráter que corria por trás dessa aventura fotoespectral atingiu a reputação da enlutada viúva Amélie, já que ela era a herdeira responsável pelo legado kardecista e protetora primeira da imagem da Filosofia Espírita.

Certa ocasião, um merceeiro que desejava rever, pelas fotografias dos espíritos, sua esposa recentemente falecida pagou 20 francos adiantados à dupla Buguet-Firman para ter, como resultado, a imagem indesejada de um soldado com uma mão suspeita em seu ombro. Falhas grosseiras como essas se repetiam frequentemente no estúdio de Buguet. Uma nova cliente endinheirada, após ver seu retrato revelado no estúdio, declarou ao fotógrafo médium que o espírito ao seu lado não correspondia com nenhum de seus parentes falecidos. Essa senhora, desapontadíssima, exigiu seus 100 francos de volta, pagos por cinco peças astrais. Outro cliente rico, entusiasmado para ter toda sua árvore genealógica revelada pelas lentes de Buguet, pagou 4 mil francos por um chumaço de fotografias de antepassados. O curioso homem chegou ao absurdo de contratar um músico, a fim de facilitar as evocações de seus entes desencarnados no estúdio de Buguet. Semanas depois, ao ver espectros de estranhos borrados no papel fotográfico e suspeitando daqueles seres que ali surgiram ao seu lado, rapidamente foi pedir ajuda a familiares para identificar os rostos dos supostos mortos. Como ninguém de sua família constatou parente algum naquelas dúzias de fotos, esse também passou a exigir seu dinheiro de volta.

Por fim, muitos clientes que partiam logo retornavam reclamando seus pagamentos de volta. E os que voltavam, desconfiados, desejavam sair do estúdio para chamar a polícia.

Retratos de Amélie

Faltava ainda, a Buguet e Firman, a honra de receber uma autêntica espírita, que fora a companheira fiel do mestre da Doutrina dos Espíritos: a viúva Allan Kardec.

Em janeiro de 1874, aos 78 anos de idade, lúcida e muito ativa, a viúva Amélie decidiu adentrar o polêmico estúdio para verificar com seus próprios olhos, sem óculos e repletos de saúde, os supostos feitos de Buguet, tão insistentemente narrados por Leymarie, seja pessoalmente ou por meio da *Revue*. Se tivesse merecimento, estava desejosa para constatar, ao seu lado, o espectro do seu saudoso pai Julien Louis Boudet, o extabelião de Château du Loir. Não obstante, após a revelação da primeira chapa, o que ela viu foi o decepcionante retrato de um “homem velho, completamente desconhecido e estranho a ela”, como especulou um jornal parisiense à época.

Decepções à parte, a segunda visita da viúva Kardec ao estúdio de Buguet se deu quatro meses depois do primeiro fracasso fotográfico. E, ao contrário daquela saúde de ferro que a professora esbanjava, o médium fotógrafo Buguet estava muito adoentado e andava com dificuldades se apoiando em duas bengalas. Após cumprimentar a esposa do fundador do Espiritismo, Buguet, gemendo e mancando, sentou-se numa cadeira e lá ficou prostrado, dando lugar a um de seus empregados, Ernest Van Herzeele, um técnico químico de 44 anos de idade acostumado com as revelações fotográficas de laboratório.

Mais cética que anteriormente, dessa vez a viúva Kardec não quis conversar com ninguém, e rapidamente postou-se à sessão, em pleno silêncio. Após a revelação da placa, quem pousou ao seu lado foi o espectro do fundador da Doutrina dos Espíritos – o suposto Allan Kardec –, que trazia curiosamente às mãos, cobrindo o seu peito, um cartaz de cartolina com os seguintes dizeres obtidos por meio de escrita direta, segundo jurou Buguet:

Querida esposa, vigiai o nosso médium Buguet: falsos espíritas o embaraçam nesse momento... Apenas ele é verdadeiro e, sobretudo, ele

que fará com que a nossa Doutrina prospere... Leymarie deve ajudá-lo. Estou com vocês. Coragem e adeus. **Allan Kardec.**

A quase octogenária senhora, cercada de respeito por onde passava, deixou registrada sua impressão sobre o que presenciou no disputado estúdio do “nosso médium Buguet”, tornando público, na *Revista* de junho de 1874, o seguinte depoimento:

Declaro que, terça-feira, 12 de maio de 1874, fui à casa do sr. Buguet em companhia da senhora Bosc e do sr. Leymarie, e que a ninguém revelei quem eu desejava evocar. O sr. Buguet, a despeito de estar doente, concordou em comparecer apoiado em duas bengalas, à sala das tomadas fotográficas. Estendido sobre uma cadeira, ele sofria atrozmente; os preparativos foram feitos pelo sr. Leymarie e pelo operador. Obtive, na mesma chapa, duas provas, sobre as quais, atrás de mim, meu bem-amado companheiro de trabalho, Allan Kardec, era visto nas seguintes posições: na primeira prova ele sustenta uma coroa sobre minha cabeça; na segunda, ele mostra um quadro branco, com alguns milímetros de largura, no qual estão escritas, com letras somente legíveis sob uma lente poderosa, ou microscópio, as seguintes palavras: *Obrigado, querida esposa. Obrigado, Leymarie. Coragem Buguet.*

Infelizmente, o sr. Buguet prolongou por alguns segundos a exposição, e o rosto de meu marido não aparece tão nítido como eu desejava. Agradecemos a Deus este consolo de poder obter os traços de uma pessoa amada e de obter a escrita direta... Assinado: **Madame Allan Kardec.**

Eis que surge, na história do Espiritismo, o primeiro depoimento por escrito da viúva Allan Kardec, embora fique evidente que ela resumiu o trecho (em itálico) da fala do suposto Kardec, diferente do que estava escrito na cartolina de Buguet. E as duas fotografias dela, ao lado do suposto espectro de um espírito que ela acreditou fielmente ser a imagem astral de seu amado marido, tornaram-se os únicos registros fotográficos sobreviventes da aparência de nossa querida missionária. Culpa da pilhagem dos nazistas, da própria viúva Kardec ou do descuido dos antigos espíritas à preservação de sua memória? Difícil apontar.

Mas voltando ao estúdio de Buguet, um cliente inquieto, perscrutador, se recusou a pagar por uma foto sua, na qual não conseguia identificar, de forma alguma, o espectro como sendo o de seu parente falecido. Como um míssil, aquela reclamação saiu do estúdio para tomar as ruas, atingindo os ouvidos de um fotógrafo oficial da prefeitura de Paris. Acompanhado de um agente de polícia, o profissional se dirigiu à Buguet a fim de obter uma fotografia espírita no igual direito de qualquer cliente. Entretanto, a inesperada visita, prioritariamente, se dava para investigar a fundo aquelas práticas mais que suspeitas. Depois das sessões, o funcionário público exigiu que Buguet cedesse todas as placas e demais equipamentos que utilizou para a realização daquelas fotos. Sob pressão do policial, para que Buguet atendesse ao pedido, o entendido homem decidiu que iria revelá-las num outro laboratório, isento totalmente daquele ambiente suspeito.

Contrariado e com dificuldades de locomoção, Buguet, sob a vigilância do policial, foi obrigado ainda a se arrastar ao laboratório neutro para constatar, em silêncio, todas as suas placas serem sensibilizadas por meio de banhos em produtos químicos específicos para as revelações fotográficas. E para a surpresa dos examinadores, surgiram apenas os espectros, sem a presença dos retratados – fato que era impossível de se admitir em sã consciência. Ou seja, descobriu-se uma montagem grosseira que deixava mais que subentendida a fraude da fotografia dos espíritos.

Buguet poderia ter sido vítima de um charlatão anônimo que desejava fama pelos jornais? A Igreja Católica francesa estava por trás desse complô jesuíta para atingir Buguet, a fim de arranhar a imagem do Espiritismo francês e, conseqüentemente, a reputação de todos os espíritas do mundo?

Após esse flagra, as hipóteses eram muitas. Os periódicos parisienses rapidamente publicaram, em suas capas, a suposta fraude. O nome, P.-G. Leymarie, o chefe espírita mais importante da Europa, estava estampado nos jornais; sua reputação espiritista intocável havia sido colocada em xeque. E uma das grandes verdades espíritas – a da pluralidade das existências – entrou em profunda dúvida coletiva, fritada pelo calor da opinião pública materialista, que estava em seu plantão sorrateiro. A maior fraude fotográfica do ano de 1875 estava na boca do povo! A história do heroico fotógrafo da prefeitura de Paris foi amplamente divulgada pelos jornais da época – tudo para inflar um escândalo maior no sentido de atingir a grande comunidade espírita mundial.

Imediatamente encarcerado, a imprensa francesa relatou, com escárnio habitual, que Buguet passava por um vexame tamanho ao ser desmascarado por um colega de profissão. Sob a custódia de um comissário de polícia, ele teve, ainda, que retornar ao seu estúdio, dias depois do episódio, para mostrar o que havia, de fato, no conteúdo de suas “caixas secretas”, que todos pensavam se tratar de compartimentos para armazenar seus dispositivos fotográficos. Sob o pretexto da verdade, o mistério foi revelado à sociedade parisiense: dentro das caixas havia 240 cabeças de fantoches, todas envoltas em gaze para simular espectros de espíritos.

Mas as revelações sobre os “baús de Buguet” não pararam por aí. Dezenas de traquitanas foram criadas artesanalmente pelo grupo para simular silhuetas, a fim de imitar os antepassados. Eram modelos de papelão engenhosamente articulados, com o objetivo de serem interpostos atrás dos clientes, tudo para gerar fotogramas perfeitos e distantes de qualquer suspeita.

O escândalo não tinha mais fim. A tal bomba, por fim, estourava na comunidade espiritista mundial, com respingos de fragmentos no colo da respeitável viúva Kardec. Sem o conhecimento de Buguet, os gendarmes já haviam colhido o depoimento de seus ajudantes, incluindo sua secretária, a senhorita Ménessier. Pressionados pelas autoridades policiais, os auxiliares depoentes revelaram os bastidores da operação, em que a equipe manipulava truques e artimanhas, sempre sob as ordens de Buguet.

No calor dos acontecimentos, Buguet acusou seu auxiliar Firman de manipulação às escondidas. Firman, por sua vez, reafirmou em depoimento judicial que seu chefe, ao lado de Leymarie, sabiam de toda a trama por meio das simulações. E ao que tudo indica, o próprio Leymarie, acusado de cúmplice pelos policiais, teria sido avisado antecipadamente por outro assistente de Buguet, o jovem Blot, de que as práticas das fotografias espectrais nada tinham de sobrenaturais. Segundo os escarnecedores do caso, apavorado, Buguet acabou confessando que nunca fora médium, e que ele havia mesmo cometido a grande fraude.

O escândalo produzia muito barulho, e a notícia da falcatrua já chegada a outras comunidades espíritas fora do país tricolor. Novamente, a opinião pública francesa, sugestionada por incendiárias matérias jornalísticas, pedia justiça e prisão aos embusteiros Buguet, Firman e Leymarie, tão logo os espíritas parisienses foram acusados, pela imprensa e Igreja Católica, de charlatanismo. Pierre-Gaëtan, desmoralizado diante das

graves acusações de cúmplice, deveria ser encarcerado imediatamente, tendo ao seu lado, em vez do simpático espectro de um espírito parente, o de uma pesada bola de ferro presa ao calcanhar. Foi o que, de fato, aconteceu!

Em 22 de abril de 1875, Leymarie foi conduzido à terrível prisão parisiense de Mazas, onde experimentou seu desumano regime de confinamento solitário e higienista. A título de curiosidade, Mazas foi a mesma penitenciária em que esteve encarcerado o poeta Arthur Rimbaud.

A edição de maio da *Revista Espírita* trouxe o “Aviso” de que Leymarie ficaria à disposição das autoridades na *Prison Mazas*, durante quatro semanas, e seria solto (provisoriamente) em 20 de maio. No dia 16 de junho, um processo judicial motivado pelo Ministério Público da França foi aberto contra os seguintes réus: o médium-fotógrafo Édouard Buguet, o médium de efeitos físicos Firman e o espírita Pierre-Gaëtan Leymarie – médium republicano e sucessor de Allan Kardec na gerência da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec (ex-Sociedade Anônima do Espiritismo).

Boatos, à época, alardeavam que o escândalo das fotografias espectrais havia chegado à esposa do presidente da República. Supostamente pressionado pela primeira-dama, e antes que a opinião pública cobrasse providências em protestos públicos, o ministro da Justiça desencadeou o processo de vez. Assim, na 7ª Câmara da Polícia Correccional do Sena, em Paris, sob a presidência do magistrado Millet, um antigo advogado e juiz de paz, que se mostrou crítico impiedoso dos espíritas e de Allan Kardec, se deu um extenso tribunal do júri, que entrou para a história do Espiritismo como *Le Procès des spirites*. Para a justiça francesa, o Processo dos espíritas marcou para sempre o cenário jurídico do século 19, tanto que toda a sua descrição foi publicada na íntegra, em 1887, na respeitada *Revue des grands procès contemporains*.

O temeroso juiz ordenou o comparecimento de 55 testemunhas: 27 da acusação e 28 da defesa. Doutor Lachaud, advogado de Leymarie, esclareceu que, no caso da defesa de seu famoso cliente (que adentrou o tribunal algemado), se tratava simplesmente de uma questão de boa-fé e que, para demonstrá-la em juízo, seria necessário grande número de testemunhas. Mais tarde, Gabriel Delanne deixará uma declaração de que houve, nos dias do julgamento, “mais de 140 testemunhas que afirmavam,

sob palavras de honra, haver reconhecido no estúdio de Buguet personagens mortas de suas famílias”.

O ambiente do tribunal esteve tão acalorado que dezenas de espíritas revoltosos lá compareceram, incluindo jovens mulheres burguesas que surgiram para protestar contra as acusações que recaíam sobre Leymarie, além de reclamarem também das impertinentes colocações e dos tendenciosos argumentos do condutor do *Processo*, o juiz Millet. Depoimentos de dois coronéis e de um capitão, autoridades que insistiram em negar a fraude das fotos espectrais, não produziram muito efeito prático à frente do parcial juiz.

No dia 18 de junho de 1875, a edição do Jornal *Le Temps*, sob o título de “Os tribunais”, disse que “o tribunal mantinha a primeira sala cheia de espíritas, esses, seguidores fervorosos e convictos. E as próprias testemunhas que foram enganadas pelos réus ali estavam ao lado deles para defendê-los”. Difamatório e tendencioso, o mesmo periódico *Le Temps* soltou ainda este disparate no fim de sua matéria: “O juiz ouviu a senhora Kardec que, dona de uma livraria, republica todos os livros de magia negra e necromancia de seu marido. Isso é um comércio muito triste! A mulher protestou e disse que todas as crenças espíritas são respeitáveis. Será?”.

Quando se têm cabelos brancos

Viúva Kardec foi chamada para depor, no tribunal do júri, como importante testemunha na defesa de Leymarie. Faltando apenas cinco meses para completar 80 anos de idade, ela foi extremamente desrespeitada pelo juiz Millet, e Allan Kardec, seu querido companheiro, maldosamente colocado no centro do inquérito pelo magistrado.

Seu depoimento iniciou-se com a questão de uma foto espectral específica em que o suposto espírito do mestre surge ao seu lado com um cartaz de cartolina em suas mãos fluídicas, trazendo uma suposta mensagem astral obtida por escrita direta. Como Madame Kardec insistiu ao juiz que a letra no cartaz era a do marido, na sequência, Millet mandou chamar a secretária de Buguet, a assustada senhorita Ménessier:

– Foi a senhorita que escreveu aquilo? – perguntou o magistrado.

– Sim, senhor.

– A letra é de meu marido! – insistiu a viúva Kardec.

– Madame, fui eu quem escreveu aquilo! – disse a moça.

– Isso pode ser dito, mas não prova nada! – insistiu a viúva Kardec.

– Será que, diante dessa declaração, a madame ainda acredita que Buguet fora médium?

– Como não? Há 200 cartas vindas do interior afirmando isso.

Embora o juiz continuasse acreditando que a mensagem na cartolina tratava-se de uma enganação grotesca, viúva Kardec permaneceu inabalável:

– Se fosse apenas uma pessoa, o senhor poderia ter razão. Mas quando há centenas delas que afirmam o mesmo fato, a questão é outra.

Notamos, por meio das declarações contidas no *Processo dos espíritos*, que o juiz Millet não conseguia compreender como a viúva Kardec insistia na defesa de sua convicção, ao passo que, para o magistrado, estava muito clara a grosseira mistificação provinda do médium Buguet e demais acusados. Mesmo assim, Amélie prosseguiu firme em seu depoimento, reafirmando a veracidade das fotografias espectrais e defendendo seu mandatário, o algemado Leymarie:

– A senhorita Ménessier talvez não esteja dizendo a verdade. Isso não prova coisa alguma, tanto quanto aquilo que afirma Buguet. Mesmo que ele

tenha dito o contrário da verdade, sua recepcionista pode ter feito a mesma coisa.

Juiz Millet não desistirá de conduzir o inquérito interrogando a irreduzível viúva Kardec. Com sua ironia habitual, o magistrado teceu uma pergunta capciosa, obviamente com a intenção de denegrir o espírito Allan Kardec:

– Onde foi que ele arranhou este nome?

Sem tempo para que a viúva pudesse responder, o magistrado emendou rapidamente outro questionamento, com a perspicácia de sempre:

– Conhecemos as origens dos livros do seu marido. Ele os retirou, principalmente, do *Grand Grimoire*, de 1522, de um livro intitulado *Alberti...* etc.

Consternada pela ousadia do juiz em comparar as respeitadas obras espíritistas de seu marido com um esdrúxulo manual de magia negra do século 16, a viúva deixou claro que as obras fundamentais de Allan Kardec eram o resultado genuíno de consultas a espíritos por meio de vários médiuns e de confiança. Como sabemos hoje, o mestre aplicou um rigoroso método científico à composição de seus trabalhos literários, longe de qualquer plágio descabido, como acusava o maldoso juiz. Indignada, Amélie respondeu, então, com extrema seriedade:

– Todos os livros de meu marido foram criados por ele, com a ajuda dos médiuns e das evocações. Nada sei desse livro que o senhor acaba de citar.

Insensível ao respeito que se deveria dar a uma digna senhora que estava para se tornar octogenária – muito mais velha que ele, nascida no fim do século 18, admirada por todos como artista, professora, linguista e, acima de tudo, defensora do legado espírita deixado pelo seu marido –, o juiz Millet dava de ombros às suas respostas. Não se contentando com o que já havia ouvido, o impertinente magistrado questionou, ainda, a decisão da viúva de enterrar o esposo não com o nome de batismo, mas com “um pseudônimo copiado”, segundo afirmou o magistrado, “do nome de uma floresta da Bretanha”.

Em verdade, certamente de propósito, o juiz desejava impactar o pensamento dos presentes ao tribunal, embaralhando o nome de batismo, Hipolyte Léon Denizard Rivail, ao de Allan Kardec – o pseudônimo adotado por sugestão dos espíritos. Ao que se sabe, o penúltimo dos quatro nomes do Codificador, Denizard, deriva da velha expressão latina *Dionysios*

Ardenae, designativa do deus Dyonísio da Floresta de Ardenas – região dos bosques onde os druidas praticavam o culto aos carvalhos sagrados. Assim, *Denis-Ard*, pela tradição mística, identifica uma entidade espiritual protetora da nação francesa, tendo a expressão “Ard”, derivação latina de *Ardenae*, depois *ard-nae* – o que traz como significado “floresta” ou “mata grande”. E diante da grande maldade vinda de Millet, viúva Kardec, acertadamente, reagiu assim, em pleno tribunal:

– Acho que não se deveria brincar com essas coisas. Não é próprio rir-se de coisas semelhantes.

Mas o magistrado seguiu irreduzível, com seu balaio de ironias:

– Não gostamos de gente que toma nomes que não lhe pertencem; de escritores que pilham obras antigas e que enganam o público.

Amélie, visivelmente irritada, como se observa nos diálogos, continuou defendendo o esposo amado, que, nessa hora, captando esses eflúvios pesadíssimos, deveria não estar acreditando a que ponto havia chegado o inquérito absurdo de Millet. Espírito Kardec, observando o triste episódio da espiritualidade, certamente inspirava a corajosa esposa frente aos contra-argumentos. E a firme resposta dela não tardou a chegar:

– Todos os literatos usam pseudônimos. Meu marido jamais pilhou coisa alguma.

E o magistrado, certamente influenciado por espíritos trevosos, lamentavelmente respondeu sob influência trevosa:

— Ele fora um compilador, não um literato. Era um homem que praticava a magia negra ou branca.

Esse grotesco procedimento do juiz na condução do processo, foi, sem dúvidas, uma das atitudes mais repugnantes expressadas pela (in)justiça francesa naquele ano de 1875. E para frear a inteligência da insigne viúva Kardec, o juiz arrematou o depoimento da veneranda com este estúpido cala-boca:

– Vá sentar-se.

Por fim, a Corte de Cassação confirmou o veredito dos dois primeiros tribunais: Buguet foi condenado como falsário, de acordo com os artigos 405, 59 e 60 do Código Penal. Pouco tempo depois do veredito, recorrendo às instâncias superiores, Buguet conseguiu liberdade temporária e se refugiou na Bélgica. Por meio dessa manobra, o fotógrafo mais requisitado até então nunca mais retornou à Paris para cumprir o que devia à justiça.

Senhor P.-G. Leymarie, apesar de não ter sido caracterizado comparsa de Buguet, também fora condenado por pena idêntica. De acordo com o juiz Millet, ambos deveriam cumprir detenção em regime fechado, por um período de doze meses, além de terem que pagar aos cofres públicos uma multa de 500 francos. Ao contrário de Buguet, Leymarie não saiu pelas portas do fundo, fugido do seu amado país, tampouco recorreu a algum “costa quente” ou padrinho. Sem reação alguma, cedeu um de seus tornozelos para que as autoridades carcerárias pudessem acorrentar aquela pesada e humilhante bola de ferro. Indiretamente, todos os espiritistas do mundo seguiam para a cadeia com ele, carregando suas pelotas de aço. E a comunidade espírita, com sua imagem manchada, subjetivamente dividiria a mesma cela com o *chef* Pierre-Gaëtan Leymarie.

O magnetizador americano Alfred Firman, jovem assistente de Buguet que mal falava francês, também foi condenado, embora com pena mais branda: seis meses de prisão e multa de 300 francos. Entretanto, obteve anulação do processo graças às influências internacionais.

E para a justiça francesa, a lúcida viúva Allan Kardec, herdeira do inestimável patrimônio espírita deixado pelo fundador do Espiritismo, não seria punida, muito menos considerada fraudadora, já que a Corte de Cassação entendeu que ela foi enganada pelo trio, e ponto-final.

Por fim, a justiça determinou que todos os condenados permanecessem presos por mais quatro meses, se necessário fosse, até quitarem as multas e custas do processo público.

Enquanto Leymarie reconhecia-se prisioneiro, com imediato pedido de anulação da condenação feito pelo seu advogado, testemunhas anônimas também requeriam a nulidade do *Processo dos espíritas*, justificando a falta de liberdade que encontraram para depor à frente do antiético juiz Millet.

Em 27 de setembro de 1875, Buguet, atormentado por sua consciência, redigiu um texto melancólico e o encaminhou ao ministro da Justiça da França, via consulado francês em Bruxelas. Cheio de remorsos, confessava suas falhas e desejava se retratar junto à Leymarie e Firman, lamentando ter ele se transformado em um “comerciante e médium” ao mesmo tempo, conforme suas palavras.

Alguns espíritas que estiveram presentes naquele tribunal alardearam a transcrição dessas declarações de Buguet, a fim de sensibilizar a opinião pública parisiense para o cancelamento da pena de Leymarie. Senhor Maxwell Lyte, um químico, e Pothenot, um professor de história, juntaram-

se a outros confrades dispostos a assinar uma petição para tirá-lo da cadeia. A esposa de Leymarie, a valente Madame Marina, numa última e desesperada tentativa, reuniu vasta documentação à defesa do companheiro, formando um incrível dossiê do tamanho da coleção anual da *Revista Espírita* de 1875. Por sua vez, viúva Allan Kardec também apelou às autoridades francesas em favor de seu representante, o encarcerado Leymarie. Para isso, redigiu um depoimento que misturava revolta e desabafo, na mesma cartinha:

Declaro, que o senhor Presidente da 7ª Câmara Correccional não me deixou livre para bem desenvolver o meu pensamento, pois, em meu interrogatório, introduziu reflexões estranhas ao debate e desejou ridicularizar o senhor Rivail, conhecido como Allan Kardec, fazendo dele um simples compilador e negando o seu título de escritor. Protesto, energicamente, contra essa maneira de interrogar e solicito ser ouvida novamente, porque é costume na França respeitar as senhoras, sobretudo quando se têm cabelos brancos. Não se deveria interromper-me e mandar-me sentar, após se terem divertido com o que considero inatacável, ou seja, o direito de ter feito construir um túmulo para o meu companheiro de provações, para o esposo estimado e honrado por homens do mais alto valor.

Tudo em vão! Com pesar, a *Revista Espírita*, edição de maio de 1876, soltou um novo “Aviso” informando aos seus leitores que, no dia 22 de abril, M.P.-G. Leymarie foi transferido da temida prisão parisiense de Mazas, para dar entrada num outro regime carcerário celular não menos pior, chamado de *La Santé*, a fim de cumprir oficialmente sua pena de doze meses de detenção. E o aviso dizia ainda que, por estranha coincidência, nesse mesmo dia e hora, um ano antes, ele fora detido na *Prison Mazas*. A enfática notinha se encerrava com uma manifestação de apoio ao médium espiritista: “A nossa simpatia é certa, e sabemos que ele vai suportar a sua reclusão com dignidade e coragem”.

Somente oito anos mais tarde será possível conhecer a defesa dos membros da Sociedade contra as alegações de que Leymarie foi um dos responsáveis pela fraude das fotografias dos espíritos. Justificarão que seu Comitê fiscal, composto por cinco pessoas, incluindo Madame Kardec, achou útil estudar os experimentos fotográficos, sendo que Leymarie, como

administrador, ficou à frente da tarefa: “Ele sofreu punição por todos, e é por esta razão que, na reunião geral, composta por todos os membros da *Sociedade*, acreditou-se que ele pegaria dez anos de cadeia”. Obviamente que a dupla expressão “por todos” inclui a participação da viúva Amélie, que recebeu a insinuação de conivente.

Em verdade, a dupla responsável pela maior humilhação pública da história do Espiritismo francês estava bem fotografada para quem quisesse enxergar. O que faltava era gente corajosa para expor o ocorrido em nome da verdade. E foi exatamente isso que aconteceu doze anos depois do vexativo episódio. Em setembro de 1887, Gabriel Delanne publicou, no *journal Le Spiritisme*, seu artigo “A morte do Espiritismo”, em que deixa suas opiniões sinceras sobre o desfecho do *Processo dos espíritas*. Nele, o insigne aponta quem foram os culpados pela fraude das fotografias dos espíritos. Referindo-se à Leymarie como “o homem que esteve à frente de nossa Doutrina”, ele também acusa Buguet, o chamando de explorador miserável:

Se o homem que esteve à frente de nossa Doutrina, em 1875, tivesse seguido uma linha de conduta, nós não teríamos sido expostos à vergonha do processo Buguet. Eles quiseram misturar comércio sujo com a filosofia pura de Allan Kardec, que veio a fornecer armas aos nossos adversários. Sem qualquer dúvida, Buguet é um miserável que explorou, cinicamente, as infelicidades que alimentaram a sua alma com a fome da esperança. Existe culpa leve àqueles que apoiaram esta exploração, fazendo dela a sua publicidade?

Entre cínicos, exploradores e miseráveis, o prisioneiro Leymarie precisará mesmo de muita coragem para enfrentar o precário sistema prisional francês de *La Santé*, já que, quinze dias depois de sua condenação, na calada da noite, ele foi supostamente instado a declarar-se culpado e a pedir indulto, o que recusou de pronto, preferindo o cárcere degradante.

Fora de Leymarie não há salvação

A prisão do *chef synchrétiste* provocou grande comoção no meio espírita francês e mundial. De todas as partes da Terra, inclusive do Brasil, leitores da *Revue* enviavam suas manifestações de confiança, solidariedade e apoio moral para aquele que já chamavam de *père* (pai) e que costumava assinar seus artigos como M.P.-G. Leymarie. Mas o leão republicano havia parado de assiná-los repentinamente, o que causou estranhamento geral aos que ainda não sabiam de sua prisão, multiplicando, assim, as correspondências em tom de indignação, que chegavam às pencas ao escritório da *Revista*.

Em 2 de maio de 1876, espíritas fora de Paris imaginaram que ele comemorava seu aniversário de 49 anos debaixo de maus-tratos, em sua apertada cela de quatro metros de comprimento, dois e meio de largura, por três de altura. Para arejar os ânimos, que se expandiam nesse sentido, viúva Kardec pediu para publicar na *Revue* de agosto o seguinte “Aviso”: “Temos o prazer de anunciar aos nossos assinantes que a saúde do sr. Leymarie é tão boa quanto possível, e ele está feliz em ouvir aqueles que querem mostrar a sua simpatia”. A urgência na publicação da notinha não fez com que ela se esquecesse de assiná-la, como de costume: *Amélie, veuve Allan Kardec*.

E até o plano espiritual não se esqueceu de acalentar e homenagear o encarcerado homem. Espíritos de todos os graus de evolução faziam chegar até ele mensagens dos medianeiros de centros espíritas de toda parte. Algumas dessas psicografias foram recebidas por ele próprio no cárcere, já que também era médium experiente.

E a viúva Amélie, habituada a comparecer sem muita regularidade à sede da administração da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, com a ausência de seu braço direito, passou a se deslocar quase que diariamente para lá, num percurso de quinze minutos, saindo de sua residência na *villa Ségur à rue de Lille*, nº 7. Novas reuniões foram realizadas para reajustar as diretrizes da Sociedade, da *Revista* e da *Livraria Espírita*. Ela, pressentindo uma crise, outra sorrateira movimentação de dissidentes, como no passado, tomou rapidamente as rédeas da situação a fim de formular decisões necessárias e urgentes. E foi somente no início do ano de 1877 que o senhor H. Joly, o então editor-chefe da *Revista Espírita*,

publicou uma pequena nota confirmando o fim da pena do mandatário da viúva Kardec:

Estamos satisfeitos em comunicar, aos nossos leitores, que o nosso irmão, o sr. Leymarie, terminou a sua provação... Ele esteve de volta, ao nosso lado, em 22 de janeiro, e já retomou o seu trabalho habitual. Ele nos pede para agradecer aos muitos correspondentes franceses e estrangeiros que enviaram suas tantas expressões de simpatia durante o seu cativeiro.

Como observamos por meio de nossas pesquisas, a prisão de *La Santé* deixou marcas profundas na vida de Leymarie. No cárcere, ele elaborou um dossiê que ficou conhecido como *Memória à Corte Suprema*, documento de autodefesa que atestava, perante sua consciência e a de seus filhos, sua inocência. Em verdade, sua sentença condenatória foi anulada antes mesmo do cumprimento da pena integral. A prisão *da Boa Saúde*, ao contrário do nome, trouxe à Leymarie má saúde, por causa de seu rígido confinamento. Em contrapartida, a ausência de contato com os mais de dois mil prisioneiros no período em que esteve por lá reforçou ainda mais sua ideologia pelo social. Aquele infame isolamento celular a que esteve submetido reafirmou sobremaneira suas responsabilidades enquanto ardente republicano.

Seu único companheiro de cela, o livro. Toda e qualquer literatura caiu-lhe às mãos, e foram muitas nesse período de isolamento. E sobre o leitor prisioneiro, o espírita Paul Puvis deixará a seguinte declaração, ao pé de sua tumba: “Para ele, um livro que trate de questões políticas, de questões sociais, científicas, religiosas ou literárias torna-se um raio de luz. Tudo o que ele procurou, leu e assimilou com clareza: *beaucoup de lumière* – Muita luz –, esse é o seu lema...”.

P. Puvis se esquecera de dizer que, primordialmente em *La Santé*, ele reforçou seu contato com a literatura ocultista oriental. Todas essas obras, místicas e esotéricas, de que ele dispôs de tempo de sobra para lê-las, serviram-lhe como *rayons de lumière*, raios de luz para iluminar seus caminhos pós-prisão. E como ele havia ficado por um bom tempo na escuridão e na umidade de sua cela unitária, a simbologia do excesso – de raios de luz – tornou-se seu emblema de salvação.

Viúva Kardec sabia muito bem que o antigo axioma católico “Fora da Igreja não há salvação” deixou de reinar intocável depois que Allan Kardec, sabiamente, o rebatizou no Espiritismo com o audacioso “Fora da caridade não há salvação”. Esta máxima espírita, “verdadeira âncora de salvação”, como declarava o mestre em suas preleções, principalmente quando esteve viajando a serviço do Espiritismo, funcionava para ele como “a expressão de união entre todos os homens sinceros, que querem o bem, sem segunda intenção pessoal”, tal qual declarou no passado.

Todavia, no fim da agitada década de 1870, alguns confrades espíritas definitivamente se esqueciam da máxima de Kardec sobre a união desinteressada, já que os acontecimentos caminhavam muito mais para o recrudescido “Fora de Leymarie não há salvação”. Apesar de ser um neologismo nosso, esse “axioma” perpassou tranquilamente, no formato de uma grande rusga, pelos pensamentos de vários espiritistas, os que já não concordavam com as parcerias sincréticas de Leymarie, que poderiam descaracterizar a identidade dos princípios básicos da Filosofia Espírita, como já se sondava à época.

De fato, havia anos o editorial da *Revista Espírita* vinha sendo desvirtuado de suas finalidades, já que seu administrador e editor, sr. Leymarie, ofereceu terreno livre às novas correntes filosóficas que enxameavam a França. Em nome da fraternidade universal, todas as formas de pensar o sobrenatural foram bem-vindas nas colunas da *Revue*, desde que defendessem causas espiritualistas, de ordem essencialmente humanitária ou moral, sempre em benefício do social. Enfim, pretextos não faltavam.

Muito antes da época do cárcere, Leymarie se tornou adepto das ideias de Jean-Baptiste Roustaing, um influente advogado da cidade de Bordeaux que coordenou a recepção de uma extensa obra, originariamente concebida em volumes que foram intitulados como *Os quatro evangelhos – revelação da revelação*, ditados mecanicamente pelos supostos espíritos evangelistas, Marcos, João, Mateus e Lucas, à médium belga Émilie Collignon, que, curiosamente, fora mãe de um dos prefeitos de Paris. Em 1866, vieram a público os textos dessas obras, que traziam informações inéditas (e polêmicas) sobre o filho de Deus que encarnou na Terra em um corpo fluídico, e não em carne, sendo que a gravidez de Maria se deu apenas em aparência.

No mesmo ano da publicação dos volumes, Kardec deu uma declaração na *Revue* dizendo que achou o conjunto da obra muito extenso e que “poderia ter sido reduzido a dois, ou mesmo a um livro, e teria ganhado popularidade”. Contudo, nos bastidores, entre amigos, o mestre dirá que Roustaing cometera um erro crasso: o de ter confiado toda sua obra a um só médium. E mesmo sabendo que essas antigas declarações de Kardec estavam pautadas pelo bom senso e fé raciocinada, Leymarie declarou-se um fiel roustanguista, seguindo e propagando, até o fim de sua vida, as ideias de um inacreditável Cristo com corpo fluídico, como estabelecem os controversos ensinamentos contidos na revelação da revelação.

Jean-Baptiste Roustaing, por sua vez, passou de admirador a crítico declarado de Allan Kardec. Não tardou a acusá-lo de ser o “Papa de uma religião”, que tão logo chegaria a uma “ortodoxia espírita”, resultando numa “seita de sectários”, especialmente sob o rótulo de “kardecista” ou “Kardecismo”.

Como afirmamos, a *Revista Espírita*, sob o comando de Leymarie, passou a bombardear dezenas de artigos sobre a pureza de *Os quatro evangelhos*, provando a suposta autenticidade de seus textos como a mais pretenciosa revelação provinda dos espíritos evangelistas. E alguns colaboradores roustanguianos, editores da *Revue*, insistiam em dizer que, “se Allan Kardec foi escolhido e nomeado pelos espíritos superiores para estabelecer os princípios e as bases da nova revelação, Roustaing fora também escolhido e nomeado por eles, a colaborar, juntos, nesta grande e trabalhosa tarefa, sendo um verdadeiro seguidor”.

Tornou-se evidente que o mandatário da viúva Kardec fez questão de aproximar a Doutrina dos espíritos das novas crenças filosóficas que pousavam na França, como o Atomismo, o Budismo, o Transformismo, o Martinismo, o Divinismo, e outros “ismos”, incluindo nesse molho as linhas ocultistas do misticismo oriental como exemplo claro da Teosofia.

Amigo de Madame Helena Blavatsky desde o início da década de 1870, Leymarie vinha se correspondendo com essa teóloga russa. Após a passagem dela por Paris, em março de 1873, ocasião em que veio do Cairo desejosa de excursionar por toda a Europa oferecendo recitais de piano, a dupla Leymarie-Blavatsky finalmente se encontrou para discutir os rumos do esoterismo na França. Como um grande admirador de Blavatsky, não é à toa que Leymarie se tornou um dos primeiros e mais importantes iniciadores da Teosofia em terras francesas. Para termos uma ideia de sua

influência entre os teósofos, ele e sua mulher Marina receberam um pomposo título, sendo Leymarie nomeado oficialmente o presidente da Seção da França, de acordo com as Regras da Sociedade Teosófica da época. Tantas parcerias místicas “para dar vida nova ao Espiritismo e fazê-lo evoluir”, como ele escreverá, com orgulho, no principal periódico fundado por Allan Kardec.

Em defesa de Leymarie, os membros do Comitê fiscal dirão que ele “jamais será adepto da Sociedade Teosófica, já que os seus seguidores são Brâmanes que chegaram ao mais alto grau de elevação, e tendo, ao que parece, um sexto e até um sétimo sentido desconhecido para nós”. (LEYMARIE, 1884, p.11). E seguirão reafirmando, por meio da publicação de uma brochura chamada *Ficções e Insinuações*:

Mal informado, o *journal Théosophist* anunciou que o sr. Leymarie é presidente da seção francesa dos Teosofistas Espíritas Franceses. Madame Blavatsky, atualmente em Paris, encontrou o erro, e uma correção aparecerá no *Théosophist*. Simples estudante, sr. Leymarie quer saber o que há na Teosofia que preocupa muitos homens eminentes na Europa. É seu dever de espírita e de publicitário. Os Teósofos parisienses sabem muito bem que o sr. Leymarie não é um defensor desta doutrina, *ele permanece espírita (sic)*, e não pode não *ser o seu presidente (sic)*. Baseando-se no Espiritismo como foi ensinado por Allan Kardec, os alunos do mestre podem abordar qualquer coisa que interessa a sua crença: nada pode tocar essa base sólida. Nossa Doutrina, que pode suportar todas as contradições, assimila o que é progressista, racional, digno de estudos seguidos, e rejeita o que é contrário a isso (Idem, p.11).

Para compreendermos mais precisamente a ânsia do “simples estudante” em consorciar-se com a Teosofia, a fim de “atualizar” a Doutrina Espírita, demonstrando o seu empenho à divulgação da filosofia ocultista de Blavatsky, ele terá a ousadia de mandar traduzir *Ísis sem véu* – dois parrudos volumes com 1.200 páginas. Falamos da primeira obra esotérica de Blavatsky, que discute a ciência e as forças ocultas e desconhecidas da natureza, além da semelhança da escritura Cristã às [religiões orientais](#), como o [Budismo](#), o [Hinduísmo](#), os [vedas](#) e o [Zoroastrismo](#). E o Espiritismo, onde fica nisso tudo? Não fica.

O assumido teosofista Leymarie teve a nova audácia de contratar com o dinheiro da Sociedade – 3 mil francos dos Kardec – um famoso tradutor inglês que foi a Paris especialmente para executar a longa e difícil tarefa de converter para a língua francesa o infinito calhamaço bravatsquiano que se chamou *Ísis sem véu*. Apressando Leymarie para a conclusão da tradução francesa (por receio de morrer antes de ver seu livro publicado), Madame Blavatsky acabou, mais tarde, jogando seus manuscritos traduzidos numa fogueira, sob o pretexto de que o tal tradutor desconhecia completamente sua Teosofia. Ao certo, a publicação de *Ísis sem véu* representou o primeiro escândalo editorial que Leymarie provocou no meio espírita.

Sete anos mais tarde, ele fundou a polêmica Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses, levando quatro anos mais para descobrir que a tal Sociedade Teosófica de Blavatsky declarava, por meio de suas leis gerais, não admitir a comunicabilidade com os espíritos, além de negar a reencarnação na Terra, tudo com a (ingênua) finalidade de resguardar o segredo sobre o conhecimento da morte. Um escândalo!

Aos poucos, a amizade da dupla Blavatsky-Leymarie foi azedando. Mais tarde, essa teóloga russa lamentará o quanto seu discípulo francês (filoteosofista) insistiu em manter o Kardecismo encravado na alma. Ele, em contrapartida, seguiu acreditando na boa-fé dessa e de outros ocultistas. Vislumbrava a possibilidade de, um dia, espiritistas, teosofistas e outros “istas” se reunirem num congresso espírita internacional.

E para completar as renovações em favor da “nova geração de espíritas, em que todos os corações batem em uníssono e se combinam intimamente para proclamar a unidade das forças universais”, como Leymarie disse aos quatro ventos em 1878, ele decidiu mudar, por conta própria, as sedes da Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec e da Livraria Espírita, que estavam localizadas à *rue de Lille*, nº 7, desde o desencarne do mestre. A atual mudança para a *rue Nueve-des-Petits-Champs*, nº 5, distrito do *Palais-Royal*, teria deixado a viúva Kardec extremamente triste, não só porque o novo endereço estava localizado em região nobre e famosa de Paris, mas principalmente porque fez aumentar o aluguel em 4.600 francos anuais. E a iniciativa de promover festas no mesmo local, que deveria obviamente ficar reservado aos trabalhos espirituais, apavorou a viúva Kardec, já que tal iniciativa espalhafatosa estava muito longe dos resguardos e simplicidades do mestre.

Entretanto, Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade publicarão uma defesa dizendo que “a mudança de nossa Sociedade, da *rue de Lille*, para sua sede atual, foi decidida por unanimidade em assembleia geral e, inclusive, com o voto de Madame Allan Kardec. Tudo se passou legalmente nas decisões tomadas”. Dirão ainda que jamais alguém tomou a decisão de dar festas à *rue des Petits-Champs*: “Nossa Sociedade nunca deu *uma única festa anual (sic)* no aniversário da morte de Allan Kardec, e que os concertos fornecidos, louvando o nosso local, foram realizados fora da nossa Sociedade”.

Em verdade, a promoção de festas em ambientes espirituais não era a única queixa dos kardecistas ao grupo dos livres-pensadores de Leymarie. Havia também reclamações recorrentes sobre banquetes trimestrais promovidos na Sociedade, que ostentavam, segundo seus críticos, um *spiritisme gastronomique* (espiritismo gastronômico), em que a filosofia do mestre era substituída pelos fígados do *maître*, como acusavam seus denunciadores por meio das edições de 1884, do *Journal Le Spiritisme*.

O que se sabe mesmo é que, por influência de um empresário milionário chamado Jean Guérin, senhor Leymarie e amigos foram convencidos a inaugurar, nesse novo endereço, uma estranhíssima organização: a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos. Esse grupo, não espírita, surgiu com o ideal de atrair gente de todo o tipo, interessada nas experimentações do magnetismo animal e das mediunidades. Mas não apenas. Leymarie, Guérin e demais entusiastas retomarão os estudos das obras de Cahagnet, as lições da Teosofia, da doutrina de Swedenborg e, claro, dos quatro volumes massacrantes de Roustaing, estes últimos já rejeitados por Kardec desde 1862, naturalmente por divergirem do Espiritismo.

Diante do estranhamento geral causado pelo surgimento da nova Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, a justificativa de sua criação veio no sentido de reforçar que os princípios superiores da ciência em voga deveriam se unir aos do Espiritismo, e vice-versa. O que poucos sabiam é que as assembleias eram compostas (apenas) por quatro pessoas: senhor e senhora Leymarie, sr. Valtier, o tesoureiro, e o sr. Joly, o gerente da *Revista Espírita*. E os tais “princípios superiores da ciência em voga” nada mais eram que a intenção camuflada de fundar uma nova “religião laica e universal, a fim de se discutir o casamento livre, defender as leis contra o adultério e a imoralidade”, como rapidamente dirão os críticos dessa nova

Sociedade, cujos integrantes passaram a realizar casamentos pelas ruas de Paris.

E o Espiritismo se casaria com quem? “Com essas crenças antiespíritas!”, acusavam os kardecistas.

Para compreendermos melhor a necessidade de se criar uma segunda Sociedade, Leymarie se debruçou (ao pé da letra) num antigo pensamento liberal de Allan Kardec, expresso n’*A gênese*, capítulo I, item 55, que diz que “caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.

De fato, a ciência do início da década de 1880 demonstrava grande interesse no sobrenatural, e, conseqüentemente, o discurso de Leymarie tomou novo rumo no sentido de um admirável ecletismo novo de crenças. Dirá ele na *Revista Espírita* de 1881, convencido como livre pensador:

A Sociedade Científica de Estudos Psicológicos caminhará lado a lado com todas as sociedades espiritualistas, seja a Teosófica, a Swedenborguiana, assim com as do Magnetismo e as das ciências modernas disseminadas pelo mundo; nós declaramos que o resultado do trabalho do mestre sempre esteve pronto a aceitar o que possa aumentar nossas conquistas intelectuais, nossos valores morais, nosso poder de ação à propagação das verdades essenciais para o nosso progresso na vida superior entrevista e prometida.

Para Leymarie, nenhuma passagem misticocultista deveria ser bloqueada, por mais estranha que ela fosse, já que o próprio Kardec deixou isso recomendado no passado, como dirá o mestre:

Não se deve fechar as portas a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, nunca será ultrapassada, e esta é uma das principais garantias de sua perpetuidade.

Mas a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, que já nascia debaixo de polêmicas, não viveu só de artes, mediunidades e ecletismos, mas também de negócios. O influente empresário roustanguista J. Guérin anunciou que doaria, anualmente, 3 mil francos à nova Sociedade, a fim de

patrocinar um novo empreendimento: *L'oeuvre des conférences*, em tradução livre, O trabalho das conferências. A ideia era muito simples e, à primeira vista, uma ótima iniciativa à propagação da Doutrina. O próprio Allan Kardec, na década de 1860, já havia experimentado e aprovado o formato itinerante de preleções públicas, primordialmente por meio de suas viagens a serviço da Filosofia Espírita.

Assim, Guérin criou meios potentes para se levar a todas as pessoas de todos os países “a boa nova do Espiritismo”, como ele mesmo prometia. Por sua vez, Leymarie potencializará essa ideia itinerante da “boa nova” ao reafirmar que, “assim como o senhor Roustaing, autor de *Os quatro evangelhos*, o senhor J. Guérin também imaginou que conferências feitas em todo o país, por oradores devotados à causa, seriam indispensáveis à difusão do Espiritismo”. Roustaing e seu aluno Guérin dizendo o que é melhor à propagação espírita? Afinal, que causa estava por trás dessa boa nova? A da difusão da Doutrina da Terceira Revelação ou da revelação da revelação?

Na visão de J. Guérin, o mandatário de Roustaing, os conferencistas encontravam dificuldades ao exercício de palestras itinerantes, tudo por causa da falta de espaços físicos adequados, principalmente em localidades distantes de Paris. Para suprir essas faltas de estrutura mínima, e com o aval do Comitê da Sociedade, ele transformou esse “trabalho das conferências” em um arrojado esquema comercial.

E não precisava ir muito longe para entender como funcionaria tudo isso. Eles fizeram questão de detalhar todo o ambicioso empreendimento aos leitores da *Revista Espírita*. Em sua edição de janeiro de 1882, a estratégia de negócios lá estaria toda explicada. Como consta no artigo, Guérin estava disposto a doar “a cada cidade central onde existe uma aglomeração espírita, a soma de 10 mil francos para a compra de um imóvel com uma sala já existente, ou para a construção de um salão de conferências em terras anteriormente adquiridas pelos espíritas”.

O temerário texto da *Revista* trazia, ainda, outra explicação dizendo que “o Agrupamento Espiritualista de Nantes e a Sociedade Espírita de Rouen, em que tivemos uma conferência por meio de um bate-papo, em outubro passado, aceitou a doação do sr. Guérin com gratidão”. Deixava-se claro, todavia, que as tais “salas não serão reservadas apenas à causa do ensino espírita, porque ficou acordado espontaneamente, entre J. Guérin e simpatizantes, que elas serão oferecidas também aos trabalhos dos membros

da Liga Francesa de Educação, além de todas as sociedades envolvidas na educação moral e popular”. Até aqui, as explicações fornecidas na *Revue* levantam poucas suspeitas aos leitores mais atentos. Mas os comentários seguintes não deixam qualquer dúvida sobre o ambicioso modelo de negócio adotado por J. Guérin:

Desinteressado como são todos os acionistas da *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, senhor J. Guérin quer que este projeto sobreviva por mais de 99 anos, a fim de salvaguardar os interesses da coletividade de seus donatários contra o inesperado desaparecimento de um ou de vários grupos locais. Nesse sentido, ele quer que as escrituras das terras que serão apropriadas para a construção, ou para a compra de salas de conferências, sejam integralmente repassadas à referida *Sociedade*, a serem depositadas no Banco da França. Dada a dispersão desses grupos locais, a *Sociedade* em questão deverá ser a proprietária dessas salas para não torná-las inalienáveis, dando-as, assim, 99 anos de vida por meio da apropriação de seus fundadores. (*Revista Espírita*, janeiro de 1882, p.4)

Trocando em miúdos: os círculos espíritas que concordassem com esse negócio muito bem bolado por meio de um esquema de detenção de posses (longe de um arrendamento) deveriam obrigatoriamente repassar à Sociedade, criada e ainda mantida por Madame Kardec, as escrituras de seus referidos terrenos, em que seriam construídos salões ou salas para as conferências. E na impossibilidade de se repassar escrituras já existentes, o imóvel que fosse comprado para esse fim seria automaticamente de propriedade da Sociedade. Ou seja, eram 10 mil francos, oferecidos como isca, para fregar salas espíritas já existentes ou mesmo as propriedades de confrades ludibriados em nome da fraternidade universal.

No fundo, Guérin desejava criar bases em toda a França para a propagação das ideias e dos volumes roustainguistas (bem debaixo do nariz da viúva Amélie), o que se configurou rapidamente em uma “Rede Roustaing” (neologismo nosso). Esta RR foi movimentada principalmente por doações e posses de terras. E no fim do artigo, aquele mesmo que trazia explicações sobre a mirabolância desse empreendimento, havia ainda a inacreditável frase: “Os homens têm um valor real por suas ações...”.

Em pouco tempo, a RR contava com dezenas de conferencistas escolhidos e indicados a dedo, muitos deles magnetistas, ocultistas, teosofistas, místicos e, claro, roustanguianos cúmplices de M.P.-G. Leymarie e de J. Guérin. A maioria desses livres-pensadores inclinou suas preleções para outras temáticas, muito distantes das espíritas. E nada, exatamente nada foi ocultado sobre o tal empreendimento com finalidades e interesses roustanguistas. Novamente, a *Revista Espírita*, por meio de sua edição de julho de 1883, chegou ao cúmulo de sugerir a utilização de peças de decoração para salas de reuniões espiritistas, tudo com a finalidade de ornar o “trabalho das conferências”, como foi o caso das indicações remetidas aos confrades de Gironde, comuna vizinha de Bordéus, “coincidentemente” a cidade natal de J.-B. Roustaing. Vejamos, então, o caso da doação de um par de estandartes. Com suas representações simbólicas da maçonaria, a peça estava destinada, absurdamente, aos ambientes espíritas:

O senhor J. Guérin colocou, à disposição de todos os espíritas de Gironde, o pano azul salpicado de estrelas de prata, no centro do qual um sol dourado se irradia em todos os sentidos, cercado dessas máximas espíritas: *Fora da caridade não há salvação. Nascer, morrer, renascer ainda, e progredir sem cessar. Tal é a lei.* Há também aquela bandeira em seda azul, semeada de estrelas de prata, trazendo as cores do arco-íris lançadas por meio do manto, e sobre as quais estão inscritas em ouro, as divisas: *Sociedade espírita, solidariedade universal.* As últimas cerimônias com esses emblemas indicarão, claramente, o que é o Espiritismo para todos aqueles que rendem as últimas honrarias aos seus mortos. (*Revista Espírita*, julho de 1883, p.300)

Como se sabe, havia décadas Allan Kardec e sua esposa Amélie muito orientavam os adeptos da Doutrina de que a prática espírita deveria ser realizada sempre com a máxima simplicidade, sem apegos, jamais abandonando o bom senso e a fé raciocinada nas lides. Sabemos que o Espiritismo não figura sacerdotes e nem utiliza, em suas reuniões e práticas, paramentos ou quaisquer vestes especiais. Não adota altares, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgências, incensos, mirras, fumos, talismãs, amuletos, horóscopos, orações miraculosas, bentinhos,

escapulários, cartomancia, pirâmides, cristais ou rituais outros. Por fim, não incorpora quaisquer formas de cultos exteriores simbólicos, seja por meio de estandartes, seja por meio de mantos ou mortalhas.

Entretanto, é o caso deste mau exemplo no meio espírita francês da década de 1880, desta exposição decorativa em seda azul, com suas inscrições em ouro, compondo o estandarte da “sociedade do Livre-pensamento religioso”, mantida pelo maçom Charles Fauvety, incentivada pelo teosofista P.-G. Leymarie e endossada pelo roustanguista J. Guérin. Eis o trio da ostentação sincrética que se apresentava como “espírita” – os representantes maiores do Espiritismo francês.

Rapidamente, um grande número de grupos espíritas, os que compareciam aos discursos da RR, escreveu para o escritório da *Revista* indignados e desejosos de denunciarem o perigo que a Doutrina estava correndo. Numerosos kardecistas, como os de Lyon, Bordeaux, e alguns até de Paris, alinhavam publicamente seus repúdios contra as tais conferências, muitas delas maquiadas com títulos espíritas sem o serem, como afirmavam os denunciantes, que estavam observando conteúdos para lá de duvidosos. Esta Rede Roustaing, sob o aval do sr. Leymarie, se infiltrou indistintamente nos arraiais kardecistas, franceses e estrangeiros, por meio das preleções de swedenborgueanos, magnetistas, cabalistas, teosofistas, transformistas, divinistas, imortalistas, martinistas, teofilantropistas, budistas, além dos livres-pensadores do espiritualismo moderno e os defensores da teoria psíquica.

Não tardou para que outros kardecistas denunciasses que, certa ocasião, Leymarie promoveu uma conferência cuja temática esteve muito distante da Filosofia Espírita. Viajando para longas distâncias com o patrocínio financeiro da Sociedade, ele falou “de astronomia, da gravidade da Terra e de sua distância do Sol, mas do Espiritismo, nada”, conforme relatos deixados por escrito.

Madame Kardec vinha considerando muito boa a ideia de propagar conferências spiritistas, principalmente nos rincões da França. Só que tais assembleias, financiadas pela Sociedade por ela fundada, deveriam abordar, obviamente, temáticas espíritas. A viúva Amélie também defendia a ideia de que os conferencistas espíritas jamais deveriam ser remunerados, exceto pelas despesas de viagem.

Mas o *Relatório Anual das Conferências*, documento da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos que era publicado na *Revista Espírita*,

declarava que todas as preleções seriam remuneradas, posição essa que contradizia o desejo de gratuidade expressado pela viúva Kardec. Dizia, ainda, o *Relatório* que os assinantes da *Revista*, carregados de confiança e de boa-vontade, realizavam expressivas doações que, até julho de 1882, chegaram a 9.215 francos. De acordo com os cálculos publicados, 2.736 francos foram pagos para os gastos com viagens, contudo, esse dinheiro saiu dos fundos da Sociedade, e não da arrecadação formada pela reserva de capital provinda dos assinantes. No fim do *Relatório*, o pedido de mais dinheiro mostrava sinais de que essa atitude não cessaria tão cedo: “[...] Pedimos aos nossos assinantes para enviar suas contribuições, a fim de aumentar a pequena reserva de capital para a campanha de conferências que será aberta, e que vai ser mais cara, em que esperamos que seja repleta de boas ideias, de oradores e sábios apostos à renovação religiosa, moral e social”.

A cada mês, dezenas de conferencistas remunerados, defensores de todos os tipos de crenças ontológicas, eram escalados pela Sociedade Científica, “em nome do Espiritismo”, para ministrar preleções pelas diversas regiões da França, incluindo também países vizinhos. E quase todos os membros do Comitê da Sociedade, por meio da RR, foram a campo em distantes viagens, tudo para satisfazer possíveis plateias sedentas por conhecimento transcendental. Senhor Levasseur, um oficial reformado da cavalaria francesa, por exemplo, conduziu palestras sobre Magnetismo emaranhado no *Espiritismo*, se hospedando, para isso, nas cidades belgas de Charleroi e Liège, localizadas a 370 quilômetros de Paris.

A RR, como modelo de negócio, tornou-se uma fórmula tão certa, que o roustinguista J. Guérin inaugurou, em 27 de abril de 1884, a base central de sua Rede Roustaing: um mega-auditório de conferências em Bordeaux, a 580 quilômetros de Paris. O novo “Templo de Salomão” de Guérin, com capacidade para 1.800 pessoas, foi oficialmente apresentado ao público francês como sala de conferências à divulgação do Espiritismo. E o financiamento do espaço se deu com verba proveniente das vendas das obras de Roustaing – o decano da ordem dos advogados na Corte de Bordeaux. Roustaing havia deixado por escrito, em seu testamento, que algumas somas seriam destinadas ao seu executor, o sr. J. Guérin, entre elas uma fortuna de 40 mil francos que deveria ser empregada à tradução de *Os quatro evangelhos* para quantos idiomas fossem possíveis e necessários. Guérin, em verdade, era o testamentário legítimo de Roustaing, mas ele se

apresentava aos kardecistas como um espírita e doador milionário – o patrono do Espiritismo!

E a grande comunidade kardecista de Bordeaux e região compareceu à pomposa sala de conferências na expectativa de conferir livros e conferências genuinamente espíritas, ou talvez, quem sabe, absorver os ensinamentos do mestre Kardec. Isso seria pouco provável num templo sincretista, que passou a se chamar *Salle Jean Guérin*, ou seja, Sala Jean Guérin.

Além da RR, o senhor Pierre-Gaëtan Leymarie se consorciou com a sociedade do Livre-pensamento religioso, sociedade de assistência moral e de enterro laico. Criada em 1880 pelo maçom Charles Fauvety, contava com o apoio irrestrito da Sociedade Científica, a fim de auxiliar famílias em funerais civis. Essa organização não espírita recebeu amplo espaço de divulgação na *Revista Espírita*, e sempre que possível, os tais livres-pensadores recrutavam kardecistas a fim de promoverem discursos em velórios e cemitérios. Porém, tornou-se comum os parisienses dispararem chacotas sobre aquele engenhoso manto mortuário ostentado pelo grupo: o mesmo pano cravado com estrelas prateadas e sóis dourados, aos quais apelidavam de “trapos reais que fariam rir à custa dos espíritas e do Espiritismo”.

Sem sessar os protestos, kardecistas parisienses justificavam que panos, mantos e mortalhas não podiam representar o Espiritismo, nem as sociedades espíritas, como espécies de “moedas”, e o próprio casal Kardec sempre se mostrou contra a existência de qualquer “bandeira de doutrina”. Em contrarreação, Leymarie, ao lado do Comitê Fiscal, defenderá a permanência e a manutenção de estandartes no formato de bandeiras doutrinárias, sem se distanciarem dos arraiais espíritas, como se observa no (mau) exemplo a seguir:

A Sociedade do Livre-pensamento religioso, para funerais civis, não possui nem bandeira, nem mortalha. O que existem são os mantos que o sr. Guérin mandou confeccionar em Paris, para a Sociedade Espírita de Villenave-de-Rions. Vocês enxergam como um crime ter um pano especial para os funerais espíritas, com essas moedas: Solidariedade universal; nascer, morrer, renascer de novo, esta é a lei; e Fora da caridade não há salvação? (LEYMAIRE, 1884, p.12-13).

Outra sociedade dita “espírita” foi criada sob o título de Pneumatologia Universal. Como o bom senso havia se perdido há tempos, esta organização foi esclarecida na *Revue*, edição de janeiro de 1881, como “dividida em decúrias e centúrias”, algo tão enigmático que tentamos aqui uma tradução livre como próxima a uma “doutrina metafísica universal que trata dos seres espirituais localizados entre os homens e Deus, e que estaria dividida num grupo de dez e outro de 100 cavaleiros, quiçá as tais decúrias e centúrias...”(?). Uma interrogação entre parênteses é pouco para expressar tamanho mistério e confusão “entre os homens e Deus”.

Como observado, a Pneumatologia Universal, que mais parecia secreta (muitíssimo longe de ser espírita), reunia, segundo o decúrio Leymarie, “os homens mais instruídos e os que pertencem às classes sociais mais altas”. Esse trecho, provindo de um artigo publicado na *Revista*, explicava, ainda, que deram a Leymarie “o título de *Presidente da trigésima primeira decúria*, com sede em Paris”.

Sem dúvidas, a notícia mais chocante no momento em que a viúva Kardec fosse ler esses acintes viria agora: “A *Revista Espírita* no Ocidente será o órgão dessa sociedade”. Novo desconchavo!

Uma grande amiga dos Kardec, da qual falaremos no próximo capítulo, indignada com esses consórcios ocultistas de Leymarie, revelou que “todos esses procedimentos desesperaram Madame Kardec”. Essa amiga lançará uma pergunta no ar em formato de crítica: “Mas que podia ela fazer sozinha, já que os membros do *Comitê da Sociedade* não compareciam às assembleias?”.

De fato, os artigos da *Revista Espírita* passaram a descrever e a divulgar (amplamente) a Teosofia, o Roustainguismo, a estranha doutrina metafísica da Pneumatologia Universal, as práticas mágicas das filosofias orientais, entre outras matérias místicas e ocultas que chegaram a negar a Doutrina – tudo muitíssimo distante dos ensinamentos de Allan Kardec e do Espiritismo. E muitos kardecistas, à época, lançavam a mesma pergunta: a Filosofia Espírita será engolida pelo misticocultismo do fim de século 19?

Cada vez mais, interpretações exóticas sobre ciência, filosofia e religião tomavam espaço no antigo periódico dos Kardec. Um exemplo clássico disso é o de um engenheiro ocultista chamado Terneschini. Em parceria com Leymarie, a dupla publicou, encartada à *Revista Espírita*, um periódico mensal chamado *Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos*, cujo subtítulo surgirá ainda mais estranho: *Órgão do*

Movimento dos Livres-pensadores Religiosos e do Espiritualismo Moderno. Como é sabido, há uma enorme distância (histórica e conceitual) entre o Espiritualismo Moderno, concebido na América do Norte, e o Espiritismo codificado na França por Allan Kardec. E para esses senhores, da noite para o dia, todo kardecista deveria se tornar um livre-pensador, sem ideias preconcebidas. Mesmo assim, decidiram publicar o tal boletim sem nem sequer ouvirem a opinião da viúva Kardec.

A partir do mês de janeiro de 1882, a *Revista Espírita* deverá trazer, em cada edição de seus números, o boletim da *Sociedade Científica de Estudos Psicológicos*, boletim esse maior ou menor, dependendo dos artigos fornecidos por nossas reuniões mensais e nossos trabalhos. Esse periódico será apresentado todo em verde, num compartimento do lado de fora da *Revista*, embora venha anexado a ela.

Dessa forma, entre decúrios, psicólogos e pneumatólogos, nem mesmo a psicografia ou a inesperada pintura mediúnica retratando o espírito Allan Kardec, supostamente presente à reunião comemorativa do Dia dos Mortos, na nova sede da sociedade ambígua, conseguiu modificar o desapontamento da viúva Kardec diante do homem das parcerias – o decúrio Leymarie.

Depois da oração, como de costume no final da reunião, todos vinham cumprimentar Amélie, a viúva Allan Kardec. E pela primeira vez os presentes notaram que ela não demonstrou muito ânimo em seus cumprimentos de praxe. “Mas qual o motivo dessa baixa autoestima?”, alguém deve ter perguntado.

Sem conseguir interferência magnética maior, restou ao suposto espírito Kardec conciliar o racha visível, mesmo que fosse por meio de poucas palavras psicografadas: “Eu estou com vocês, meus alunos, meus queridos filhos. Não queria que vocês se separassem sem que eu pudesse deixar um ato material de minha presença”. Em verdade, a realidade da expressão “não queria que vocês se separassem” vinha fazendo cada vez mais sentido.

Enquanto a viúva Kardec, abatida e apoquentada, se repelia cada vez mais para dentro da escuridão de sua sala vazia à *villa Ségur*, constatando, à distância, o desvirtuamento sincrético causado pelo seu mandatário, que prometeu, décadas antes, ser o fiel discípulo do mestre na sustentação da integridade doutrinária, P.-G. Leymarie se atirava mais e mais para fora, na

direção expansiva de seu lema “muita luz”, fincando a bandeira sagrada do Espiritismo nas filosofias místicas e ocultas, que, muitas vezes, negavam os ensinamentos deixados pelos espíritos.

Não se sabe ao certo se o idealista Leymarie, com suas atitudes desastrosas, quis colocar em prática o antigo sonho de juventude do mestre Hipolyte Léon Denizard Rivail, no sentido da unificação de todas as crenças. O que se sabe é que, por meio de seu comportamento, guiado pelos consórcios espiritualistas, ele vinha desagregando o Espiritismo, numa época científica bastante propícia para isso.

Por fim, nosso neologismo “Fora de Leymarie não há salvação” talvez faça mesmo sentido numa época em que a Doutrina dos espíritos – visivelmente corrompida e desrespeitada – recrudescia à maneira de um Espiritismo Leymarista.

Absolutamente antipático

Seguindo inquieta e entristecida em seu lar, Amélie iniciava o ano de 1881 com 85 primaveras (e saúde deteriorada), tendo que enfrentar ainda o rigoroso inverno francês. Mais calada do que nunca, arquitetava planos no silêncio do lar e na solidão de seu pequeno ateliê. Relatos à época indicam que muitas vezes ela chorou às escondidas, principalmente quando suas palavras de carinho e sugestões de melhoria eram ignoradas por Leymarie e demais societários – que estavam muito longe de conseguir desanuviar a tristeza angustiosa que a *femme forte* do Espiritismo sentia na alma.

E uma das provas do desdém que mantinham por ela pode ser observada na declaração de um kardecista chamado Carrier, que publicou uma carta no *Journal Le Spiritisme*, edição de julho de 1884, revelando esta fala inquietante da viúva Kardec:

Eu parei de ir às reuniões do *Comitê de leitura da Revista Espírita* porque os senhores Leymarie e Vautier não tinham respeito por mim. Sempre que eu queria colocar as minhas opiniões, eles me faziam dura oposição, por isso eu tive que me retirar.

Surgiu em Paris mais de um espírita disposto a denunciar publicamente os tratamentos repulsivos que Madame Kardec vinha sofrendo da parte do sagaz Leymarie. Provas de que ele, como administrador-gerente da Sociedade, a tratou com desprezo arrogante estão claramente publicadas na brochura de um parisiense chamado Augustin Babin.

Sob o extenso título *Aviso biográfico contendo a classificação geral das principais dificuldades surgidas entre nossos ex-editores e nós, etc.*, o referido opúsculo, com 130 páginas, publicado em 1884 no formato de um largo desabafo, traz em suas páginas iniciais as explicações de Babin sobre sua difícil decisão de pedir demissão do Comitê de Leitura da Sociedade. Na capa de seu dossiê ele deixa a entender que enfrentou grandes dificuldades de relacionamento com Leymarie, isso por um período de seis anos. O documento exprime, ainda, numa linguagem bastante amarga e ressentida, os porquês de ele ter desistido de doar, após sua morte, todos os seus bens materiais à Sociedade, além de anunciar que precisou entrar com

um processo no Tribunal Civil do Sena para reaver os direitos autorais de mais de quinze obras de sua autoria, que estavam sob o domínio editorial dos seus ex-editores Leymarie e societários, que não aceitavam um destrato consensual. No fim das contas, Leymarie, derrotado no processo que levou dois anos para ser concluído, teve, ainda, que devolver ao sr. Babin os 500 francos que havia recebido dele sobre valores de impressão. Uma pequena tolice que poderia ser rapidamente resolvida com boa conversa entre confrades.

Denunciando abertamente, dirá que o conteúdo de sua nova brochura, em formato de aviso biográfico, poderia desagradar a muitos senhores, especialmente seus ex-editores da rua *Neuve-Petits-Champs*, nº 5. E as verdades sobre como a viúva Kardec vinha sendo (mal) tratada por Leymarie logo surgiram pela pena cortante de Babin:

[...] São esses nossos ex-editores, os tristes continuadores da *Sociedade* de Allan Kardec, a que honramos ter feito parte no tempo do ilustre e imortal iniciador da Doutrina Espírita, e que, infelizmente, nós continuamos a integrar após a sua morte. Dizemos, infelizmente, porque a dita *Sociedade* decaiu completamente, tanto na parte administrativa, como moralmente.

Senhor Leymarie, o seu administrador-gerente, é absolutamente antipático com a honorável viúva do mestre, e também com o senhor Levent, que foi vice-presidente da referida *Sociedade* no tempo de Allan Kardec (BABIN, 1884, p.10).

Augustin Babin pertencia ao meio espírita parisiense há décadas, além de ser profundo conhecedor dos bastidores da trãnsfuga Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, mantida por Leymarie e societários. Ele conviveu intimamente com o casal Kardec, e o próprio mestre havia elogiado, na *Revue* de abril de 1866, três de seus muitos livros, referindo-se a Babin como “um espírita de longa data, e que toma a Doutrina a sério, do ponto de vista moral”. Portanto, não há dúvidas da lisura dele como importante e respeitável homem de letras, que conhecia muito bem qual era o tipo de tratamento pessoal, *absolument antipathique*, que Leymarie dispensava à viúva Amélie.

O fiel Babin sabia mais do que ninguém que a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos já estava bastante decaída no início da década de

1880, deixando a entender, em seus escritos, que havia uma má administração em curso, além de uma postura coletiva beirando à imoralidade, valores esses totalmente corrompidos pelos “tristes continuadores da *Sociedade* de Allan Kardec”, como desabafou.

Ainda em sua brochura, ele acusa Leymarie de ter falsificado três contratos sobre seus direitos autorais, “principalmente o da rescisão, cujas condições não foram cumpridas por nenhum dos cavalheiros, meus adversários da *Sociedade*”, como denuncia. Embora as acusações de falsificador recaíssem sobre Leymarie, ele também apontava ações corruptíveis na “conduta infame desses senhores membros da indigna *Sociedade*”, como bradou o homem das letras. Encerrando seus longos protestos textuais, Augustin Babin deixou escapar um depoimento bastante manchado sobre o estado moral da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, no sentido de ter perdido a sua *blancheur immaculée*:

[...] Na minha qualidade de espírita sincero, tenho a obrigação de avisá-los que a disputa que agora nos divide é extremamente grave. A justiça, certamente, verá que vocês me colocaram numa verdadeira emboscada. Estou muito preocupado por todos vocês, senhores, especialmente pela vossa *Sociedade*, que perdeu muito a sua brancura imaculada depois da partida do mestre Kardec e que, nessas tristes circunstâncias, ai de mim!, pode também perder toda a sua honra (Idem, p.108).

Mesmo tendo a Sociedade sua honra e moral perdidas há tempos, fica evidente que os senhores Jules-Nestor-Anatole Levent e Augustin Babin não renunciariam a importantes posições espíritas (que amavam e conduziam bem havia anos e que foram confiadas a eles por Kardec e esposa) se não ocorresse uma frustração maior no sentido de uma *manque de confiance réciproque entre tous les membres*, como Babin reportará no seu opúsculo-protesto.

Sim! Falta de confiança mútua entre todos os membros: um dos motivos que o levaram a pedir demissão de suas funções no Comitê de Leitura da Sociedade. Eis um dos muitos motivos que conduziram o Espiritismo Francês pós-Kardec a um buraco sem luz, à decadência sem fim.

De fato, não há dúvidas de que essa falta de atenção e cuidado com Amélie-Gabrielle Boudet perpassou pela influência do orgulho e do egoísmo, seja por necessidade cega de poder e palanque, ou mesmo de acesso fácil ao dinheiro e bens materiais dos outros.

Em um artigo do jornal *Le Temps*, edição de fevereiro de 1898, é possível observar o nível da relação entre Leymarie e a viúva Kardec, desta vez envolvendo herança. Como se pode notar, o jornalista não poupou o mandatário de Amélie, nem sequer por um segundo, publicando esta opinião não menos sensacionalista:

[...] Madame Rivail, viúva de Allan Kardec, já muito velha, foi cercada e mimada como uma espécie de ídolo tutelar. Senhor Leymarie, que, naquela época, tinha visto na *sucessão moral* de Allan Kardec um meio para alcançar a *sucessão material (sic)*, lisonjeava as inofensivas manias de Madame Rivail.

Maledicências à parte, a verdade é que Amélie foi respeitosamente cercada por seus admiradores, especialmente nas ocasiões em que se comemorava o Dia dos Mortos – evento espírita anual especialmente criado por ela e esposo. Mas em uma das edições da *Revista Espírita* de 1883 é possível conhecermos as realidades distanciadas entre viúva Amélie, Sociedade e Leymarie:

[...] Madame Allan Kardec levava uma vida independente desde 1874, por isso, os membros da *Sociedade* e o seu administrador não mais fizeram as visitas anuais à *villa Ségur*; isso não foi um abandono de nossa parte, ou negligência por conveniência, mas porque havíamos constatado a sua sábia razão.

Na continuação de sua matéria sensacionalista, o jornalista do *Le Temps* acertou (talvez sem querer) ao opinar sobre os verbos “enfraquecer” e “influenciar”, ao dizer o seguinte, no fechamento de sua matéria: “Os anos que se seguiram acabaram por enfraquecer Madame Rivail, diante da influência que o senhor Leymarie havia exercido sobre ela”.

Por fim, não são necessários novos capítulos para reafirmarmos o quanto o decúrio P.-G. Leymarie foi absolutamente antipático com Amélie, desrespeitando – declaradamente – a esposa do propagador da Filosofia

Espírita. Não há dúvidas de que houve, da parte desse senhor, desdém e desconsideração pela herdeira de Kardec.

A cada um, segundo suas obras.

Je suis Berthe Fropo

O velho mundo havia mudado significativamente desde os tempos da publicação de *O livro dos espíritos*. O início da década de 1880 vinha convivendo com algumas inovações tecnológicas, como a navegação a vapor, a locomotiva, a eletrotipia, o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cabo submarino, a anestesia, a turbina a vapor, o fonógrafo, a máquina de escrever, a luz elétrica, o sismógrafo, a linotipo, o *radium*, o cinematógrafo, e até o automóvel primitivo já ensaiava seus movimentos rumo ao progresso.

A tradicional *Revista Espírita*, inaugurada pelo mestre em janeiro de 1858, não reinava mais como o principal periódico espiritista do mundo. Com as leis de imprensa mais liberais em terras francesas, que permitiam a livre impressão e a venda de jornais, revistas e livros, profissionais editores surgiram às pencas, desejosos de imprimir seus próprios periódicos. Isso fez com que os custos de edição despencassem, incentivando o surgimento de mais e mais publicações espíritas e não espíritas.

Com a missão da França em civilizar, o interesse pelas culturas orientais crescia na direção do Hinduísmo, do ocultismo, do exótico e das religiões que revelavam mistérios e magias, todas importações do colonialismo. Nessa época, o movimento espírita mundial passou a dar muito mais ênfase à ciência que estudava os fenômenos espirituais, ao contrário do futuro que Allan Kardec havia projetado à Filosofia Espírita.

Ainda no jornal *Le Gaulois*, há um antigo trecho de matéria publicada em abril de 1869 informando que “Allan Kardec não gostava nem um pouco das manifestações de efeitos físicos. Ele odiava os fenômenos psíquicos que remetiam à magia ou à feitiçaria, e estava sempre lutando contra quem recorria a esses meios”. Em vez de se colocar importância na exigência moral dos ensinamentos dos espíritos, como sempre o mestre apregou no passado, pesquisadores e cientistas da década de 1880, como exemplo vivo de Gabriel Delanne, chamado carinhosamente por Kardec de “neto”, começaram a observar a verdade de suas experiências sobrenaturais em meios científicos. Enquanto a tradição kardequiana manteve o pedido de conselhos espirituais por meio das evocações, comprovar a existência dos espíritos tornava-se mais importante, sempre na busca por provas científicas

de identidades. Constatar as verdades espirituais, na prática, configurava a euforia desses pesquisadores. Assim, as materializações e os fenômenos de efeitos físicos se convertiam em ferramentas empíricas confiáveis para se provar que a alma dos vivos continuava depois da morte. E cada vez mais era fácil encontrar médiuns de todos os tipos e fascínios, dispostos a se submeter aos fatigantes experimentos em laboratório, à frente de cientistas céticos e materialistas.

Madame Kardec não sabia ainda, mas as últimas notícias sobre a independência de seu procurador Leymarie apontavam para o rico proprietário de terras de Bordeaux, o sr. Jean Guérin, que havia doado mais 5 mil francos à *Revista Espírita*. O astuto Guérin exigiu algo bastante controverso em troca dessa “doação beneficente”: liberdade editorial na *Revue* para promover as ideias de Jean-Baptiste Roustaing e seus quatro intermináveis evangelhos.

O que poucos sabiam é que o grupo dos espíritas roustainguanos já colecionava dezenas de opositores kardecistas em Paris. Um desses juntou-se à viúva Kardec para apoiá-la na defesa dos valores doutrinários organizados cuidadosamente pelo mestre, desde a década de 1850. O nome dela é Bertha-Victoire-Alexandrine Thierry de Maugras, mas ficará bastante conhecida no meio kardecista como Madame Berthe Fropro. Amiga de longa data do casal Kardec, ela tinha 50 anos de idade quando começou a frequentar a residência de Amélie quase que diariamente. Tudo porque Fropro morava na *boulevard des Invalides*, nº 48, há exatos 950 metros de distância da viúva, o que permitiu cuidar pessoalmente da saúde fragilizada de sua amiga, inclusive, quando necessário, hospedando-se em sua residência, a fim de acompanhá-la diuturnamente, sempre com a ajuda de empregados.

Havia dois fortes motivos para essa aproximação diária que não só a recaída de Madame Kardec: 1º: evocação de espíritos; 2º: elaboração de estratégias para a retomada e a reconfiguração da Filosofia Espírita nos originais de Allan Kardec. Sobre este último e difícil plano em conluio com a frágil Amélie, ação que atingirá diretamente Leymarie e sua equipe, Madame Fropro deixou claro em um dossiê que vinha compilando (cujo um dos capítulos tratará do espinhoso tema *Como o Espiritismo foi dirigido*) que nada tinha contra o mandatário da viúva:

Eu devo declarar que, pessoalmente, nunca tive nada além de elogios à cortesia e gentileza do sr. Leymarie, mesmo diante dos preconceitos dele para comigo. Não há, portanto, nenhuma razão para fazer de minhas palavras motivo de desconfiança. Eu faço, como o cumprimento de um dever: *a cada um, segundo suas obras* (FROPO, 1884, p. 22).

Leymarie sabia muito bem que Madame Fropo não provinha de família republicana como a dele e a de seus amigos mais chegados. Ela estava casada com o médico Augustin-Joseph Fropo, um antirrepublicano convicto que atuou na [Guerra Franco-Prussiana de 1870](#). E como um respeitável doutor do regimento da [Guarda Imperial de Napoleão III](#), era fato que os Fropo não expressavam simpatia alguma por Leymarie.

Doutor Fropo fora nomeado médico-chefe do Hospital Militar de Versailles, ao qual, após a revolta da Comuna de Paris e a conquista de sua capital, muitos insurgentes feridos capturados pelo Império foram conduzidos. Dr. Fropo colaborou diretamente para a melhoria do estado de saúde de centenas desses prisioneiros, muitos deles companheiros republicanos de Leymarie, os que permaneceram lutando em Paris.

Tudo leva a crer que Leymarie também não simpatizava nem um pouco com Berthe Fropo, já que seu marido lutou ao lado de seus piores opressores. Como observado, os encontros caseiros das Madames Kardec e Fropo não se restringiram (apenas) aos assuntos de saúde da primeira, tampouco às discussões sobre os rumos da arte ou da literatura da época. Prioritariamente, as duas estiveram unidas para organizar sessões de evocação na residência da *villa Ségur*, desta vez o objetivo exclusivo de convocar um importante espírito – aquele que poderia tirar a Doutrina de um perigo iminente. Eis as anotações de Berthe Fropo sobre esses encontros reservados:

No dia 27 de fevereiro de 1881, numa pequena reunião realizada na casa de Madame Kardec, M.***, médium, nos deu a suave comunicação seguinte: *Querida Amélie, eu desejava muito dar-te alguns conselhos mais cedo; até o presente eu não pude fazê-lo, pois para o objetivo sobre o qual desejo falar-te, eu não queria empregar todos os médiuns* (Ibidem, p.7).

Logo na sequência, esse mesmo espírito, que se mostrava bastante íntimo da viúva, a advertirá com um sutil puxão de orelha:

Outrora, eu tinha afirmado que te desejaria ver acolhendo os meus pensamentos; eu tentei muitas vezes, e eu ainda não consegui. Talvez, agora, tu me reserves algum acesso; ponde de lado as suas preocupações terrenas, deixando sua mente mais livre para executar meus avisos. Estou estudando ainda uma forma intuitiva de você entender mais as minhas intenções, para você, querida Amélie, poder dar o último arremate ao nosso trabalho espírita. Eu lhe peço, não dê atenção ao que você está sendo inspirada a partir deste momento, e espero que desta vez seja a última. Muitas vezes você descartou os meus sinais, como eu tentei fazer você entender. Quando você acreditar que entende o que eu lhe inspiro, descobriremos o meio de você compreender meus pensamentos neste momento que lhe digo. Você deve saber que eu não quero interferir em seu livre-arbítrio, mas se você me pede conselhos, eu dou-lhes, como faço agora (Ibidem, p.7).

A cada linha da psicografia do anônimo médium M.***, surgia com mais nitidez uma grande identidade familiar que, inesperadamente, se utilizava de imperativos e ordens de comando muito pontuais.

Cresciam também as dúvidas de que aquelas mensagens provinham de textos meramente anímicos (do próprio médium), preparados para impressionar a viúva a mudar suas disposições sobre a existência da atual, corrompida e ambígua Sociedade. Trata-se de um plano de Fropo para convencê-la a extinguir a antiga Sociedade fundada por Kardec para inaugurar uma nova? Destituir Leymarie e seus partidários fazia parte desse plano?

Por meio da publicação de uma brochura intitulada *Ficções e insinuações*, que conheceremos mais adiante, Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade responderam com rápida frieza sobre o teor dessas mensagens mediúnicas atribuídas ao espírito Allan Kardec: “Uma falsa comunicação que é vergonhosa até de se admitir” (LEYMARIE, 1884, p.4).

Mas alguém concatenou ideias e concluiu que a única opção existente para desfazer a miscelânea em que o Espiritismo havia se emaranhado era pulverizar a respeitável Sociedade para o renascimento de outra, com uma

nova gestão isenta de sincretismos, por meio das históricas parcerias místicas. E assim seguirá ordenando, por meio da psicografia de M.***, o suposto espírito do mestre Kardec, sempre com suas coordenadas em riste:

Vou falar-lhe de nossa missão. É necessário esforço para não acabarmos escolhendo o caminho inverso ao indicado pelos espíritos superiores. Uma direção errada poderá paralisar as ideias que semeamos, caso você deixar as coisas como estão.

Eu não lhe disse, Amélie, querida companheira, para dar continuidade ao meu trabalho? Não lhe disse que era o futuro que você tinha que olhar, para você, para mim e para o Espiritismo? A você, portanto, cabe corrigir o que, até agora, foi contaminado pelo erro.

Para que você possa distinguir os novos espíritas daqueles que demonstram apenas bajulação, como esses médiuns interesseiros; para que você possa identificar os confrades abnegados e dedicados à nossa longa causa espírita – a que fomos chamados para dar continuidade e construirmos o que eu semeei –, você deve observar que agora é o momento de agir e formar uma *Sociedade nova (sic)*, a fim de desenvolver e divulgar ainda mais os meus trabalhos (FROPO, 1884, p.6).

A cada mensagem, o suposto espírito reafirmava ser o fundador da Filosofia Espírita, pontuando, das altas esferas da espiritualidade, ordens de comando muito sisudas e dando a entender que sua esposa Amélie, na limitada Terra, precisava mudar de opinião urgente.

Os membros, que terão de lidar com as mudanças serão selecionados por nós espíritos, e devem, sob os meus auspícios e os seus, se unirem à nossa missão. Você nota, minha querida, que não falo de retornar com a velha *Sociedade*, o que você estava pensando em fazer, isso seria contrário às minhas ideias e aos propósitos a serem alcançados. Além disso, para o momento, fixe-se em uma coisa: a preparação para alterar as disposições existentes desta *Sociedade* antiga, para que você possa ter referências do que irá se constituir, a fim de garantir a sua missão.

Examina, querida, o que foi dito a você a partir dos vários lados; veja se você concorda que recebeu vários avisos. Isto é o que eu quero

que você entenda bem. Um pouco mais tarde, eu te darei uma comunicação mais precisa sobre a *Sociedade* atual, ao mesmo tempo em que desejo deixar agir o seu livre-arbítrio, independente do papel que deverá cumprir para essas mudanças que, em breve, chegarão o momento de serem realizadas. **Allan Kardec** (Idem, p.7).

Rapidamente, Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade interpretaram, no teor dessas psicografias, uma armação grosseira para persuadir a viúva Amélie; um cambalacho improvisado que emergia de papéis velhos, como eles, pejorativamente, classificaram a origem e o suporte dessas mensagens. Em verdade, acreditavam que Berthe Fropro e seus partidários desejavam promover uma manobra às pressas para absorver a antiga Sociedade por outra. Ou seja, destituir Leymarie e equipe para a tomada da kardecista Fropro e de seu grupo, unidos à reformulação da Doutrina. Diante da suspeita de um golpe, os contra-argumentos dos acusados logo rumaram neste sentido:

E, com isso, nossos adversários tiveram a sensação de que o lugar deles estava bem guardado, e não havendo nada mais para tentar, se retiraram. Dar as mãos a tais comportamentos teria sido, por parte dos senhores Vautier e de Leymarie, um obra da loucura, da ingenuidade, e mais da desonestidade na ausência de outros membros da *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec* (LEYMARIE, 1884, p.10).

Madame Fropro registrará, ainda, em suas anotações, que outra comunicação mediúnica do mestre de Lyon foi transmitida. O suposto espírito Allan Kardec mostrou claramente que não queria perder tempo algum à dissolução da antiga Sociedade fundada por ele e esposa, que vinha sendo administrada por Leymarie, sr. Vautier e societários. Nas colocações expansivas atribuídas à Kardec, sua amada Doutrina periclitava:

Como eu vos disse, sabeis o número de espíritos missionários que possuem grandes tarefas a cumprir. Logo eles começarão e vós vereis, então, o desenvolvimento rápido de nossas ideias. Uma nova sociedade está em preparação; os espíritos terrestres se farão escolhidos por vocês. [...] Como eu vos dizia, essa sociedade se formará pouco a

pouco. Um pouco de paciência e, em seguida, a felicidade. **Allan Kardec** (FROPO, 1884, p.8).

Em suas muitas anotações, que já estavam se avolumando para um dossiê, Madame Fropro achou melhor deixar registrado o seguinte:

A partir dessas duas comunicações que trouxeram várias advertências, fica evidente a mensagem do espírito Kardec sobre a formação de uma nova sociedade com o objetivo de o Espiritismo retomar a sua vitalidade, em que a viúva Amélie poderia novamente espalhar as ideias de seu marido (Idem, p.7-8).

Berthe Fropro se esqueceu de ser cuidadosa e reservada em uma notinha de rodapé, que deixou no ar grandes dúvidas e infinitas suspeitas aos seus adversários:

Numa comunicação anterior, que eu não guardei, me disseram que eu seria presidenta da nova sociedade; que eu escreveria um jornal fundado por essa; que eu ministraria conferências e que teria ainda uma grande influência no futuro da Doutrina. Nem eu, nem Madame Kardec, pensamos nada sobre isso. Nós não demos importância alguma a essas comunicações, que eu as encontrei há três meses, em papéis velhos (Idem, p.7).

Viúva Kardec, analisando essa pretensa comunicação, pode ter ficado resabiada com a empolgação e a falta de modéstia de sua amiga “presidenta”, ao lado de mister M.*** – o medianeiro misterioso dos três asteriscos elevados. Na outra ponta da questão estava Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade, que publicaram novas contestações sobre essas mensagens mediúnicas providas de “papéis velhos” – como passarão a chacotear a expressão de Fropro. E sobre a delatora Berthe, empolgada com as supostas psicografias do espírito Kardec, dirão os mantenedores da antiga Sociedade: “Não há prova melhor de que ela é apenas um oportunista em boas condições. Preferimos acreditar que essas comunicações foram fabricadas para a ocasião, porque não faz sentido algum dizer que o espírito de Allan Kardec abordaria a sua esposa” (LEYMARIE, 1884, p.5).

Doutrina adormecida

Madame Fropo tentava convencer a viúva Kardec a liquidar a antiga Sociedade em favor de uma nova. Se o plano desse certo, Amélie poderia assumir a vice-liderança ao lado da amiga Berthe, na presidência. Mostrando-se bastante relutante, ela pressentiu que a viúva mudaria de ideia se o pedido viesse do marido. Assim, Berthe arquitetou encontros mediúnicos para a evocação do suposto espírito Kardec – premeditação essa que mostrou ser a solução definitiva para o impasse da viúva, que mantinha ainda muitas dúvidas sobre os rumos da sua criação, a Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.

O surgimento de uma nova comunicação, em 10 de março de 1881, explicando superficialmente a finalidade de uma nova sociedade, tentou desfazer as cismas da viúva, trazendo-a para o time dos kardecistas que desejavam, há tempos, a concretização de uma união espírita francesa. O suposto espírito Kardec, por meio da pena do oculto M.***, entrou em cena novamente, agora com mais firmeza do que antes. Agiu diretamente no coração de sua esposa Amélie, num pulsante apelo emotivo não menos persuasivo. Inacreditavelmente, o suposto mestre deixou escapar uma personalidade excêntrica, agitada, extremamente contrária da que teve quando encarnado. Em vez da afabilidade de antes, do bom humor habitual, ele se expressou por meio de um irreconhecível tom de impaciência, bradando, nos papéis velhos das psicografias, um prepotente “EU VEJO”:

Querida Amélie, eu poderia ainda te dizer mais coisas, mas me parece que a tua confiança está restrita; eu não posso, pois, me expressar mais longamente sobre este assunto; eu te repetirei ainda, e o que eu te aviso, chegará. Tu pensas que, com algumas modificações na atual *Sociedade*, ela seria mais bem constituída para reunir as qualidades necessárias pelo ponto de vista que te pertences. Não, eu não vejo como tu vês, e acredite em mim, EU VEJO...

[...] Não, querida Amélie, teu julgamento está mal fundamentado a teu olhar. É inútil realizar essas modificações para chegar a alguma coisa que não seja positiva para nossa causa. [...] Amélie, eu te recordo que tinhas uma missão a cumprir; que ficarei muito triste se tu não a

completares; que uma vez perto de nós, tu poderias enxergar de uma maneira melhor como vias, e que estava contrário à realidade. **Allan Kardec** (FROPO, 1884, p.10).

Berthe Fropo, feliz com a persuasão alcançada, frente às reações de concordância da viúva Kardec, rapidamente escreveu em seus documentos a seguinte notinha sobre o “eu vejo” em caixa-alta: “Esta comunicação influenciou tanto a minha amiga que ela deixou as coisas tal como estavam, esperando pelo tempo certo de agir”.

Ela também registrará, em suas anotações, que “Gabriel Delanne recebeu, em tom de advertência, muitas comunicações espirituais no ano de 1882, seja por escrito, seja pelo *copo de água (sic)*, incentivando-o a fundar uma nova sociedade”. Como se sabe pela sua nobre biografia, as ocupações comerciais de Delanne tomavam quase todo seu tempo. Ele foi engenheiro na Companhia de Ar Comprimido e Eletricidade Popp, em que trabalhou até 1892. Dessa maneira, fundar uma sociedade e um jornal apresentava-se tarefa quase impossível de assumir, frente às suas obrigações profissionais.

Ainda de acordo com os relatos de Fropo, “assim que surgiu um jornal chamado *l’Esprit*, fundado pelo sr. Momas, Delanne acreditou que este encontro de jovens kardecistas, cheios de instrução, de fé e de ardor, era a falange escolhida pelos espíritos para dar ao Espiritismo toda a sua vitalidade”. Curioso observar que esses kardecistas receberam também, nessa mesma época, comunicações do suposto espírito Kardec que corroboravam as mensagens espirituais que Fropo e a viúva vinham recebendo. Tratava-se, portanto, de um chamado astral urgente, permeado de sincronicidades.

De fato, espírito Kardec supostamente emitiu no dia 18 de maio de 1882 (distante e isento agora de *villa Ségur*, longe de sua amada esposa, da amiga Fropo e do desconhecido M.***), por meio de jovens medianeiros em torno do sr. Momas, uma nova comunicação que começava num tom mais lamurioso e findava num ar mais socialista, cujos trechos de Fropo aqui reproduzimos:

A Doutrina esteve, por assim dizer, adormecida desde a minha partida... Era impossível que isso fosse de outra maneira... O meu desaparecimento súbito não me deu tempo de completar os projetos

que havia proposto, e que teriam permitido uma *coletividade homogênea (sic)* na continuação da obra começada.

[...] Estou feliz pela transformação que se opera. [...] É do dever de todo espírita sincero o de impedir que a Doutrina seja desviada de seu caminho verdadeiro. Assim, meus bons amigos, eu conto com vocês. [...] Trabalhai, pois, sem descanso e com coragem ao edifício social e moral de nossa Doutrina; os meios vos serão dados... O momento chegou e a ocasião se apresenta hoje, ajudai-a, queridos amigos, com todo o vosso poder, chamai-vos. Organizem-se em um comitê. **Allan Kardec** (Ibidem, p.12).

A articulista Berthe fará lembrar, em seu futuro dossiê, que essa inesperada comunicação mediúnica do suposto Kardec, ao círculo de amigos do sr. Momas, e ao seu jornal *l'Esprit*, vinha acompanhada de um importante *post-scriptum*, ou seja, de um acréscimo necessário à mensagem anterior:

Não desejo fatigar o médium. Entretanto, eu vos encarrego de ir ver a minha querida mulher... É preciso que se faça isso pela nossa Doutrina (e também por cada um pessoalmente). É bem difícil julgar o coração humano, pois se ele tem momentos de desânimo, tem também horas de entusiasmo. Se vocês irem até ela, ficarei muito agradecido. **Allan Kardec** (Ibidem, p.15).

Madame Berthe Fropo registrará novo apontamento em seu dossiê, dessa vez escrevendo que, apesar dessa ordem urgente, senhor e senhora Delanne foram à direção contrária do chamado do suposto mestre Kardec, passando todo o mês de julho e parte de agosto de 1882 sem se mexerem: “Eles só vieram no fim de agosto, quando novas comunicações surgiram, alertando-lhes de que esse atraso foi prejudicial à Doutrina. Dessa forma, os Delanne foram à viúva Kardec, que os recebeu com profunda alegria” (Ibidem, p.16).

Para a felicidade de Berthe Fropo, e dos demais kardecistas em favor de mudanças, Madame Kardec criou a nova sociedade por tanto tempo desejada. Amiga Berthe e casal Delanne propuseram à viúva ser a presidenta, mas ela se recusou porque estava “muito sofreda”. Assim dirá

nossa delicada professora e vovó Amélie: “Eu estou de coração com vocês” (Ibidem, p.16).

Fropo também registrará, em sua coleção de documentos, a seguinte fala viva da viúva Kardec. Talvez, se precavendo de uma enxurrada de ataques, fofocas ou acusações mais sérias de traição, a inteligente Amélie, com a singeleza que lhe pertencia, dirá: “Me recuso a querer combater e destruir a *Sociedade* que nós fundamos, o meu marido e eu. Eu vos darei um presidente mais fiel, um reflexo de mim mesmo e eu permanecerei neutra” (Ibidem, p.16).

Para alfinetar as conquistas de Fropo e suas tentativas de eleger a viúva Kardec como presidenta da União, o senhor Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade se utilizaram dessa suposta fala de Amélie: “Queriam me nomear presidenta da *União*, mas eu recusei claramente, porque eu não sei o que essas pessoas estão procurando” (LEYMARIE, 1884, p.16).

No fundo, Madame Berthe pode não ter gostado da ideia de ser a vice-presidenta do ousado projeto de criação de uma nova sociedade, tendo Leymarie e seu grupo tão próximos, fortes e influentes. Como vimos, Fropo almejava a presidência, mas tudo indica que seus ânimos foram acalmados, já que o presidente eleito foi seu amigo e aliado Gabriel Delanne, que já despontava como um dos kardecistas mais influentes e respeitados de Paris. Embora Delanne também fosse amigo de Leymarie, que era amicíssimo de seu pai Alexandre Delanne, tudo indica que ele, na figura de presidente da *União*, passou a não mais admitir (pelo menos publicamente) qualquer tipo de parceria mística intrometida na Filosofia Espírita. As simpatias e concordâncias ideológicas de dantes, principalmente com os livres consórcios sincréticos de Leymarie, em nome da fraternidade universal, passaram a ser encarados por Gabriel Delanne com ressalvas. E para a estrategista Berthe Fropo, a paisagem ideal para esse renascimento espiritista já surgia à sua frente: Kardecistas de um lado; Leymaristas do outro.

Manter a unicidade do Espiritismo, resgatando os valores doutrinários organizados por Kardec, era uma das muitas expectativas de Fropo e de Amélie. A missão kardecista naquele momento estava carregada de responsabilidades. Gabriel Delanne deveria recuperar a autoestima da Doutrina dos espíritos, resgatando a identidade dos espíritas em Kardec, há muito acabrunhada por misticismos infiltrados. Conseguirá?

Vamos esmagá-los!

A urgência na criação de uma nova sociedade espírita que fosse capaz de despertar a Doutrina de um pesadelo deixou evidente que estava mais do que na hora de Gabriel Delanne assumir uma postura mais ostensiva com a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, exatamente como o suposto mestre Kardec estava sugestionando por meio das psicografias recebidas em *villa Ségur*. Fazer vistas grossas ao que estava acontecendo com o Espiritismo francês seria inadmissível ao presidente Delanne, com perfil perscrutador.

E a feliz Berthe, mesmo como vice, dobrou os joelhos conformada, analisando o sucesso de sua estratégia desse jeito: “E foi assim que eu fiz parte da *União*, e eu aceitei ser a vice-presidenta. Por quinze anos eu não estava indo a qualquer reunião espírita, vivi à parte” (FROPO, 1884, p.17).

Ficou decidido, ainda, entre o casal Delanne, Fropro e Amélie, que poderia se fazer um apelo a todos os espíritas sinceros para a elaboração de um estatuto e que a sociedade se chamaria *L’Union Spirite Française*.

Dirá Fropro que alguns kardecistas se calaram completamente após a inusitada decisão de se criar a União Espírita Francesa. E acreditando outros que a antiga Sociedade se desmancharia, protestaram em público pela manutenção dos valores doutrinários esquadrinhados por Kardec. Outros confrades, ao contrário, apoiaram abertamente o nascimento da União, acreditando que, desde a morte do mestre, o Espiritismo patinava no lugar. Assim, esses mesmos acolheram com grande alegria a possibilidade dessa fundação, como também o surgimento de um jornal kardecista mais barato.

Todos os círculos espíritas da França sabiam que, para o reconhecimento oficial da criação de uma sociedade espiritista, convinha passar tal projeto pelo comitê central parisiense, que decidia suas diretrizes e seu funcionamento. Ou seja, todas as propostas e decisões novas deveriam ser tomadas em conjunto, como vinha acontecendo no movimento espírita há muito tempo. A união e os propósitos espíritas sempre se estabeleciam em uníssono, por meio de reuniões e votações democráticas, como acontecia desde os tempos do surgimento de *O livro dos espíritos*.

No dia 4 de setembro de 1882, na sede da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, à *rue Nueve-des-Petits-Champs*, nº 5, distrito charmoso do *Palais-Royal*, um comitê foi formado com o aval de Leymarie, especialmente para regularizar o nascimento da União Espírita Francesa. Todos os interessados se reuniram numa assembleia com 150 pessoas para discutir primeiro a “crise belga”, gerada por confrades que queriam reconfigurar a Doutrina. Depois, pela ordem das prioridades e urgências, iniciaram-se as discussões sobre as primeiras ações e propostas para a criação da União.

Porém, no dia 22 de setembro, surgiu um imprevisto mais que justificado. Leymarie teve que partir às pressas para a Bélgica, com o objetivo de estabelecer a paz geral com sua respeitável presença. Dois dias depois, ele participou de uma histórica e polvorosa reunião com aproximadamente mil espíritas belgas. Tudo porque alguém que se dizia “kardecista” queria transformar o Espiritismo numa religião com cultos e cerimônias. De acordo com os depoimentos de Fropo, esse anônimo cogitou a estapafúrdia ideia de inaugurar, em terras belgas, uma igreja com pastores spiritistas à configuração de uma nova religião espírita. Dirá Fropo, ainda, que alguns kardecistas belgas chegaram a acreditar que, se não houvesse resistência alguma, o desvairado homem, com sua igreja, seus pastores e sua nova religião, inauguraria livremente seu polêmico projeto de um espiritismo independente. Por conta disso, Leymarie fora convocado na urgência dos fatos, já que era o representante maior do Espiritismo francês na Europa.

Não foi a primeira vez que um “aventureiro” tentava transformar o Espiritismo numa religião dogmática. No passado, um médium profeta chamado Andrew Jackson Davis chegou a ser treinado por uma seita protestante, que formulou um credo em treze artigos sobre a “nova doutrina do espiritismo”. Estabeleceram, ainda, um “clero espírita” formado por um enigmático, *le Sacré Collège* (o Sagrado Colégio), em que Davis seria eleito o “papa do Espiritismo”.

Da Bélgica, em meio à sua visita triunfante, Leymarie aproveitou para escrever uma carta a Gabriel Delanne. Valeu-se também para dizer ao amigo que estava disposto a renovar a antiga parceria, desfazendo os últimos mal-entendidos por meio de um pedido sincero para que Delanne voltasse atrás em suas últimas decisões na fundação daquela dispensável União. De acordo com as anotações de Fropo, eis os apelos de Leymarie:

Havia aqui uma profunda cisão entre os espíritas belgas; eu pude aplacar os conflitos, e esta tarde eu espero haver uma conciliação geral; minha presença não teve senão esse resultado, que eu abençoei minhas fadigas cotidianas. Por que o que se faz aqui não se completa em Paris? Você deveria me ajudar, meu amigo, seus pais são devotados à nossa Doutrina. Enquanto acontecem esses incidentes que tentam perturbar a harmonia, não podíamos nós, mão com mão, nos unir e nos amar, sermos o exemplo da conciliação e do esquecimento do passado, para criarmos seriamente a base da sociedade espírita do futuro? (Ibidem, p.18).

E a inteligente Fropo documentará que Delanne havia confidenciado, numa conversa íntima na residência da viúva Kardec, que também acabou partindo para a Bélgica porque acreditou que alguém armava uma cisão inquietante à Doutrina, a fim de transformá-la numa religião. Ao ouvir esse depoimento, Amélie recusou veementemente tal ideia, dizendo aos presentes em sua casa: “Se o Espiritismo se tornar uma religião, nós não seremos mais do que uma seita, e a Doutrina – esta bela filosofia – será perdida”. Fropo registrará, ainda, que a viúva repeliu a palavra “federação”: “Ela também rejeitou a palavra federação, pois soava mal aos ouvidos da comunidade” (Ibidem, p.16). Diante de um fogo cruzado entre Leymarie e Delanne, de um lado, e os espíritas Franco-belgas, de outro, os membros da Sociedade Científica tentaram encontrar uma forma de não cancelar as comemorações do Dia dos Mortos, que ocorreram em 1º de novembro de 1882, na capital Paris. Dessa vez, foi viúva Kardec quem presidiu a sessão, muito bem acompanhada pela sua amiga Madame Berthe Frope. Embora ainda triste pelos rumos místicos de seu mandatário Leymarie, Amélie demonstrou grande afetividade diante das trezentas pessoas presentes na plateia. Muitos espíritas vinham de longe só para beijar, respeitosamente, sua mão. Há relatos de que alguns confrades chegavam a se emocionar diante de figura feminina tão nobre, imaginando que aquelas pequeninas mãos de artista bem auxiliaram o mestre em sua missão espírita tão gloriosa. Não é por menos que estavam à frente da mulher mais importante do Espiritismo. Outros refletiram que aqueles olhos, que traziam uma expressão tão lúcida, revisou letra por letra de *O livro dos espíritos*. Pelo que consta em vários depoimentos na *Revista Espírita*, inclusive os de Leymarie, a presença da viúva Kardec nas assembleias anuais sempre

impunha grande respeito e admiração às plateias, orgulhando qualquer kardecista que ali comparecesse carregado de alegrias no coração por ser fiel às origens do mestre. A *Revue*, edição de dezembro de 1882, relata assim a presença da ilustre vovó Amélie:

[...] Madame Allan Kardec, acompanhada por Madame Fropo, veio gentilmente honrar nosso encontro com sua presença; cada um foi provar o seu respeito à viúva de Allan Kardec. O Presidente, sr. P.-G. L., e seus assistentes, senhores Joly e Vautier, abriram a reunião. Depois de um discurso substancial, que descreveu brevemente o objetivo do evento, Leymarie chamou para discursar Madame Sophie Rosen-Dufaure, nossa irmã tão simpática.

Sophie Rosen estava prestes a se tornar autora de sua primeira brochura, intitulada *O magnetismo curador no lar doméstico*, que foi publicada em 1883. De acordo com os relatos de Berthe Fropo, Madame Rosen e o marido eram “escritores de valor da *Revista Espírita* há mais de 10 anos, sempre publicando seus artigos de forma desinteressada, sem exigir qualquer tipo de remuneração”. Em relação à publicação dessa brochura, Fropo dirá, por exemplo, que Rosen desembolsou 30 centimos de franco para imprimir cada exemplar, sendo que dez centimos ela tirava como lucro, e os vendia por apenas 1 franco. Mas por causa de uma pequena implicância de Leymarie com os Rosen, estes últimos tiveram que processá-lo.

Mais uma vez, o mandatário da viúva teve que comparecer ao Tribunal do Sena. Tudo porque ele acusou o sr. Rosen de não ter pago a assinatura de três números da *Revue*. No fim das contas, Leymarie foi condenado (novamente) pelo juiz de paz, o sr. A. Carré, tendo que fornecer gratuitamente aos Rosen, até o fim do ano, os três números faltantes e não enviados da *Revista*, incluindo seus números seguintes, além de ter que pagar 100 francos de indenização ao casal. Uma pequena bobagem que poderia ser resolvida numa boa prosa entre confrades! Amicíssimos de Fropo e da viúva Kardec, esses kardecistas sempre davam exemplos sinceros de honestidade, dedicação e humildade em suas contribuições espíritas voluntárias, principalmente na maneira polida de tratar qualquer pessoa, incluindo o insensível Leymarie.

E no decorrer da preleção de Sophie Rosen, Madames Fropo e Amélie não conseguiram disfarçar seus olhares de estranhamento. As amigas constataavam plateias e personalidades tão distintas em crenças, pegando carona no sucesso do Espiritismo, como nas sobras editoriais da *Revue*, por meio de seus artigos pagos.

Os antigos kardecistas de Paris, que se encontravam na sede da Sociedade Científica prestigiando as comemorações do Dia dos Mortos, dividiam espaço com grupos de teosofistas, maçons, roustanguistas, swedenborgueanos, magnetistas, cabalistas, rosa-cruzistas, hinduístas, budistas, templários, hermetistas, alquimistas, gnósticos, teofilantropistas, livres-pensadores, defensores da teoria psíquica, entre outros místicos e magos, que também vinham à *rue Nueve-des-Petits-Champs* em busca de favores, palanque, conchavos e visibilidade editorial na tradicional *Revista Espírita* dos Kardec.

O que ajudou as amigas Fropo e Amélie a desviar suas atenções daquelas confusas paisagens sincréticas foi a apresentação que veio logo após a palestra de Rosen: um concerto de música espírita instrumental. Ernest Britt, além de pianista, solista, compositor e excelente médium, estava para publicar uma coleção composta por doze canções inspiradas por seus guias espirituais, que sugeriram ao medianeiro utilizar os poemas de Victor Hugo, Lamartine, Alfred de Musset, Albert Delpit, Sully Prudhomme, J. Paul Richepin Juillerat e Georges Eekhoud. Só mesmo música do astral para afastar as infinitas preocupações no embaralhado espaço mental de Amélie, viúva de Allan Kardec.

Eis que em 19 de novembro de 1882, um domingo, nova assembleia foi reunida às pressas em Paris, na mesma sede da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos. Para que aqueles impasses cessassem de vez entre espíritas franco-belgas, propuseram ao presidente do Comitê a criação de uma federação francesa e belga, além de um projeto definitivo de união espírita francesa, com o objetivo de reunir, num só bloco, todas as forças espíritas que estavam esparsas pelo país, incluindo, ainda, como dito, a criação de um jornal barato.

Durante as discussões em que Berthe Fropo esteve presente, ela relatou que o princípio da constituição de uma federação ou união espírita francesa prevaleceu em primeira instância. Contrariado com isso, Leymarie propôs a criação de uma comissão mista de conciliação. Todavia, Fropo registrará em

seu dossiê que “grande parte desses senhores eram amigos de Leymarie”, e que isso poderia pulverizar o antigo projeto de criação da União.

Após dez exaustivos encontros, “o bem e a união triunfaram”, segundo os relatos pontuais de Madame Fropo: “Espíritas franceses e belgas, há muito tempo separados, deram suas mãos e se trataram como verdadeiros irmãos” (Ibidem, p.19-20), conforme o depoimento dela, que acompanhou *in loco* a emocionante conciliação – talvez relatada aqui pela primeira vez na história do Espiritismo. Mas um depoimento do kardecista Carrier, publicado no *Journal Le Spiritisme*, edição de julho de 1884, revela que a conquista desse bem e dessa união foi extremamente difícil e não menos hostil – exatamente como a viúva Kardec constatou em decorrência da formação do comitê e de seus vários encontros. Dirá Carrier, em tom de desabafo:

Logo depois que o comitê de iniciação da *União Espírita Francesa* foi expulso da *rue Nueve-des-Petits-Champs*, pelos senhores Vauthier e Leymarie, a senhora viúva Kardec me disse: “Esses miseráveis! Expulsaram-nos de nossa própria casa”. E ela acrescentou: “Bem, diga a todos os espíritas que você conhece para aderirem à União Espírita Francesa – a que eu dei a minha adesão”.

Expulsos da sede da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos e realocados na *salle de la Redoute*, à *rue J.-J Rousseau* (mesmo com a abstenção de alguns confrades que, contrariados, se retiraram do local acreditando que se deveria retomar o projeto da federação francesa e belga), outros quatrocentos kardecistas lá compareceram às vésperas do Natal, a fim de presenciar o trio Fropo-Amélie-Delanne, este último ao lado de sua esposa, de sua mãe e de seu pai, Alexandre Delanne, comemorando a fundação da tão aguardada União Espírita Francesa, assim como a do novo jornal, que se chamaria *Le Spiritisme*.

E para a criação de “um novo homem e de uma nova sociedade”, como defendeu no passado o filósofo Rousseau, nada melhor que festejar tamanha conquista numa rua batizada com o seu nome: *rue Jean-Jacques Rousseau*. No silêncio da intimidade de seu lar, vendo pela janela famílias parisienses comemorando as festas natalinas do dia 25, a feliz Madame Fropo decide que o primeiro capítulo de seu dossiê se chamará “Histórico da União”, iniciando-o com a seguinte fala pontiaguda:

Eu tenho de esclarecer aos espíritas sérios e sinceros, demonstrar-lhes que se a *União Espírita* foi fundada, não foi por ambição de nossa parte, mas por ordem dos espíritos, porque a Doutrina estava em perigo. Eu vou lhes dar as provas (Ibidem, p.5).

No futuro, outra prova da insatisfação e da irritabilidade de Leymarie, por conta do surgimento da União Espírita Francesa, será publicada por um kardecista chamado A. His, no *journal Le Spiritisme*, na mesma edição de julho de 1884. Dizendo-se membro do comitê gestor para a formação da União, sr. His alega que foi ingênuo o suficiente para acreditar na sinceridade das boas-vindas que Leymarie remeteu à União recém-criada. Em estado de desaforo, sr. A. His desatarraxou o seguinte petardo:

Naquela noite, quando Leymarie saía da casa de Madame Allan Kardec, eu fui abordado por um homem jovem que não fazia parte do *Comitê* [...]. Este, um polonês, eu acho, disse-me: “Você fez uma má ação ao fundar um jornal espírita enquanto a *Revista Espírita* existe”. Então Leymarie interveio, e de uma maneira mais veemente falou-me: “Nós não nos importamos; façam o que quiser. No próximo ano vamos ter bastante dinheiro, e nós vamos esmagá-los!”.

Suspeitas de corrupção

O ano de 1883 iniciava-se com boas notícias para os cofres da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec. Como resultado de novas contribuições, a *Revista Espírita* anunciou, em sua edição de janeiro, que estava com “um aporte em seu capital social entre 42 a 150 mil francos”. E, pelo visto, esta foi apenas uma das boas novas daquele ano que estava começando. O administrador da *Revista* fez questão de publicar o seguinte balancete editorial de sucesso:

O livro dos espíritos, em francês, está em sua 29ª edição. Na morte de Allan Kardec, em 1869, estávamos na 13ª edição; *O livro dos médiuns* está na 17ª edição, em 1869, estávamos na 8ª edição; *O livro dos Evangelhos (O Evangelho segundo o Espiritismo)* está em sua 16ª edição, em 1869, estávamos na 6ª edição; *O Céu e o Inferno* está em sua 7ª edição, passamos agora para a oitava, e em 1869, estávamos na 3ª edição; *A Gênese* está em sua 7ª edição, em 1869, estávamos na 3ª edição.

Mas outros “valores” também já podiam ser notados na *Revue*. Curiosamente, os editores vinham utilizando, com certa frequência, a sigla FEC. À primeira vista, entendemos se tratar de simples saudações afetuosas entre os leitores membros da fraternidade universal. No entanto, ao analisarmos mais detalhadamente as páginas do periódico de Kardec, observamos que surgiam outras diferentes siglas em formato de saudações. E quando menos esperávamos, uma grande coleção de siglas foi observada.

Foi fácil notar que Leymarie e o Comitê de leitura inacreditavelmente estavam autorizando a inserção de referências a códigos maçônicos na *Revista*, como exemplo visto, o recorrente e carro-chefe, FEC – *Frères En Croyance*, em tradução livre “irmãos em crença”. Fica a dúvida: crença em quê? Na Filosofia Espírita? Eis a questão!

A seguir, outras muitas referências (ou homenagens) a códigos maçônicos que transitaram propositalmente pela *Revista*: o feminino SEC – *Sœur En Croyance* (irmã em crença); FES – *Frères En Spirit* (irmãos em Espírito); o criativo FEC – *Frères En Crist* (irmãos em Cristo); outro

feminino, SES – *Sœur En Spirit* (irmã em Espírito); FSH – *Frères et Sœurs en Humanité* (irmãos e irmãs em humanidade); o F.S.S. - *Frères, Sœurs en Spiritisme* (irmãos, irmãs em Espiritismo); CSU – *Chères Soeurs en Unión* (queridas irmãs em união); CFF – *Chères Frères en Foi* (queridos irmãos na fé) ; além do CFA – *Chères Frères et Amis* (queridos irmãos e amigos).

Todas essas siglas desfilaram a mancheia, por uma década, pelas páginas do importante periódico fundado pelos Kardec, cuja herdeira era a viúva Amélie. Coincidências ou não, o próprio *Monsieur* Pierre-Gaëtan Leymarie se esqueceu, por vez, que escrevia para uma revista kardecista. Assim, passou a converter seu próprio nome num símbolo maçom: M.P.-G.L. E até o pseudônimo do espírito, *Monsieur* Allan Kardec, ora outra, se convertia em outra possível sigla maçom, nunca antes vista na *Revista* dos tempos do mestre: MAK.

Considerada a Maçonaria, pelos próprios espíritas maçons, como uma das sociedades de socorro mútuo, certa ocasião um de seus membros surgiu pelas colunas editoriais da *Revista Espírita* para apresentar sua explicação sobre alguns símbolos maçons. O artigo, provindo do maçom J.P. Mazaroz, cuja nota final senhor Fauvety dizia tratar de “um espírita da primeira hora, um amigo de Allan Kardec”, afirma, dentre outras coisas, que o significado desses simbolismos maçônicos está representado por “três pontos que formam um triângulo entre letras, sendo o seu ponto superior à idealização de uma estrela reluzente como um sol brilhando”, como explica Mazaroz. Outros exemplos de símbolos genuinamente maçons utilizados à época em publicações: (Amor ao G:.A:.) ou (de l’U:.), possíveis significados: Ame o teu próximo; Não faça o mal a ninguém; Faça o bem; e deixe as pessoas falarem. E a verdadeira adoração à (G:.A:.), que, segundo os maçons, significa simplesmente “boas obras”.

É certo dizer que Madame Allan Kardec jamais autorizou alguém a explicitar, no antigo periódico espírita do marido, referências a qualquer código maçom, muito menos assinalar propositalmente três pontinhos em formato de triângulo entre siglas. Fato é que, havia anos, a *Revista Espírita* pós-Kardec vinha servindo de plataforma editorial para o lançamento de saudações alusivas aos princípios da Franco-maçonaria. E o Comitê de Leitura da *Revue*, por sua vez, promovia essas inconcebíveis concessões, talvez pela forte influência dos muitos espíritas maçons, como era o caso de Leymarie, de Charles Fauvety, entre outros.

Sabe-se que Allan Kardec teve muitos amigos maçons, entretanto, nunca simbolizou a *Revista* com quaisquer códigos ou senhas. E não será exagero dizer que a maioria dos espíritistas que conviveu lado a lado com os Kardec, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eram membros ativos da Maçonaria francesa. Inclusive, há especulações (sem comprovação documental) de que o próprio mestre teria sido maçom, pertencente à Grã-Loja Escocesa de Paris. Enfim, acreditamos que nenhum espíritista, à época de Kardec, ousou tomar tamanhas iniciativas, as de codificar a *Revue* com símbolos maçônicos, porque o bom senso e o respeito à Doutrina prevaleciam como regra geral.

Admitir-se-á que, de todas as filosofias (não espíritas) que se fundiram no Espiritismo por sincretismos, a Maçonaria talvez tenha sido a que expressou maior coerência com os princípios espíritas. Quando encarnado, Kardec chegou a perguntar aos espíritos sobre a cooperação que a Doutrina poderia encontrar na Franco-maçonaria. Por meio de três mensagens recebidas de médiuns que não se conheciam, foi-lhe respondido que a Filosofia Espírita podia tranquilamente associar-se às grandes Lojas do Oriente, e vice-versa, já que a Doutrina dos espíritos colocava em prática as mesmas aspirações caritativas e generosas da Maçonaria: “Faça aos outros aquilo que gostaria que fizessem para ti mesmo”, este é o resumo dos princípios da Maçonaria e, como se observa, o mesmo do Espiritismo. Embora não haja evidências concretas de que professor Rivail (e depois Kardec) tenha sido maçom, membro de lojas maçônicas francesas, houve, de fato, entre ele e a Maçonaria, afinidade de princípios e ideais ligados à fraternidade universal.

Enquanto isso, na residência da *villa Ségur*, nenhum código maçônico imaginável, nenhuma decúria ou centúria, as da Sociedade de Pneumatologia Universal, nenhum manto mortuário cravado com estrelas prateadas e sóis dourados, o da Sociedade do Livre-pensamento religioso, ou mesmo qualquer um dos quatro evangelistas de *Os quatro evangelhos* de M.J.-B.R. podiam explicar por que a saúde de Amélie-Gabrielle Boudet (ou A.-G.B.) havia piorado de vez. Só Madame Berthe Frope foi capaz de dizer o que estava acontecendo, de fato, com a viúva kardecista:

Madame Kardec teve, então, de sustentar lutas com o *Comité*, suas observações não eram escutadas; assim que ela censurava os artigos de teor não espírita, eles a tratavam com pouco caso, o que a deixou

doente. O desgosto e a sua saúde já alterada fizeram com que ela não fosse mais à *Sociedade*, e fosse tão esquecida que o sr. Leymarie, seu mandatário, não lhe deu mais nenhuma satisfação (FROPO, 1884, p.23).

Berthe sabia, como ninguém, as amarguras pelas quais a viúva Kardec vinha passando diante daqueles cem homens da Sociedade Científica. Boa parte dos societários livres-pensadores acreditava e defendia (no papel) os ideais de uma *mulher social e livre*. Porém, no dia a dia, esses mesmos ideais não eram colocados em prática, permanecendo sempre distantes da realidade. Enquanto isso, outros depoimentos contundentes partiam da feminista Fropo:

Assim, a luta era impossível para esta pobre amiga. Ela não tinha do *Comitê da Sociedade Anônima* para a propagação das obras de seu marido, mais que uma voz, e o sr. Leymarie receberá até 14 procurações de membros desse *Comitê*, os que moravam na província. Que me permitam dizer o seguinte: ninguém que conheça aqueloutro que tenha aceitado um mandato, não tente defender esta *Sociedade* à propagação das obras do mestre, mas que tenha falhado ao dever mais sagrado, pois eles sabiam bem que era uma questão social e humanitária, e por suas indiferenças, por suas incúrias, tinham colocado a *Doctrine en péril*, a Doutrina em perigo (Idem, p.23-24).

Quanto a essas alegações de Fropo, senhor Leymarie se defende dizendo que os estatutos da *Sociedade* são sempre formais: “Um membro não pode representar mais de três pessoas; e a Doutrina não está em perigo, uma vez que você (Frope) está aqui para levantá-la entre as suas mãos.” (LEYMARIE, 1884, p.10-11). E no furor da revolta, dirá o velho leão sincretista:

A Doutrina caminhará *à pas de géant*, a passos de gigante. Depois de dois anos, esperamos o resultado de suas belas promessas neste sentido, e gostaríamos que elas fossem efetivas para o bem da causa. Frope, você faz muito barulho e um mau trabalho! (Idem, p.11).

E Madame Berthe, no calor de suas anotações, ao revelar que quatorze procurações pudessem sugerir a existência de um conluio de corruptos

dentro da Sociedade, tecerá críticas ainda mais direcionadas, como esta: “Senhor Leymarie se sentiu mestre absoluto, e querendo, em sua pretensão orgulhosa, passar por um cientista, aceitou todas as sociedades mais ou menos científicas” (FROPO, 1884, p.24).

A corajosa Fropro tem mais que razão. Ela tem a certeza de ter visto, com seus próprios olhos, o que realmente acontecia com a Filosofia Espírita, numa época tão crítica e tão confusa para os kardecistas que, atordoados, não tinham o direito de ser reconhecidos como – espíritas –, já que poderiam ser confundidos com místicos e magos de outras filosofias espiritualistas, as mesmas que agora desfilavam à vontade pela sincrética *Revista Espírita*. Fropro provará, ainda, os porquês que levaram a viúva Amélie a ficar acamada naquela segunda semana de janeiro de 1883. Ao adentrar o quarto da viúva, a inteligente Berthe Fropro notou que sua amiga, ansiosa, olhava com grande tristeza para aquela colcha de retalhos em que havia se transformado a *Revista Espírita* depois da morte de seu marido. Sobre essas inquietações de Amélie, dirá Fropro, mais que indignada:

Quantas vezes minha pobre amiga me disse, mostrando a *Revista*: “Dizem que esta poderia ser, um dia, redigida por clérigos; todas essas doações de dinheiro em troca de artigos são abomináveis e aviltam a nossa Doutrina; jamais meu marido pediu algo para alguém; tudo que ele fazia era com seus próprios recursos financeiros” (Ibidem, p.26).

Porém, como vimos no contexto dessas tristes barganhas, Leymarie e seu Comitê recebiam, assinavam e autorizam, sem cerimônias, doações de dinheiro em troca de artigos. E quando notou a presença da amiga Berthe, viúva Kardec, muito adoentada no interior de sua residência à *villa Ségur*, apontou para uma nota publicada na *Revue*. Os comentários seguintes – reais e verdadeiros – são todos de Fropro:

Madame Kardec foi a única que compreendeu os perigos dessa promiscuidade, porque o seu presidente, o sr. Fauvety, senhor de inteligência muito superior e filósofo sério, quis fundar uma religião laica, a *Religião Secular*, e por consequência, trouxe consigo elementos que lutam contra a Doutrina, e que não se sabe do resto que ele está agora a implementar. Aqui está a prova deste perigo [Ver a *Revista Espírita* de janeiro de 1881] (sic) (Ibidem, p.22-23).

O que Madame Fropo sugere constatarmos na *Revue* é uma nota intitulada “Aviso Importante”, em que diz explicitamente:

Senhor Charles Fauvety nos remeteu 120 volumes de la *Religion Laique*, 2º ano. [...] Dois volumes grandes de 400 páginas, livros que valem 20 francos a unidade, e que serão oferecidos gratuitamente aos assinantes da *Revista* para o ano de 1881, mediante o envio de 3 francos para a biblioteca, além de um porte de 1 franco. Nossos leitores sabem tudo sobre o sr. Fauvety, o eminente filósofo espiritualista, esse escritor conciso e lúcido que só admite erudição e lógica, e agradecemos a ele por sua generosa oferta; as somas reunidas por esta doação serão utilizadas para cobrir os custos da *Sociedade de estudos científicos psicológicos* (Ibidem, p.23).

Talvez essa ideia de remeter livros não espíritas anexados à *Revista Espírita* tenha sido a primeira iniciativa do mundo baseada num formato de “clube do livro”, só que, neste caso, às avessas, já que os volumes de Fauvety “lutavam contra a Doutrina”, como disse Fropo, ou melhor, descreditavam a literatura espírita.

Novos comentários afiados de Fropo surgiam sem parar, denunciando agora o oportunismo de Fauvety: “[...] Eis para que serve a *Revista*, em lugar da propagação da Doutrina Espírita, observam-se as utopias e as ideias do sr. Fauvety, preconizadas pelo sr. Leymarie” (Ibidem, p.24).

Vale lembrar, ainda, que o roustanguiano J. Guérin promoveu, em solo francês, o primeiro concurso literário (do Espiritismo?) de que se tem notícia, oferecendo aos primeiros colocados um expressivo prêmio de 3 mil francos. No seu regulamento, amplamente anunciado na *Revue*, não há qualquer menção de que tal iniciativa se destinava (apenas) aos interesses da Literatura Espírita e à sua divulgação. O que se sabe é que chegaram a anunciar, no periódico dos Kardec, o primeiro e segundo colocados da primeira edição desse concurso não espírita. Eis os desvios sincréticos à desagregação doutrinária:

Senhor J. Guérin criou um prêmio de 3 mil francos. Este concurso tem produzido, como resultado, a impressão de dois volumes úteis e firmes no pensamento, são eles: *A alma e suas manifestações ao longo da história*, pelo historiador Eugène Bonnemère. Pode ser encontrado

na *Livraria espírita, rue des Petits-Champs*, nº 5, por 3 francos e meio; e *O Espiritualismo na história*, pelo professor de filosofia, de Smyrne, sr. Rossi Giustimani. À venda na *Livraria espírita*, por 3 francos (Idem, p.26).

Como se observa, nada sobre as temáticas centradas na Filosofia Espírita. Propositalmente, logo abaixo da nomeação desses vencedores, o editor da *Revista* não relutou em incluir a menção – em formato velado de propaganda – dos quatro controversos volumes do ex-bastonário da ordem dos advogados em Bordeaux: “[...] E temos ainda, nesta lista, o sr. Roustaing, autor de *Os quatro evangelhos*. Três volumes a 10 francos e meio”.

Madame Berthe Fropo deixou registrado, em seu importante dossiê, que Madame Kardec teve, entre seus inquilinos, um tal M.X., senhor de uma educação medíocre, mas um instruído e antigo professor que escrevia fluentemente bem, com fácil discurso e eloquência. Como dirá Fropo, ainda, a franqueza e a cordialidade desse estranho anônimo haviam seduzido completamente a viúva Amélie. Ou seja, faltou à *femme forte* do Espiritismo desconfiar das intenções por trás daquele par de siglas:

M.X. estava muito impressionado pela minha amiga, que lhe deu mil pequenos serviços, graças aos médiuns que nos rodeavam, permitindo-nos demonstrar-lhe a verdade dos fenômenos espirituais, aos quais ele aceitou nossas crenças com entusiasmo. Madame Kardec o havia incumbido da tarefa de recepcionar o *Comité da Sociedade anônima*. Ela esperava fazê-lo presidente e, mais tarde, o gerente de suas propriedades (Ibidem, p.9).

Conquistando certa intimidade, certa confiança de Amélie, não tardou para que o tal M.X. contrariasse a decisão da viúva de fundar uma nova Sociedade ao lado de Fropo e de Delanne. Eis as palavras de Berthe sobre este pormenor:

M.X. foi em busca de indignos caluniadores aos cuidados do *Comité*; ele quis constituir um tribunal de honra, mas cada um desses senhores recusou isso, ocasionando forte descontentamento de suas atitudes para com os membros aos quais ele tinha se dirigido, o que fez com que M.X. fosse forçado a pedir demissão (Ibidem, p.10).

Na defesa da honra de sua Sociedade, Leymarie e o Comitê Fiscal logo soltaram suas opiniões sobre o trânsito livre desse senhor das siglas, que mais confusão causou ao emaranhado de acusações e insinuações: “Senhor M.X. nunca fez parte da *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, portanto, ele não pôde renunciar”.

Madame Fropro revela que, certa ocasião, para o pouco confiável M.X. se sentir útil ao Espiritismo, propôs à Madame Kardec que consentisse em pagar 10 mil francos ao diretor de um jornal chamado *La Vie Domestique* (*A Vida Doméstica* – um periódico de estudos e conselhos práticos sobre moda, trabalhos das damas, dos artistas amadores, de jardinagem e jogos de recreação ao ar livre), para que esse diretor escrevesse “artigos espíritas” a fim de analisar as obras do mestre e dar a conhecer a Doutrina a seus assíduos leitores. Berthe analisará a estratégia do oportunista M.X. assim:

Amélie aceitou prontamente as ideias de M.X., acreditando que este jornal seria, talvez, o órgão de uma nova sociedade. O primeiro artigo saiu em 30 de abril de 1881. O autor conta como ele se tornou espírita, fez uma análise de todo *O livro dos espíritos*, e isso durou cerca de um ano. Madame Kardec estava muito feliz e, *como todo trabalho merece um salário* – como me dizia, ela ofereceu mais 5 mil francos a M.X., que desejava não os tocar senão na sucessão, depois do desencarne de minha amiga. Pode-se ver, por esta *enganação (sic)*, que nenhum sacrifício lhe custava para difundir a Doutrina de seu marido (Ibidem, p.11).

Entretanto, senhor Leymarie e o Comitê dirão, em tom de maledicência, que M.X. foi muito bem recebido por Berthe Fropro, que, segundo eles, facilitou as negociações financeiras com o diretor do jornal, cortejando M.X. como um colaborador próximo:

A querida amiga de Madame Allan Kardec encontrou a boa viúva do mestre, que emprestou 10 mil francos ao diretor do jornal *A Vida Doméstica* – aquele que tem horror ao Espiritismo –, mas que é amigo de Fropro, enquanto ela mesma nunca quis emprestar à viúva nada além de sua colaboração com artigos sobre os *Abusos do Tabaco* – que são sempre econômicos (Ibidem, p.12).

A econômica Fropo documentou, ainda, por meio de seus textos inquietos, que J. Guérin “doou” à Sociedade uma fortuna de 100 mil francos, em que se somou a ela a escritura de um imóvel que abrigava aquela gigantesca sala de conferências em Bordeaux. Todavia, explica ela que “o doador exigiu que os tais 100 mil fossem divididos em 100 ações que lhe pertenceriam e, só depois de sua morte, poderiam retornar para a *Sociedade*”. Sobre esta suposta armação, beirando a corrupção, a kardecista esbravejará desta maneira:

A carta do sr. Leymarie era tão embrulhada que, nem eu, nem minha amiga Amélie pudemos compreender o que ele queria dizer sobre a doação. Madame Kardec recusou assinar qualquer documento, e essa indicação de 100 ações nos pareceu uma emboscada, já que, por esses meios escusos, ele poderia beneficiar determinados amigos acionários. Senhor Guérin tornou-se o chefe absoluto do *Comitê*, podendo facilmente contemplar seus cúmplices. Era um verdadeiro perigo (Ibidem, p.11).

A suposta cilada não parou por aí. Madame Fropo explica, numa notinha de rodapé do seu dossiê, que “para ser um membro do *Comitê* era necessário ser um acionista”. Portanto, pela ótica de sua acusação, os tais 100 cúmplices já teriam suas cartas marcadas, recebendo, assim, cada um, mil francos. Em contrapartida, Leymarie o Comitê Fiscal surgem se defendendo das alegações de Fropo:

[...] O senhor Guérin não fez doação alguma à nossa *Sociedade*, na soma de 100 mil francos. O que ele doou foi um imóvel construído para uma sala de conferências, que está avaliado em 108 mil francos, não dando nenhuma renda. Naturalmente, a *Sociedade* não teve como bancar a construção e, por conseguinte, foi esta doação que suscitou tantos ódios e ciúmes, mentiras e calúnias (Ibidem, p.26).

Para eles, o horror que Amélie passou a ter de sua própria Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, na qual Leymarie era o administrador, foi potencializado pelo magnetismo contido naquelas comunicações mediúnicas do suposto espírito Kardec, que influenciaram a viúva a concordar com a criação da União Espírita Francesa. Madame Fropo, segundo seus acusadores, tinha muita culpa nesta fascinação

provinda de seus “papéis velhos”, já que ela foi a incentivadora que, durante dez anos, mirou tais psicografias na direção de Amélie, inculcando nela a ideia de que a Doutrina encontrava-se em perigo, cuja *Sociedade* precisava ser desativada e substituída urgentemente pela União.

Lembrando ainda que, de acordo com o rígido regulamento da Sociedade, esta deveria ser conduzida por um Comitê com, pelos menos, três administradores, que foram nomeados perante a votação de, no mínimo, quarenta associados, num total de cem. Esse Comitê (com seus três administradores) era nomeado por seis anos, revogável pela Assembleia Geral e reeleito indefinidamente. Tais administradores recebiam, ainda, um salário de 2.400 francos por ano, além de uma participação nos lucros. E na questão do salário fixo e dos benefícios combinados, tudo não deveria exceder 4 mil francos, de acordo com o regulamento geral. Como se vê, fiscalização entre eles mesmos não faltava.

Concluimos, então, pelas revelações de Frodo, que as brechas na interpretação desse regulamento, o subjugamento da inteligência da viúva Kardec, as fartas doações que pousavam no meio espírita parisiense, os vários sincretismos ideológicos infiltrados na Doutrina, além dos indestrutíveis conchavos constituídos há anos ajudam a explicar a suposta existência e articulação de livre-pensadores corruptíveis, pertencentes às sociedades fundadas pela viúva Kardec.

Compreende-se, mesmo que parcialmente, por conta desse *perigo* suscitado por Frodo à contemplação de cúmplices de Leymarie, por que a viúva Kardec andava muito agitada, ansiosa e impaciente no início da década de 1880. Enfim, Amélie pode ter feito, a si mesma, esta inquietante pergunta: Como continuar defendendo os valores do nosso Espiritismo, por meio da divulgação das obras espíritas de meu amado esposo, ostentando nós a exemplificação da moral, da honestidade e da dignidade, se há confrades corruptos se nutrindo do sangue de nossa própria Sociedade?

Era uma questão de tempo para que as supostas ações escusas desses corruptores disparassem um escândalo público sem precedentes no movimento espírita mundial, indignação essa que seria maior do que a reverberada, no passado, pelo Processo dos Espíritas. Logo os detratores da Doutrina, ao lado da tendenciosa imprensa parisiense, receberam uma inesperada pauta sobre indícios de desvios de dinheiro de doações no círculo espírita parisiense criado, no passado, por Allan Kardec. Por conta

dessa movimentação, as reações da opinião pública atingiram em cheio o coração idoso da octogenária viúva Amélie.

Avesso a essas acusações, J. Guérin pediu para publicar na *Revista Espírita*, edição de janeiro de 1882, o seguinte contrassenso sobre o projeto de sua megassala de conferências em Bordeaux:

[...] O montante gasto para a construção da sala de conferências deve ser registado na contabilidade da *Sociedade*, para ser dividido em ações nominativas de 500 francos. O *Comitê Fiscal* adotou essa atribuição, em princípio, para se referir à sanção da assembleia geral anual de acionistas para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.

A proposital e incômoda expressão “ações nominativas de 500 francos” significa, na prática, que essa sala seria de propriedade exclusiva desses cem acionistas, que, a essa altura, se tornavam cem cúmplices oportunistas. Tudo pela “continuação das obras espíritas de Allan Kardec”. Será?

Por sua vez, Madame Berthe Frope, provavelmente sabendo bem o que ocorria nos bastidores do Espiritismo francês, terá a liberdade de registrar, em seu dossiê, algumas graves acusações, novamente no sentido de suspeitas de corrupção na Sociedade:

Alguns dias depois, Madame Leymarie veio ver Madame Kardec, e se minha memória for fiel, estava acompanhada pelo sr. Vincent. Nesta visita, a viúva foi persuadida a assinar as tais 100 ações fragmentadas. No dia seguinte, eu lamentei muito por não ter exigido que o valor não se desfizesse. Mas a viúva me disse sorrindo: “É difícil, querida amiga, recusar 100 mil francos. Talvez, isto ajude a converter os livros de meu marido em valores mais acessíveis”. Ver-se-á, em seguida, que esta assinatura refletiu em odiosas maquinações (Ibidem, p.27).

Assim como Frope, outros kardecistas perscrutadores naturalmente concluíam que a Filosofia Espírita, fundada pelo mestre na década de 1850, vinha sendo travestida desde a década de 1870 por meio de transações empresariais cada vez mais ousadas e arrojadadas. Esses livres-pensadores, ditos espíritas desinteressados e representantes de uma sociedade anônima, figuravam-se exatamente de acordo com a expressão inglesa daquela época

– *money-grabbing businessmen* –, ou seja, “homens de negócio gananciosos por dinheiro”, aqueles que sempre buscavam alguma vantagem comercial em tudo.

Em verdade, todos esses empreendimentos do *businessman* Jean Guérin giravam em torno dos interesses à divulgação do legado de Jean-Baptiste Roustaing e *Os quatro evangelhos – revelação da revelação*. Tudo indica que, por trás desse discurso social espírita sobre os trabalhos das conferências, incluindo a benéfica doação dos 10 mil francos em troca de escrituras e salas, corria a estratégia de se criar pontos fixos à propagação das ideias roustaingistas em toda a França, sob o tacanho pretexto da divulgação do Espiritismo.

Ao certo, Guérin, Leymarie e a maioria dos acionistas da Sociedade mostravam-se dispostos a constituir e a multiplicar uma grande rede de influências, geograficamente pensada para infiltrar e inflar as obras não espíritas de Roustaing. Este, quando encarnado, encarregou a seu aluno Guérin a fundação de um empreendimento celestial: a doutrina da revelação da revelação (neologismo nosso). Se os espíritos já haviam anunciado a Kardec a vinda do Consolador Prometido como a Terceira Revelação, o que vinha a ser então a revelação da revelação?

Sobre essa polêmica questão, alguns pesquisadores espíritas da atualidade afirmam que o célebre médico e pesquisador espírita dr. Silvino Canuto de Abreu havia recebido de espíritas franceses do início do século 20 algumas correspondências redigidas por Allan Kardec contendo denúncias de traição ao Espiritismo contra o advogado J.-B. Roustaing. O mestre – que nunca publicou nem autorizou publicar nem uma linha sequer sobre isso – acusa o “colega” de “controverter a ordem doutrinária, deixando-se envolver por mistificadores cujo único objetivo era desmoralizar o sistema de comunicação com os mortos”, segundo afirmou o mestre.

Por fim, as correspondências atribuem a Roustaing a condição de “traidor dos postulados espíritas” no momento em que divulgou *Os quatro evangelhos* com o título de *Espiritismo cristão ou revelação da revelação*, já que isso poderia induzir mentes fracas à corrupção, descambando em novas cisões no movimento espírita mundial.

Au revoir, viúva Kardec! Au revoir

Diante do péssimo quadro de saúde da viúva, Madame Berthe Fropo hospedou-se na residência da *villa Ségur*. Era preciso cuidar de perto da amiga de longa data.

Enquanto isso, M.P.-G.L. comunicou os leitores da *Revista Espírita* que “a saúde de Madame Kardec era das melhores”, mas não era bem isso o que via quem realmente estava perto dela, acompanhando-a em sua vida de idosa. Magnetizado pelo seu novo empreendimento, o *trabalho das conferências*, ele não dispunha de tempo para observar que a realidade na casa da *villa Ségur* apontava para o oposto do texto a seguir que divulgaram na *Revue*:

Madame Allan Kardec conservou todas as suas faculdades físicas, porque, na sua idade, ela lia e escrevia sem o auxílio de seus óculos; as últimas cartas que ela enviou para os amigos, em dezembro de 1882 e janeiro de 1883, mostra como manteve o pleno uso das suas forças materiais e intelectuais.

O mau presságio da médium Berthe, infelizmente, se concretizou. Este importante depoimento de Fropo, a seguir, nos ajuda a compreender que a viúva Kardec *não adoeceu por consequência de sua idade avançada*, muito menos que ela *desencarnou por morte natural* – como se imagina e divulga em nosso meio espírita até os dias de hoje:

Na sexta-feira, dia 19 de janeiro de 1883, ela teve um mal súbito ao deixar a sua cama; ela caiu e bateu com a cabeça na quina do mármore de sua cômoda, o que a fez perder a consciência. Auxiliada por uma criada, eu a coloquei para deitar, mas pelo sorriso (trejeito) de sua boca, eu notei que ela teve uma congestão cerebral. Eu fui buscar o médico, que me declarou que ela estava perdida (FROPO, 1884, p.27).

Inacreditavelmente, perdemos a nossa Amélie para uma quina de mármore, para um pedaço de rocha metamórfica. O triste acontecimento do

dia 31 de março de 1869 parecia se repetir agora. Como visto, levantamos indícios de que Kardec desencarnou por conta de uma queda na escada do prédio em que morava, na *Passage Sainte-Anne*. Dessa maneira – abrupta –, o casal druida se despedia da famigerada Terra por *causa mortis* muito semelhantes. Fica a dúvida: por que morreriam assim?

Essa duríssima provação da viúva Amélie – a de se chocar, abruptamente, com um canto de pedra encravado numa mobília esquecida –, encerrou aquela longa e saudável vida. Certamente, permanecerá uma certeza no ar: adoeceram vovó Kardec!

Não há registros biográficos de que Amélie-Gabrielle Boudet, que completou 87 anos de idade em novembro de 1882, foi devidamente socorrida num hospital após o acidente. Tudo indica que ela passou, em casa, o restante daquela fatídica sexta-feira, assim como todo o sábado seguinte (dia 20) em um possível estado de coma com perda total de sua consciência, obviamente devido às lesões cerebrais ocasionadas pela forte pancada no crânio. As comoventes palavras de Fropo foram escritas deste jeito:

Infelizmente, em 21 de janeiro de 1883, eu tive a dor de perder minha amiga!! (Ibidem, p.27).

As duas exclamações no fim de sua fala anunciavam mais que uma simples dor, quiçá um grande sentimento de revolta naquele domingo gelado. Eis outras notas de Berthe:

Amélie havia me encarregado de avisar imediatamente o senhor Joly, quando estivesse em perigo. Às quatro horas da tarde daquela sexta-feira, sr. Joly estava conosco, e eu lhe dei todas as chaves da casa. Domingo, pela manhã, algumas horas após o decesso de minha querida amiga, colocamos os lacres na residência (Ibidem, p.28).

Madame Fropo deixou anotado que viúva Kardec fez seu primeiro testamento em 29 de janeiro de 1877, designando como seu executor testamentário Jules-Nestor-Anatole Levent, que além de ter sido o vice-presidente da antiga SPEE, era também amigo de confiança do seu marido Kardec. Após o casamento de seu filho, sr. Levent não tinha mais visitado a sua amiga Amélie: “Este abandono, sem motivos, a deixou com muito amargor”, recordará Fropo.

Mas esse “abandono sem motivos” tem outra versão mais definida. Senhor Augustin Babin revela, em sua brochura-protesto *Aviso biográfico*, que o sr. Levent, pouco depois da morte do mestre, pediu afastamento das atribuições que ocupava como membro honorário da Sociedade Anônima. E os motivos maiores de seu súbito desligamento e posterior sumiço: a antipatia de Leymarie por sua pessoa, assim como a falta de confiança dos confrades de lide espírita.

Contudo, a intenção de Amélie era a de refazer seu testamento, designando o sr. Joly para completar sua missão: “Senhor Joly, por sua vez, havia aceitado, mas infelizmente a morte surpreendeu Amélie”, como registrou Berthe. Como veremos a seguir, a viúva Kardec fez um segundo testamento às pressas, colocando Hubert-Joly no centro das ambições futuras pela herança dos Kardec. De acordo com a revista *La France judiciaire*, edição de julho de 1899, um juiz chamado Béhenne, titular do Tribunal do Sena, relata que Amélie havia deixado por escrito, em seu segundo testamento, que doava ao sr. Hubert Joly, marmoreiro e gerente da *Revista Espírita*, uma caixa de rapé de prata e uma corrente de ouro que era de seu marido. E para a filha de Joly, a viúva Kardec deixou um relógio de ouro com pedras preciosas e uma pulseira de ouro. Entretanto, não se trataram apenas de pequenas doações de bens materiais aos Joly. Juiz Béhenne afirmou que a octogenária, inesperadamente, retornou ao cartório no mesmo dia 29 de janeiro de 1877 para um segundo testamento holográfico, deixando escrito que, se toda a sua herança não fosse para a Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec, deveria ser direcionada a um herdeiro único e exclusivo – o sr. Hubert-Joly –, com a promessa de ele cumprir fielmente todas as disposições relativas aos legados específicos contidos no testamento anterior.

Mas por que tantos holofotes no marmoreiro Joly? Tudo indica que Allan Kardec tinha muita estima, simpatia e confiança nele. De fato, era um espiritista de coração fervoroso, de uma devoção absoluta aos Kardec e à Filosofia Espírita. Juiz Béhenne dirá, ainda, que a viúva Kardec o havia presenteado com um livro de preces espíritas, especialmente deixado (por Kardec para Joly) com uma dedicatória mais que especial. As doces palavras a seguir são do mestre, transcritas por Frope em sua brochura: “Quando você abrir este livro, você vai pensar em mim; o seu pensamento e a oração da alma que as palavras expressam irão despertar em meu ser um

eco simpático, independentemente do lugar em que eu possa ocupar no espaço”.

Essa intimidade de relacionamento na “oração da alma” entre os dois velhos confrades evidencia, segundo dirá Béhenne em *La France judiciaire*, que houve (sim) preocupação na escolha de um herdeiro confiável – aquele que deveria cuidar dos bens imateriais do Espiritismo, como também dos bens materiais do casal Kardec.

Assim, fica evidente por pesquisas e depoimentos que Leymarie jamais foi nomeado o herdeiro primeiro dos Kardec, como muitos espíritas acreditam até hoje. A viúva Kardec, seja por meios informais, seja por meio de testamento holográfico, esteve longe de elegê-lo herdeiro de alguma coisa.

Pai maior de um sincretismo que ajudou a esfacelar a Filosofia Espírita na França, Leymarie tornou-se mandatário da viúva Kardec por fragilidade da ocasião, numa época bastante sensível (1870-71), marcada por duas tristezas: o luto de Amélie e as guerras da França. Em nossa opinião, os fatos mostram que houve um descuido à época, um lapso de atenção da parte da viúva enlutada, ao elegê-lo como representante dos destinos da Doutrina-Luz, aviltada pelo *chef père*. Como vimos, seu primeiro ato vexaminoso se deu ainda em 1873, quando o sr. teósofo se encontrou com Madame Blawatsky para firmarem parcerias místicas na *Revue*, paixões sincréticas que se prolongaram por inimagináveis dez anos.

Mas aquele insistente pano mortuário da Sociedade do livre-pensamento religioso, com suas estrelas prateadas e sóis dourados, estava de volta. Seria agora desdobrado pelos livres-pensadores para cobrir o caixão da viúva Kardec. Contra esse acobertamento, surge a coerente defesa de Madame Berthe:

Senhor Leymarie quis fazer o enterro pela *Sociedade do Livre-pensamento religioso*. Eu me opus com força, dizendo que Amélie jamais havia pertencido a esta *Sociedade*, e que ela seria enterrada como fora o seu marido. Eles aceitaram a minha decisão. E somente nas cartas de participação do funeral fizeram-na *membro do Comitê*, ela que era a fundadora da *Sociedade Anônima*! (Ibidem, p.28).

Fica mais do que provado que os membros do Comitê desconsideravam a participação da lúcida viúva Kardec na Sociedade que

ela própria criou. Desejosos de esquecê-la, soltaram uma nota de falecimento na *Revista Espírita* somente no mês seguinte de seu desencarne, comunicando tardiamente os espíritistas do mundo sobre a “Morte corporal de Madame Allan Kardec”, como rezava o título da atrasada nota. Contudo, nessa comunicação, diziam que Amélie havia “especificado de um modo muito claro, em seu testamento, que desejava ser enterrada exatamente como fora seu marido, ou seja, por meio de uma cerimônia civil simples e sem rebuscamentos”.

Se Amélie desejava simplicidade, por que insistiram numa cerimônia simbólica, mística, por meio de um manto mortuário que estava longe de representar a importância da *femme forte* para o movimento espírita mundial?

No calor dos acontecimentos, Madame Fropo, sempre afiada na direção da verdade, encontrou tempo para declarar que o primeiro executor testamentário da viúva, sr. Levent, cometera um gravíssimo erro:

Agora, ao sr. Levent, me permitam fazer uma reprovação. Não podendo esse senhor aceitar ser o executor testamentário, por que ele não informou os desejos da falecida, deixando conhecer suas últimas vontades?

Não! Ele fez uma procuração que designava o sr. Leymarie para lhe substituir em suas funções. Ele não poderia ter se desinteressado de uma questão assim tão grave, ele que tinha sido o presidente da *Sociedade* e que era um espírita sincero. Quanto ao sr. Leymarie, eu não compreendi como ele teve a indelicadeza de aceitar essa procuração às escondidas, ele que sabia que a intenção de Madame Kardec era a de encarregar o sr. Joly, membro do *Comité* e gerente da *Revista* (Ibidem, p.28).

Tais acusações emergiram rapidamente entre os kardecistas de todo os cantos do planeta. Indignada com as circunstâncias do desencarne de sua amiga octogenária, Madame Fropo já estava com ideias de tornar públicas essas e outras denúncias, as que colecionou durante anos em seu volumoso dossiê.

Por sua vez, Pierre-Gaëtan Leymarie desconfiou que Madame Kardec estivesse financiando, por meio das rendas que guardava em casa, a manutenção da União Espírita Francesa, ou mesmo que ela estivesse

liberando dinheiro para a continuação das publicações do ruidoso *Le Spiritisme*.

Talvez a traição mais grave que Leymarie tenha sondado foi a provável liberação de francos, por parte da viúva Kardec, à publicação da brochura de Berthe – o dossiê de Fropo –, que revela, dentre outras acusações bem fundamentadas, as próprias ações leymaristas no comando sincrético da Doutrina, além do funcionamento preciso das engrenagens da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos. Eram imputações muito sérias, que não passariam despercebidas aos kardecistas mais atentos.

Mas os preparativos da cerimônia de enterro dos despojos da Artista do Espiritismo tomaram conta da emoção de todos. Segundo os relatos de Leymarie e do Comitê Fiscal, “no dia da morte de Madame Allan Kardec, os encarregados das comunicações foram todos reunidos na sala de estar da falecida. Inquietos, eles aguardavam os resultados e falavam do funeral” (LEYMARIE, 1884, p.16).

. Como visto, até os acertos das exéquias estiveram longe da tranquilidade e de um acordo equilibrado, sendo envolvidos por impasses inquietantes. A voz a seguir é do Comitê Fiscal:

Tomados por discussões, em altas vozes, ficamos com medo de sermos processados pela família da Madame Allan Kardec, que deveríamos, segundo nos disseram, conduzir o corpo dela à Igreja. Estando a família ausente – eles não deram qualquer sinal de vida –, sr. Joly e sr. Leymarie declararam não saber quais eram as vontades finais da falecida. Eles concordaram, no entanto, em nome da *Sociedade*, assumir todas as responsabilidades. (Idem, 1884, p.16).

Às pressas, sr. Joly replicou o modelo da carta fúnebre, a mesma que convidava, em 31 de março de 1869, ao sepultamento dos despojos de Allan Kardec. Velozmente, essa foi remodelada da seguinte forma:

Nascer, morrer, renascer de novo e em constante progresso. Tal é a Lei.

Senhor, você está convidado a assistir ao funeral de Madame viúva Rivail, Allan Kardec, que morreu em sua casa, em 21 de janeiro de 1883, na avenida Ségur, nº 39, com a idade de 88 anos, e que será nesta terça-feira, 23 de janeiro, ao meio-dia em ponto.

On se réunira à la maison mortuaire. Priez pour elle.
Nós nos encontramos no necrotério. Orar por ela.

Em nome da *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, em que ela pertencia, como todos os espíritas e suas famílias. O enterro acontecerá no cemitério Père-Lachaise. (Ibidem, p.16-17).

Segundo Leymarie, as emoções em torno dessa carta-convite exasperaram os bons amigos de Madame Allan Kardec, que caridosamente foram em busca da família dela. A partir daí, como *père* afirmará, “surgiu uma reivindicação pela herança de Amélie, da parte de uma velha parente de 91 anos de idade, que ela via há muitos anos” (Ibidem, p.16). Alguns kardecistas dirão, à época, que esse interesse repentino não passou de um ato oportunista (em busca dos ouros de Amélie) da parte de uma família distante, ausente, que nunca se importou com a vovó dos espíritas.

E o Comitê fez questão de anunciar, como prometido na *Revue*, a confecção de uma “brochura que relatava a vida de Madame Allan Kardec, trazendo também o conteúdo dos discursos que foram pronunciados”. De fato, com dezesseis páginas, o tal opúsculo, com o austero título *Relatório sobre o funeral de Madame Allan Kardec*, foi distribuído entre os presentes no enterro coberto de neve, imprimindo um ar melancólico à cerimônia. Quase dois meses depois, o Comitê remeteu a mesma brochura anexada à *Revista*, divulgando mais duas páginas sobre a inesperada notícia do desencarne de “uma viúva saudável, lúcida e muito ativa”, como maquiaram no texto oficial. Dezoito páginas numa brochura avulsa que quase se perdera nos tempos. E toda essa “imensa” quantidade de páginas atrasadas para a homenagem póstuma de Amélie-Gabrielle Boudet – a *femme forte* que permaneceu por mais de 25 anos ininterruptos (com e sem o marido) à frente de sua amada Filosofia Espírita.

Como a verdade sempre prevalece, no momento em que o caixão se cobria de terra, muitos kardecistas podem ter questionado, em pensamento, no breu do silêncio que imperava: se a doce Amélie esbanjava saúde dias atrás, como anunciado na *Revue*, o que pode ter causado sua morte repentina?

Ficam outras perguntas no ar, agora nominais e direcionadas: por que esse grande descuido de M.P.-G.L. e seu Comitê em deixarem para a

história do Espiritismo dados biográficos tão escassos e fragmentados sobre Madame Kardec? Por que M.P.-G.L. se distanciou tanto dela? Por que a desrespeitou, por anos a fio, tomando decisões arbitrárias, sincréticas e completamente absurdas contra sua vontade, aviltando a Doutrina? Como reafirmará Frope: A cada um, segundo suas obras.

Não é à toa que a biografia da mulher mais importante do Espiritismo nos chegou, aos dias de hoje, completamente desmantelada, tendo nós pesquisadores espíritas a árdua tarefa de escarafunchar os miúdos e minguidos dados biográficos que esses nossos precursores franceses (descuidados) deixaram sobre a insigne senhora que muito viveu, mas de quem pouco se sabe sobre a vida, tão rica e repleta de valores. Teria sido Amélie a causadora de seu próprio anonimato? Discreta, preferiu ela se ocultar nos hiatos da historiografia espírita?

Ainda por meio do *Relatório sobre o funeral*, M.P.-G. Leymarie contou como foram os pronunciamentos à beira do túmulo da viúva. A começar pelo seu próprio relato sobre a cerimônia em geral (discurso esse improvisado e de última hora), provindo de um “seareiro da primeira hora”, como costumavam bajulá-lo:

A viúva do fundador da Doutrina Espírita morreu em 21 de janeiro de 1883, às cinco horas da manhã, com a idade de 88 anos (sic); seu espírito desfrutou de uma lucidez rara até os últimos dias de sua existência terrena. [...] As formalidades preliminares não puderam ser preenchidas até o dia 22, segunda-feira. No domingo, os escritórios do conselho estavam fechados, assim, tivemos que adiar a cerimônia para a segunda, ao meio-dia. Dois terços das letras, comunicando o desencarne da viúva, chegaram nesta data. [...] Nós nos arrependemos de não termos conseguido avisar a tempo nossos irmãos em torno de Paris, e compreendemos as suas dores, por muito legítimas. [...] Uma multidão de fiéis espíritas, muito grande mesmo, formava longa fila de carros, que seguiam o caixão ao cemitério do *Père-Lachaise*; eles queriam honrar a memória do tipo de senhora que foi. [...] Coroas e flores cobriram o carro funerário; vinham dos confrades de Paris e de muitas cidades da França, que nos exigiram que as oferecêssemos em seus nomes. Essas estavam inscritas as homenagens das *Sociedades de Toulouse* (círculo da *Moral espírita*), grupos de Lyon, de Nantes, da Bélgica, etc, etc. (*Revista Espírita*, fevebreiro de 1883, p.49).

Façamos jus à M.P.-G.L. por ter publicado no *Relatório sobre o funeral* algumas pequeninas notas biográficas, como esse fragmento a seguir, sobre a importante vida educacional da viúva Boudet:

[...] Madame Rivail (Allan Kardec), linguista, pedagoga e distinta gramática, portanto, alguns de seus volumes editados tiveram sua celebridade, entre outras coisas recomendadas pelo Ministro da Instrução Pública; seus guias usuais de ensino da ciência, de preparação para o ensino médio, foram destinados aos cursos tão renomados do sr. Levi Alvarez. [...] Madame Rivail foi eficiente, ativa, incentivou o marido, o ajudando em tudo, similar à formiga paciente que, depois de ver desmoronar todo o seu trabalho, o reconstitui tijolo por tijolo, sem jamais se desesperar para receber qualquer coroação.

Depois de Fauvety, foi a vez da kardecista Sophie Rosen se pronunciar frente ao túmulo. Este belo trecho de seu depoimento nos dá uma boa ideia de como a viúva Kardec foi uma personalidade magnética, querida e respeitada por onde passava, principalmente quando vinha a público na Sociedade, sempre em 1º de novembro de cada ano:

Sua idade avançada preenchia os corredores de nossas sessões de fim de noite; mas sempre que as celebrações da memória ao Dia dos Mortos nos reuniam, aqui ou em outro lugar, essa mulher digna encontrava forças para vir até nós; ela oferecia a cada confrade um aperto de mão, um sorriso amigável, uma palavra amável. E ainda que ela tenha permanecido ausente, aparentemente, a sociedade espírita, como um todo, sentia que pairava sobre nós os eflúvios do mestre, por meio das simpatias dessa nobre viúva – guardiã que nos cobria com sua proteção suave.

Após o pronunciamento do doutor-cirurgião sr. Josset, presidente substituto da União Espírita Francesa, que, dentre outros elogios, disse que a viúva “dotada de um caráter elevado e espírito justo, muitas vezes nos dava conselhos úteis”, foi a vez do célebre espiritista Gabriel Delanne discurar. Em nossa humilde opinião, o mais belo, inspirado e profundo pronunciamento foi o seu. Eis alguns trechos:

Senhoras e senhores, irmãos e irmãs em crença, no último domingo, morreu na *villa Ségur* a mulher superior que foi a companheira devotada daquele homem, cujo nome na história aparece ao lado do grande missionário da Humanidade. [...] Madame Allan Kardec foi, verdadeiramente, a mulher forte seguindo o Evangelho; tornou-se a companheira do grande divulgador do Espiritismo; ela adotou suas ideias; ela empregou todas as suas energias no estudo dos princípios novos; ela superou os preconceitos de sua época e de sua educação, aumentando a sua vontade à altura do espírito de nosso mestre. [...] Allan Kardec foi inspirado por sua inteligência, não apenas para fazer as suas obras; estas não foram publicações sem consulta e, muitas vezes, ele se aproveitou de seus conselhos, fornecidos pela correção do julgamento de sua companheira.

Gabriel Delanne fez questão de reforçar, em seu discurso, algumas revelações pontuais para que ninguém ficasse com uma imagem distorcida da viúva Kardec, especialmente quando alguém indagasse sobre seu trabalho e sua dedicação à frente da Filosofia Espírita:

Depois da morte de Allan Kardec, a viúva passou a viver de sua aposentadoria, sempre rodeada de velhos amigos de seu marido; ela esperou calmamente para alcançar o que tanto amava; ela seguiu com o seu olhar atento sobre os interesses da nossa amada Doutrina e, muitas vezes, lamentou que a idade a impedia de dedicar mais tempo; mas o seu coração e sua alma não haviam parado por um momento sequer no ideal de pertencer integralmente ao Espiritismo. Ela teve a satisfação suprema de morrer no conhecimento de que a obra, tão cara ao seu marido, não pereceu; ela participou com felicidade do renascimento do movimento espírita na França e no exterior.

“Renascimento do movimento espírita” – expressão justa e precisa, provinda de uma sumidade em pessoa. De fato, é bastante notável a sinceridade e o carinho das colocações de Delanne ao se referir à *femme forte*, a que “seguiu com o seu olhar atento sobre os interesses da nossa amada Doutrina”. Habitualmente, ao abrir e encerrar suas preleções públicas, Delanne tinha por costume referenciar a memória da viúva de Allan Kardec. Ele sabia muito bem da importância central de Amélie para o

renascimento do movimento espírita francês a partir da década de 1880, especialmente como cofundadora da União Espírita Francesa.

E depois dos pronunciamentos dos senhores Georges Cochet e Chaigneau, ambos da mesma União, foi a vez do discurso do sr. Lecoq. Esse médium trouxe aos presentes uma surpresa. Tão rapidamente, no dia seguinte ao seu desencarne, o suposto espírito Amélie – que sempre fora uma vovó reservada, preferindo o silêncio e a reflexão em vez de se pronunciar – decidiu contar com o medianeiro para deixar sua primeira mensagem da espiritualidade, ditado esse que pareceu encomendado às pressas para ser lido no enterro. Sobre a sua precipitação mediúnica, senhor Lecoq se explicou assim:

Meu propósito ao falar é ler uma comunicação que tínhamos recebido de um grande espírito bem conhecido de todos nós, que acolheu o regresso da viúva à grande pátria. Esta comunicação, ou melhor, esta revelação, nos permitiu assistir aos primeiros passos dela na vida espiritual, dessa mente que nos separa agora por algum tempo.
Adeus, viúva Kardec! Adeus.

Em seguida, sr. Lecoq leu no cemitério a psicografia que trazia consigo, recebida precocemente na segunda-feira, 22 de janeiro de 1883, apenas 24 horas após o desencarne de Madame K.:

Ela encontra-se feliz, meus amigos, porque os espíritos a cercaram com prodigiosas carícias. Recebendo-a com as boas-vindas, o Guia na Nova Vida a fez compreender o porquê de tudo o que a rodeava. Ao chegar à sua nova casa, na Espiritualidade, a primeira surpresa foi a das coisas inesperadas, mas os seus olhos do espírito foram se abrindo gradualmente a reconhecer o que já sabia, e sua irradiação foi se expandindo em raios de todas as afeições. Quando ela abriu os olhos à erraticidade, Allan Kardec estava perto de sua companheira fiel, e o seu passado parecia desaparecer com o espectro da Terra, junto com os sofrimentos e as dificuldades inerentes ao nosso pobre Planeta. Ela teve uma existência tão bela porque soube merecê-la sem alarde, na prática das virtudes, e tudo que ensinou sua Religião da Verdade foi o desejo de entrar na luz. Não chorem, espíritas, meus irmãos, quando um espírito de mundos mais iluminados que o nosso se eleva, e se sua

prova foi suportada pacientemente e com energia ao lado dos amigos espirituais, eles se colocam na recepção festiva e celestial. É o que farão para receber a alma de nossa bem amada. Ao redor desse túmulo, em que se apresentam encarnados e desencarnados, agradecemos a Deus, no mesmo sentido do amor, por Ele ter concedido à sua alma ligações de amor que aspiravam à liberdade. **Antônio de Pádua**

Embora “o santo casamenteiro”, pelo folclore brasileiro, nunca tivesse pousado entre os espíritas parisienses para fornecer-lhes uma comunicação mais íntima, a tal psicografia apressada deixava a entender que o suposto espírito *de Pádua* esteve presente à chegada da viúva Kardec no astral. M.P.-G.L. encerrou o merecido texto de sua brochura dizendo-nos:

Cada um ganhou uma impressão salutar daquela cerimônia espírita, houve emoção nos rostos... Condolências nos chegaram dos delegados dos grupos belgas, reunidos em Bruxelas, dos membros da Federação Espírita de Charleroi, das Sociedades de Ostende, Gand, Mons, Liège, Chênée, Seraing e Poulseur. Nossos amigos da Itália, espíritas de todas as cidades da França, da Espanha, de Portugal, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda, Rússia e Noruega, e de inúmeros cartões de todos os países em que o Espiritismo possui membros, mostraram toda a simpatia dos seguidores de Allan Kardec por sua viúva, além do profundo reconhecimento que eles têm preservado pelos grandes trabalhadores de nossa causa.

Após o enterro, que ocorreu na terça-feira, dia 23 de janeiro, o cemitério, carregado de emoção, tornava-se vazio, congelado, silencioso. Na coluna de pedra quadrada que suporta o busto do fundador da Doutrina, na face esquerda, foram gravados, alguns meses depois, os seguintes dizeres em letras vermelhas e maiúsculas: AMÉLIE-GABRIELLE BOUDET – VEUVE D’ALLAN KARDEC. Essa inscrição, talhada numa coluna de granito, era para ninguém se esquecer de que viveu, ao lado do mestre, uma das mulheres mais excepcionais que o Espiritismo francês já teve. E agora, numa condição muito melhor que a dos encarnados, a Artista do Espiritismo recebia sua nova roupagem astral.

Incríveis quatro dias após o sepultamento dos despojos da viúva, um médium parisiense chamado E. Cordurié recebeu a segunda comunicação

(de 38 linhas), que trouxe uma inesperada assinatura no fim: “Sua amiga bem devotada: *Mme A.K.*”. Logo em seguida, surgiu outra surpresa de autoria dele mesmo: “Seu amigo bem devotado: A.K.” A devotada *Revista Espírita*, edição de abril de 1883, rapidamente publicou as psicografias dos supostos Kardec sob o título “Duas comunicações espontâneas”. Espírito Amélie começa dizendo, em sua precoce evocação, que vinha espontaneamente ao medianeiro porque seu marido, em espírito, já havia feito isso anteriormente, já que o médium dispunha de “convicção íntima”. Foi por conta desse detalhe que o espírito Kardec sempre esteve ao lado de Cordurié, servindo-lhe de sua “verdadeira inspiração e dedicação”, como afirmava o texto da suposta mensagem da viúva Kardec. Como se vê, o espírito Gabrielle se comunicava avidamente, como nunca antes alguém havia testemunhado. De recolhida e contida em sua residência na *villa ségur*, desatou a tagarelar do astral, horas após seu passamento. Ecoará a suposta Amélie: “A velhice me desapareceu quando fiz o caminho de volta para a eterna juventude; as fraquezas e outras enfermidades expostas foram dissipadas para dar lugar a uma nova força, ainda mais acentuada, uma antiga força que parecia estar perdida, mas que renasceu em mim”. Fraquezas? Enfermidades? Não seria outra vovó?

As comunicações do espírito Amélie – que retornavam à flor dos anos sem enfermidades – pareciam anunciar sua despedida (definitiva) da psicofera pesada e poluída da Terra. Será que a *femme forte* do Espiritismo pousou, por merecimento, em paragens espirituais elevadas e, por isso, nunca mais encontrou o caminho de volta para dar o ar de sua graça entre os encarnados? Era um adeus definitivo? Vejamos o que a suposta Madame Kardec disse, do lado de lá, por meio da psicografia do inquieto médium Cordurié:

Agradeço-lhes, do fundo do meu ser, e eu também agradeço pela sua acolhida sincera à minha comunicação espontânea. Somos todos da mesma família e vivemos numa mesma comunhão de pensamentos; nós apoiamos uns aos outros e esta é a maior felicidade à qual podemos aspirar. [...] Peço-lhes que transmitam a interpretação de meus sentimentos mais devotados aos nossos irmãos de Paris. Todos sabem disso, mas uma nova comunicação só pode dar-lhes mais força e coragem para o futuro. **Sua amiga bem devotada: Madame A.K.**

O suposto espírito Kardec, que já estava na espiritualidade há quatorze anos, em sua segunda comunicação pela pena do medianeiro Cordurié, ao inverso de seguir na linha da candura, remedando a fala de sua esposa, será bem mais direto e reto:

Não são os nossos passeios de lua de mel que fazemos hoje, meus caros amigos. [...] O autoritarismo é o selo comum que ambos podem reconhecer, e esta tendência autoritária não implica, de modo algum, no direito de uma autoridade real. [...] A morte que é a vida; e dormir, às vezes, é a ação mais enérgica que se possa imaginar.

No fim de seu recado espiritual, espírito Rivail revelou que estava “feliz”, porém, com o seu trabalho do astral: “Estou feliz com o meu trabalho, ainda mais feliz com o futuro, que me dará um vislumbre... Objetivos irão se confluír, e a propaganda se espalhar, assim como toda a nossa obra regeneradora. **Seu amigo bem devotado: A.K.**”.

A espiritualidade preparou outra surpresa, longe dos “passeios de lua de mel” e de qualquer “tendência autoritária”. Dessa vez não se tratava de uma terceira psicografia mediada pelo requisitado Cordurié, mas de uma correspondência que chegava ao escritório da Sociedade relatando um oportuno “nascimento” ocorrido do outro lado do Atlântico entre espíritas republicanos da *Terra do Cruzeiro*: “Abre-se o caminho, saudando os homens do presente, que também o foram do passado e ainda hão de ser os do futuro; nasce mais um batalhador da paz”. Com essas palavras idealistas, os republicanos brasileiros comemoraram com um pomposo banquete em 21 de janeiro de 1883 (que coincidiu com a data do desencarne de Amélie) a inauguração de um novo órgão da imprensa espírita tupiniquim: *Reformador* – aquele que anunciou, no ano seguinte, o surgimento de uma Federação Espírita Brasileira.

Passados 74 anos desse nascimento, em função dos da comemoração dos 100 anos da publicação de *O livro dos espíritos*, dados em abril de 1957, o então presidente da FEB, sr. A. Wantuil de Freitas, publicou, no mesmo *Reformador* um justo artigo enaltecendo a importância de Madame Allan Kardec para o movimento espírita mundial. Especificamente sobre o desencarne da Artista do Espiritismo, ele rabiscou este trecho às pressas: “[...] Docemente, com rara lucidez de espírito, com aquele mesmo gracioso e meigo sorriso que sempre lhe brindava nos lábios, desatou-se dos últimos

laços que a prendiam à matéria”. De forma equivocada, esse respeitável confrade traçou uma imagem (a que talvez permaneça até hoje) muito romântica, fantasiosa, sobre as circunstâncias do desencarne da viúva Kardec.

Madame Fropo não deixou a história espírita adormecida. É dela o único e corajoso relato sobre o acidente caseiro de Amélie-Gabrielle Boudet. Pelas suas constatações *in loco*, a expressão “docemente”, do senhor Wantuil, se traduz em impacto, choque e trauma. A “rara lucidez” dita por ele está mais para a poesia que para a realidade dos fatos. Pelo contrário, a viúva Kardec permaneceu num estado de coma durante dois dias antes de desencarnar. E sua expressão “aquele mesmo gracioso e meigo sorriso que sempre lhe brindava nos lábios”, infelizmente, pela realidade observada de Berthe, se converteu num derrame, desencadeando o triste episódio do aspecto facial (de sorriso) em seus lábios, conforme relato de Fropo. Que a verdade seja dita!

A nosso ver, sem exageros, a morte da viúva Kardec se deu pela consequência direta daqueles infinitos aborrecimentos interpessoais aos quais vinha passando em seu dia a dia, principalmente ao constatar, ano a ano, as posturas obtusas e contraditórias do sr. Leymarie, inacreditavelmente aprovadas pelos membros da Sociedade Científica, comportamentos esses relatados aqui exaustivamente. Mas como Madame Berthe Fropo diz: *À chacun, selon ses oeuvres* – A cada um, segundo suas obras.

P.arte 3:

Depois dos Kardec...

Auto-de-fé nos Kardec

O admirável Espiritismo novo – regido agora pelo sincretismo avassalador dos livres-pensadores em nome da fraternidade universal – estava disposto a passar uma grande borracha na imagem e na memória da viúva, mulher e artista Amélie-Gabrielle Boudet. Mais adiante, neste mesmo capítulo, novos depoimentos de Madame Berthe Fropo nos ajudarão a provar essas constatações.

Mas por que desejaram riscá-la do mapa do Espiritismo? A resposta pode estar em uma dedutiva palavra: traição! Alguém se sentiu muitíssimo traído. Porém, a verdadeira traída dessa história foi justamente a viúva Kardec. Ninguém se sentiu mais tocada do que ela, seja pelas quebras de fidelidade, seja pela falta de nexos doutrinários, principalmente sabendo dos caminhos obscuros e irreversíveis que a Filosofia Espírita vinha tomando no caminho de um misticismo sem fim. Crescia, com saúde invejável, um “espirisoterismo” francês pós-viúva Kardec.

Assim que o caixão de Amélie foi baixado na sepultura druida do *Père-Lachaise*, ao lado dos despojos de seu marido, Leymarie e sua comitiva foram à *Avenue Ségur*, nº 39, verificar a real dimensão da riqueza material que havia naquela residência. Não é difícil deduzir que a casa resguardava uma boa parte da memória da Filosofia Espírita fundada pelos Kardec. Era preciso redobrar a vigilância para que nada fosse literalmente saqueado. Mas quem faria isso; quem tomaria esse cuidado?

O novo “herdeiro”, M.P.-G.L., rapidamente rompeu os lacres das portas, como se aquele lar fosse o seu e o espólio kardecista lhe pertencesse a partir de agora. Sobre esse novo acinte, Madame Fropo denunciará o seguinte, com palavras claras e precisas:

Disseram que só o sr. Leymarie, ainda que sua família tivesse herdeiros, fez-se ajudado pelo sr. Vautier, tesoureiro e administrador da *Sociedade*, ao mesmo tempo em que trouxe o controle da herança para si. Não houve nem inventário, nem escritura pública, salvo as coisas fora de serviço que eles venderam aos sucateiros. Tudo isso que digo é apenas sobre o dinheiro, e ainda fazem pouco valor de mim (FROPO, 1884, p.29)

Mas, enfim, o que deveriam ser essas “coisas fora de serviço”? Acreditamos que sejam as relíquias da viúva, que foram sumindo gradativamente após seu desencarne. E não eram poucas coisas, não! Itens valiosíssimos, como toda a sua coleção histórica de arte espírita e mediúnica, incluindo os incríveis desenhos mediúnicos das paisagens de Júpiter, mediados por Victorien Sardou, desenhos e esculturas do médium Fabre, as oito pinturas espíritas de grandes dimensões do artista Monvoisin (avaliadas em 5 mil francos), partituras mediúnicas inéditas, alguns exemplares lacrados da primeira edição de *O livro dos espíritos* (já raríssimos à época), documentos pessoais, fotos de criança, de jovem e de adultos do casal, correspondências familiares e as trocadas com amigos, todos os trabalhos artísticos de Amélie, de décadas, como desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, pinturas minimalistas das mais variadas, diplomas acadêmicos do casal, uma vasta biblioteca particular, além de todos os seus preciosos livros de arte e literatura em capa dura, publicados com honra e reconhecimento na sua fase balzaquiano de professora Boudet. Sem incluir outras centenas de documentos e coleções espiritistas inestimáveis à memória do Espiritismo. Enfim, alguém tinha a obrigação de preservar tudo isso! Era mais que um dever!

Berthe Fropo tinha razão: a maior parte dessa extensa lista de pertences pessoais do casal Kardec foi miseravelmente vendida aos sucateiros. Quase tudo foi parar na sucata de algum ferro-velho parisiense, ou, na melhor das hipóteses, vendido a preço de banana para antiquários ou *marché aux puces* (mercado das pulgas). Será que ainda existe, em algum canto do mundo, aquela pequena estatueta de São Luís – o respeitável presidente espiritual da SPEE –, relíquia adornada com as típicas roupas de rei e que ficava afixada numa das paredes da saudosa Sociedade?

O resultado desse incêndio na historiografia espírita está aí hoje: quase nada se sabe ou se tem sobre a nossa vovó Kardec. Uma verdadeira afronta que talvez nem o espírito São Luís pôde prever! E será mesmo que, depois de todas essas provas contundentes de Fropo, o sumiço (quase total) da memória do Espiritismo francês deve continuar recebendo aquela persistente justificativa de uma pilhagem nazista? Em verdade, o problema da depredação dos arquivos espiritistas ganhou um novo capítulo depois de janeiro de 1883, em virtude da morte da viúva Kardec. Como acabamos de constatar pelos fatos de Fropo, sobre “as coisas fora de serviço”, muitos documentos e objetos particulares dos Kardec, especificamente os

colecionáveis mediúnicos da viúva – reservados para um dia compor o engavetado Museu do Espiritismo –, lá estavam no interior de *villa Ségur*. A casa de Amélie, por si só, já podia ser considerada um respeitável museu do Espiritismo, também das artes espírita e mediúnica.

Madame Berthe Fropo dirá, ainda, que, “além de ouro, havia na residência notas do banco, títulos de renda, de quem sr. Joly foi capaz de observar ao meu lado. Demos prova também da presença de vários documentos no momento da instalação dos lacres”. Ela é muito clara: vários documentos. Vários.

Berthe continuou a queixar-se, por escrito, do descalabro e da devassa que realizariam por lá, após o precipitado rompimento dos lacres. Em suas constatações *in loco*, a casa térrea da viúva, à *avenue de Ségur*, nº 39, estava completamente ameaçada pelos antigos companheiros de Kardec. Misturando ironia com desespero, restou a ela apelar aos próprios esbulhadores:

É função dos acionistas espíritas agirem agora para salvar os documentos e imóveis da *villa Ségur* que, na mente do mestre, estariam reservados a um abrigo espírita de idosos que ele queria construir lá. Além disso, estava previsto uma grande construção para estabelecer espaço para um museu e uma biblioteca espíritas (Ibidem, p.29)

A estratégia de limpeza que Leymarie, Vautier e outros membros do Comitê Fiscal podem ter adotado em *villa Ségur* foi a seguinte: separar o joio do trigo. Os documentos de Allan Kardec, o trigo; documentos de Amélie-Gabrielle Boudet, o joio. Ao vasculharem os arquivos que resguardavam as memórias do casal, alguém acabou se confundindo, já que muitos achados do mestre, segundo diz Fropo, não escaparam da devastação de um dos membros desse comitê da inquisição. Ela mesma nos revela quem era exatamente esse livre-pensador:

Mas o que me fez tremer de indignação foi assistir a um verdadeiro auto-de-fé. Senhor Vautier caminhava no jardim entre pilhas de papéis e cartas. Quantas comunicações interessantes, quantas anotações deixadas pelo mestre. Tudo foi destruído (Ibidem, p.29)

Madame Fropo é bem precisa quando menciona Vautier, o comerciante parisiense que ocupava um cargo-chave na Sociedade, o de administrador: “Senhor Vautier caminhava no jardim entre pilhas de papéis e cartas”. Ao que indica, tudo que estava naquele jardim foi destruído! E a troco de quê? Por que tanta urgência para se desfazer dos documentos dos Kardec? Fica aqui, então, a mesma pergunta que Allan Kardec fez na *Revista*, em sua edição de agosto de 1862, quando falou sobre a atrocidade que fora o Auto-de-fé de Barcelona: “Que poderiam, pois, conter tais livros (nesse caso documentos) que merecessem a solenidade da fogueira?”.

Ora, esses senhores inteligentes, instruídos, historiadores e pesquisadores natos, principalmente o sr. Leymarie (que se tornará um dos primeiros biógrafos de Allan Kardec e que era a própria história viva da república francesa), deviam saber muito bem, diante do importante contexto histórico-espírita que os cercava, que não se atira em fogueiras, nem se pisoteia em jardins, ou mesmo se vende ao ferro-velho documentos, correspondências espiritistas, objetos pessoais, relíquias literárias, obras das arte mediúnicas e não mediúnicas, entre outras preciosidades espíritas que foram deixadas pelo casal mais importante do Espiritismo.

Nada podia ser atirado aos urubus! Seja lá o que havia em *villa Ségur* – de um recibo engordurado da tipografia *de Beau* (a gráfica que imprimiu *O livro dos espíritos*) à etiqueta rasgada e quase ilegível da marca do vestido azul-celeste de seda lionesa que a senhora Rivail comprou para usar na ocasião do jantar de comemoração do lançamento de *O livro dos espíritos*, na memorável noite de 21 de abril de 1857. Nada poderia ser destruído! Esse nosso exagero proposital é para deixar claro que *tudo é história*, crível de investigação, análise, catalogação e resguardo.

Logo Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade deixam suas defesas publicadas contra as graves acusações de Fropo, diante de suas constatações *in loco*, segundo ela, de um auto-de-fé em pleno jardim da residência da viúva Kardec:

Não houve nenhum auto-de-fé de papel. Em 1873, Madame Allan Kardec, depois de uma reunião geral, decidiu doar à *Sociedade* todos os documentos e correspondências importantes do mestre, que deveriam ser conservadas. No jardim, só foram queimados os livros antigos das contabilidades do pensionato dirigido por Allan Kardec, na sua chegada à Paris de 1830. Tratava-se de mais de duas mil

composições de seus alunos, além de todas as coisas reconhecidas e completamente inúteis, após triagem. Você, Fropo, tem que ter a mente muito doente para se atrever a dizer que queimamos papéis importantes deixados pelo mestre. Que aberração! (LEYMARIE, 1884, p.19).

Madame Berthe documentará que constatou a queima, sem critério algum, de pilhas de papéis e cartas com comunicações interessantes. Por sua vez, Leymarie e o Comitê negam isso, afirmando tratar-se apenas de livros antigos das contabilidades do mestre. Como visto, há uma vergonhosa distorção num desses depoimentos. Sem assumir responsabilidades, alguém mentiu e ocultou a verdade.

Novos questionamentos retornam ao ar: Se nada de importante foi destruído, onde foram parar os documentos familiares, pertences literários, trabalhos artísticos, coleções da arte espírita e mediúnica, além das correspondências pessoais (e espíritas) de Amélie-Gabrielle Boudet? Por que não houve interesse, da parte desses precursores que a rodearam, em preservar e divulgar sua historiografia? Por que a biografia de Amélie-Gabrielle Boudet foi ignorada ao longo dos tempos, seja na França, seja no Brasil?

Falando ainda de outro importante depoimento de Fropo, agora sobre “salvar os imóveis da *villa Ségur*”, pensamos que Leymarie e seu Comitê, logo após o desencarne da viúva Amélie, poderiam ter entrado com uma representação junto ao Tribunal do Sena para que toda a vila, incluindo a residência dos Kardec, fosse embargada, a fim de que a Sociedade pudesse converter a propriedade naquele projeto do mestre que há muito estava engavetado: a Comunidade Espírita, a Biblioteca e o Museu do Espiritismo. Este local memorável poderia, ainda, com o resguardo do *Ministère de la culture et du patrimoine français* (Ministério da cultura e do patrimônio francês), se transformar num bem tombado como patrimônio histórico e cultural, já que a Doutrina Espírita, à época, perfeitamente se enquadrava nesse contexto. Assim, no futuro, mesmo se uma dúzia de herdeiros reclamasse a posse desses imóveis, como um bem tombado pelo governo, dificilmente alguém conseguiria reaver uma decisão judicial.

Hoje sabemos o quanto é fácil sugerir ou julgar as posturas e os comportamentos desses confrades, tomados numa época difícil e tão distante da nossa. Contudo, acreditamos que esses espíritas (precursores)

poderiam, sim, ter tentado alguma alternativa mais digna, oposta à sucata ou ao preço de banana. Esvaziar a casa dos Kardec, expulsar inquilinos, chamar o carroceiro, empilhar no jardim supostos documentos do casal e acender a fogueira do auto-de-fé não foi a escolha mais sensata, muito menos a mais inteligente. Mas Leymarie estava muito preocupado com suas longas viagens para pensar nesses detalhes.

Inacreditável pensar que *La villa de Ségur*, a charmosa vilinha dos Kardec, foi vendida doze anos depois da morte de Amélie por inacreditáveis 150 mil francos, com todos os imóveis restantes que ela possuía, além da morada central da viúva. Indiscutivelmente, mais uma decisão desastrosa, que foi relatada por Berthe Fropo, em nome da verdade. Se cuidados fossem devidamente tomados a partir de 1883, ao se viajar hoje para Paris, talvez fosse possível visitar *la villa Ségur* intacta, a fim de apreciarmos a histórica casa dos Kardec convertida no primeiro Museu do Espiritismo do mundo.

E pensar que os responsáveis por esse episódio na vilinha foram os antigos amigos e confidentes do casal. Um autêntico e indiscutível *fogo amigo*.

Os ouros da viúva

De acordo com as revelações de Fropo, senhor Leymarie – defensor social da igualdade, da justiça e dos direitos sobre propriedades particulares –, se sentiu, ao lado da esposa e dos filhos, o novo herdeiro dos Kardec (sem o ser), principalmente quando constatou que boa parte dos bens materiais deixados pelo casal druida formava um lucrativo patrimônio, a começar pela maioria dos 32 imóveis que estavam alugados em três localidades diferentes e que permitiram à Amélie uma renda anual de 10 mil francos.

Mas nem tudo foi fartura fácil em *villa Ségur*. Os Leymarie tiveram que assumir as dívidas deixadas pela viúva Kardec, as que herdou do marido referentes à primeira hipoteca assumida na compra do imóvel da vilinha. Era uma dívida cujas prestações que já se arrastavam por mais de quinze anos. Berthe Fropo estava muito viva ainda para contar como foram a reação e as atitudes tomadas por esses confrades sinceros, que se autointitulavam “espíritas de primeira hora”. É dela a declaração, observada *in loco*, de terem localizado uma pequena fortuna na residência de Amélie, quantia que, de fato, nunca foi oficialmente declarada:

Esta *Sociedade*, para pagar os custos da sucessão da viúva, fez um empréstimo de 50mil francos com o objetivo de quitar a primeira hipoteca sobre o imóvel da *villa Ségur*.

Ah! querida Madame Kardec! você tremeria de indignação ao ver isso, já que ousaram eles de lhe acusar de ter deixado dívidas! Em contrapartida, eles encontraram, em sua casa, dois tesouros: um de 10 mil francos, e o outro de 16 mil. Estes são os prêmios que eu entreguei nas mãos deles, após o rompimento dos lacres (FROPO, 1884, p.45).

Sobre esses dois “tesouros” da viúva, de 26 mil francos provenientes do recebimento de empréstimos, Leymarie e o Comitê Fiscal explicam que Berthe entregou, nas mãos do notário (e não nas deles), um valor de 10 mil francos, referente ao retorno de empréstimos feitos por Madame Kardec ao diretor do jornal *A vida doméstica*. Disseram, ainda, que, presente à *villa Ségur*, e em posse dos lacres, esse mesmo notário (representando a figura

de um fiscal de sucessões) recebeu de Fropro um segundo valor, de 4 mil francos, proveniente de outro retorno sobre empréstimos feitos a um pedreiro. E tentando acertar as contas para menos, eles retrucam o seguinte:

O segundo valor que Fropro menciona não foi de 16 mil francos, foi de 4 mil; ela superestimou 12 mil francos. E o que comprova a sua má-fé é que ela *sabe que essas dívidas são ruins (sic)*, e que nós nunca tocamos em um centavo da quantia de 10 mil francos, administrada habilmente por Madame Allan Kardec (LEYMARIE, 1884, p.24).

Superestimando valores ou não, a verdade é que muitos oportunistas já estavam de olhos bem abertos nos ouros deixados pela viúva Kardec. Em março de 1883, dois meses após o desencarne dela, seu “herdeiro” Leymarie anunciou, com certa urgência, na *Revista Espírita* as considerações preliminares sobre a “Constituição transitória do Espiritismo”. Indignado, ele assim esbravejou contra os novos petardos que chegavam ao escritório da *Revista*:

Atualmente, os parentes de Madame Allan Kardec reivindicam a sua herança e dizem que, por ela ter sido espírita, fez uma espécie de loucura e de bobagem com os seus bens: *ouros* – o significado deste grau de parentesco – é o que buscam daquilo que ela herdou, e que não lhes pertence. [...] A família de Madame Allan Kardec, um pai idoso com seus filhos, moveram um processo contra a *Sociedade*; eles insistem em dizer que ela *perdu la raison* (tornou-se demente senil). (R.E., maio de 1883, p.207)

Leymarie publicou também, na *Revista*, que Madame Kardec disse ser a Sociedade Central a sua legatária universal, ou seja, que ela havia deixado, em testamento, sua herança à Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec. E para reforçar que o patrimônio era mesmo da Sociedade, e não de supostos herdeiros que surgiram de uma hora para outra, Leymarie reafirmou como muito lúcida a mente, personalidade e ideias da viúva octogenária, desmentindo a alegação de que ela havia adquirido *une espèce de folie* (uma espécie de loucura) alguns anos antes de morrer:

Nós provamos, pelas cartas escritas por ela 20 dias antes de sua morte, e pelas atestações escritas de seus melhores amigos, que a viúva do mestre não sofria de demência senil. [...] Afirmamos que Madame Rivail Allan Kardec foi a razão encarnada: ela quem geria pessoalmente suas propriedades; suas conversas eram sempre lúcidas e cheias de significado; ela que leu e escreveu, sem óculos, até os 89 anos (sic), e sua conversa foi sempre tão sensível. Isso evidenciaria senilidade? Estas são as reivindicações dos herdeiros. (Idem, p.207)

Outra boa prova de que a alegação de demência senil foi inventada pelos supostos herdeiros da viúva, logicamente para impressionar a opinião pública e os juízes do Tribunal do Sena, está num comentário de Leymarie e societários, ouvido poucos dias antes do desencarne da octogenária. Certamente, é uma das pouquíssimas citações (se for verdadeira) em que se pode constatar uma viúva Kardec enérgica, agitada e muito lúcida:

Quando fomos ver Madame Allan Kardec, no dia 1º de janeiro de 1883, ela nos disse: “Vocês não acreditariam como toda essa gente tem me atormentado para que eu mude a minha vontade no testamento. Eu tenho minhas próprias ideias e faço sozinha os meus negócios, e aqueles que dizem serem os meus melhores amigos não têm nenhuma influência sobre mim. Ninguém tem que saber quais serão os meus últimos desejos antes de morrer. Quem quer provar muito não prova nada!”. (LEYMARIE, 1884, p.15).

Mesmo sob o efeito de interesses financeiros, Leymarie está com razão ao esbravejar contra a alegação leviana, a de que a viúva, por ser espírita, “fez uma espécie de loucura e de bobagem com os seus bens”, como alardearam os parentes de ocasião. Uma segunda prova contra isso está na fala de um entusiasta chamado Félix Fabart, que deixou seu depoimento publicado no *journal Le Spiritisme*, edição de novembro de 1885, desmentindo essa pretenciosa acusação:

Ela [Madame Allan Kardec] permitiu ser guiada pela experiência de seus 89 anos (sic) que a vida lhe deu, e pela sábia filosofia aprendida na escola do mestre e marido. Ela ponderou friamente, pela fé raciocinada, os fatos e as pessoas, eliminando dos fenômenos psicológicos tudo aquilo que não era absolutamente certo. Ela

resguardou, com um cuidado zeloso, a memória de Allan Kardec, se afastando escrupulosamente de todo e qualquer negócio pernicioso, como também de qualquer exposição exacerbada que, sob o pretexto de Doutrina, pudesse abrigar ambições de renome e de fortuna. Além disso, era bastante comum ela ouvir censuras de fanáticos acampados, que a recriminavam com surdas indiferenças, as de que ela não era espírita. Esses adversários ainda mantiveram o mesmo linguajar depois que ela morreu (janeiro de 1883). Falo dessa nobre senhora, que deixou a quase totalidade da sua bela fortuna para a continuação dos trabalhos de divulgação do legado de Allan Kardec, e para as fundações da caridade espírita.

Mas Leymarie teve que adiar a peleja com os inesperados herdeiros da viúva, tudo para cumprir seu próximo compromisso *on the road* (na estrada), frente ao projeto do *trabalho de conferências* herdado de J. Guérin. Ao lado da esposa Marina, desembarcou em Lyon, e a presença na terra natal do mestre, hospedados de 4 a 19 de maio de 1883, se deu especialmente para autorizar a formação da Federação Espírita Lyonesa. Mesmo com uma lesão no pé, que lhe causava imensa dor, ele não faltou à frente dos 1.200 confrades que o aguardavam ansiosamente, já que, no janeiro anterior, teve que adiar essa mesma viagem já marcada, em função do desencarne de Madame Kardec.

O jornal lionês *L'Anti-matérialiste* enviou um de seus correspondentes ao encontro de Leymarie. Esse jornalista pôde constatar que os presentes na reunião usavam “um significativo emblema em suas lapelas, representado por uma fita tricolor do amor pela pátria terrena, mas também pelo amor à causa espírita”, como reportou o periodista.

Um influente espírita chamado A. Laurent de Faget, presente no encontro, disse, emocionado, que avistou muita luz se expandindo de Leymarie: “Ah! Como ele estava bem... Eu ainda choro de emoção ao evocar esta memória. Atrás de nós alguém tinha estendido, como decoração de fundo, a mortalha da *Sociedade* – mais como um pano de alegria do que de luto”.

A *Revista Espírita* de maio de 1883 logo publicou pormenores sobre esse cenário no formato de mortalha feliz, minúcias essas que ajudaram a iluminar Leymarie no púlpito – a estrela maior do evento. E o jornalista prosseguiu com sua narrativa:

[...] Virando-se para o fundo do palco, decorado com uma grande bandeira simbólica na cor azul, com um belo sol dourado no centro, tendo estrelas prateadas ao seu redor, símbolo esse que é a paráfrase do lema inscrito na parte superior do véu: “*Nascer, morrer, renascer ainda - tal é a lei*”, com destaque ainda para as letras em ouro, na parte de baixo da bandeira: “*Fora da caridade não há salvação*”. Estas duas inscrições são o resumo marcante da crença e da moralidade dos espíritas.

De volta à Paris dourada, em 1º de agosto de 1883, por força deliberativa da Assembleia Geral de Acionistas, a Sociedade rebatizou-se para Sociedade Científica do Espiritismo, em substituição do título da antiga e controversa Sociedade Científica de Estudos Psicológicos.

E a oficial Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec – título estrategicamente cunhado por Madame Kardec – foi definitivamente riscado do mapa espírita. A época de ouro das Sociedades criadas por Amélie chegava ao seu fim.

Muita luz

Desde aquele 24 de dezembro de 1882, com a tumultuada fundação da União Espírita Francesa pelo “power trio” (Delanne, Frope e viúva Kardec), um dos administradores da Sociedade, o sr. Vautier, vinha afirmando “que não poderia admitir a fundação de um novo jornal”, comentários esses ouvidos por Berthe. Mesmo assim, o *journal Le Spiritisme* veio a lume, e a cada mês que se passava, seu número de assinantes aumentava na mesma proporção de seu barulho editorial. Tudo porque o novíssimo periódico kardecista vinha servindo de veículo à divulgação de denúncias declaradamente nominais, por meio de artigos polêmicos, como já sinalizavam alguns leitores espíritas, os mesmos que se sentiam incomodados com as farpas irônicas publicadas pelas colunas do jornal. A começar pelos respingos que foram derramados em alguns membros da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos. Leymarie não foi poupado desses petardos.

Prevendo uma confusão geral, que poderia ser reverberada no sentido dos espíritas de todo o mundo imaginarem que o jornal *Le Spiritisme* fosse gerido pela própria Sociedade, sr. Vautier se adiantou à publicação de um esclarecimento na *Revue*, edição de abril de 1883. Dirá ele que o referido jornal quinzenal, com oito páginas em duas colunas, pertencia exclusivamente à União Espírita Francesa e que “não se deve confundir essas duas publicações, distintas uma da outra, sendo que ambas se reportam à fraternidade universal. Este comentário é para os leitores que pensam que nós criamos este novo jornal espírita. Não criamos!”, escreve o precavido Vautier.

Sondando novos ataques do *Le Spiritisme* contra os diversos artigos teosóficos que circulavam pela *Revista Espírita*, eis que surge, na edição de janeiro de 1883, o oculto senhor D.A.C, que falava em nome do Comitê de Leitura da *Revue*. No início de seu artigo, o misterioso homem concorda que “as ideias teosofistas diferem apenas em certos pontos, mas não em toda a teoria kardecista”, como dirá o senhor maçom e teósofo que se escondia por trás de suas três siglas. E para tentar justificar a presença da Teosofia, mesclada à Filosofia Espírita, esse anônimo das letras completa que “a *Revista* é uma coleção de ensaios, em vez de um jornal dogmático”.

Por fim, arrematou suas conclusões dizendo que, nos idos de 1868, “o próprio Kardec havia publicado, em seu periódico, um estudo sobre o filósofo chinês Lao-Tsé, e que sua filosofia também não é coerente com todos os aspectos do Espiritismo”.

Os membros da Sociedade já sabiam como se chamava um dos editores que colaboravam com *Le Spiritisme*, refutando os ideais e as ideias de espíritas teósofos e roustanguistas na *Revue*. Tratava-se de uma kardecista que inflava matérias contestadoras, reverberava artigos pontiagudos, e seu nome, sem siglas ou tarjas pretas: Madame Berthe Fropo.

Em setembro de 1883, exatos oito meses após o desencarne da viúva Kardec, os leitores do *Le Spiritisme* sentiram a pena afiada daquela que foi a melhor amiga e confidente de Amélie. Entre os vários artigos contundentes do jornal, ela publicou um especialmente intitulado “Allan Kardec e Roustaing”, que trouxe muita dor de cabeça à “equipe científica” de Leymarie. Escreveu Fropo, empunhando sua pena aguçada do escritório da União:

O senhor P.-G. Leymarie criticou veementemente o meu primeiro artigo, que, confesso, era enérgico. Mas peço a gentileza de não se alterar, que o pai permaneça moderado. Esta matéria foi escrita sob a impressão de uma indignação bem justificada, já que o sr. Guérin, devo admitir, esperou a morte de Madame Kardec para publicar o seu artigo sobre Roustaing na *Revista*. Como espírita, e como executor testamentário de Roustaing, ele deveria ter feito isso antes, às claras. Com isso, viúva Kardec poderia se defender e proteger também o seu marido e a nossa Doutrina. (Jornal *Le Spiritisme*, maio de 1883, p.6).

Esta e outras protestações antirroustanguistas foram publicadas por Berthe durante vários anos nas edições do *Le Spiritisme*, contra um roustanguismo idolatrado por pessoas com ideias fixas e sem estudo mais aprofundado, inclusive da própria obra de Roustaing.

Por volta de abril de 1884, aquele dossiê parrudo de Fropo, que reunia diversas anotações, principalmente sobre as posturas absurdas de Leymarie e os comportamentos obtusos dos membros da Sociedade, começou a incomodá-la sobremaneira pelo simples fato de que todo seu árduo trabalho de quatro anos de observações *in loco*, pesquisas, comparações e

constatações, corria o risco de mofar numa gaveta sem *muita luz*. Aquele seu dossiê poderia, ainda, esquecido numa gaveta escura, ser pilhado por alguém desavisado (ou muito sabido) sobre a importância daquelas anotações. Era preciso agir imediatamente. Se seu dossiê fosse devidamente revelado ao grande público, poderia potencializar a relevância dos trabalhos de Amélie-Gabrielle Boudet em prol do movimento espírita francês, inclusive no sentido de se fazer justiça às suas importantes iniciativas à frente da Sociedade Anônima, incluindo os cuidados que sempre tomou para proteger o legado kardecista que seu marido pretendia deixar às futuras gerações.

Em verdade, os espíritistas da época miravam os holofotes no enaltecimento da imagem e memória de Allan Kardec, como mestre e fundador intocável do Espiritismo. Esses confrades se esqueciam de que sua esposa Amélie, ao seu lado, foi também cofundadora da Doutrina-Luz, não só pelo passado glorioso de companheira, confidente e financiadora dos primeiros projetos espíritas do marido, mas, acima de tudo, por ter permanecido no *front* de batalha por mais de treze anos após a morte dele – sempre zelando pela coerência doutrinária. Madame Fropo, em algum momento de reflexão no fechamento de seu dossiê, pode ter pensado desta forma: Como estaria a Filosofia Espírita, depois de Kardec, se não fossem os resguardos pontuais de sua amada esposa?

A publicação de seu dossiê evidenciaria que, sem o bom senso da viúva Kardec à preservação da Literatura Espírita e do Espiritismo (longe de resguardar uma Filosofia Espírita doutrinariamente imaculada ou pura), os ensinamentos dos espíritos estariam distorcidos, a serviço de doutrinas secretas ou filosofias esotéricas que, como comprovamos, surgiam com a pretensão de atualizar ou corrigir a Doutrina, aviltando seu fundador Kardec. As seguintes palavras de Fropo confirmam um coração sincrético batendo bem forte no peito do Pai Ocultista, como Leymarie é conhecido na França dos dias de hoje:

Ele se tornou Roustinista (sic) e preconizou ideias subversivas sobre a natureza de Jesus. No momento em que está, deve até estudar a inexistência de Cristo. [...] Em nome do nosso venerável mestre, não podemos deixar que a nossa Doutrina da Vida pereça nas mãos de um homem sem crença, sem convicção, e que a renegou. [...] A *Revista* do mestre Allan Kardec está recheada dessas rapsódias abomináveis. Sob

o pretexto de ecletismo, Leymarie insere as ideias mais subversivas, distorcendo o nosso julgamento (FROPO, 1884, p.56).

Como visto, Fropro colecionava em seus arquivos pessoais muitas provas de que o Espiritismo administrado por Leymarie se apegou às ideias de Roustaing, ao Teosofismo de Blavatsky, trancando-se, ainda, nos cabalísticos rituais místicos e esotéricos das filosofias do Oriente.

Em resposta às acusações de Fropro, o Comitê Fiscal da Sociedade retrucará, com visível rispidez, a constatação inquietante de um “espirisoterismo” comandado por livres-pensadores:

Esta questão é sempre o grande cavalo de batalha dos nossos adversários; é o refrão que continua voltando; é a bigorna em que cada um bate duro e forte. Deve ser muito sólida para resistir até agora. [...] Mas o senhor Leymarie pode responder que é uma centena de vezes mais espírita do que vocês! (LEYMARIE, 1884, p.20).

Fato é que a publicação do dossiê de Fropro ajudaria a reconstruir a imagem de Madame Kardec, além de usufruir da oportunidade de revelar, com responsabilidade, que, após a partida do mestre, todos aqueles sócios e acionistas da Sociedade – muito desses amigos fiéis de Kardec – viraram as costas para sua esposa Amélie, a começar por Pierre-Gaëtan Leymarie, que ela havia gentilmente socorrido no passado, fornecendo casa, conforto e toda confiança possível como seu mandatário.

Mas os desafios e as dificuldades de sua voz feminina chegar aos trombones espíritas de todo o mundo, por meio de sua brochura, eram infinitos. Lutava, ainda, por outra causa justa: a proteção da Filosofia Espírita, que, em sua opinião, encontrava-se em perigo, e tais declarações ajudariam a colocar os kardecistas a par das entrelinhas de uma Sociedade trânsfuga. Assim, PUBLICAR era o verbo de ação que ela desejava bradar alto em seu megafone de ideias. Mas como, afinal?

A União tinha pouco mais de dois anos de fundação. A contribuição mínima, fixada em 6 francos por ano para seus sócios, mal dava para pagar os gastos do aluguel mensal de sua sede à *villa Montmorency*. Havia, ainda, os custos da tipografia à publicação de *Le Spiritisme*, isso sem contar as despesas extras, inclusive na manutenção de uma novidade tecnológica

bastante dispendiosa à época: uma linha telefônica e seu aparelho, que atendia pelo nº 25-11t.

Para diminuir gastos com impressão, Madame Fropo foi aconselhada a publicar o seu dossiê num formato de brochura (com 76 páginas), mais simples, mais barato e de fácil divulgação, já que contaria com distribuição gratuita. Assim, os dispêndios com a tipografia não passariam de 30 centavos de franco por exemplar, permitindo pagar por todos os serviços gráficos algo em torno de 570 francos, já que ela imaginou imprimir por volta de 1.900 exemplares. Todavia, o que encareceu ainda mais esse projeto gráfico boca no trombone foi o atrevimento em publicá-lo em impressão poliglota. Além do idioma francês, a brochura foi publicada também nos idiomas inglês, alemão, espanhol, italiano e português – línguas de nações que já tinham grandes círculos espíritas constituídos e que conheceriam, em breve, as muitas luzes que Leymarie e seu Comitê ofuscavam na mente e nas ideias dos kardecistas do mundo. Por essas traduções, em línguas diferentes do francês, a contratação de um profissional não ficou por menos de 2 mil francos, além dos gastos com os correios, mediante postagem e distribuição do seu novo rebento editorial.

Então, para que 1.900 espíritas tivessem em mãos o seu dossiê-denúncia em formato de brochura, Madame Fropo teve que desembolsar não menos que consideráveis 2.570 francos, isso sem contar as despesas extras. Este nosso cálculo segue ao encontro das seguintes perguntas que Leymarie pode ter feito a si mesmo: De fato, existiu verba de Madame Kardec na brochura de Fropo? Ela doou (ou não) parte dos lucros que guardava em *villa Ségur* para a criação e manutenção da União Espírita Francesa?

Ninguém conseguirá responder a essas perguntas nos dias de hoje, assim como o próprio Leymarie, talvez, não tenha conseguido obter tais respostas à época. Mas uma resposta é fácil e certa: a brochura de Fropo foi publicada em 14 de maio de 1884. Chegou ao público, como era de se esperar, afiadíssima, prezando sempre pela verdade e sem papas na língua. E as acusações contra o sincrético Leymarie enxameavam a brochura com força e sentido, como é o caso deste depoimento:

Faço um apelo a todos os espíritas, meus irmãos, esse homem pode permanecer à frente do Espiritismo, já que não é espírita? Aquele que

não tem fé e que tem apenas interesses; aquele que nega a Doutrina que ele mesmo tinha de defender e proteger, a aviltando e preferindo outras. Agora ele quer entrar na fase teológica e se estabelecer no roustainguismo, privando a nossa Filosofia bonita. Quer fazer isso por meio de conferências e cerimônias não espíritas, e, mais tarde, por dogmas, tudo por amor ao dinheiro e para agradar as ideias de Jean Guérin – o milionário. (FROPO, 1884, p.56).

Ainda na segunda quinzena de maio, ao chegar para uma reunião com alguns membros acionistas da então Sociedade Científica do Espiritismo, Leymarie estranhou os olhares em sua direção, todos em completo silêncio e admirável espanto. Alguém ali muito corajoso, empunhando uma brochura, cuja capa trazia o título *Beaucoup de lumière (Muita luz)*, perguntou ao herdeiro primeiro dos Kardec: “O senhor já leu isso?”.

Em letras garrafais, logo abaixo de seu título, ele constatou: *par Mme Berthe Fropo – vice-présidente de L’Union Spirite Française*. Ato contínuo, *père* Leymarie se enrubesceu, já que aquele título ironizava diretamente seu antigo e principal lema: Muita luz. Como observamos, um livro que tratasse de questões políticas, de questões sociais, científicas, religiosas ou literárias era, para ele, um raio de luz. Só que aquela brochura, em especial, configurava para ele um verdadeiro raio das trevas.

Para Fropo, segura de si, valia a máxima de Jesus: “Não coloqueis a candeia sob o alqueire”, que traduz precisamente seus anseios diante da publicação de *Muita luz*. Sabia ela que ninguém, depois de ter acendido uma candeia, tinha o direito de cobri-la com um vaso, ou a colocá-la debaixo da cama. O dever à verdade é o de situá-la sobre o candeeiro, a fim de que qualquer pessoa possa enxergar sua luz, pois “nada há de secreto que não possa ser descoberto, nem nada oculto que não seja revelado, podendo aparecer publicamente”, como bem expressava a máxima do Nazareno. Madame Fropo não ocultou as seguintes anotações que vinha formulando há tempos:

Ah! Isto é uma infâmia! Eu culpo o sr. Leymarie por ter rebaixado a nossa bela Filosofia em troca do Teosofismo, tornando-se um seguidor desta doutrina antiga. Esta é uma odiosa traição e temos que perguntar a ele quais foram os motivos desta ação tão feia (Ibidem, p.20).

Futuramente, Leymarie mostrará que tirou alguma lição da máxima que justifica *Muita luz*, pois na epígrafe de *Obras póstumas*, publicará o seguinte: “*É preciso propagar a moral e a Verdade*”. Sim, com “V” maiúsculo! Ou seja, *Verdade* era o que não faltava nas páginas de *Muita luz*. Ele deve ter raciocinado que não havia mais como picotar, incendiar, pisotear em jardins, ou mesmo trancafiar em cofres aquela brochura mandatária de Fropo, a que revelava, em quase toda sua publicação, “ficções e insinuações”, como ele bradará, em breve, num tom claro de revide.

Mas a reunião do Comitê, naquela manhã fatídica de constatação da indigesta *Muita Luz*, foi cancelada em meio às chateações que poderiam manchar a reputação de Leymarie, caso não tomasse uma providência rápida. Aqueles dias ficaram reservados para ele se debruçar à frente do petardo editorial de Fropo, que já provocava enormes labaredas capazes de queimar a constelação de estrelas prateadas do famoso manto mortuário criado pelo filósofo Charles Fauvety. O cadinho de revelações contidas no interior da brochura mostrava ser tão inquietante, que o suposto espírito Allan Kardec, por meio de uma mensagem mediúnica, encerrou o conteúdo de *Muita luz* apoiando o empenho e dedicação de Fropo perante as verdades que trazia ao público.

A dócil Berthe agradeceu os elogios do suposto mestre assim: “[...] Quando eu comecei este trabalho foi para obedecer aos inúmeros pedidos de meus amigos, o senhor e a senhora Allan Kardec. Aqui está a prova”. Essa “prova” é a última mensagem contida na brochura. Atribuída ao mestre, a tal psicografia vinha precedida da data de 1º de novembro de 1883, e foi especialmente direcionada à Madame Berthe Fropo:

[...] Sua posição a coloca acima de tudo, pela relação constante que você teve com a minha querida esposa. É bom lembrarmos-nos disso e não podemos negar. Você deve saber que observamos daqui os fatos muito reais que se apresentam, e que devem estar longe da *fofoca ou da calúnia (sic)*. Essas, infelizmente, são reflexos que estão além da verdade. Se você pudesse ver o que vemos daqui. Ah, como a fazem sofrer... Ore por esses pobres cegos, é o que eles são; a punição não vai demorar muito; continue a luta; você irá superar; estamos com você; nós queremos a felicidade de nossos irmãos e o triunfo da verdade: seremos bem-sucedidos. Obrigado pelo seu bom estado de

conservação à luta, ele é importante para nós. **Allan Kardec** (Ibidem, p.15).

Rapidamente, essa e outras psicografias polêmicas foram duramente contestadas pelos senhores Leymarie, Joly, Vautier e demais membros do Comitê Fiscal da Sociedade. Eis o que os “pobres cegos” rebateram:

[...] Se atrevem a colocar, sob a sanção de Allan Kardec, esta série de ficções e de calúnias. É vergonhoso misturar este nome reverenciado a tais manobras. [...] Essas comunicações são apócrifas, e não respondem à maneira de escrever e de pensar de Allan Kardec. (LEYMARIE, 1884, p.26).

Por fim, Madame Fropo encerra a última linha de sua brochura deixando escapar a intensidade de sua devoção kardecista, obviamente refletida pela mensagem anterior, acusada de falsa:

Eu obedeci. **Berthe Fropo**

No término da leitura de *Muita Luz*, o administrador Leymarie não teve outra escolha para apagar um incêndio daquelas proporções. E a ordem foi repassada ao Comitê Fiscal, com urgência: revidar, revidar e revidar.

Exatamente uma semana após a publicação do opúsculo de Fropo, o filósofo maçônico Charles Fauvety escreveu para Leymarie sondando estas providências:

Meu caro sr. Leymarie. Recebi, nos dias de hoje, uma brochura em que você é fortemente maltratado. Eu não sei se você concorda em responder-lhes: eu lhe peço empenho. Nunca despreze a natureza dos ataques que atentam à nossa consideração. Resta sempre algo (Idem, p.1).

Mesmo sem saber ao certo quem era o responsável por *Muita Luz*, constatamos a fala de um Fauvety indignado, tomando as dores do amigo. Eis a carga energética de suas palavras na carta que remeteu a Leymarie:

Ela é uma senhora, ao que parece, que fez este serviço. Só mesmo as mulheres para tais amabilidades. Ela não tem a mão leve. Ela aplicou,

sem dúvida, um duro golpe. Será preciso recordar o provérbio: “quem bem ama bem castiga” (Idem, p.3).

Como visto, o moralista Fauvety sugere replicar fortemente as opiniões da amável senhora, autora da brochura *Muita Luz*. Subestimando-a com ironias, o inventor do pano mortuário solta, ainda, a seguinte advertência: “Espero que não precisemos esmagar ninguém, nem mesmo os dedos do sexo feminino que trabalharam nesta triste tarefa”.

Considerado um *gentleman*, um cavalheiro da sociedade parisiense, Fauvety abandona a integridade de caráter para assumir, no teor da correspondência que encaminhou ao amigo, uma personalidade rude, empunhando sua pena machista e ameaçadora. Vejamos o tamanho do magnetismo que ele precisou incutir no perispírito de Leymarie, amargando ódio contra o sexo feminino representado por Berthe Fropro:

Vamos esperar você morrer para fazer-lhe justiça? [...] Temos de responder às acusações feitas contra você. Responder na *Revue*, ou numa outra brochura, como você se sentiu, mas responder. [...] Além disso, eu professo que ninguém tem o direito de resignar-se à iniquidade e sofrer sem protestar contra o insulto imerecido jogado em seu rosto. [...] Não podemos sacrificar a nossa honra, a nossa dignidade moral (Ibidem, p.4).

Assim, em nome de uma honra recheada de vingança, senhor Leymarie, carregado de moral, soltou na *Revista Espírita*, edição de junho de 1884, a primeira estratégia-revide:

Muita luz é o título de um opúsculo que se espalha profusamente, a que tivemos de respondê-lo com outra brochura, *Ficções e insinuações*. Esta resposta, dirigida aos nossos assinantes, será enviada gratuitamente aos que ainda não a teriam recebido.

Ficções e insinuações foi o opúsculo-resposta elaborado pelo Comitê Fiscal da Sociedade Científica do Espiritismo, publicado pela Biblioteca de Estudos Psicológicos – especialmente em defesa de Leymarie e de outros senhores citados no dossiê de Fropro. A brochura do Comitê, contendo 31 páginas em alto tom de esbravejamento, traz uma curiosa lista com 25 itens, rebatendo as alegações contidas no opúsculo *Muita luz*. E um mês depois,

em julho, a *Revue* já mostrava o grande ruído de réplicas e tréplicas que essas brochuras estavam causando entre os espíritas de todas as partes do globo:

[...] Recebemos um grande número de cartas amigáveis em defesa de nossa brochura, *Ficções e insinuações*, diante de nossas respostas a *Muita luz*. Agradecemos, aos nossos irmãos e irmãs do Espiritismo, por suas boas e encorajadoras palavras; novas impressões poderiam renovar discussões, que não estamos à procura, e que não se deve durar para sempre.

Madame Fropo também recebeu correspondências com respostas amigáveis em defesa de sua brochura. Uma dessas vinha do perscrutador Henri Sausse, que surgiu no campo de batalhas para protestar contra Leymarie e seu grupo de livres-pensadores. Em maio de 1883, quando Sausse reviu Leymarie na ocasião da fundação da Federação Espírita Lyonesa, não imaginou que aquele roustaingiano parisiense – que se mostrava íntegro ao público lionês – estivesse metido em tantas confusões, enlameado de pontos negativos em tons de acusações e denúncias, principalmente os relacionados com desprezo e desrespeito a uma senhora octogenária chamada Amélie-Gabrielle Boudet.

Ao que se sabe, pelo menos durante o ano de 1884, Sausse esteve em contato permanente com Fropo, seja por meio da troca de correspondências, seja pessoalmente. Em contato com ela, foi conhecendo também a realidade por trás das glórias e dos percalços que Madame Kardec passou na vida, principalmente diante das peripécias de Leymarie e seus partidários. Decidiu apoiar irrestritamente Madame Fropo à produção de artigos para o jornal *Le Spiritisme*. Com sua pena sempre afiada, Sausse escreveu matérias que traziam, sem ficções ou sensacionalismos, as mais sinceras verdades em nome da ética espírita e da integridade doutrinária – valores esses apregoados pelo mestre Kardec e sua esposa Amélie.

Ainda em julho, outro acionista da Sociedade se sentiu incomodadíssimo com a *Muita luz* vinda de Fropo. Por conta disso, decidiu revidar, por conta própria, com a publicação de uma nova e extensa brochura. Esse senhor era J. Guérin, que apresentou sua nova arma de papel sob o título *Os quatro evangelhos, de J.-B. Roustaing. Resposta aos seus críticos e aos seus adversários*. Inicia dizendo, em seu documento-revide,

que “Madame Froppo, corajosamente, tomou a palavra para protestar, como era seu direito inquestionável, contra a opinião expressa na obra póstuma de Roustaing”. Como visto, em *Muita luz*, Froppo critica os volumes roustanguistas, dizendo que seu autor “não tinha senão um médium, Madame Collignon e os quatro pretensos evangelistas”. Sem rodeios, ela emenda na sequência:

E então! Estes volumes, escritos em um estilo tão fatigante, tão enfadonho que, apesar das leis morais que ali se encontram, não são senão a repetição de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*, em que Roustaing precisou pedir ao sr. Caillé que o corrigisse para fazê-lo aceitar e ler (FROPO, 1884, p.35).

Diante dessa colocação de Froppo, no rumo da monotonia roustanguista, o discípulo Guérin rebate com seu discurso sempre longo, arrastado, tal qual os livros de seu mestre Roustaing:

É reservada, para a obra de Roustaing, destacar uma verdade positiva, mas ainda incompreendida por alguns novos seguidores do Espiritismo. Neste caso, Madame Froppo e seus amigos serão forçados a admitir que tal obra seja essencial na aceitação de todos, mais cedo ou mais tarde (*Le Spiritisme*, julho de 1884).

Mais cedo que tarde, Berthe replica Jean Guérin, atingindo o guerinista Leymarie com estas boas verdades:

O sr. Leymarie, para agradar Guérin, reescreveu as orelhas dos evangelhos de Roustaing durante quatro anos consecutivos, seja na Bélgica, seja na França. Ele não cessou de falar na profundidade desse trabalho. Meu Deus! [...] Foi o sr. Leymarie que forneceu, ao sr. Guérin, todos os endereços dos assinantes da *Revista Espírita*. E foi assim que Guérin – executor testamentário de Roustaing – pôde nos enviar esta desprezível obra (FROPO, 1884, p.36).

Para que a expressão de Froppo “desprezível obra” não fique como taxativa ou preconceituosa, achamos relevante acrescentar pequeno trecho de um estudo realizado na década de 1940, pelo escritor espírita brasileiro Luciano Costa – autor de um dos mais importantes trabalhos de crítica aos

Quatro evangelhos, de J.-B. Roustaing. Convertido seu estudo num livro, sob o título *Kardec e não Roustaing*, esse respeitável pesquisador escreve na introdução de sua obra a seguinte lógica:

Pelos estudos que fizemos e pelo entendimento a que chegámos (sic), concluímos que “Quatro Evangelhos” de Roustaing, por ser uma obra plena de mistificação, por estar impregnada de Cristianismo, dentro dos moldes da igreja católica apostólica romana, é, como não podia deixar de ser, um corpo completamente estranho no organismo espírita. Trata-se, portanto, de um ensinamento cristológico, que, como um verdadeiro quisto, deturpa e deforma a doutrina espírita, e, como tal, pensámos (sic) logo extirpá-lo.

Chegado o mês de dezembro daquele agitado, barulhento e interminável ano de 1884, Madame Fropo ainda terá energias para publicar, em *Le Spiritisme*, seu novo artigo, “Un peu de lumière” (Um pouco de luz). Ela solicita aos membros da Sociedade que cumpram os últimos desejos de Madame Kardec à época da criação da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec: o de colocar os cinco livros fundamentais de seu esposo ao alcance de todos os bolsos. Explicita Berthe Fropo, em “Um pouco de luz”:

Esta propagação não será eficaz, a não ser que os livros do mestre Allan Kardec sejam baratos. Era o desejo de sua viúva; ela fazia questão, apesar da idade avançada, das maiores privações, a fim de deixar uma imensa fortuna para o Espiritismo, aceitando comprometer a sua saúde, já tão delicada, e de ser tratada como avarenta, taxada de sovina, para atender ao objetivo que se propôs: o de difundir a instrução moral e intelectual, também, entre os adeptos de baixa renda do Espiritismo, e de engrandecer a obra de seu marido (Ibidem, p.35-36).

Para fazer justiça à determinação social de sua amiga Amélie, Madame Fropo abriu, em sua brochura *Muita luz*, o controverso capítulo “Questão financeira”, especialmente para provar que a Sociedade Científica sempre teve condições de realizar esse sonho literário dela, especialmente quando a *femme forte* falava de obras espíritas mais baratas para uma multidão de ávidos leitores pobres e esquecidos. Ela começa dizendo, em seu opúsculo,

que, depois da morte de Allan Kardec, cada nova edição de seus cinco livros fundamentais passou a ser republicada com 2 mil exemplares, e que, desde então (período de quinze anos), atingiu a cota de 88 mil exemplares já publicados. Dirá, ainda, que cada exemplar desse montante era comercializado, pela *Revista*, a 3 francos e meio. Logo, os lucros durante esses longos 180 meses chegavam próximos a 308 mil francos – valor esse calculado com base no período de 1869 a 1884. Ou seja, se os membros do Comitê seguissem as repetidas sugestões da viúva empreendedora, além dos bons exemplos editoriais de outros kardecistas, como os de Madame Sophie Rosen, que vendia seus exemplares a preços módicos, as obras fundamentais e complementares do mestre chegariam facilmente às mãos das populações carentes, sem acesso digno à leitura espírita.

Madame Berthe Fropo incluiu ainda no capítulo “Questão financeira” um interessante cálculo que fez em 1884 sobre o montante que a viúva Kardec efetivamente herdou após o desencarne de seu marido.

Iniciou dizendo que ela recebeu 42 mil francos, incluindo 8 mil pelo valor da biblioteca.

A *Revista Espírita*, como um capital, anualmente rendia acima de 42 mil.

Uma casa de campo, localizada em Brunoy (a 30 quilômetros de Paris), avaliada em 25 mil. Com as taxas e impostos de 5 mil, o imóvel passava a valer 20 mil francos.

Cem mil francos relativos à doação do roustinguista Jean Guérin.

Um legado de 10 mil foi doado pelo inglês Guilbert de Rouen.

Lucros estabelecidos, além dos livros fundamentais de Kardec: 150 mil.

Só a Livraria Espírita estava avaliada em 70 mil.

Enfim, Fropo fechará sua conta minuciosa incluindo mais 300 mil francos inalienáveis, referentes à herança da viúva Kardec. Alguns anos depois de adquirir o terreno da *villa Ségur*, ela explica que Allan Kardec quis ampliar o patrimônio da família. Para isso, construiu quatro casas, das quais, a esposa, após sua morte, tirava certo aluguel. Tempos depois, viúva Amélie comprou por 30 mil francos, de um senhor chamado Roquet, mais uma casa nesse mesmo terreno, em que passou então a ser a proprietária de cinco imóveis. Por fim, temos a contabilidade de Fropo, indicando a soma da herança deixada pela viúva Allan Kardec: 722 mil francos. (Ibidem, p.44).

Cuidadosa, ela ainda avisa, em *Muita luz*, que se devia acrescentar sobre esse total “ouro, notas do banco e títulos de renda” que o sr. Joly e ela foram capazes de observar no interior da residência quando ambos lá estiveram para instalar os lacres nas portas, logo após o desencarne da viúva.

Rapidamente, Leymarie e o Comitê Fiscal da Sociedade Científica do Espiritismo soltaram uma nota informando que esses cálculos eram “estúpidos e demasiadamente grosseiros”: “Vamos deixar a autora da brochura *Muita Luz* vagar como lhe agrada, como os números fantasiosos que o seu cérebro febril mostrou-lhe, dobrados ou triplicados, dependendo do acesso”.

E na *Revista Espírita* de janeiro de 1884, Leymarie terá a coragem de dizer que *villa Ségur* nada mais era que “um aglomerado de terras improdutivas” e que, por isso, o imóvel deveria valer 200 mil francos. Dirá, ainda, que poderia até passar a valer, talvez, 300 mil, mas só quando a hipoteca de quinze anos, contraída pelo casal Kardec, fosse quitada. Ele se esqueceu de dizer – ou ocultou de seus leitores – que o Comitê da Sociedade havia contraído aquele empréstimo de 50 mil francos para a quitação definitiva da vilinha. E a indignação por esse empréstimo arbitrário pode ser sentida pelo calor daquela fala de Fropo, quando ela disse que ousaram acusar a viúva Kardec de ter deixado dívidas.

Outra prova de que não havia necessidade alguma de culpar a falecida Amélie por ter deixado prejuízos financeiros está num outro artigo publicado em outubro de 1883, no mesmo *Le Spiritisme*: “[...] Ela (madame A. Kardec) deixou, além de sua propriedade, cujo terreno vale 300 mil francos, 32 imóveis alugados que lhe permitiam uma renda anual de 8 a 10 mil francos; e uma quantia bastante considerável para pagar todas as taxas do inventário”.

Como observamos por essa fala bastante considerável, de fato, não era necessário contrair esse empréstimo milionário de 50 mil francos, valor que se transformou imediatamente em dívidas. Não havia essa necessidade, obviamente porque o patrimônio deixado pelos Kardec ultrapassava a expressiva fortuna de 700 mil francos, segundo cálculos de Berthe Fropo. Existia, ainda, como descreveu, o montante de 16.852 mil, arrecadados com o trabalho das conferências, a arrecadação anual de 800 francos pelas vendas das obras espíritas, além da cotização dos 100 membros da Sociedade que, ao contribuírem com 25 francos ao ano, tornavam possível o

recebimento de 2.500 francos anuais. No fim de seus cálculos, ela dirá com mais razão que ironia: “E vocês ainda se dizem demasiado pobres para ajudar a nós da União Espírita Francesa”.

E quem desejar conhecer Bertha-Victoire-Alexandrine Thierry de Maugras, mais conhecida como Madame Berthe Fropo – mulher corajosa que, desde 1885, se tornou viúva pensionista com vencimentos de 2.667 francos ao mês –, é só dar um pulinho na sede da União, na *avenue des Sycomores*, nº 28, em *villa Montmorency*, Paris. No quartel-general do kardecismo francês encontra-se a fiel *femme forte* com a sua bico de pena em punho, elaborando mais e mais artigos genuinamente espíritas. Por meio de *Le Spiritisme*, ela jamais deixou de denunciar abusos, desvios, desonestidades e a típica falta de caráter, de moral e de ética que pululavam cada vez mais entre os círculos espíritas e espiritualistas, principalmente os da França.

Por fim, acreditamos que as matérias jornalísticas da viúva Berthe precisavam ser firmes, ora outra pontiagudas, justamente para não se deixar amolecer a realidade dos fatos em torno de um Espiritismo sincrético, pretencioso, mirabolante. E quem viver a lerá.

O processo de sucessão

O maior escritor francês de todos os tempos estava morto. A maioria dos parisienses elegia o dia 22 de maio de 1885 como o mais triste de todo o século, data que marcava também uma mudança comportamental em cada cidadão tricolor. O espírita Victor Hugo acabava de desencarnar em sua mansão à *avenue d'Eylau*, da mesma forma como ele mesmo havia previsto, “na estação das rosas à estrela eterna”.

Mais de dois milhões de pessoas ocuparam as ruas da capital, mais que toda a população da cidade de Paris. Uma multidão acompanhou o carro funerário do velho leão socialista, e os que não conseguiam caminhar na procissão se dependuravam em árvores, postes, fontes e quiosques para ver o caixão do kardecista passar.

Diante de um século que vinha sendo marcado pelo contentamento de um comunismo burguês, o espiritista Hugo manteve a tocha acesa do fogo idealista da Revolução, empunhando-a sempre no alto. Enquanto os 21 canhões de artilharia saldavam a partida do adepto das ideias de Allan Kardec, o velho mundo havia mudado completamente. Victor Hugo, havia décadas, vinha servindo de referência literária para artistas de todos os cantos, incluindo a nossa querida Amélie-Gabrielle Boudet. Com sua morte, aos 84 anos, a confiança da nação francesa no triunfo final do espírito humano passou a ser contestada. Ninguém mais conseguiu sustentar o idealismo de Hugo frente às recentes descobertas científicas.

Havia 23 anos, o célebre astrônomo Camille Flammarion já mapeara, com êxito, os mundos invisíveis por detrás do enigmático céu noturno de Paris, rastreamento atestado em seu polêmico livro *A pluralidade dos mundos habitados*. E as valiosas conferências do famoso cientista Flammarion estavam sempre abarrotadas de gente, que surgiam em busca de respostas mais concretas sobre os dilemas existenciais da vida. Afinal, incerteza criavam medos.

Com o fim do agitado século 19 se aproximando, aquele otimismo utópico de Hugo se transformou, depois de sua morte, num grande temor coletivo, e não menos apocalíptico. O presságio por trás da visão do Arco do Triunfo drapejado por um enorme pano preto, que simbolizava o luto pela partida de Hugo para o além-túmulo, serviu também de metáfora para

indicar o fatalismo daquele século, fadado a acabar mal, muito mal. Os parisienses se tornavam cada vez mais amedrontados, individualistas, incorporando os conceitos populares do “salve-se quem puder” e “cada um por si”.

Não demorou para que o suposto espírito Victor Hugo desse sua primeira comunicação da espiritualidade. Sua primeira fala, carregada de imperativos moralistas, não vinha para confortar ninguém, mas para colocar os fãos órfãos do escritor, os que caíam em prantos na desolada Terra, frente a frente com as responsabilidades da vida. Ecoará, do astral, o enfático Hugo:

O homem sofre porque está no imperfeito e no relativo; sofre porque expia uma falta que cometeu em um mundo anterior. O progresso dos mundos está em plena atividade. Nossa Terra é apenas um dos mundos, cujos números são incalculáveis. O dia moral começa... A alvorada moral na França se inicia. Em Paris, depois da morte corporal, se elevam apenas alguns raros espíritos, entre os quais estão todos os homens de gênio – espécies de semideuses. Depois, ascendem outros homens de gênio – os inventores geniais; depois, a vez dos artistas, filósofos e pensadores.

Frente à “alvorada moral”, o cidadão parisiense pós-Hugo buscava maneiras de se garantir, antes que o pessimismo e a insegurança daquele fim de século 19 se transformassem numa nova guerra moral, engolindo o pouco que conquistaram a duras penas desde a sangrenta Revolução de 1870. Na urgência das horas, era preciso resguardar um bom pé-de-meia. Por isso, qualquer bem material, seja móvel ou imóvel, um baú repleto de ouro, dinheiro no colchão, ou mesmo uma gorda herança deixada por uma vovó octogenária, eram sempre bem-vindos, e, se necessário fosse, tais bens seriam disputados até nos tribunais.

A Viúva Kardec teve uma prima solteirona (por parte de mãe) de quarto grau que se chamava Adélaïde Louise Thierce. Parisiense, ela morava há quarenta anos à *rue Vaneau*, nº 31, há exatos 900 metros da cobiçada residência da *villa Ségur* – a morada de Amélie –, localizada à *avenue Ségur*, nº 39. Mesmo diante dessa pequena distância, não há qualquer relato de que a senhorita Thierce visitava regularmente sua prima e viúva Amélie, ou mesmo que as duas mantinham contatos regulares. Ao

certo, Thierce era mais um dos vários parentes indiretos com quem o casal Kardec não estabeleceu relacionamento próximo.

Numa antiga edição de junho de 1865 da *Revista Espírita*, no famoso artigo “Relatório da Caixa do Espiritismo”, entre outras prestações de conta, Allan Kardec disse claramente o seguinte: “Não temos filhos, não é, pois, para eles que amontoamos; nossos herdeiros indiretos na maioria são mais ricos do que nós”. Diante dessa fala do mestre, apontando a existência de “herdeiros indiretos”, não há dúvidas quando relacionamos *oportunismos* com *sucessores ricos dos Kardec*, afinal, eram franceses abonados e nem precisavam chegar ao ponto de alegar na justiça que a viúva Kardec havia adquirido demência senil por ser espírita.

Acontece que dois jovens primos de Thierce, a senhora Aubin Blanpré e o senhor Paul Royer-Collard, este último um renomado advogado do Tribunal de Recurso de Paris, contestaram no Tribunal de Bordeaux – na figura de legatários universais da senhorita Thierce – o direito da tia (e o deles) de ficar com toda a herança da viúva Kardec. Respeitando a linha de sucessão da família, a solitária Thierce é quem tinha esse direito, mesmo sendo uma distante prima de quarto grau de parentesco. A oportunista dupla tinha pressa, não só por causa da morosidade dos processos judiciais à época, mas porque a senhorita Thierce, que nunca quis se casar, estava com avançados 92 anos de idade, e se ela morresse de uma hora para outra, Blanpré e Collard demorariam uma eternidade para colocar as mãos nos ouros de Amélie. E se Thierce desencarnasse, haveria outro agravante: um verdadeiro “time de primos” de sexto grau tentaria se apoderar da bolada dos Kardec. Leia-se bem: sexto grau!

Mas Leymarie, que se considerava herdeiro de grau primeiro, passou um recado na *Revista Espírita* a todos os supostos primos (interessados e interesseiros). Dirá ele que a Sociedade Central era a legítima legatária universal dos Kardec. Segundo afirmou, existia um documento que comprovava que a viúva Amélie havia deixado sua herança à Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec. E esse documento oficial era seu próprio testamento.

E como Leymarie, em nome da Sociedade, também tinha pressa para agarrar a herança deixada pela lúcida artista Boudet, viúva Berthe Fropo, por sua vez, revelou em *Muita luz* a estratégia do pai do Espiritismo por trás dessa ligeireza toda:

Um sobrinho de minha amiga Amélie intentou um processo de captação de sua herança junto à *Sociedade*, que está sob investigação, tal qual o senhor M.***, aquele que recebeu, pela sucessão, 5 mil francos de Madame Allan Kardec. Não entrarei em todos os detalhes, mas o notário, tendo declarado que o testamento era inatacável, houve, por conseguinte, continuar o caso. Mas o sr. Leymarie preferiu pagar 20 mil francos à senhorita Thierce, para que ele pudesse entrar na posse imediata da herança, deixando, como consequência, pairar sobre a inteligência de minha amiga acusações de loucura e de demência senil (FROPO, 1884, p.28-29).

Em 1886, o jornal *La Gazette du Palais* publicou um artigo intitulado “Tribunal”, explicando que a senhorita Thierce, na data de 17 de fevereiro de 1883, “se opôs veementemente à contestação da *Sociedade* como legatária universal, atribuindo a invalidez do testamento da viúva Kardec”. Isso quer dizer que o casal de primos, Blanpré-Collard, não perdeu tempo algum. Pouco mais de um mês depois da morte de Amélie, eles entraram com um processo judicial para o resgate integral da expressiva herança.

E o mesmo *La Gazette* reverberou uma maldade ao escrever que “devido à incapacidade e demência senil da testadora viúva Amélie, um acordo foi alcançado entre as partes, nos termos do qual, mediante pagamento da soma de 20.500 francos, efetuado por Leymarie, a senhorita Thierce se retira por completo do processo”.

Mais uma vez, viúva Fropro estava com a razão. Pagando um resgate rápido aos primos de Thierce, o sagaz Leymarie concordava com a sórdida alegação de que a octogenária sofreu de demência senil em seus últimos anos de vida. Como visto, a corrida pelos ouros da viúva Kardec revelava corações ambiciosos, almas sem caráter, repletas de ideias gananciosas.

E outro periódico parisiense, o *Le Siècle*, dirá que essa dupla de herdeiros, os primos de Thierce, estava mesmo bastante ansiosa para levar a parte deles: “[...] Senhorita Thierce tinha muita idade e, acreditando que o julgamento seria muito longo, os herdeiros dela abandonaram suas pretensões para aceitar um acordo no valor de 20.500 francos”. De fato, senhorita Thierce (por conta de sua idade avançada, do dinheiro fácil e pela influência magnética da dupla de parentes) alegou na frente do juiz que sua distante prima Amélie – de quarto grau de parentesco – havia se tornado

uma demente senil e, por isso, algum espírita no passado a convenceu a nomear a Sociedade, em seu testamento, como a legatária universal.

Na outra ponta, o contraditório Leymarie, também de frente para o juiz, não expressou o mínimo esforço para discordar dessa história absurda de demência senil, já que ele estava prestes a fechar um acordo judicial em primeira instância, tudo para se livrar da nonagenária Thierce e de seus primos, a fim de colocar seus dez dedos nos cobiçados 701.500 mil francos – o restante da suposta soma da herança deixada pela viúva Kardec, segundo os cálculos de sua amiga, a também viúva, Berthe Fropon.

Enquanto os ouros não vinham, ele tentou encontrar uma maneira de desocupar definitivamente os imóveis alugados que a falecida Amélie havia deixado em *villa Ségur*. E essas moradas, por incrível que pareça, não estavam vazias, desocupadas. Por meio de uma correspondência carregada de angústias, enviada ao jornal *Le Spiritisme* à edição de fevereiro de 1887, foi possível descobrirmos que ainda moravam inquilinos nos imóveis da vilinha, mesmo depois de quatro anos do desencarne da viúva Kardec. Assinando sua carta-protesto como *femme Jouffroy* (mulher Jouffroy), a denunciante rogava aos céus “força e coragem para suportar o teste cruel que Leymarie impunha aos moradores”, como escreveu. Quase que um apelo por correspondência, a *femme Jouffroy* desabafa pormenores maravilhosos sobre a nossa Amélie-Gabrielle Boudet:

Há 15 anos que habitamos a *Villa-Ségur*. Madame Kardec era uma amiga, uma verdadeira irmã para nós, que ocupávamos o andar em cima do dela. Ela nos amava, estava plena de bondade e carinho para conosco, e a maior prova que ela nos deu foi ter deixado uma pensão de 600 francos mensais durante toda a minha vida.

E o episódio ruim dessa constatação de caridade e desprendimento da parte da viúva Amélie, infelizmente, ficou no roteiro do mandatário Leymarie. Desafortada, revelará a *femme Jouffroy*:

Senhor Leymarie veio com um oficial de justiça para nos expulsar da casa do mestre. Meus pobres enfermos (há seis meses que eles dependem de mim) incluem o senhor Jouffroy, que está tão fraco que dificilmente pode andar. [...] São dois homens idosos, um de 77 anos e

outro de 76, que jamais perturbaram a tranquilidade da casa. Depois de 15 anos de convívio, nós nunca recebemos reclamações.

Enquanto a presença de Leymarie era amaldiçoada pela inquilina Jouffroy, a lembrança de Madame Kardec foi fixada, pela reclamante, com ternura e amor infinitos, diante do valoroso acolhimento na residência dos Kardec, que, pelos planos do mestre, elaborados em 1868, deveria acolher confrades idosos sem jamais expulsá-los. Enfim, Amélie acolheu; Leymarie expulsou.

O desafogo sincero na cartinha da *femme* Jouffrou tocou profundamente Delanne e Fropo, ao ponto de eles autorizarem a postagem do seguinte depoimento no final da matéria: “Esta correspondência dispensa comentários, é bastante eloquente para mostrar como foram conquistadas as amizades do casal Kardec, frente ao modo rude como se compreende a vontade dos donatários”. E a dupla de editores seguiu publicando, em *Le Spiritisme*, o desabafo da pobre inquilina, que suplicou às cegas para que Leymarie e o oficial de justiça os deixassem em paz:

Meu coração está quebrado, a casa, para mim, está repleta de lembranças. Quantas vezes eu acreditei ver a nossa falecida Amélie atravessando o jardim e me fazendo gestos de amizade? Quantas vezes eu pensei em nossas boas noites, em nossos jantares de domingo?

Oh! casa querida! Perdemos todas aquelas felicidades quando estávamos tão perto do túmulo dela! Por que essa crueldade? Enfim, que a provação se realize. Eu peço a Deus a força para suportá-la. Eu tenho pena de quem pode, com o coração, cometer um ato tão mal.

Num outro canto da cidade, Leymarie e seu Comitê, sem pena e com pressa, aproveitavam para legalizar a Sociedade, diante das exigências burocráticas junto à prefeitura de Paris. Passados mais de cinco anos após a morte da esposa do mestre, a partir de 30 de setembro de 1888, a Assembleia Geral Anual alterou (pela quarta vez) o nome da Sociedade Científica do Espiritismo, cujo título passou a ser: Sociedade da livraria espírita fundada pelo senhor e senhora Allan Kardec, com o subtítulo: Ciências Psicológicas. E a antiga Livraria Espírita, título enxuto dado pela viúva, passou a se chamar Livraria de ciências psicológicas e espíritas.

Sem qualquer necessidade da presença de oficiais de justiça, senhor Leymarie se mudou tranquilamente com a família da *rue Petits-Champs*, nº 5, para a *rue Chabanais*, nº 1 – local que se transformou também na nova sede da duradoura *Revista Espírita*, que teria agora, propositalmente, um subtítulo em negrito e em letras garrafais: *Jornal de Estudos Psicológicos e do Espiritualismo Experimental*. Espiritualismo Experimental?

Isso mesmo, dois anos após o desencarne de Amélie, o renomado periódico de Kardec havia estendido ainda mais seu subtítulo. Tornava-se uma revista espiritualista que era, ao mesmo tempo, um jornal de estudos psicológicos acrescido dos estudos sobre o *espiritualismo experimental*. Ou seja, além de serem espíritas, esses senhores da Sociedade se consideravam também psicólogos e estudiosos de um espiritualismo experimental confuso e cheio de incógnitas. Definitivamente, estampavam o lema sincrético: tudo ao mesmo tempo agora.

Mas aquele “cala-boca” de 20.500 francos que Leymarie havia dado na nonagenária Thierce, e em seus dois primos herdeiros, se mostrou viável e funcional apenas por sete anos. Em sua longa vida, senhorita Thierce nunca tinha estado seriamente doente antes de contrair uma pneumonia. Ela havia mantido, até seus últimos dias, toda a lucidez de espírito e um grande vigor físico, tal qual a viúva Kardec. Todos os anos, seus jovens primos Aubin Blanpré e Paul Royer-Collard, vinham ao seu aniversário presentear-na com flores. E em setembro de 1892, a dupla apareceu para festejar uma ocasião mais que especial: a solteirona Thierce – a rica e suposta parente distante dos Kardec – aniversariava 100 primaveras.

Todavia, sete meses depois, por algum motivo desconhecido (talvez por demência), ela passou a recusar as supostas flores que os primos supostamente levavam para ela todos os supostos anos. Deprimida, não quis mais receber visitas de parentes.

Em 18 de abril de 1893, a centenária Thierce desencarna deixando uma nova dor de cabeça para os administradores Leymarie, H. Joly e o Comitê da Sociedade. Mais que provado: estava difícil colocar as mãos na montanha de bens dos Kardec.

Os primos de Thierce, como jovens ricos e ambiciosos, herdeiros diretos da falecida centenária, almejavam o restante da herança deixada pela viúva Amélie. E mesmo com a posse legal, garantida, da herança de Thierce, os dois quiseram abocanhar (também) o que restou dos Kardec. Para subirem ao altar das cobiças, declararam à imprensa parisiense que

reaveriam, na justiça, todo o trato feito entre Leymarie e Thierce, diante daquele repasse estratégico dos 20.500 francos. Nova sordidez à vista: os abonados primos Blanpré e Collard alegaram em público que a duradoura Thierce esteve apática, fora de si, e não soube ao certo o que assinou no acordo judicial feito dez anos antes com Leymarie e a Sociedade. Se a centenária mulher esteve apática, Blanpré e Collard se apresentaram ao juiz com extrema lucidez, já que nenhum dos dois recusou, à época, os 20.500 francos pagos à vista!

Além dessa dupla dinâmica de primos, Leymarie e a Sociedade tiveram que encarar uma nova demanda: o surgimento de uma dezena de supostos herdeiros da viúva Kardec que brotaram do vazio alegando serem – absurdamente – parentes de sexto grau. Um inimaginável sexto grau! Pelo visto, longe de serem poucos em número, as cadeiras do grande salão da 1ª Vara Cível do Tribunal Cível do Sena foram todas ocupadas por uma relação de nomes estranhos que ambicionavam pelos mesmos ouros da viúva, que, nessa altura, em função de recálculos e de futuros rendimentos, devia ultrapassar as altas cifras dos 722 mil francos iniciais estimados por Berthe Fropro em seu opúsculo *Muita luz*.

Exceto a dupla de primos de Thierce, vejamos a seguir a lista dos novos reclamantes ambiciosos – elenco esse que foi amplamente divulgado pelo jornal *La Gazette du Palais*: Alexandre Le Riche de Cheveigné; viúva Gillet; senhora Frondeville; François Le Riche de Cheveigné; senhorita Noël Le Riche de Cheveigné; viúva Le Riche de Cheveigné; outra viúva, Camille Potherat de Thou, e sua irmã Alexandrine Augustine Louise Marie Potherat de Thou; senhora Royer-Collard; Albert Gatine; senhora Chalvet; e, por fim anexada, uma menor de idade sob tutela legal de sua mãe.

Todos esses onze adultos, somados à menor de idade, incluindo a dupla de primos de Thierce, surgiram dizendo serem os parentes e herdeiros legítimos dos Kardec, alegando, ainda, estarem resguardados pelas leis francesas, que davam o direito aos herdeiros diretos de ficarem com a herança, tudo de acordo com o respeito à tradicional linha de sucessão familiar do país tricolor. Todavia, o cambalacho sofisticado contrariava a afirmação de Allan Kardec, quando disse que o casal não possuía herdeiros diretos.

Em verdade, é coerente acreditar que quase ninguém dessa lista tenha se preocupado com o casal Kardec quando estavam vivos, já que esses burgueses opulentos estavam distantes deles, cuidando das riquezas e dos

lucros de suas terras altamente produtivas na França e no exterior. Ficam as perguntas: um sexto grau de parentesco mereceria tamanha herança? Parentes indiretos, de sexto grau, podem ser considerados “parentes”? Para a justiça francesa, sim! Para as respostas de Leymarie, jamais!

Ele teve alguma razão quando se expressou, energicamente, sobre o surgimento de oportunistas da ocasião, principalmente os que, como sanguessugas, apareciam para tragar as conquistas e os patrimônios gerados pela popularidade da Filosofia Espírita. Um bom exemplo disso está no futuro. Em 1930, um aventureiro que gostava de ser chamado de Marcel Kardec – pseudônimo adotado pelo belga Louis Henri Ferdinand Dulier –, começou a se passar por “neto” legítimo de Allan Kardec, realizando, em público, campanhas virulentas contra as “mentiras do Espiritismo”, por meio de espetáculos de hipnotismo e prestidigitação para plateias pagantes de teatros, salas de concerto e cafés. Assim, para o calejado Leymarie, era preciso cautela e olho vivo à frente desses abastados “filhos de Amélie”.

E para defender os interesses pessoais desse “time” de mais de uma dúzia de supostos “jogadores parentes” da viúva Kardec, foram contratados os serviços de um dos maiores advogados da França: Doutor Raymond Poincaré. Para se ter ideia da fama e da influência desse jovem defensor público de 29 anos de idade, Poincaré se tornou político, depois ministro da Educação e da Fazenda, depois chefe do Governo em cinco ocasiões, para logo em seguida assumir a presidência da França na gestão de 1913 a 1920, durante a [Primeira Guerra Mundial](#). Por sua vez, a então Sociedade Científica do Espiritismo, sob responsabilidade direta de Hubert-Joly e de Leymarie, também administradores da *Revista Espírita*, contratou três advogados para defender seus interesses. São eles: dr. Bigault de Granrut, dr. Charles Lachau e dr. Touchard.

Como afirmara a viúva Fropro anteriormente, não houve tempo hábil ao sr. Joly de se tornar o executor testamentário da viúva Kardec, já que ela havia desencarnado antes. E o senhor Levent foi o executor oficial nomeado por Amélie depois de oito anos do desencarne do mestre. Porém, por algum motivo escuso, ela acusou Levent de ter repassado, ilegalmente e às escondidas, os poderes de sua procuração à Leymarie. Dessa maneira, e de acordo com seu raciocínio, foi Leymarie, e não o sr. Joly, que passou a ser o executor testamentário da viúva Kardec, como se sabe, sem seu consentimento ou sua autorização por escrito. Todos imaginavam ser o sr.

Joly o executor testamentário, inclusive os desinformados jornais parisienses.

Leymarie, por sua vez, se defendeu dessas incriminações da viúva Fropro reportando que o sr. Levent tomou conhecimento do testamento da viúva Kardec depois de quarenta anos, e isso se deu pelo sr. Vassal, o notário dela. E foi só depois do desfecho do processo de sucessão que Levent repassou sua procuração à Leymarie, já que Madame Levent estava muito doente. Como constatado em nossas pesquisas, esta justificativa é bastante descabida, fora do tempo e programada para confundir.

E por falar em imprensa parisiense, desde a abertura do primeiro processo de sucessão de 17 de fevereiro de 1883, pelos primos da senhorita Thierce, diversos periódicos franceses passaram a se interessar semanalmente pela disputa da fortuna de Amélie. No entanto, um segundo grande processo tramitado na 1ª Vara Cível do Tribunal Cível do Sena, aquele que envolveu a dúzia de supostos “herdeiros amelianos”, despertou muito mais o interesse jornalístico da grande imprensa. Falamos de *Le procès de succession* (O processo de sucessão), como ficou conhecido entre os juristas e jornalistas da época e que pode ser considerado – depois do *Procès des spirites* de 1875 – o segundo maior processo judicial da história do Espiritismo francês, envolvendo especificamente os destinos da herança deixada por Amélie-Gabrielle Boudet. Desta forma, é equivocado pensar que foi apenas o Processo dos espíritas o único acontecimento judicial importante que marcou a Filosofia Espírita do século 19. Embora desconhecido entre os espíritas, *Le procès de succession* merece nossa devida consideração, principalmente porque a viúva Kardec, nossa biografada, esteve no centro das atenções, como também das ambições.

Para termos uma ideia do grande interesse da imprensa francesa pela cobertura d'O processo de sucessão, que desencadeou uma disputa pública acirradíssima entre Leymarie e a dúzia de supostos herdeiros de Amélie, efetuamos uma extensa pesquisa em que foi possível descobrir diversas matérias jornalísticas sobre esse tema jurídico-espírita, localizadas especialmente nas colunas de alguns dos mais importantes jornais parisienses da época, como *La Gazette du Palais*, *Le Figaro*, *Le Temps*, *La Justice*, *Le XIX'e Siècle* e *Le Martin*. Todos esses periódicos acompanharam o andamento de *Le Testament d'Allan Kardec*, que se estendeu na 1ª Vara Cível do Tribunal Cível do Sena por incríveis dezesseis anos (de 1883 a 1899).

Na edição de 14 de dezembro de 1897, por exemplo, o jornal *Le Figaro* lançou um extenso artigo em suas colunas sob o título “Gazeta dos Tribunais – Tribunal Cível: O Testamento de Allan Kardec”. A matéria começa dizendo que “Madame Allan Kardec – que traz esse pseudônimo de som celta, nas palavras do sr. Poincaré – legou 300 mil francos à *Sociedade Espírita* fundada por um dos maiores defensores de seu marido, o sr. Leymarie”. A matéria reporta que, como a senhorita Thierce havia morrido antes da conclusão de seu processo de sucessão, e a dupla de herdeiros primos argumentou que esse acordo não era vinculativo, pediam sua nulidade junto ao Tribunal de Bordeaux, a fim de continuarem concorrendo ao restante da herança da viúva Kardec, cuja opinião pública e jornalistas imaginavam estar na casa dos 300 mil francos.

A maior acusação, em favor do time dos doze supostos herdeiros, era a de que a Sociedade Científica do Espiritismo não tinha existência legal. Portanto, perante as leis francesas, ela surgia sob o pretexto de ser anônima, mas disfarçava-se de organização sem personalidade jurídica, que nem sequer tinha seu registro civil, muito menos um comercial, como alegava a dúzia de reivindicantes.

E ainda conforme o artigo de *Le Figaro*, dr. Poincaré, o imbatível advogado dos queixosos, levantou, em juízo, brechas jurídicas mais que ardilosas sobre o funcionamento e a existência da Sociedade, acusações essas que afetaram diretamente os senhores Leymarie e Joly, além da intocável idoneidade da falecida viúva Kardec:

[...] Para dr. Poincaré, a *Sociedade da Livraria*, fundada em 1869 por Madame Allan Kardec, nada mais é que uma organização de propaganda, cujo único propósito é o desenvolvimento de todas as doutrinas espíritas. É principalmente uma *Sociedade* de captura, inteligentemente organizada para recolher *successions* (heranças) daqueles que são membros dessa mistificação.

Para demonstrar sua competência na defesa dos interesses do “time dos 12”, dr. Poincaré teve a audácia de resgatar minúcias daquele ruidoso episódio de 1875 em que Leymarie foi preso por suposta fraude das tais fotografias dos espíritos. De acordo com *Le Figaro*, Poincaré teve a pachorra de mostrar aos jurados do tribunal aquela polêmica fotografia da

viúva Amélie, em que surgia, atrás dela, o espectro nublado do espírito Kardec segurando uma placa com dizeres de incentivo.

Por sua vez, *La Gazette du Palais* trouxe uma notícia bombástica, que inflou ainda mais as discussões entre as partes. Tudo porque, em 6 de agosto de 1895 (quicá em surdina), Leymarie vendeu a um senhor chamado Gérard a antiga propriedade dos Kardec, localizada na avenida Ségur, nº 37 e 39. Foi dessa maneira truncada, alegavam os kardecistas da época (sem ter saído do papel o audacioso projeto da Comunidade Espírita de Kardec), que chegava ao fim *la villa de Ségur*. Como indicado a seguir, a vilinha foi vendida por uma vergonhosa pechincha, uma barganha qualquer negociada às pressas. Outra matéria do *Le Figaro* atesta essa sorrateira venda, sem nos deixar mentir:

[...] Doutor Poincaré disse que não é permitido à *Sociedade* que, aliás, esta sob julgamento, vender a propriedade da sucessão a um comprador suspeito. O notário Fessard, da comuna de Brunoy, que acaba de cometer suicídio, foi escolhido para passar os atos da venda. Ele disse que foi pago, no ato, um total de 150 mil francos, e que nenhum dos herdeiros, sequer, havia recebido parte desta quantia. O que teria feito o tabelião?

Talvez, por orientação do trio de advogados da Sociedade, a venda tenha sido incentivada no calor dos acontecimentos, tudo por conta de uma possível estratégia no sentido de converter a propriedade dos Kardec em títulos imobiliários, para, no futuro, resguardarem aos cofres do *Comité* a bagatela de 150 mil francos. E ainda sobre esta irrisória soma de dinheiro pelos bens materiais dos fundadores da Filosofia Espírita, dr. Poincaré, também indignado com isso, apela um absurdo à frente do juiz, conforme escrito em um dos trechos da matéria de *Le Figaro*: “[...] Doutor Poincaré terminou o seu discurso dizendo que ele estava disposto a desistir do caso se o espírito de Madame Allan Kardec, ao ser evocado, atestasse que desejava manter suas disposições testamentárias”. Mais do que um apelo esdrúxulo, dr. Poincaré – o futuro presidente da França – suspeitava da antiga decisão testamentária de Amélie.

Uma prova concreta de que O processo de sucessão foi bastante acalorado, descambando em acusações e polêmicas, está nas páginas do

jornal *Le Temps*, edição de 14 de dezembro de 1897, por meio de curiosa matéria – para lá de provocativa:

[...] Esse *Processo*, substancial para o dr. Poincaré, chegou ao mundo espiritual... Senhor Leymarie foi entrevistado por um “jornalista espiritual”, espírito esse que disse que “era muito doloroso ser tratado como um louco” (sic). Isso é um perigo que não está funcionando. Os herdeiros de Rivail não o consideram louco, mas muitíssimo inteligente. Eles vão abster-se de caluniar o Espiritismo; eles foram avisados pelo sr. Leymarie do seguinte: *Aqueles que riem, ou são pedantes ou são tiranos.*

Mas a venda ilegal da morada dos Kardec gerava, naquele momento, mais expectativas que loucura. Os envolvidos no processo aguardavam o resultado judicial sobre a legalidade (ou não) da súbita venda dos imóveis de *villa Ségur*. Os jornais *Le Rappel* e *Le Siècle* cobriram avidamente essa resolução.

Ainda na 1ª Vara Cível do Tribunal Cível do Sena, perante o juiz, o terceiro advogado da Sociedade, dr. Touchard, teve que se virar para defender Gérard – o comprador suspeito da vilinha dos Kardec –, já que os herdeiros o acusavam de ter feito um acordo fraudulento com Leymarie. Os dois jornais disseram, ainda, que, se ficasse constatado pelo juiz do tribunal que eles haviam cometida negligência grave, a dupla Gérard-Leymarie poderia ser presa imediatamente. Será que Leymarie, pela segunda vez, voltaria para o terrível sistema prisional francês?

Eis que, em 4 de fevereiro de 1898, *Le Siècle* publica, em suas colunas, o tão esperado veredito anunciando a decisão do juiz Behénne, tomada quatro dias antes, sobre os destinos da venda da vilinha: “Ontem, o Espiritismo foi espancado na 1ª Vara Cível do Tribunal Cível do Sena, que anulou o testamento de Madame Rivail, viúva de Allan Kardec. [...] Foi, portanto, cancelada a venda de *villa Ségur*”.

E o veredito do tribunal corroborava as informações publicadas no *Le Siècle*: “Declara nulo, e de efeito nulo, o legado universal consentido pela dama Boudet, viúva de Rivail, dito Allan Kardec, nos termos de seu testamento holográfico de 29 de janeiro de 1877”.

Mas uma constatação bastante amarga surgia pelas últimas linhas do veredito, como se um passado fotográfico de punições processuais,

condenações e pagamentos de multas se repetisse:

Condena Leymarie, como representante dos membros da associação da Livraria espírita fundada por Allan Kardec, a restituir às senhoras Aubin de Blanpré e Royer-Collard, todos os bens, móveis e imóveis, dependências da sucessão da senhora viúva Rivail e a renda completa de todos os valores da alienação que ela tocou, usufruiu e o que ela descontou.

Todavia, em 5 de julho de 1899, *Le Siècle* volta dizendo que, em função de a viúva Kardec ter deixado dois testamentos, o primeiro a favor da Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec, e o segundo a favor do sr. Hubert-Joly, o novo juiz do caso passou a interpretar O processo de sucessão com ressalvas, reabrindo o caso. Em verdade, sr. Joly ocultava o verdadeiro executor testamentário da viúva Kardec, que era o sr. Leymarie. E o mesmo Joly, o marmoreiro, tornou-se incapaz de ser o executor das intenções de Amélie, como bem nos relatou a viúva Berthe Fropro. Por certo, Leymarie e Joly – sob pacto de silêncio – desejaram manter esse segredo resguardado até o fim de suas vidas. Porém, como vimos, Fropro colocou a boca no trombone, denunciando o tal “segredo” no decorrer do ano de 1883.

Todas as estratégias da defesa eram experimentadas pelo trio de advogados da Sociedade. E se esse novo juiz decidisse reverter a herança? Possivelmente, Leymarie e os cem acionistas remanejariam toda a fortuna da forma que bem entendessem. Mas a morosidade da justiça francesa da época (idêntica à lentidão de nossa atual justiça brasileira) atravancava os trâmites, sempre postergando uma nova decisão sobre a Sucessão, que retornou a público porque a defesa recorreu. Por sua vez, o ágil *Le Siècle* ainda tentava impor peso e sensacionalismo às suas várias matérias sobre o infindável Processo.

Por força do status público dos abonados herdeiros, esse mesmo periódico afirmou que o senhor Joly foi intensamente contestado e pressionado pela viúva do importante Georges de Blanpré (secretário da embaixada francesa), como também pelo sr. Paul Royer-Collard (ex-magistrado francês), “os herdeiros naturais de Madame Allan Kardec”, como noticiavam os jornais, para os aplausos da dúzia de ousados oportunistas.

Como dissemos, *Le procès de succession* mostrou-se interminável, desejoso de varar o século 20 sem um veredito certo e conclusivo. Quase um ano e meio depois do primeiro veredito, em 27 de julho de 1899, o arrastado Processo foi reconduzido por um novo juiz chamado Baudouin. *Le Siècle* retornou em cena para dar, enfim, a notícia mais aguardada de todos os tempos – o segundo e último veredito:

[...] Ontem foi emitido o acórdão do julgamento, que considerou a nulidade da vontade de Madame Allan Kardec que tinha estabelecido, como legatário universal, o sr. Hubert Joly, amigo de P.-G. Leymarie – o apóstolo do Espiritismo. O tribunal anulou esse testamento, já que Joly é uma “pessoa interposta” (sic) pela testadora. Assim, a fortuna de viúva Kardec, estimada em 200 mil francos aproximadamente, irá para os herdeiros naturais da falecida, e não para a *Sociedade* criada por Kardec.

Esses vários herdeiros naturais da falecida sabiam que *Le Siècle* havia errado para menos na contabilidade artificial dos 200 mil francos. Ao certo, considerando juros e rendimentos monetários, correções e valorizações imobiliárias no decorrer de dezesseis anos, a disputada sucessão da viúva Kardec já ultrapassava 1 milhão de francos.

No dia 14 de fevereiro de 1901, o persistente *Le Siècle* disse que os advogados da Sociedade haviam apelado da última decisão judicial: “[...] Em recurso, o caso voltou para a 1ª Câmara do Tribunal de Justiça, presidida agora pelo juiz Forichon”.

Por fim, em pleno início do século 20, o vencedor de *Le procès de succession*, doutor Raymond Poincaré, já ostentava vencer as urnas tricolores, rumo às eleições presidenciais na França. E aquele time de supostos herdeiros dos Kardec (provindos de famílias nobres da França) passou o restante de suas vidas ostentando dúzias milionárias ao sexto grau.

E o Espiritismo continua...

Em 10 de janeiro de 1895, a Sociedade da livraria espírita fundada pelo senhor e senhora Allan Kardec foi definitivamente dissolvida. Tudo porque Leymarie decidiu abrir falência por falta de um único e absoluto recurso: dinheiro. Afinal, o que poderia ter acontecido com a verba do fundo de reserva da Sociedade?

Esperando vencer O processo de sucessão, como também ganhar na justiça o processo da herança do roustanguista J. Guérin, *père* Leymarie acabou contraindo novas dívidas, que o forçou à falência.

Em contrapartida, a então Livraria de ciências psicológicas e espíritas seguia em plena prosperidade ao lado da antiga *Revista Espírita* dos Kardec, sempre com assinantes transbordando em todo o mundo.

Em fevereiro seguinte, a kardecista Bertha-Victoire-Alexandrine Thierry de Maugras, ou simplesmente viúva Berthe Frope, aquela corajosa mulher que todos imaginavam ter reentrado no anonimato, estava muito ativa e longe de qualquer falência, participando da Federação Espírita Universal, pertencente à *Société Fraternelle du Spiritisme*, com sede parisiense à *rue St-Denis*, nº 183.

Um ano depois, em 21 de janeiro de 1896, o jornal *Le Spiritisme* se despedia para sempre da história do Espiritismo. Foram mais de doze anos de edições e publicações ininterruptas a serviço da ética, da integridade e idoneidade espíritas. Esse importante periódico, sob a direção firme de Gabriel Delanne, não mais evidenciou as verdades em defesa da Doutrina-Luz. Ao encerrar suas atividades, em 1896, deixou de denunciar, por exemplo, os muitos artigos (pagos) que continuaram a circular na *Revista Espírita* – o principal veículo propagador das ideias da Teosofia e dos ideais do Roustanguismo, dentre outras correntes filosóficas não espíritas.

O fechamento da redação de *Le Spiritisme* teve como causa maior uma desavença sem precedentes entre dois espiritistas. Incomodado com a publicação de um longo artigo intitulado “Execução de Laurent de Faget por ele mesmo”, o espírita Laurent entrou com um processo no Tribunal Civil do Sena contra o último editor do periódico, um senhor chamado Anglemont. A acusação principal: difamação, com pedido de 5 mil francos de indenização, além da retomada de posse das instalações do escritório do

jornal e de sua biblioteca. Vencendo tal processo, sr. Laurent de Faget reassumiu os seus bens que estavam alugados ao sr. Anglemont. Dessa forma, ele refuta *Le Spiritisme* para fundar um novo jornal espírita, *Le Progrès Spirite* – órgão da Federação Espírita Universal. Assim, estava extinto *Le Spiritisme*, um dos periódicos mais fiéis às origens kardecistas que se tenha surgido no movimento espírita francês.

Ainda em 1897, o insigne Gabriel Delanne publica *O fenômeno espírita*, cuja bela introdução traz a seguinte conceituação espiritista, mais científica e menos filosófica: “Espiritismo é uma ciência que diz respeito à demonstração experimental da existência da alma e de sua imortalidade, por meio da comunicação com aqueles que foram impropriamente chamados de ‘mortos’.

E com a extinção da Sociedade da livraria espírita fundada pelo senhor e senhora Allan Kardec, o republicano Leymarie – que comemorava seus 70 anos – fundou sua própria lojinha, a *Librairie Leymarie Edite-URS*. Ele continuou a publicar as obras de Allan Kardec em vários idiomas, sempre ao lado das edições não espíritas. Admitamos: um de seus principais legados à literatura espírita foi *Obras póstumas de Allan Kardec*.

E a antiga e conceituada *Revista Espírita* persistia com seu enigmático subtítulo *Jornal de Estudos Psicológicos e Espiritualismo Experimental*. Prestes a completar 40 anos (em 1898) com edições ininterruptas, denunciava um editorial muito mais sincrético do que o das décadas anteriores. Em sua então atual *tabela de matérias*, numa nota sobre mudança de endereço, *père* Leymarie não fará questão alguma de ocultar seu velho posicionamento editorial: “Nossa livraria, como no passado, é responsável pelo fornecimento de todos os volumes que tratam do Espiritismo, ciências psíquicas, Espiritualismo, Magnetismo, Ocultismo, Teosofia, etc.”.

E toda a coleção completa da famosa *la Revue Spirite*, com suas dezenas de volumes, podia ser adquirida na nova livraria esotérica de Leymarie pela bagatela de 150 francos. Com nova sede parisiense à *rue Saint-Jacques*, nº 42, o escritório da *Revista* se manteve nesse endereço até a fundação da histórica *Maison des Spirites*, do milionário Jean Meyer, empreendimento que foi inaugurado na Paris de 1923, em que Meyer assumiu a continuidade das publicações da *Revista Espírita*.

E por incrível que pareça, essa mesma *Librairie Leymarie* existe até os dias de hoje no mesmo endereço, à *rue Saint-Jacques*, nº 42. No local se

pode notar uma pequena loja rebatizada com o letreiro *Librarie et Editions Leymarie*, havendo, ainda, acima de sua fachada, outra enigmática placa menor trazendo os dizeres (em verde e amarelo): *Occultisme Leymarie*. O mais curioso é que, no atual site da livraria, há a explicação de que ela divide seu expediente entre “vendas de obras ocultistas e psíquicas” e “leituras de cartas para uma consulta sem compromisso”. Comércio livre de tarô e cartomancia?

Não há engano algum em afirmar que o teosofista, maçom e roustanguista, Pierre-Gaëtan Leymarie é lembrado na França atual muito mais como um ocultista do que espírita. Não bastou ele ter vivido com os Kardec, absorvido toda a singeleza doutrinária da Filosofia Espírita... O que ficou de seu eclético histórico, permeado de influências esotéricas, foi a imagem de um ocultista, muito distante da simplicidade espírita que se conhece e que se deve praticar. Não é à toa que atualmente os europeus enxergam o Kardecismo francês como uma pseudoreligião.

No dia 15 de novembro de 1897, *père* Leymarie – o velho sincretista, o septuagenário de todas as décadas e séculos, sóis e estrelas – concedeu gratuitamente à Federação Espírita Brasileira o direito de traduzir para o português todas as obras de Allan Kardec. No entanto, a autorização chegou com o expresso pedido aos febianos cariocas de manter fidelidade aos originais do mestre. Dizem que Leymarie pode, ainda, ter enviado para os cofres dessa mesma FEB de 1897 algumas relíquias do casal Kardec, talvez aquelas mesmas que conseguiram salvar do episódio do auto-de-fé de 1883, ocorrido na residência da viúva Kardec à *villa Ségur*, fato relatado minuciosamente pela viúva Frope em um de nossos capítulos.

Assim, entra em cena dr. Bezerra de Menezes – o médico dos pobres –, que foi o responsável pelo recebimento dessas importantes doações. Desta maneira, entre abolicionistas e republicanos de ambos os países, continuou-se o processo de transferência das tarefas da Filosofia Espírita em terras brasileiras – muito longe do ocultismo que se avolumava irreversivelmente pelas terras tricolores da França.

Mas não parou por aí. *Père* Leymarie e seu Comitê tiveram mais de um motivo para mirar suas atenções na crescente comunidade espírita brasileira, diante de um fim de século turbulento que amplificava forças misteriosas capazes de esmiuçar para sempre os pensamentos literários de J.-B. Roustaing. Era preciso resguardar as falácias roustanguistas em berço esplêndido.

Muito antes do persistente Francisco Raimundo Ewerton Quadros, o primeiro presidente da FEB e major da Artilharia do Exército, terminar de traduzir, para o português, *Os quatro evangelhos* de Roustaing, o pequeno território espiritista tupiniquim já vinha sendo arado para receber as ideias da *revelação da revelação*. Desde a possível vinda de Leymarie para o Brasil, exilado em decorrência do Golpe de Estado de 1851, ele não parou de acompanhar o crescente número de kardecistas por aqui, haja vista a enorme quantidade de notícias sobre atividades espíritas no Brasil, às quais Leymarie passou a autorizar a circulação livre na *Revista Espírita*, principalmente a partir da década de 1880.

No início do século 20, dezenas de círculos espíritas já pipocavam pelos principais estados brasileiros. Jornais e revistas espiritistas nutriam a euforia literária dos burgueses republicanos – franceses e brasileiros – que estavam habituados a ler as notícias importadas do sobrenatural da agitada Paris – a Cidade-luz.

Mas o país verde-amarelo, por meio de seu próspero movimento espírita, demonstrou capacidade própria e independência suficientes para manter esses mesmos confrades informados das infinitas notícias científicas sobre as descobertas do além-túmulo. Como se sabe hoje, o pensamento progressista brasileiro do final do século 19 foi compartilhado entre republicanos e abolicionistas, os mesmos que passaram a encarar o desembarque do Espiritismo francês em terras brasileiras também como uma porta aberta à proliferação das ideologias místicas, em constante ressignificação na Europa da época.

Para termos uma rápida ideia de como a Doutrina sincrética francesa passou a ser compreendida num Brasil monárquico, principalmente a partir da década de 1880, seja pela sua imprensa provinciana, seja pela sua Igreja Católica, ou mesmo por homens importantes dessa sociedade, como o imperador D. Pedro II, observemos as seguintes notas publicadas no jornal espírita *O renovador* – edição inaugurativa de agosto de 1882 –, periódico que, curiosamente, passou a vender suas assinaturas à Corte por 3 mil réis, e para as províncias, pelo dobro desse valor. As transcrições originais, a seguir, respeitam o português original da época.

Para o *Jornal do Commercio*: “Esta invasão geral, além de produzir uma viva impressão, tem uma alta importância. E’ preciso pois, sem precipitação nem ideias preconcebidas, verificar de boa fé estes

phenomenos, até que elles sejam explicados, o que se realizará um dia se approuver a Deos nos revelar a natureza deste agente mysterioso”.

Para o jornal *O Cruzeiro*: “O spiritismo, nome novo de uma crença antiga e transmittida através dos seculos, tem adquirido proselytos em nossas provincias do Norte, onde ha apreciações mui variadas ácerca de seus merecimentos e effeitos”.

Para o periódico Católico *O Apostolo*: “O spiritismo é uma armadilha diabolica contra a Egreja e contra a doutrina de que ella é depositaria e mestra, e portanto um impedimento para a salvação, e caminho certo para a perdição das almas”.

Para o jornal *Brazil Catholico*: “O spiritismo não póde ser admitido nem como sciencia, nem como religião; isto havemos demonstrado já em vários artigos firmados por autores cheios de sciencia e autoridade, para que tenhamos necessidade de uma nova demonstração”.

Para o jornal *Gazeta da Tarde*: “Não somos spiritas, e nem julgamos necessario dircutir-se aqui ou no conselho d’Estado, se é uma cousa futil e indiscutivel, o spiritismo que tem entre os seus sectarios vultos da ordem do grande astronomo Flammarion”.

Consta, ainda, nesse mesmo jornal espírita *O renovador* esta interessante nota provinda da *Revista da Sociedade Academica*, em que o próprio D. Pedro II questiona se esse Espiritismo francês é mesmo uma ciência. Pedro II afirma categoricamente: “O spiritismo não é sciencia”. E a *Revista* contra-argumenta: “Pedimos venia à Vossa Magestade para ponderar que todos os phenomenos do Universo, sendo susceptiveis de observação e analyse scientifica, os phenomenos spiriticos, embora qualificados de metaphysicos e sobrenaturaes, não deixam por isso de ser factos, e sendo submettidos ao estudo pelo methodo experimental, chega-se ao conhecimento das leis que os regem, isso constitue a sciencia spirita”.

D. Pedro II, nosso imperador do Brasil, que nessa época mostrava-se completamente cansado do mundo, cada vez mais pessimista, por fim, concordará positivamente com a *Revista*: “Ah! Assim desse modo, sim”.

Dessa forma, fica evidente que nossos antepassados brasileiros enxergavam o Espiritismo francês que se estabelecia por aqui, especialmente no decorrer da década de 1880, muito mais como uma ciência experimental do que como uma religião, da mesma forma como o concebia o astrônomo francês Camille Flammarion, ao dizer, à época, que

“o Espiritismo não é uma religião, mas sim uma ciência, a qual nós assistimos à aurora de uma ciência desconhecida”.

De volta à França dos ocultistas, em 9 de novembro de 1898, a inesquecível viúva Berthe Frope desencarnava com apenas 67 anos de idade, em sua residência parisiense à *boulevard des Invalides*, nº 34. O jornal *Le Progrès Spirite*, do sr. Laurent de Faget, foi o único periódico espírita a publicar a triste notícia da precoce partida da Joana d’Arc dos kardecistas. Sob o título de “Obituário de Madame Frope”, o editor Faget a recordou como “boa e respeitável espírita, que foi lembrada por muitos anos como uma das mais valentes, fortes e defensoras da nossa causa”.

Amiga devotada, sempre fiel do mestre e de sua companheira, ela gostava de recordar a memória do senhor e da senhora Allan Kardec – memória essa tão cara a todos os espíritas sinceros. Madame Frope era a líder de um grupo kardecista e, todos os domingos, ela se reunia com seus vários amigos espíritas, juntando-se a um número seletivo de iniciantes. Ela lembrou ou ensinou os mais altos princípios do Espiritismo, especialmente aproveitando o lado filosófico e moral de nossa Doutrina. Seu exemplo vale a pena seguir; a sua fé é para se admirar. Sua coragem não excluiu sua bondade: quantos infelizes foram consolados, apoiados, ajudados por ela, materialmente e moralmente!

Inspirado, senhor Faget presta esta justa homenagem a uma das mulheres kardecistas mais interessantes, inquietas e inteligentes que passou pelo Espiritismo francês. Acreditamos, sinceramente, que a viúva Berthe não quis inflar polêmicas com sua brochura *Muita Luz*, nem buscar fama ou reconhecimento pela sua ousadia de colocar a boca no trombone. Ao certo, a corajosa Frope ressaltou o que era mais importante para a Filosofia Espírita naquele período sombrio: a revelação da verdade à preservação da autenticidade espírita. Ela não exagerou quando reafirmava que a bela Doutrina esteve em perigo. Obrigado, Madame Berthe Frope, por tantas verdades necessárias! E o sr. Faget sempre terá razão ao dizer o seguinte:

Além disso, caro espírito Madame Frope, sentimos que você já está livre de todos os obstáculos terrestres, e que você está reunida com os teus tantos protegidos daqui de baixo. De uma posição elevada que,

certamente, você conquistou com seus próprios méritos, pedimos que cuide de seus outros amigos da Terra – aqueles que ainda estão lutando na carne para o triunfo dessa Doutrina que você tanto amava.

E o apagado P.-G. Leymarie, ora cansado, ora doente, perdia gradativamente suas forças diante da figura de porta-voz dos espíritas do mundo, ao passo que Léon Denis e Gabriel Delanne despontavam vigorosos como sumidades internacionais: Delanne, pela consolidação da ciência espírita; Denis, pela espiritualidade em Allan Kardec. Dois importantes pensadores; duas faces de um Espiritismo moderno; dois pensamentos kardecistas entre duas classes sociais irreconciliáveis: a do burguês e a do pequeno burguês trabalhador.

Enquanto a nova geração de espíritistas mostrava sua personalidade, tendo como referências as forças Denis-Delanne, o antigo alfaiate e médium Pierre-Gaëtan Leymarie acabava de morrer em Paris. A maioria dos teosofistas elegia o dia 10 de abril de 1901 como o mais triste daquele ano, também o seria para todos os roustanguistas do mundo. E tanto a misteriosa doutrina metafísica da Pneumatologia Universal quanto à enigmática sociedade do Livre-pensamento religioso chorou a perda de seu mais antigo decúrio, que, apesar de se dizer espírita, mostrando-se inúmeras vezes na *Revue* como um fiel seguidor de Allan Kardec, filiou-se, sem rodeio algum, às sociedades secretas parisienses, que chegaram (como fora o caso de Madame Blavatsky por meio de sua Teosofia) a negar o conceito espírita da reencarnação, o mesmo que ele tanto dizia seguir, admirar e defender.

A edição da *Revue*, a de 1º de maio de 1901, trouxe uma extensa matéria minuciando sua morte aos 74 anos de idade, artigo esse envolto por um retângulo mortuário com suas linhas negras simbolizando luto. O necrológio informa que ele havia “sucumbido a uma longa e cruel doença que, por fim, derrotou a sua constituição robusta”.

A viúva P.-G. Leymarie e seus filhos Jeanne e Paul tiveram que dar conta dos vários negócios espíritas que o pai de família deixava aos seus herdeiros diretos. Guerreira Marina, a esposa viúva, passou então a gerir de perto a *Librairie Leymarie*, também conhecida por Livraria de ciências psicológicas.

A partir de 1904, a duradoura *Revista Espírita* ficou sob responsabilidade direta do filho Paul Leymarie. Pai Leymarie vinha

ensinando-lhe, desde jovem, que o periódico espiritista mais famoso do mundo, fundado pelos Kardec em 1858, deveria ser respeitado pela sua história, como se fosse seu próprio filho. Mas aquele jovem ambicioso, redator-chefe e novo herdeiro dos destinos do Espiritismo (pelo menos até 1914), desmedidamente “rifou” a *Revista Espírita* com novas aberturas editoriais muito controversas, especialmente quando analisamos diversos espaços publicitários pagos, tudo em busca de “bingar” um único interesse em tempos difíceis do pré-guerra: dinheiro.

Em uma das edições da histórica *Revue*, Paul L. não hesitou em divulgar uma foto de sua figura máscula e elegante (ostentando seus longos bigodes), incluindo também as fotografias de seu *père* e de sua mãe, além de outros mártires da Doutrina.

Mas o que impressiona ver nas edições da *Revista Espírita* sob a gestão de Paul, em especial a de agosto de 1914, são os inusitados anúncios publicitários, verdadeiros achados na história da comunicação espírita. Os primeiros a destacarmos são os da *Cycles Liverpool* – bicicletas da marca *Liverpool*, sem freios e sem marchas, que traziam as conhecidas siglas maçônicas em seus anúncios: “Espíritas! Compre já a sua, irmãos em crença (F.E.C), vocês a obterão pelo preço de atacado e vocês serão servidos lealmente. 95 francos, completas e com 2 anos de garantia!”.

Outro destaque vai para as pedaladas editoriais da *Revue* em formato de anúncios de aparelhos elétricos de massagem capilar e facial a 100 francos. A propaganda prometia, ainda, “o mais novo método de terapia capilar do século!”. Outra pérola publicitária (que deixaria o mestre Kardec desolado, se vivo estivesse) foi estrategicamente estampada em uma das colunas da *Revista*. Esse achado seria capaz de colocar de pé os cabelos algodoados de Madame Kardec, se viva estivesse: “Boules de Cristal de Bohême”. Isso mesmo! Não é erro gráfico!

A *Revista Espírita* de 1914 chegou ao estratosférico absurdo de anunciar “Bolas de Cristal da Boêmia”. Tudo sob o pitoresco subtítulo: “Para desenvolver a clarividência nos médiuns. Tamanhos: variados de 8 a 6 centímetros. Preços: variados de 10 a 40 francos, de acordo com sua espessura e pureza”.

Mestre Kardec taparia sua visão ao saber que a *Revista* estava servindo de altar esotérico para se vender *Bolas de Cristal da Boêmia, capazes de desenvolver a clarividência nos médiuns*. Captando essas vibrações cristalizadas em estranhezas, que desfilavam pelo estimado periódico,

espírito Amélie, por sua vez, pode ter se revirado, confusa, no ar rarefeito das paragens superiores.

Como se constata, de pai Leymarie para filho Leymarie, a *Revue* seguiu na mesma trama confusa: a de uma colcha de retalhos, ora ocultista, ora esotérica. Não obstante, a última curiosidade da *Revista* fica por conta das engenhosas ferramentas de trabalho mediúnico, conforme estampa um grande anúncio, com direito a título e subtítulo: “Prancheta do médium – Prancheta do médium, com quatro pés para duas fileiras de esferas rolantes, um porta-caneta tinteiro (para se obter a escrita mecânica) e uma seta (para ser usada na base alfabética), por 10 francos

E com a aproximação da 1ª Guerra Mundial (1914-18), o charmoso Paul Leymarie anunciou o inevitável fechamento da redação da *Revue Spirite*. A nota de suspensão (por tempo indeterminado) surgiu sob o título, *Justiça divina e a atual guerra*, e foi postada na edição de setembro de 1915: “Em meio às convulsões que varrem o mundo, a publicação desta *Revista* foi suspensa. Durante um ano, os julgamentos de uma guerra sem precedentes abatem a França. Um véu de tristeza e luto se estende por nosso país, e muitos dos nossos irmãos choram pelos seus entes queridos.”

No retorno da *Revista*, após um ano e três meses “dormindo”, o fiel kardecista Henri Sausse – que passou a utilizar, em seus artigos, o recorrente termo “Espiritismo kardecista” – apelidará o periódico de *la Belle au bois dormant* (A Bela Adormecida). E, após a 1ª Guerra, que nenhum historiador sabe dizer até hoje o que a desencadeou, o rico filósofo suíço Jean Meyer, a partir de 1917, assume a *Revista Espírita*, permanecendo Paul Leymarie apagado da gerência do famoso periódico dos Kardec, pelo menos até meados de 1924.

Já em 1925, Paul L. junta todos os documentos do casal Kardec que herdou dos pais, incluindo um exemplar da raríssima 1ª edição de *O livro dos espíritos*, para doá-los à composição do acervo da *Maison des Spirites*, empreendimento que serviu também como museu espírita, cujo prédio continua arquitetonicamente intacto na Capital francesa. Curioso observar ainda que, nesta nova fase pós-guerra da *Revista Espírita*, o antigo periódico dos Kardec terá como redator-chefe um pintor autodidata pós-impressionista da *belle époque*, chamado Henri Rousseau – artista que se convenceu, à época, de que eram os espíritos (e não ele) que guiavam o seu pincel, frente à sua conceituada Arte Naïf.

E enquanto passava o grande cortejo fúnebre, carregando o caixão com os despojos mortais de Pierre-Gaëtan Leymarie, rumo ao interior do cemitério *Père-Lachaise*, o século 19 se findava com a estranha sensação de que seria muito difícil (especialmente para as futuras gerações de espíritistas) compreender porque a Filosofia Espírita tomou rumos tão obscuros na França, principalmente pelas mãos do falecido *père*, que deixou um pedido expresso aos familiares para que o seu corpo fosse cremado.

Será mesmo que tudo foi feito em nome da fraternidade universal?

Por fim, encerramos a nossa lide biográfica reafirmando que Amélie-Gabrielle Boudet permanecerá para sempre em nossos corações espíritistas como a *Artista do Espiritismo* – a nossa querida vovó Kardec –, a institutora amorosa de todos os artistas e médiuns do mundo.

Que ninguém se esqueça de que a *femme forte*, Madame Kardec, muito lutou para que a nossa Doutrina-Luz chegasse, até os dias de hoje, com a máxima dignidade, mantendo a sua chama acesa na alma de todos os espíritas do mundo.

#FIM

Bibliografia

ABREU, Canuto. *O livro dos espíritos e sua tradição histórica e lendária*. São Paulo: Edições LFU, 1996.

_____. *O primeiro Livro dos espíritos de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto Canuto Abreu, 1957.

AMORIM, Deolindo. *Allan Kardec*. Minas Gerais: Instituto Maria e Instituto de Cultura Espírita de Juiz de Fora, 1981.

BABIN, Augustin. *Notice biographique contenant la nomenclature générale des principales difficultés survenues entre MMrs nos ex-éditeurs et nous etc; de 1878 à 1884*. Paris: J. Haize, 1884.

BOUDET, Amélie-Gabrielle; LEYMARIE, Pierre-Gaëtan. *Revue spirite - journal d'études psychologiques*. Paris: Comité d'Administration, Société pour la continuation des oeuvres spirites d'Allan Kardec et Librairie des sciences psychologiques. [Coleção completa, a partir de 1870]

CALSONE, Adriano. *Pintura mediúnica – a visão espírita em ampla pesquisa*. São Paulo: Mythos Books, 2012.

_____. *Kardec - o escritor dos espíritos*. São Paulo: Mythos Books, 2015.

_____. *Em nome de Kardec*. São Paulo: Vivaluz Editora, 2015.

COSTA, Luciano. *Kardec e não Roustaing*. São Paulo: Edicel, 1943.

DELANNE, Gabriel. *Le phénomène spirite*. Paris: Chamuel, 1893.

_____. *Journal Le Spiritisme – organe de l'Union Spirite Française*. Paris: Alcan-Levy. [Coleção 1883-1895]

FROPO, Berthe. *Beaucoup de lumière*, Paris: Démosthénés, 1884.

GUÉRIN, Jean. *Les quatre Évangiles de J.-B.Roustaing: réponse à ses critiques et à ses adversaires - édité par les élèves de J.-B.Roustaing*. Bordeaux: J. Durand, 1882.

KARDEC, Allan. *Revista espírita*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Cultura Espírita (Edicel), 1973. [Coleção completa 1858-1869]

_____. *Le Livre des médiums*. Paris: Didier et cie, Libraires-éditeurs, 1861.

_____. *L'évangile selon le spiritisme*. Paris: Librairie Spirite, 1876.

_____. *Le livre des esprits*. Paris: Librairie des sciences psychologiques, 1889.

_____. *La genèse selon le spiritisme*. Paris: Librairie des sciences psychologiques, 1911.

_____. *Le ciel et l'enfer ou la justice divine selon le spiritisme*. Paris: Librairie des sciences psychologiques, 1912.

_____. *Oeuvres posthumes*. Paris: Librairie des sciences psychologiques, 1913.

LARA, Eugenio. *Amélie Boudet, uma mulher de verdade*. São Paulo: Pense (Pensamento Social Espírita), 2001.

LEYMARIE, Pierre-Gäetan. *Fictions et Insinuations, réponse à la brochure: Beaucoup de Lumière. Société Scientifique du Spiritisme fondée par M. et Mme Allan Kardec en 1869. Liste des fictions et insinuations contenues dans la brochure: Beaucoup de Lumière, dressée par le comité de surveillance de la Société Scientifique du Spiritisme*. Paris: Librairie des études psychologiques, 1884.

MAIOR, Marcel Souto. *Kardec – a biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MARESQ, Henri Chevalier-. *Revue des grands procès contemporains – Procès des spirites*. Paris: Éditeur scientifique, 1897.

MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro de. *Allan Kardec, análise de documentos biográficos*. Rio de Janeiro: Lachâtre, 1999.

PRIEUR, Jean. *Allan Kardec e sua época*. São Paulo: Lachâtre, 2015.

ROUSTAIN, J.-B. *Espiritismo cristão ou revelação da revelação – Os quatro evangelhos*. v. de I a IV. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1920.

SAUSSE, Henri. *Biografia de Allan Kardec*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1983.

SHARP, Lynn L., *Secular spirituality: reincarnation and spiritism in nineteenth-century France*, Lanham, Estados Unidos: Lexington Books, 2006.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. v. I, II e III. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1973.

About The Author

ADRIANO CALSONE



Nasceu em 15 de dezembro de 1977 em São Caetano do Sul – SP, onde reside atualmente. Formado em Comunicação Social e pós-graduado em mídias digitais, exerceu, por alguns anos as profissões de editor e assessor de imprensa e, atualmente, trabalha com cultura digital.

Ingressando nos cursos da Federação Espírita do Estado de São Paulo, tornou-se médium, estudioso e pesquisador espírita. Com sensibilidade às Artes Plásticas, em especial ao desenho, pintura e escultura, migrou da psicografia à pintura mediúnica com tintas e pastéis, surgindo, posteriormente, uma grande sintonia com o trabalho de servir como médium aos espíritos com essa tarefa.

Em 2013, participou do primeiro estudo científico mundial sobre neuroimagem funcional e pintura mediúnica, realizado na Universidade de Aachen, Alemanha.

Books By This Author

EM NOME DE KARDEC

Com esta obra, compreendemos melhor o período histórico seguinte ao desencarne de Kardec. Os erros e acertos cometidos em nome do Codificador. Os movimentos que levaram à derrocada e ao desaparecimento do espiritismo na França. A incansável luta dos pioneiros Amélie Boudet, Berthe Frolo e Gabriel Delanne. A Filosofia Espírita emerge de suas páginas ainda mais bela, forte e cristalina, tocando as fibras mais sensíveis do coração.

ADRIANO CALSONE

Kardes *Madame*

A história que o
tempo quase apagou

VIVALUZ EDITORA

